PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

DA CONTESTAÇÃO AO CONSUMISMO: A TRAJETÓRIA DA CULTURA JOVEM NAS PÁGINAS DA REVISTA VEJA (1968/2006)

PAULO CIRNE DE CALDAS

Porto Alegre, março de 2007

Volume 2 de 2

DA CONTESTAÇÃO AO CONSUMISMO: A TRAJETÓRIA DA CULTURA JOVEM NAS PÁGINAS DA REVISTA VEJA (1968/2006)

PAULO CIRNE DE CALDAS

Professor Dr. Francisco Rüdiger
Orientador

02/março/2007

Instituição depositária:
Biblioteca Ir. José Otão
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 07

1 DA EMERGÊNCIA DA CULTURA JOVEM NO OCIDENTE AO JOVEM DO MUNDO CONTEMPORÂNEO 17

1.1 A busca de autonomia dos movimentos da juventude que antecederam a emergência da cultura jovem no Ocidente 19

1.2 A emergência da cultura jovem no Ocidente 23

1.3 O jovem do mundo contemporâneo 31

2 VEJA: UMA REVISTA QUE REPRESENTA STATUS E MODERNIDADE 37

2.1 A emergência de uma revista inspirada nos newsmagazines norte-americanos 38

2.2 A afirmação de *Veja* com a democratização 50

2.3 Da influência política à satisfação do mercado consumidor 53

EXCURSO A: "A juventude da beleza"[1980]..... 61

3 DA ERA HIPPIE À DAS TECHNO-TRIBOS..... 66

3.1 O movimento hippie no Brasil 67

3.2 Os movimentos Punk e Dark 72

3.3 Os movimentos Black Rio, Hip-Hop e Funk 75

3.4 Do movimento hippie ao modismo das discotecas 78

3.5 O jovem na emergência da chamada "geração saúde" 105

3.6 A idealização de um perfil que reflete a negação do jovem da periferia 122

3.7 Conclusões 162

EXCURSO B: "Sem Freud nem Lênin"[1985] 175

4 DA POLÍTICA AO CONSUMISMO 179

4.1 Contexto histórico e cultural da juventude dos anos 60 em diante 181

4.2. Da geração AI-5 até o final dos anos 70 191

4.3 A chamada "geração saúde" dos anos 80 227

4.4 Da "geração shopping" até hoje 243

4.5 Conclusões 278

EXCURSO C: "O planeta teen"[1995] 285

5 DA MACONHA AO ECSTASY 289

5.1 O movimento hippie e a questão das drogas 290

5.2 Anos 80: as drogas e os estilos de vida da chamada "geração saúde" 309

5.3 O jovem e a espetacularização da questão das drogas 330

5.4 Conclusões 369

EXCURSO D: Edição especial - 2004 376

6 DA EDUCAÇÃO À CORROSÃO DO CARÁTER..... 380

6.1 Muniz Sodré e o jovem em *Veja* no campo educacional 381

6.2 A educação do jovem em questão 387

6.3 O jovem como modelo identitário na campo educacional 405

6.4 Considerações finais 429

CONCLUSÃO 436

BIBLIOGRAFIA 451

DOCUMENTAÇÃO SELECIONADA PARA A PESQUISA 454

RELAÇÃO DAS FIGURAS 458

Especial

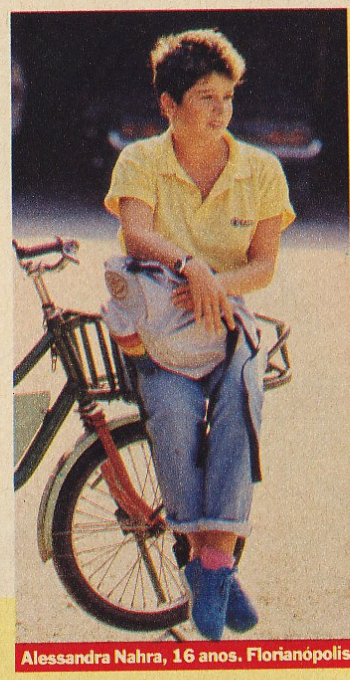
Sem Freud nem Lênin

O adolescente brasileiro dos anos 80 é mais seguro, bem informado, conservador e responsável do que pensam os seus aflitos pais

Letícia Sutton, 17 anos, há dois mora sozinha num apartamento de dois quartos localizado na Vila Buarque, bairro residencial de classe média de São Paulo. Ela concluiu o 2.° grau no final do ano passado e, agora, prepara-se para tentar uma vaga na universidade. De preferência no exterior. "Sei me virar e não vou enfrentar problemas insolúveis lá fora", acredita. Desenvolta e bem-falante, Letícia não levanta poeira ao abordar temas polêmicos nas visitas ocasionais que faz à casa dos pais. Virgindade? É a favor. Nada tem contra o casamento, considera adequada a educação que recebeu em casa e a política freqüenta apenas de raspão seu temário de bate-papo. "Os amigos mais velhos dizem que virgindade é caretice, mas eu não ligo", diz Letícia. "Tenho pouca pressa nesse particular."

Perfis como o de Letícia parecem não se ajustar ao figurino com que se acostumou a vestir os jovens desde a década de 60. Não foram eles, afinal, que inventaram o rock e popularizaram as drogas? Não partiram da juventude as iniciativas incendiárias das rebeliões estudantis? E a quem, senão aos jovens, se pode atribuir o papel principal na revolução sexual que colocou costumes e valores tradicionais de ponta-cabeça? Na verdade os jovens brasileiros da geração 80 que se materializam em pesquisas de opinião conduzidas por agências de publicidade, médicos e cientistas sociais no Rio de Janeiro e em São Paulo são pouco parecidos com o protótipo de décadas passadas. Em boa medida, a paulista Letícia simboliza as convicções e esperanças de milhares de outros adolescentes brasileiros.

"Essa atual geração de adolescentes e jovens é a mais conservadora das duas últimas décadas", diz Rose Saldiva, 38 anos, diretora de planejamento e pesquisa da Saldiva e Associados Propaganda, uma das mais conceituadas agências de publicidade do país. Há dez anos, a agência realiza, a cada quatro meses, pesquisas em profundidade que reúnem, por rodada, uma centena de jovens das classes A, B e C. Em levas sucessivas eles são sabatinados, isoladamente e em grupo, a respeito de itens que incluem desde a moral sexual ao vestuário, passando pelas convicções políticas e o posicionamento com relação à família e ao uso de drogas.



Alessandra Nahra, 16 anos. Florianópolis

Aos 14 anos, saiu da casa da mãe para morar com o namorado, atraída pela perspectiva de não depender mais da família. "Foi muito bom. Aprendi a me cuidar sozinha." Um ano e meio depois, incomodada com os ciúmes do companheiro, resolveu voltar. "Fui recebida de braços abertos, mas agora como uma pessoa adulta. Hoje converso com minha mãe sobre assuntos em que nunca havia tocado antes."

DESAMPARADOS — Ao concluir, na semana passada, a tabulação dos dados colhidos na pesquisa referente aos quatro últimos meses, Rose deparou com uma estatística surpreendente. "Apenas um em cada dez entrevistados se anima a educar seus próprios filhos de maneira diferente da educação que ele próprio recebeu", conta. "À mesma pergunta formulada em 1970, a metade dos entrevistados revidou com uma resposta radical: eu faria tudo diferente." Quando as discussões se aprofundaram, Rose e as outras quatro pesquisadoras da agência foram brindadas com outra surpresa oferecida pelo grupo de adolescentes que desejaria repetir os ditames paternos no que respeita à educação. Boa parte deles atribui aos avós a porção mais elogiável de sua formação. "Na verdade eles gostariam de repetir os avós e não os pais", arrisca Rose.

"Os adolescentes de hoje são filhos da geração que se casou no início da década de 70", diz o psiquiatra paulista Moacir Costa, 41 anos, que há dezessete dedica-se ao estudo dos jovens. "Naquela época estava em alta o descompromisso entre os casais, o sexo livre e a contestação à ordem social." De acordo com Costa, essa geração colocou sua individualidade e suas próprias elucubrações teóricas à frente da educação dos filhos. "Muitos pais encaram os filhos como uma preocupação a ser evitada", diz. Na opinião do pesquisador, a falta de tempo dos pais pode, num primeiro momento, ser interpretada pelos filhos como uma liberalidade. "Com o passar do tempo, porém, descobrem que se trata de omissão mesmo", afirma. "Então os filhos, em vez de livres, sentem-se desamparados."

Fig. 022– Referente *Veja*, 21/08/1985:70, da reportagem intitulada "Sem Freud nem Lênim"[1985]

Excurso B: “Sem Freud nem Lênin”[1985]

Vimos no excurso anterior como estavam surgindo jovens com “as cabeças feitas para mergulhar seus 17 ou 20 anos em rock, praia, patinação e, invariavelmente, na moldura de algum espelho” (Veja, 05/11/1980:65 e 66). Foram referenciados como a “geração saúde” e que marca de modo expressivo a mudança em como *Veja* passa a idealizar um novo perfil em torno do tempo livre e do lazer. Agora, em “Sem Freud nem Lênin[1985], a idealização desse novo perfil é reforçada com uma abordagem que articula a ruptura com o estilo de vida dos jovens rebeldes dos anos 60 e 70.

Baseada em mais uma pesquisa de mercado sobre o perfil da juventude brasileira, a terceira nos anos 80, a reportagem articula a idéia de mostrar-se o jovem em identificação ao mercado. Ele é idealizado em contraponto com a geração dos jovens rebeldes dos anos 60:

> *“Não foram eles, afinal, que inventaram o rock e popularizaram as drogas? Não partiram da juventude as iniciativas indendiárias das rebeliões estudantis? E a quem, senão aos jovens, se pode atribuir o papel principal na revolução sexual que colocou costumes e valores tradicionais de ponta-cabeça?”* (Veja, 21/08/1985: 70).

Ao indagar-se sobre essas questões, como revolução sexual, rock, drogas e militância estudantil, o texto parece fazer emergir um muro para separar a geração dos anos 80 para não ser reconhecida como um grupo de risco. Ao demarcar-se uma fronteira que sinaliza de onde vieram aquelas questões, um novo perfil da juventude aparece, com um estilo de vida “conservador, responsável, equilibrado e sereno” (Veja, 21/08/1985:73):

> *os jovens brasileiros da geração 80 ... são pouco parecidos com o protótipo de décadas passadas ... trocaram as palavras de ordem de cunho político por reivindicações de melhoria de ensino. Substituíram os discursos doutrinários pelo bom humor"* (Veja, 21-08-1985:70 e 73).

O jovem, a exemplo daquele reivindicado nos textos dos anos 70, aparece para ser reconhecido com um novo perfil, que chega a ser sinalizado com o do filho do ministro Jarbas Passarinho, conforme veremos no próximo capítulo. Ele não é mais visto como um jovem radical, como alguém que "abandona seus interesses pessoais para dedicar-se à defesa da classe operária e da revolução" (Veja, 21/08/1985:73). Agora, ele faz "sátira ao comunismo" (Veja, 21/08/1985:73).

Jovens trocam a política pelo bom humor

Marcelo Vieira, 15 anos. São Paulo

Mora com os pais, mas seu quarto fica isolado da casa. "Tenho as chaves e chego a hora que quiser."
Ganha seu próprio dinheiro animando bailes nos fins de semana e há pouco tempo comprou uma moto. "É bom não depender da mesada dos pais." Seu sonho é estudar Eletrônica.

Demian Fiocca: sátira ao comunismo

VEJA, 21 DE AGOSTO, 1985

Fig. 023 – Referente *Veja*, 21/08/1985:73 da reportagem "Sem Freud nem Lênim"[1985]

Após detalhada combinação de dados das pesquisas de opinião de diversas áreas do conhecimento científico, o texto revela o seguinte resultado:

> *"O adolescente brasileiro é mais seguro, bem informado, conservador e responsável do que pensam os seus aflitos pais [...] Seus pais, por exemplo, já não são considerados velhos incapazes de entender as idéias dos filhos, como pensavam os jovens da década*

> *passada [...] Longe de estar trilhando um caminho retrógrado, os jovens simplesmente estão ampliando suas áreas de escolha, sem as repressões excessivas do passado ou o excesso de liberalismo dos últimos anos. Com isso, estão conseguindo traçar uma rota própria e mais serena"* (Veja, 21-08-1985:70, 74 e 76).

A passagem reporta àquela da juventude "dócil, moderada e tolerante" (Veja, 18-11-1970:24), com a qual veremos no próximo capítulo como emergia à época um nova geração de jovens para reforçar-se uma imagem desfocada do movimento estudantil em torno da violência. Em "Sem Freud nem Lênin", desfaz-se o eterno conflito de gerações: "Seus pais ... já não são considerados velhos incapazes de entender as idéias dos filhos". Essa questão parece resolvida no texto ao associá-la ao consumismo, hipótese que veremos confirmada no próximo capítulo: "os jovens simplesmente estão ampliando suas áreas de escolha". Sem conflitos, os jovens, via consumismo ao nosso ver, "estão conseguindo traçar uma rota própria e mais serena".

Idealiza-se, assim, o novo perfil do jovem dos anos 80 para refletir um estilo de vida equilibrado, sem "as repressões excessivas do passado ou o excesso de liberalismos dos últimos anos". Em outro trecho, questiona-se a educação dos pais, que estariam sendo responsáveis pelo fato de como "os filhos, em vez de livres, sentem-se desamparados" (Veja, 21/08/1985:70). A questão das drogas aparece aí e será referenciada no capítulo 5.

O jovem aparece, em relação às questões de grupo de risco, como vítima de uma situação que estaria fora de seu controle. O texto chega a enfatizar como os jovens dos anos 80 "gostariam de repetir os avós e não os pais" (Veja,21/08/1985:70). Por conseguinte, eles aparecem como "mais dispostos a reabilitar instituições banidas por gerações anteriores. Uma delas é o casamento" (Veja,21-08-1985:76). No próximo

capítulo, podemos constatar como essas reportagens sobre o perfil da juventude brasileira aparecem em *Veja* para reforçar a idealização de um estilo de vida que não mais é reconhecido com o mundo da política.

IV

DA POLÍTICA AO CONSUMISMO

Este capítulo vai destacar a hipótese de como *Veja* mostra o jovem desde quando aparecia com uma certa autonomia no âmbito das relações de poder do campo político até ser reconhecido como exemplo de integração na sociedade de consumo. A exemplo do capítulo anterior, optamos em fracionar a documentação pesquisada em três períodos: de 1968 até final dos anos 70; os anos 80 e dos anos 90 em diante. Desse modo, é possível visualizar-se o jovem na revista em fases distintas.

Vamos estudar nos 23 textos selecionados como o jovem aparece sendo chamado como movimento estudantil dos anos 60 e como ele vai mudando até ser visualizado como sujeito consumista. Na primeira edição especial de *Veja*, por exemplo, observa-se como os jovens "querem apenas a diversão ... Em vez de ideologia"(Veja, setembro/2001:38 e 58). O jovem contemporâneo, assim, estaria sendo reconhecido pela prática do consumismo e não mais pela prática da política. Para ressaltar-se essa diferença, o jovem aparece sendo idealizado em separado do mundo dos jovens da geração dos anos

60, conforme podemos constatar na seguinte passagem dessa edição especial de *Veja* sobre a juventude, de set/2001:

> *"Muitos dos pais que participaram de passeatas nos anos 60 estão hoje afastados de qualquer militância. Com a diferença de que nem passa pela cabeça da maior parte deles fazer algum tipo de trabalho voluntário. O que é uma pena"* (Veja, setembro/2001:44).

COTIDIANO

A MILITÂNCIA É SOCIAL

A geração atual prefere realizar trabalho voluntário a fazer política

VANESSA BARONE

Os mais velhos gostam de dizer que os adolescentes são alienados. Será que são mesmo? Em primeiro lugar, teríamos entender a diferença entre o jovem de hoje e o de ontem. O Brasil é uma democracia estável praticamente desde que o jovem nasceu. E ele não teve de lutar por isso. Sua referência mais remota de passeata são os caras-pintadas que viu pela televisão quando era criança. Ele também era criança — ou bebê — quando o Muro de Berlim caiu, em 1989, junto com o exílio bipolarizado de discussão política que representava. Como faz questão de estar bem informado, o adolescente acompanha as denúncias de corrupção que pipocam na imprensa. E participa de passeatas sempre que preciso.

Essas constatações de certa maneira justificam dados apurados em pesquisas recentes. De acordo com o "Dossiê universo jovem", da MTV, 85% dos adolescentes não têm nenhuma intenção de participar de partidos políticos. Outra enquete, feita entre universitários pelo do Comercial de São Paulo, mostra que a desilusão com a política aumentou significativamente nos últimos dove anos. "É natural. O jovem é bombardeado por denúncias de corrupção e convive com a má qualidade dos serviços oferecidos pelo Estado todos os dias", afirma o cientista político Rubens Figueiredo, coordenador da pesquisa da Associação Comercial de São Paulo.

No entanto, enquanto o interesse por política declina, começa a crescer a procura por trabalho voluntário. E algo ainda embrionário, mas já foi detectado na pesquisa da MTV. Segundo o levantamento, 41% dos entrevistados já fizeram algum tipo de doação a entidades carentes e 36% já participaram de campanhas filantrópicas. Há os que dão aulas em favelas, os que já participaram de atividades recreativas em creches ou asilos, os que promovem festas para arrecadar fundos para entidades assistenciais e os que apenas doam parte da mesada. "O jovem não tem mais bandeira política, mas está cada vez mais engajado em atividades promovidas por ONGs, igrejas e escolas", constata a publicitária Wilma Rocca, estudiosa do assunto.

Auxílio a distância

PATRÍCIA SICHIERI, 15 anos, do Rio de Janeiro, angaria 300 reais por mês junto a amigos e familiares para enviar a uma escola em Arneiroz (CE). Os alunos são 35 crianças carentes na zona rural. Em função do trabalho, recebe dezenas de cartas de agradecimento

44 setembro 2001 VEJA JOVENS

Fig. 024 – Ref. *Veja* edição especial, de Setembro/2001

Com esse trecho, podemos partir para a nossa pesquisa. Se na atualidade o jovem aparece sendo idealizado dessa forma, como ele aparecia sendo idealizado desde o início de *Veja*? Que valores emergiam para essa idealização? Essa dissociação do jovem com o mundo da política passa por alguma mudança marcante no texto? Vimos no capítulo anterior como a emergência da chamada "geração saúde" sinalizava uma mudança em *Veja* para mostrar-se o jovem como exemplo de integração ao consumismo. E agora, em relação à hipótese desse capítulo, como essa mudança refletirá para visualizar-se o jovem em separado do mundo da política?

4.1 Contexto histórico e cultural da juventude dos anos 60 em diante.

Nos campus das universidades, em bares e cineclubes, o existencialismo e o marxismo empolgavam as discussões filosóficas e políticas entre estudantes e intelectuais[28]. O país começava a dar sinais de crise econômica por causa da política desenvolvimentista de JK. Apesar disso, a classe média conseguiu mais oportunidades de emprego. A mobilidade social, que agora tenderia à maior segmentação da classe média, desenvolvia-se mais e o acesso à universidade já implicava uma condição social cada vez mais relevante[29].

Em agosto de 1961, Jânio Quadros surpreende a nação ao renunciar à presidência, depois de conduzir "nossa política externa em termos de alinhamento não-incondicional aos USA" (1989,p.47), conforme observa Júlia Falivene Alves, em "A invasão cultural norte-americana" [1989]. Naquele ano, quatro meses após a renúncia de Jânio, surgia no Rio de Janeiro, com iniciativa da UNE, o primeiro Centro Popular de Cultura (CPC). Era um movimento cultural pela conscientização política das massas populares[30].

---

28 Em "Cultura e participação nos anos 60" [1995], podemos apreender o aspecto da representatividade dessa geração de jovens: "O período populista-desenvolvimentista (45-64) havia permitido que viesse à tona uma geração extremamente sensibilizada pelas questões do desenvolvimento e da emancipação nacional" (1995:20).

29 É importante ressaltar-se como a partir dos anos 50, com a rápida urbanização e o grande desenvolvimento do parque industrial, as subseqüentes crises econômicas no país tendem a refletir com mais força a experiência das contradições sociais. Em "História da vida privada no Brasil" [1998], Fernando Novais analisa essa questão: "acentuadamente a partir dos anos 50, o grande fascínio, o modelo a ser copiado passa a ser cada vez mais o American way of life ... Essa forma de consciência social, que identifica progresso a estilos de consumo e de vida, oculta os pressupostos econômicos, sociais e morais em que se assentam no mundo desenvolvido. Forma reificada de consciência, acrescentemos, peculiar à periferia, onde é possível consumir sem produzir, gozar dos resultados materiais do capitalismo sem liquidar o passado, sentir-se moderno mesmo vivendo numa sociedade atrasada" (1998: 604 e 605).

30 Em "Cultura brasileira e identidade nacional" [1985], Renato Ortiz faz a seguinte reflexão teórica a respeito do CPC: "Para o CPC, a análise da realidade social se articula fundamentalmente através da categoria da alienação ... Considerando-se o popular como "falsa cultura", ele se encontra fatalmente encerrado nas malhas da esfera da alienação. Toda atividade político-cultural é portanto

No início dos anos 60, muitos já cultivavam, por exemplo, um padrão de beleza inspirado pelo cinema de Hollywood. Destacamos um trecho do livro intitulado "A invasão cultural norte-americana" [1989], cuja abordagem, ao nosso ver, está equivocada, pois entende "um movimento intrínseco à modernidade" (1994: 96), como bem assinala Ortiz em "Mundialização e cultura"[1994], como um processo de americanização da cultura brasileira:

> *"A coca-cola já estava substituindo a água, os sucos naturais e o guaraná em nossas refeições; a aquisição de aparelhos de TV e carros começava a se difundir na classe média e a 'quadrinhomania' se instalava entre nós em revistas ou tiras, onde os personagens principais eram Roy Rogers, Zorro, Superman, Fantasma, Mandrake, Flash Gordon, Popeye etc. Já estávamos nos tornando súditos também do cada vez maior 'império Disney'. Faltava pouco para chegarmos ao ponto de não mais distinguir o que era brasileiro ou não em nosso país. Nossa americanização chegava a galope, como qualquer 'mocinho' de filme de cowboy, para lutar contra o vilão representado pelo nosso 'atraso cultural'! E nesse bang-bang todo, muita coisa brasileira se destruiu"* (1989:98).

Durante o governo de João Goulart, sob um regime parlamentarista de caráter transitório, a sociedade brasileira passa por uma crise econômica, com inflação, desemprego e alta do custo de vida. A política externa visava frear a remessa de lucros das multinacionais e a encampação de empresas norte-americanas, conforme registra Júlia Falivene (1989: 47). Os estudantes, com a UNE, apoiavam essas medidas. Já grupos de

---

imediatamente externa ao próprio movimento das massas, posto que naturalmente os fenômenos populares recaem nos limites da consciência inautêntica ... a noção de alienação se confunde com a de inautenticidade ... O problema se apresenta, pois, como relação de forças, não como alienação" (1985: 74, 75 e 76).

direita preparam o Golpe Militar de 64, articulados já em 1961 com os meios de comunicação para desestabilizar o governo junto à opinião pública[31].

Nas ruas, a classe média apoiava a "Marcha da família com Deus pela liberdade" para protestar contra o presidente, obrigado a deixar o cargo no dia 01 de abril de 1964.[32] Mesmo com os militares no governo e na ilegalidade, o movimento estudantil reorganizou-se e um ano após o golpe retomava as manifestações. A *canção de protesto* repercutia uma juventude engajada com os festivais de música, que "tornavam-se aos poucos um novo espaço de aglutinação e manifestações coletiva" (1995:57).[33]

Constatava-se também uma emergente cultura de consumo, que motivou a estréia, na Record, do programa *Jovem Guarda*. Paralelo aquele "ambiente de acalorada participação, onde se tornar adepto desta ou daquela música assumia muitas vezes ares de opinião pública" (1995:57), destacavam-se os jovens do iê-iê-iê, que, de acordo com Paulo Sérgio, "reproduziam a imagem de um novo país, com novos símbolos do mercado de consumo" (2000: 44). A *Jovem Guarda*, articulada com as campanhas publicitárias, atraia

---

31 Em "A invasão cultural norte-americana" [1989], sublinha-se o fato de que no início do governo Jango "... a TV já começava a ser utilizada pelos articuladores do golpe na propaganda contra o governo Jango, vinculando-o ao mito da 'crescente comunização do país'. Com o propósito de colocar sobretudo a classe média contra ele, a direita criou o Ipes (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais) e o Ibad (Instituto Brasileiro de Ação Democrática) para organizar suas campanhas de doutrinação ideológica, que contaram também com o auxílio dos USA" (1989: 113).

32 Em "Cultura e participação nos anos 60" [1995], Heloisa Buarque de Holanda sintetiza o que representava à época o novo governo ditatorial: "O golpe de 64 traz consigo a reordenação e o estreitamento dos laços de dependência, a intensificação do processo de modernização, a recionalização institucional e a regulação autoritária das relações entre as classes e grupos, colocando em vantagem os setores associados ao capital monopolista ou a eles vinculados" (1995:20).

33 A canção de protesto também representava contribuição ao desenvolvimento artístico da canção brasileira: "Essa espécie de protest song nacional contava com o apoio de um considerável setor da crítica que tratava de zelar pela "autenticidade de nossas raízes" e pela adequação das mensagens propostas pelas canções. Talvez o maior mérito dessa tendência residisse na readequação semântica da canção brasileira, já que, como notara Augusto de Campos, não era mais possível agüentar as "diluições" da Idade de Ouro da Bossa-Nova onde a "redundância tinha o nome de dor, amor e flor" ... Protesto e nacionalismo faziam, portanto, o coro da MPB" (1995: 53 e 54).

uma juventude fascinada pela nova moda importada dos EUA. Para dar uma idéia do que representava na época a *Jovem Guarda*, destacamos uma passagem do livro intitulado "Movimentos Culturais da Juventude" [1990], de Antonio Carlos Brandão e Milton Fernandes Duarte:

> *"A nova moda entrava nos lares, nos ouvidos e nos guarda-roupas. Para os rapazes, a onda era usar cabelos cumpridos – influência dos Beatles – e calças colantes bicolores, com a indispensável boca-de-sino. A minissaia era a peça básica da 'garota papo-firme', acompanhada por botas de cano alto e cintos coloridos. A juventude adolescente consumia ferozmente todos esses produtos lançados por uma agência de publicidade, que, a partir de uma campanha publicitária bem-articulada, procurava explorar esse novo mercado consumidor que se abria com a expansão dos meios de comunicação e o desenvolvimento urbano do país"*(1990,p.65).

De acordo com a perspectiva teórica de Muniz Sodré, em "O social irradiado"[1992], significa aí a incipiente indústria cultural investindo na subjetividade adolescente, "favorecendo as identificações projetivas, em termos psicanalíticos, verdadeiras 'mães que sonham por seus bebês"(1992: 86). O correr da década de 1960 é marcado pela crescente frustração com a política dominante, numa época em que o jovem protagonizava movimentos populares por justiça social, conforme vimos com a criação do CPC.

Ao mesmo tempo em que a *Jovem Guarda* e o movimento estudantil mobilizavam a juventude no país, o desenvolvimento do comércio e das cidades tornavam a sociedade brasileira um pouco mais integrada ao estilo de vida consumista originado nos

Estados Unidos[34]. Em 1966, é inaugurado em São Paulo o primeiro shopping center do país e surgem também os supermercados e as grandes cadeias de lojas, conforme registra-se em "História da vida privada no Brasil" [1998]. Enquanto isso, diversas faculdades eram fechadas ou sofriam intervenção do MEC. Indignados, os estudantes, já extrapolando para o cenário da política nacional, organizavam greves e passeatas.

Em 1968, a crise agrava-se e cinco estudantes acabam morrendo durante as manifestações[35]. A exemplo dos Estados Unidos e de alguns países da Europa, mas com perspectivas políticas diferentes, no Brasil a rebelião estudantil também paralisava o país. "A nossa antiarte era a arte da miséria" (1989: 106), assinala Júlia Falivene. Se lá fora o lema de "paz e amor" se fazia contra a guerra, os estudantes aqui queriam a revolução: "seja mais ativo, saia do arquivo" e "não fique aí parado, você é explorado" (1989: 106), eram as palavras de ordem.

Em março, Edson Luís é assassinado pela Polícia Militar quando participava de uma manifestação no restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro. Em abril, mais três: dois no Rio e um em Goiânia. O jogo quase se inverteu com as passeatas dos estudantes em 1968, pois seus pais, assustados com a violenta repressão da polícia, já começavam a repudiar a ditadura militar. Paulo Sérgio expõe o seguinte:

---

34 Nesse sentido, Júlia Falivene argumenta como "os anos 50 e 60 vão ser, em termos culturais, os "anos dourados" da invasão cultural norte-americana no Brasil ... A TV penetrou em nossos lares com enlatados que propagavam sutil, mas intensamente, o american way of life, já introduzido entre nós com os filmes sonoros feitos em Hollywood ... a "geração coca-cola" se tornou adulta, falando, cantando, se vestindo e pensando como os norte-americanos, distanciada da realidade brasileira, fechada a sete chaves atrás de um "muro muito sem-vergonha" construído pela marginalização política, censura e repressão, sobretudo a partir de 1964" (1989: 74 e 76).

35 A esse respeito, Paulo Sérgio enfatiza como "o movimento estudantil foi totalmente desmantelado e parte dessa geração trocou as ruas pela clandestinidade" (2000:90).

> *"a repressão, a falta de espaço para a manifestação de idéias e a falta de liberdade para atuar politicamente, em oposição às forças dominantes, foram empurrando essa geração para formas de participação em ações violentas, já que a negociação política estava fechada O auge das manifestações se dá com a histórica passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro, reunindo estudantes, intelectuais, artistas, padres e mães [...] Os manifestantes haviam conquistado a simpatia da opinião pública"* (2000:84-86 e 103).

Na segunda metade do decênio de 1970, muitos daqueles estudantes que foram silenciados pela ditadura militar estavam no exílio. Ou estavam mortos. Desaparecidos, conforme registra-se em "Culturas da rebeldia" (2000: 105). O período de crescimento econômico vertiginoso estava chegando ao fim. O chamado "milagre brasileiro", financiado pelos Estados Unidos, endividara o país[36]. A visão de progresso, com acesso iminente ao "Primeiro Mundo", vai perdendo seu brilho diante do recrudescimento das desigualdades sociais. Os militares conduziam o Brasil à vanguarda das telecomunicações na América Latina, popularizando o acesso ao aparelho de televisão.[37]

---

36 Sobre esse endividamento do país, Júlia Falivena faz o seguinte comentário: "a ditadura entregaria pura e simplesmente nossas riquezas e o nosso mercado às multinacionais, anulando medidas políticas e econômicas mais nacionalistas e independentes e trocando-as por nova legislação mais conveniente aos "eficientes colaboradores estrangeiros". A burguesia brasileira se garantia como classe dominante apoiando-se na burguesia internacional. As múltis, com o apoio recebido, mantinham seus privilégios. O sistema econômico e o regime político defendido por ambas as mantinham associadas no poder" (1989: 48).

37 Já em 1970, tínhamos uma rede nacional de televisão e o número de aparelhos de TV, com a prática perniciosa do crédito ao consumidor, quase dobra entre 1960 e 1979, chegando a 75% das residências urbanas. Renato Ortiz, em "A moderna tradição brasileira" [1989], argumenta como esse desenvolvimento das telecomunicações tem a ver com a questão da integração nacional do país: "O sistema de redes, condição essencial para o funcionamento da indústria cultural, pressupunha um suporte tecnológico que no Brasil, contrariamente dos Estados Unidos, é resultado de um investimento do Estado. Não deixa de ser curioso observar que o que legitima a ação dos militares no campo da telecomunicação é a própria ideologia da Segurança Nacional. A idéia da "integração nacional" é central para a realização desta ideologia que impulsiona os militares a promover toda uma transformação na esfera das comunicações. Porém, como simultaneamente este Estado atua e privilegia a área econômica, os frutos deste investimento serão colhidos pelos grupos empresariais televisivos ... enquanto os militares propõem a unificação política das consciências, os empresários sublinham o lado da integração do mercado" (1989: 118).

Os anos 70 chegavam ao fim com os jovens voltando às ruas, juntos com os operários do ABC paulista e os militantes que ajudaram a fundar o Partido dos Trabalhadores. Afloravam episódios de corrupção que a própria censura da ditadura militar "não mais conseguia abafar" (2000:133). Vale aqui ressaltar que no final dessa década a indústria cultural no país já não era mais incipiente. Os bens de consumo circulavam de forma mais integrada e participavam com mais facilidade no processo da identificação nacional e no modo de ser dos indivíduos. Em "A Moderna Tradição Brasileira" [1989], Renato Ortiz nos chama a atenção para o seguinte:

> *"Com a consolidação de um mercado de bens culturais, também a noção de nacional se transforma. Vimos que a consolidação da televisão no Brasil se associava à idéia de seu desenvolvimento como veículo de integração nacional; vincula-se, desta forma, a proposta de construção da moderna sociedade ao crescimento e à unificação dos mercados locais. A indústria cultural adquire, portanto, a possibilidade de equacionar uma identidade nacional, mas reinterpretando-a em termos mercadológicos; a idéia de 'nação integrada' passa a representar a interligação dos consumidores potenciais espalhados pelo território nacional. Nesse sentido se pode afirmar que o nacional se identifica ao mercado; à correspondência que se fazia anteriormente, cultura nacional-popular, substitui-se uma outra, cultura mercado-consumo"* (1989,p.164,165).

No início dos anos 80, a situação econômica não estava nada favorável à classe média[38]. Vivia-se nos anos de 1983 e 1984 o agravamento da crise nacional da economia, surgida por volta de 1981. Em agosto de 83, nasce a Fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), com a finalidade de centralizar as principais lutas dos trabalhadores brasileiros da cidade e do campo. No ano seguinte, os estudantes voltam às

38 Em "A invasão cultural norte-americana" [1989], destacamos uma estatística que revela a concentração de renda no país no início dos anos 80: "Por volta de 1974, a chamada classe A (8% da população) abocanhava sozinha 62% de tudo que se encontrava à venda no mercado interno e em 1981 os brasileiros mais ricos (5%) concentravam em suas mãos uma renda quase equivalente à dos brasileiros mais pobres (80%). Dois anos depois, os salários de 54,5% da população não ultrapassava dois "mínimos", os da classe média haviam diminuído pela metade e 1/3 da população economicamente ativa do estado de São Paulo estava desempregada" (1989:137-38).

ruas pedindo as Diretas-Já, a Emenda Dante de Oliveira que fora derrotada no Congresso Nacional. A ditadura militar estava chegando ao fim, com uma dívida externa de cerca de 120 bilhões de dólares. No final do governo Goulart, a dívida era de 3 bilhões de dólares, conforme registra-se em "A invasão cultural norteamericana" (1989: 48).

Na segunda metade da década de 1980, a crise econômica desestabiliza ainda mais a sociedade. Foi também uma época em que a juventude aliava-se ao movimento ecológico alertando o mundo para a rapidez da destruição da Terra pela humanidade[39]. Os anos 80 chegavam ao fim após um mal sucedido plano econômico, o chamado Plano Cruzado, idealizado para estancar a desvalorização da moeda nacional. A desigualdade social, porém, recrudescia, mas no âmbito das relações empresariais os negócios no Brasil cresceram vertiginosamente.[40] No início dos anos 90, o Brasil passava pela frustrada tentativa do Plano Collor para estancar uma situação econômica que beirava a hiperinflação.

O presidente Fernando Collor confiscava a poupança, mudava a moeda, abria o mercado e fechava órgãos estatais, conforme registra-se em "Culturas da rebeldia" (2000: 163). Em 1992, a chamada "geração dourada", que à noite assistia à minissérie *Anos rebeldes*, protagonizava na mídia manifestações estudantis para defender a saída de Collor

39 No Brasil, os jovens também estavam mobilizados pela ecologia. Em "Movimento Culturais de Juventude" [1990], destacamos o seguinte texto: "Além da participação no processo de redemocratização do pais, uma parte dos jovens brasileiros, a exemplo de seus pares dos países desenvolvidos, engajou-se na formação de movimentos ecológicos, fundando várias entidades de defesa do meio ambiente" (1990:106).

40 Essa questão econômica e social é analisada em "História da vida privada no Brasil" [1998]: "Os baixos salários numa economia em expansão acelerada, que ganhava produtividade, têm uma conseqüência óbvia: margens de lucro elevadíssimas, da grande, da média e da pequena empresa ... na indústria ou nos serviços ... grandes corporações multinacionais ... acumulam capital aceleradamente e crescem vertiginosamente ... Surgira uma megaempresa de comunicações, a Globo, uma grande editora de revistas, a Abril, e a imprensa se transformou definitivamente numa corporação moderna" (1998:626 e 627).

da presidência do Brasil.[41] Corpo malhado e sem mais aquele sonho de sair da casa dos pais, os chamados caras-pintadas formavam uma onda de espetáculo para a tevê. Os jovens da periferia também chamaram a atenção na mídia. Nas praias do Arpoador, do Rio de Janeiro para o mundo, dois arrastões[42] assustavam os banhistas da zona sul. Dias depois, alguns representantes da classe média tentaram desativar o transporte coletivo da Zona Norte para a Zona Sul. Mas logo desistiram da idéia, enquanto um sentimento de revolta pedia pena de morte para os *funkeiros* do Arpoador, conforme enfatiza George Yúdice, em "Conveniência da cultura" (2004:148).

As feridas abertas no tecido social naquele início dos anos 90 desencadearam, além da festiva passeata dos caras-pintadas, um movimento solidário pelos pobres do Brasil. Mas foram os jovens pobres, a geração escura da periferia, que, através da cultura engajada, conforme ressalta George Yúdice (2004:104), começariam a conquistar um novo espaço social no país. O movimento *funk*, por exemplo, parecia promover arrastões para dizer ao mundo que o povo brasileiro não tinha mais só o samba para representá-lo no exterior, como bem observa Yúdice (2004:102). A juventude dos subúrbios estava começando a fazer, a partir da perspectiva teórica desse autor, a maior revolução de sua história (2004:105).

---

41 Sobre essa juventude dos anos 90, a dos "caras-pintadas", Paulo Sérgio comenta que eles "são mais prudentes, não querem rupturas radicais. Na faixa dos 14 aos 19 anos, a "juventude dourada", da classe alta, otimista consigo própria, acredita que vai melhorar de vida, mas é pessimista com o futuro do país. Muitos estudam em colégios caros, falam duas línguas, passam férias no exterior e quase todos, como bons hedonistas, gostam de prazeres como a praia. Sem peso na consciência por seus privilégios sociais, a maioria não pensa em aventuras radicais como abandonar tudo por uma causa, semelhante aos guerrilheiros dos anos 60 e 70 ou às experiências existenciais dos hippies. A chamada juventude dourada dos anos 90, por ser a mais visível, é também a mais observada pela mídia" (2000: 166).

42 O arrastão também fora estrategicamente aproveitado durante a campanha eleitoral de segundo turno, que apontaria em menos de um mês o candidato vencedor para assumir o cargo de prefeito do Rio. Benedita Souza da Silva (PT), negra, favelada, filha de uma faxineira, foi derrotada por uma diferença de três pontos percentuais. O vencedor, César Maia, branco, economista, da Zona Sul, ganhara a eleição como o homem da "lei e da ordem" (2004:144-5) conforme conta G. Yúdice, em Conveniência da cultura: Usos da cultura na era global"[2004].

Os anos 90 chegavam ao fim com a UNE recebendo críticas por ser, segundo Paulo Sérgio, "uma instituição preocupada apenas com a emissão de carteiras de estudantes" (2000:171). A partir do final da década, as rebeliões nas prisões começam a ser mais freqüentes, refletindo o "drama dessa outra juventude não dourada"(2000:172), que é referenciado em "Culturas da rebeldia" com a seguinte passagem:

> *"Esquecida pela população, as rebeliões permitiram que se tomasse conhecimento do drama dessa outra juventude não dourada. Percebeu-se que se misturavam menores com pequenos delitos a perigosos indivíduos. Constatou-se que não havia um projeto pedagógico, nem sequer de lazer interno, quanto mais de formação profissional. As diversas rebeliões provocaram mortes, fugas, destruição e queima de unidades – e tornaram pública a face da degradação. Dos quatro meninos mortos na rebelião de outubro de 1999, um deles teve a cabeça cortada por um dos internos e lançada contra os policiais"* (2000:172).

A outra juventude, a da chamada "geração shopping" dos anos 90, está inserida na cultura global dos teens. Agora é chamada de "geração delivery". O conforto em casa, com Internet, DVD, celular, ar-condicionado, microondas, tevê por assinatura e roupa lavada, abriga uma geração que, conforme veremos durante nossa pesquisa documental, não vive mais por uma utopia. Agora, ela busca, no consumo hedonista[43], o caminho para a realização pessoal.

---

43 Paulo Sérgio observa como "esses jovens, depreciados valorativamente como a geração pós-AI-5, geração Coca-Cola ou geração Nike, são também classificados como hedonistas, isto é, aqueles que consideram o prazer individual e imediato o único possível" (2000: 166).

4.2 Da geração AI-5 até o final dos anos 70

Neste capítulo, focalizamos como o jovem vai sendo visualizado desde quando aparece como modelo identitário para o campo político até passar a repercutir a integração ao consumismo. No capítulo anterior, constatamos como a estética das práticas do cotidiano vai aparecendo no lugar do estilo de vida hippie, bem como no lugar do jovem da periferia e do movimento punk. Mas a partir do final dos anos 80, as diferenças de classe tendem a recrudescer no texto, reforçando a imagem de uma juventude consumista. Neste capítulo, vamos refazer esse caminho do capítulo anterior para saber-se como o jovem vai sendo visualizado desde o momento em que focaliza-se no texto o movimento estudantil.

Posto isso, analisemos como *Veja* tratou a juventude até o final dos anos 70. O jovem aparece aí, em relação aos demais blocos temáticos, de modo expressivo no âmbito do espaço político. Mas essa particularidade, como observaremos mais adiante, não representa uma integração positiva do jovem na vida política do país. Ao contrário, manipula-se o movimento estudantil para mostrar-se o jovem em separado do mundo da política.

Quando *Veja* entra no mercado, em setembro de 68, o clima estava bastante tenso nas universidades. Na época, o papel social do jovem chamava a atenção da sociedade brasileira. Em *Veja*, porém, projetava-se o jovem para dissociá-la o mais possível de um estilo de vida rebelde e liberal. E mais especificamente de tudo que permitisse uma relação com o mundo comunista quando o jovem aparecesse no campo político, conforme veremos com a primeira reportagem deste capítulo.

Antes de focalizar-se o primeiro texto, vale ressaltar como o movimento estudantil representava um outro mundo com o qual a classe média, por exemplo, não podia expressar seus valores que estavam sendo redefinidos em função do chamado "milagre brasileiro". Destacamos uma passagem de "Culturas da rebeldia" [2000] que pode ajudar-nos a compreender melhor a mediação simbólica da juventude em *Veja*. De acordo com Paulo Sérgio do Carmo:

> *"Com o sucesso do chamado "milagre brasileiro", a classe média, a grande beneficiária da melhora econômica, redefiniu seus valores, e a imagem dos jovens contestadores foi sendo refeita. As ações, agora violentas, não contavam com a sua simpatia. Ao mesmo tempo, para reforçar uma imagem desfocada dos revolucionários, os governantes (e a maioria dos meios de comunicação) divulgavam uma imagem cordial do brasileiro, como um povo conciliador, pacífico, contrário à guerra revolucionária. Desse modo, a atuação dos jovens "rebeldes" era identificada como estranha aos valores da nossa sociedade, sendo acusados de importar idéias de países que nada tinham em comum com o Brasil"* (2000:104).

Os valores do mundo comunista reflete no movimento estudantil uma "atuação dos jovens ... identificada como estranha aos valores da nossa sociedade". Pensamos também, com o autor, em como os valores das camadas médias urbanas passam a reforçar essa "imagem desfocada dos revolucionários", imagem esta que mais adiante vamos observar em *Veja*. E, com esse universo simbólico, trabalham os meios de comunicação que, segundo a passagem, "divulgavam uma imagem cordial do brasileiro, como um povo conciliador ... contrário à guerra revolucionária". Por isso, acaba o movimento estudantil provocando estranheza diante da sociedade.

Com essa breve consideração a respeito de como o movimento estudantil passa a refletir uma imagem "desfocada", começamos a análise do primeiro texto,

intitulado “Destruição e morte. Por quê?”[1968]. Vamos observar aí como um outro movimento social da juventude, a exemplo do movimento hippie, também passava a reproduzir a negação de um outro modelo identitário: o do movimento estudantil. Na época, a resistência dos militantes estudantis à ditadura militar imposta pelo golpe de 64 despertava intranqüilidade entre autoridades, governo e empresários.

Essa intranqüilidade, na reportagem, é reproduzida ao projetar-se o movimento estudantil refletindo valores do mundo comunista, mas sem isso implicar uma desmistificação da consciência do sujeito. Ou seja, os militantes estudantis, conforme veremos mais adiante, aparecem como membros de uma gangue de rua. Não aparecem no texto para alertar-se, com os valores do mundo comunista, a juventude para as diferenças de classe.

O texto, com manchete de capa intitulada “A incrível batalha dos estudantes”, narra, em detalhes, um confronto de dois dias que propiciou, na morte de um secundarista, a oportunidade para chamar-se o jovem em separado dos valores do mundo comunista. Lê-se como um confronto entre grupos estudantis resume-se a uma esporádica briga de gangues lutando para defender seu território:

> *“Por trás das barricadas improvisadas há o gesto que se repete de estudantes em guerra [...] O Mackenzie mantinha uma vantagem tática – os seus prédios ficam em terreno mais elevado e são cercados por um muro alto. A faculdade da USP está junto à calçada, num prédio cinzento e velho ... A fachada não tem mais do que 20 metros. Seu único trunfo: a saída na rua Dr. Vila Nova ... os estudantes da USP apupavam os do Mackenzie: Nazistas, gorilas! E os mackenzistas revidavam: Guerrilheiros fajutos! ... Durante a noite as duas escolas discutiram a briga em assembléias [...] Foram instalados fios elétricos nos portões de ferro e grades do Mackenzie. Quem tocasse ali seria eletrocutado”* (Veja: 09/10/1968:16-17).

A divergência ideológica entre esses grupos de estudantes "(valores do consumismo versus valores do capitalismo), não é problematizada no texto: "apupavam os do Mackenzie: Nazistas, gorilas! E os mackenzistas revidavam: Guerrilheiros fajutos". Ressalta-se principalmente como a briga estava se desenrolando no local e como as duas faculdades apareciam como pontos estratégicos para o confronto: "O Mackenzie mantinha uma vantagem tática". Chama-se assim o jovem para a busca da paz, sem conflitos ideológicos. O título da reportagem sugere essa idéia: "Destruição e morte, por quê"?. O motivo para a briga, logo no início do texto, parece fútil:

> *"3 mil estudantes do Mackenzi e 2 500 estudantes da Faculdade de Filosofia da USP deflagram a sua guerra por causa de um ovo ... É muito pouco para tanta violência [...] alunos do Mackenzie atiraram ovos em estudantes que cobravam pedágio na Rua Maria Antonia a fim de recolher dinheiro para o Congresso da ex-UNE e outros movimentos antigovernistas da ação estudantil"* (Veja:09/10/1968:14 e 16).

Fig. 025 – Referente capa *Veja* 09/10/1968

A divergência ideológica entre os dois grupos de estudantes aparece de forma reducionista. Ou seja, como uma briga de gangues, as divergências ficam apenas no plano superficial: "deflagram a sua guerra por causa de um ovo". A questão política para o jovem é redimensionada em *Veja* para não denunciar, por exemplo, a repressão da ditadura militar dentro dos campus universitários. A divergência ideológica não repercute essa problemática. Apenas revela-se como esses dois grupos se comportam quando aparecem

protagonizando "A incrível batalha dos estudantes". Como, por exemplo, quando ressalta-se que após a chegada da polícia houve uma trégua e tempo para os estudantes reunirem-se à noite em assembléias:

> *"organizar a defesa para o dia seguinte e só atacar se atacado"* (Veja,09/10/1968:16).

Ou quando na manhã do dia seguinte uma faixa, cujos dizeres insinuavam a união das duas facções ("Filosofia e Mackenzie contra a ditadura"), é retirada pelos mackenzistas e mais duas são arrancadas das mãos dos alunos da USP. Próximos dali, alunos saiam de um colégio:

> *"Foi o fim da trégua ... Guardas civis protegiam o Mackenzie, ainda a pedido da reitora – armados de metralhadoras, fuzis e cassetetes tamanho-família ... Aproveitando a presença dessa platéia, os universitários da USP, com saquinhos de papel na mão, pediam dinheiro para comprar material de guerra"* (Veja,09/10/1968:16 e 17).

Segundo a revista, a polícia avançou sobre os alunos da USP porque teria sido atingida por uma pedra. A partir de então, os dois grupos de jovens partiram para a briga e com a confusão um secundarista é atingido por uma bala enquanto recolhia pedras para os estudantes da USP:

> *"Às 3 e meia uma janela se abriu no prédio da USP, e através dela um aluno gritou: "Estão contentes? Vocês já mataram um". Só assim os mackenzistas souberam da morte de um adversário ... Um edifício em construção, ao lado do Mackenzie, foi ocupado pelos mackenzistas ... José Dirceu soltava frases de efeito: "As violências da direita estão sendo respondidas pela violência organizada do povo e dos estudantes ... vamos esmagar a reação"* (Veja, 09/10/1968:19).

As fotos exibiam jovens socorrendo um corpo inerte com a cabeça ensangüentada e uma passeata liderada por José Dirceu, ex-presidente da UEE. Ele gritava palavras de ordem sob uma improvisada bandeira, esticada com a camisa manchada de sangue daquele que fora baleado enquanto juntava pedras para os universitários da USP:

> *"Não é mais possível mantermos militarmente a Faculdade ... Um colega nosso foi morto. Vamos às ruas denunciar o massacre ... Viva a UNE, abaixo a reação". Com essa oratória José Dirceu conseguiu pôr a maioria dos assistentes em posição de passeata"* (Veja, 09/10/1968:19).

O texto passa a narrar um quebra-quebra protagonizado pelos estudantes da USP nas ruas de São Paulo. À noite, agentes policiais do DOPS chegam ao local e prendem os envolvidos no conflito com o aluno Parisi. A passagem a seguir conta como foi esse episódio que ocorreu após a morte do secundarista. Observa-se aí como é reforçada uma imagem desfocada do movimento estudantil ao ser reconhecido com a prática da violência:

> *"Cerca de 80 estudantes da USP rodearam um aluno da Faculdade de Direito do Mackenzie ... Lincha! Mata o canalha! O rapaz tinha um revólver. Tomaram-no. Depois, aos tapas, conduziram Parisi ao Prédio da Faculdade de Economia da USP"* (Veja, 09/10/1968:19).

No dia seguinte, os estudantes fazem nova passeata. À frente, a camisa ensangüentada do secundarista morto durante o conflito. Reprimida a passeata, mais quebra-quebra. A reportagem chega ao fim ao focalizar-se o enterro do rapaz assassinado durante o conflito:

> *"Ninguém – exceto parentes e policiais – pôde ir ao enterro desse moço assassinado numa batalha absurda ... Os moços da ex-UNE querem fazer dessa morte um caso político de repercussão nacional e anunciam mais passeatas. A que pode servir tudo isso? O irmão do*

> *morto diz que talvez sirva a alguma coisa, um dia. Que coisa?* (Veja, 09/10/1968:21).

Com essa reportagem, podemos concluir como reforça-se no texto uma imagem do movimento estudantil associada à prática da violência. "Os moços da ex-UNE querem fazer dessa morte um caso político de repercussão nacional". A questão ideológica da militância estudantil não é levada em conta na narrativa, pois os valores do mundo comunista não repercutem em nenhum momento na reportagem. A passagem acima confirma essa idéia de como o conflito entre estudantes da USP e do Mackenzie configura apenas uma briga de rua, sem implicar outro tipo de interpretação:

> *"A que pode servir tudo isso? O irmão do morto diz que talvez sirva a alguma coisa, um dia. Que coisa?* (Veja, 09/10/1968:21).

Vimos, assim, como o comunismo não representaria aí coisa alguma para revelar as diferenças de classe. Simplesmente, repercute a violência para chamar-se a juventude em separado do movimento estudantil. Vimos como o movimento hippie aparecia também no texto para negar-se seu estilo de vida como modelo identitário para a juventude. A diferença, conforme essa reportagem, está no fato de negar-se o movimento estudantil não em função dele significar uma ruptura de padrões morais. Mas sim porque ele revela valores do mundo comunista e que, no texto, aparecem em confronto por causa de um "ovo":

> *"deflagraram a sua guerra por causa de um ovo ... É muito pouco para tanta violência"* (Veja, 09/10/1968:14).

Vimos aí como o confronto entre grupos rivais aparece como uma briga de rua, que não chama o jovem para pensar-se numa divergência ideológica. Ou seja, não

alerta-se a juventude para pensar-se a diferença de classes que estava em jogo naquela que é denominada como "A incrível batalha dos estudantes"[1968]. Com a próxima reportagem, vamos observar como *Veja* passa a reforçar uma imagem desfocada do movimento estudantil para dissociá-lo o mais possível dos valores do mundo comunista.

Em "A calmaria das universidades" [1969], noticia-se aí como os estudantes estariam se comportando nos campus universitários após a decretação do AI-5. Vale ressaltar-se mais uma vez aquela passagem de Sérgio do Carmo, em "Culturas da rebeldia"[2000], sobre como "a classe média, a grande beneficiária da melhora econômica, redefiniu seus valores ... com o sucesso do chamado "milagre brasileiro" (2000:104). E, de certa forma, são os valores dessa nova classe média emergente que aparecem em "A calmaria das universidades" para abordar-se o movimento estudantil no país.

A CALMARIA DAS UNIVERSIDADES

Passarinho assume em época de calmaria. Mas uma tempestade pode estar se formando

CARLOS NAMBA

São Paulo, outubro de 1968: os últimos dias de violência

Durante alguns anos, uma estranha excitação se apossou dos estudantes brasileiros. Invadiam reitorias, pichavam paredes e saíam às ruas em passeatas fazendo reivindicações, algumas compreensíveis, como pedidos de mais recursos para o ensino, outras fantásticas, como a exigência de se acabar com o que êles chamam de "imperialismo". Em outubro do ano passado, num congresso clandestino, no interior de São Paulo, 920 dêsses estudantes discutiam, empolgados, essas fantásticas reivindicações, até o momento em que a polícia os prendeu numa bem sucedida operação de surprêsa. Foi o início de novos tempos. De repente, uma profunda calmaria parece ter descido sôbre as universidades. Por que os estudantes estão quietos? É possível que o nôvo Govêrno esteja achando que por trás do silêncio continue a se esconder muita insatisfação — e ela pode levar a novas manifestações. E talvez tenha sido êsse o motivo que levou a escolher Jarbas Passarinho para o Ministério da Educação. Ex-ministro do Trabalho e coronel reformado da Artilharia, Passarinho é considerado nos meios da Revolução como um homem que nunca erra o alvo: sabe negociar quando é hora de negociar, mas sabe usar a fôrça quando só a fôrça pode resolver (um estudante disse a seu respeito: "Êle mostrou no Ministério do Trabalho, em várias greves de operários, que é capaz de usar a fôrça. Mas parece estar disposto a escutar as reivindicações dos estudantes sem reprimi-las".). O que pensa Jarbas Passarinho? O ministro não acredita que a calmaria seja um bom sinal. Disse, ao saber de sua nomeação: "O Ministério da Educação é o maior abacaxi de tôda a minha vida". Há duas semanas, mesmo antes de empossado, Passarinho tomou a iniciativa — considerada por alguns demagógica — de escrever uma carta a um universitário, pedindo conselhos. Para Passarinho, a iniciativa deve ter sido um símbolo. Ela é a primeira tentativa de diálogo com os estudantes desde os dias agitados das passeatas até hoje, dias de calmaria.

ESPECIAL

O estudante que recebeu a carta é seu próprio filho, o universitário Jarbas Gonçalves Passarinho Júnior, vinte anos, terceiranista da Faculdade de Medicina de Belém.

Na carta, pedia conselhos ao filho sôbre o que deveria fazer pela educação no Brasil. Jarbas Passarinho Júnior, torcedor do Flamengo do Rio, magro, bem moreno (por causa disso ganhou dos colegas os apelidos de "Macumba" e "Urubu"), é um môço de gestos agitados que fuma um cigarro atrás do outro e rói as unhas. Como aluno não é também diferente da maioria: "Não sou excepcional, mas também não sou medíocre". Quando chegou a Belém (fôra aprovado em Brasília, mas não conseguiu vaga), muitos colegas o receberam friamente. Para êles, Júnior era, mais do que um estudante, o filho do ministro de um Govêrno que consideravam hostil. Chegaram mesmo a colar um cartaz na Faculdade, com o desenho de um grande pássaro, carregando no bico um

Fig. 026 – Referente *Veja* 12/11/1969:57, da reportagem intitulada "A calmaria das universidades"[1969].

A passagem que vamos destacar revela como esses valores da classe média estão presentes por meio da fala de um jovem que aparece no texto para contribuir na

restauração de um ambiente favorável nos *campus* e, assim, facilitar a volta do diálogo com os estudantes em torno dos projetos do Executivo. Filho de Jarbas Passarinho, esse jovem aparece refletindo um estilo de vida que tende a ser reconhecido no mundo dos jovens da época:

> *"Passarinho tomou a iniciativa de escrever uma carta a um universitário, pedindo conselhos ... O estudante que recebeu a carta é seu próprio filho ... torcedor do Flamengo do Rio, magro, bem moreno (por causa disso ganhou dos colegas os apelidos de 'Macumba' e 'Urubu'), é um moço de gestos agitados que fuma um cigarro atrás do outro e rói as unhas [...] "Conheço-o bem e sei que não é quadrado, mas pra frente'. E dá ao pai algumas sugestões concretas: pagar melhor aos professores, fornecer mais bolsas aos alunos e resolver o problema dos excedentes*"(Veja,12/11/1969:57,58,60).

A reportagem tende a chamar o jovem em separado dos valores do mundo comunista. A fala desse jovem, "magro, bem moreno", converge com os valores da juventude: "Conheço-o bem e sei que não é quadrado, mas pra frente". O movimento estudantil aí passa a ter uma nova perspectiva social e crítica. Ou seja, os conselhos desse jovem, não-revolucionário e "torcedor do Flamengo", sinalizam como os valores da classe média representam a rejeição da sociedade ao militante estudantil. Mais adiante, continua o filho do ministro da educação à época:

> *"Ele considera o Projeto Rondon, apesar de ainda tímido, uma das boas coisas que o Governo já fez, 'pois é uma maneira de o estudante participar concretamente, em vez de ficar gritando slogans em praças públicas' ... Para Jarbas Júnior, seu pai, com quem combina muito bem e bate sempre que pode longos papos, poderá ... fazer muitas coisas pelos estudantes*"(Veja,12/11/1969:59).

A sua fala, reproduzindo um estilo jovem para aproximar o governo com os universitários, repercute os valores dessa nova classe média emergente que aparecem

chamando a juventude para não "ficar gritando slogans em praças públicas". Esse "moço de gestos agitados" aparece como um bom filho que "bate sempre que pode longos papos" com seu pai.

Fig. 027– Referente *Veja* de 12/11/1969:58, de "A calmaria das universidades"[1969].

A reportagem salienta os problemas da universidade brasileira e as soluções práticas para impulsioná-la junto com o desenvolvimento econômico do país. Além do projeto Rondon, destaca-se a necessidade de aumentar o número de vagas nas faculdades e de motivar um diálogo com os estudantes, mas restrito às reivindicações domésticas.

Em outra passagem, o movimento estudantil aparece no texto para ser negado como modelo identitário para a juventude:

> *"Durante alguns anos, uma estranha excitação se apossou dos estudantes brasileiros [...] até o momento em que a polícia os prendeu [...] De repente, uma profunda calmaria parece ter descido sobre as universidades. Por que os estudantes estão quietos? [...] Para quem entra hoje num 'campus' de universidade, a primeira impressão é de apatia [...] Mas essa apatia é apenas aparente. Nas águas profundas*

> *da vida estudantil, muita coisa está acontecendo: apenas é difícil chegar até lá. As desconfianças dos estudantes são muito fortes [...] Toda a movimentação estudantil é feita com muita cautela. Os velhos métodos de pichar paredes e colar cartazes tiveram que ser abandonados"* (Veja, 12-11-1969:57).

A passagem exemplifica como o silêncio dos militantes do movimento estudantil nos campus universitários passa a mostrar o jovem em separado dos valores do comunismo. Em "A incrível batalha dos estudantes"[1968], vimos como o texto tratava uma divergência ideológica como uma briga entre gangues de rua:

> *"A que pode servir tudo isso? O irmão do morto diz que talvez sirva a alguma coisa, um dia. Que coisa?"* (Veja, 09/10/1968:21).

O movimento estudantil aparece aí em torno da violência para visualizar-se a juventude em separado do mundo comunista. Agora, ao ressaltar-se o silêncio nos campus universitários, a violência repercute na atuação dos jovens revolucionários como expressão psicossomática:

> *"Durante alguns anos, uma estranha excitação se apossou dos estudantes brasileiros [...] até o momento em que a polícia os prendeu"* (Veja, 12-11-1969:57).

Infere-se ai como os jovens do movimento estudantil estariam vivenciando uma fuga da realidade, a exemplo do que vimos em relação ao estilo de vida hippie. É ignorado no texto até que ponto o comunismo poderia estar repercutindo entre os universitários:

> *"De repente, uma profunda calmaria parece ter descido sobre as universidades. Por que os estudantes estão quietos?*

Veja questiona o silêncio dos estudantes, mas, sem explicitar-se exatamente por que isto ocorria nos campus. Relata-se simplesmente e, de modo vago, que "Nas águas profundas da vida estudantil, muita coisa está acontecendo". O texto, assim, passa a idéia de como o movimento estudantil seria exemplo para refletir, mais uma vez, aquela "estranha excitação". Em contraste com o proposto do movimento estudantil, *Veja* publica a reportagem de capa intitulada "Cavaleiros da tradição"[1970].

O texto abordava um grupo minoritário de jovens fanáticos, integrantes de um clube social denominado TFP (Tradição, Família e Propriedade), que era alinhado à política de extrema direita. A TFP serviu para traçar um paralelo entre sua militância de cunho fanático-religiosa e o movimento estudantil, considerado, no seu radicalismo de esquerda, também um foco de resistência perpassado por um certo grau de fanatismo:

> *"O grito da praça: contra o divórcio, o comunismo e a "Igreja progressista" [...] rezando continuamente o rosário ... "na intenção dos que sofrem, para que Nossa Senhora livre o Brasil do comunismo, pelas pessoas visadas pelo terrorismo, para que Nossa Senhora livre a Igreja do progressismo e pelos próprios terroristas [...] os membros da TFP devem ler todos os dias um jornal "recomendado" ... mas sempre "com visão crítica para apurar infiltração comunista em tais órgãos"* (Veja, 20/05/1970: 31,36)

Os valores do cristianismo aparecem aí para chamar-se a juventude em separado do mundo comunista. Os jovens tefepistas aparecem "rezando continuamente o rosário ... para que Nossa Senhora livre o Brasil do comunismo" (Veja, 20/05/1970: 31). Se os valores do comunismo não são referenciados explicitamente no texto para focalizar-se o movimento estudantil, já a TFP aparece sugerindo "ler todos os dias um jornal ... com visão crítica para apurar infiltração comunista".

Fig. 028– Ref. capa *Veja* de 20/05/1970

Mas o texto também ressalta como esses jovens, "rezando continuamente o rosário", estariam refletindo um mundo em separado daquele em que vivem os jovens de sua geração. Exemplo nesse sentido é a próxima passagem:

> *"São jovens, mas se vestem como velhos senhores. Muitos são universitários, mas a língua que falam lembra tempos da Santa Inquisição. Fogem dos lazeres fáceis de sua geração para se unirem numa mística coletiva"*(Veja, 20/05/1970:30).

Notamos, aí, como a descrição de um estilo de vida marca a sua diferença em relação ao mundo jovem daquela época: "Fogem dos lazeres fáceis de sua geração", "se vestem como velhos senhores". Os jovens da TFP em *Veja* sinalizam, ao nosso ver, como o seu comportamento, a exemplo dos jovens do movimento estudantil que "Durante alguns anos" expressaram "uma estranha excitação"(Veja,12-11-1969:57), não estaria em conformidade com os "lazeres fáceis de sua geração" (Veja, 20/05/1970:30).

A passagem remete ainda ao que vimos com os jovens hippies que também apareciam "para se unirem numa mística coletiva". O texto mostra também como na vida pessoal os jovens da TFP raramente eram vistos com alguma namorada e costumavam abandonar seus pais se soubessem que eles estariam mantendo relações sexuais quando o casal já não podia mais ter filhos. A palavra de um psiquiatra é destacada:

> *"São moços introvertidos, vivem num mundo de sonhos, idéias e imagens que o mundo ocidental materialista e prático rejeita. Por isso eles sentem-se rejeitados pela maioria. Se tivessem nascido na Índia seriam mansos "gurus" cheios de bondade ... apesar de místicos e introvertidos, acabam por lutar intransigentemente pela defesa e pela posse do mundo exterior dos objetos, da propriedade. Tudo porque têm medo"* (Veja,20/05/1970:35).

Nessa passagem, o jovem da TFP é focalizado para acentuar as diferenças entre o mundo ocidental e o mundo oriental, a exemplo do que vimos com o jovem hippie. O jovem tefepista, aí, estaria em conflito de identidade: "cheios de bondade ... místicos e introvertidos", mas "têm medo" porque "vivem num mundo de sonhos". Observa-se como essa sua fuga da realidade, a fuga dos "lazeres fáceis de sua geração"(Veja, 20/05/1970:30), aparece como um problema psiquiátrico. "Se tivessem nascido na Índia seriam mansos "gurus" cheios de bondade".

O drama pessoal desses jovens aparece, de certa forma, motivando no texto uma projeção negativa de seu estilo de vida porque "vivem num mundo de sonhos", a exemplo dos jovens hippies, que "só querem saber de sonho, de fantasia" (Veja, 07/03/1973: 46). A fuga da realidade aparece em comum aí e também em relação ao movimento estudantil, que refletia os valores de um outro mundo, o do comunismo.

Mas em "A jovem maioria silenciosa"[1970] emerge um novo perfil da juventude, não mais refletindo uma fuga da realidade. O texto aborda o que pensavam politicamente os jovens da geração pós-64. Contabilizava-se na época cerca de 2 milhões de eleitores que votavam pela primeira vez naquele ano, 71% deles achando que o povo estava mais feliz que em 1960. Sinaliza-se, aí, a emergência de uma juventude em contraste com o movimento estudantil que aparecia em *Veja* em torno da violência.

Dessa vez, a projeção desse perfil serve para reforçar-se a imagem de uma juventude despolitizada:

> *"Parece que os terroristas querem tomar o poder, mas eles não dizem o que vão fazer. Eu acho que alguns são idealistas, mas depois degeneram [...] O terrorismo é um negócio muito malfeito. Eles querem enfrentar o governo. O governo é quem manda em nós e pronto [...] Tem nêgo aí assaltando banco adoidado. Ladrão ou terrorista, sei lá o que é. Só sei que parece filme americano"* (Veja, 18-11-1970:24)

O jovem aí aparece expressando uma certa ingenuidade para as questões da política, como por exemplo a luta armada para derrubar a ditadura militar no país: "sei lá o que é. Só sei que parece filme americano". E esse perfil de uma juventude despolitizada passa pela idéia de chamar-se a atenção para a falta de informação e pouca instrução dessa geração pós-64. Uma jovem de 22 anos, curso primário, desconhecia o fato de Brizola estar exilado no exterior:

> *"Brizola? Mas ele não tá em Brasília?' Logo depois: 'Jango não era aquele de óculos e bigode? Ah!, não, esse era o Jânio, Jango era o governador". 'Triches? Escreve com k? Então é Trixes".* (Veja,18-11-1970:20).

Projeta-se aí um jovem que, além de não estar interessado em política, parece não estar familiarizado com a leitura. O texto da revista, com base numa pesquisa da *Marplan Pesquisas e Estudos de Mercado Ltda*, conclui que os jovens estão:

> *"mais preocupados com a corrupção do que com a subversão ... demonstrando que são, sobretudo, moderados, tolerantes e até mesmo dóceis, reunindo talvez as principais virtudes necessárias para a construção de uma sociedade democrática"* (Veja,18-11-1970:25).

As respostas dos jovens à *Veja*, sempre alinhavadas aos números da Marplan, sinalizam a emergência de uma juventude em convergência à "construção de uma sociedade democrática"(Veja,18-11-1970:25). Define-se a imagem de uma geração vista como "dócil, moderada e tolerante" *(Veja,* 18-11-1970:24*)* em contraste com a violência do movimento estudantil:

> *"O terrorismo é um negócio muito malfeito. Eles querem enfrentar o governo. O governo é quem manda em nós e pronto"* (Veja, 18-11-1970:24).

Os jovens da UNE, em contraste com esses jovens reconhecidos como "moderados, tolerantes e até mesmo dóceis", aparecem no texto para ser desacreditados diante da opinião pública:

> *"um grupo de jovens rápidos, esquivos e taciturnos distribuiu nas universidades de Belo Horizonte pequenos panfletos mimeografados. Eram cartuchos de artilharia do radicalismo procurando conquistar aliados na batalha pelo voto nulo. Denunciavam a 'farsa eleitoral', 'a ditadura' e comunicavam a 'pauperização do povo e a elitização do ensino' em nome dos 'estudantes brasileiros'. O volante era assinado pela União Nacional dos Estudantes e pela União Brasileira dos Estudantes Secundários. Era uma das muitas tentativas de agrupamentos esquerdistas que acreditavam na provável chegada de um albatroz da contestação capaz de transformar as eleições numa grande manifestação de protesto"*(Veja,18-11-1970:22).

Qualquer sinal de conscientização política do jovem que denunciasse naquele momento a ditadura militar e a farsa eleitoral, como foram os exemplos citados da UNE e da UBES defendendo o voto nulo, logo era desqualificado: "Eram cartuchos de artilharia do radicalismo procurando conquistar aliados na batalha pelo voto nulo".

Reforça-se em *Veja* uma imagem desfocada do movimento estudantil, que tende a ser reconhecida somente pela prática da violência: "Eram cartuchos de artilharia".

A jovem maioria silenciosa

COMO PENSAM OS 2 MILHÕES DE NOVOS ELEITORES

Quando a Arena gaúcha concluiu, na semana passada, que era necessário rebater a ofensiva que o MDB vinha mantendo em Pôrto Alegre, um grupo de senhores não teve dúvidas de que ninguém era mais indicado para aparecer diante das câmaras do que o correto senador Mem de Sá, considerado bom orador e reconhecido como político de prestígio. A noite, Mem de Sá entrou no ar anunciando que "a oposição gaúcha nunca deixará de ser o PTB de Jango e Brizola". Falou no futuro governador, Euclides Triches, e denunciou os perigos da implantação de uma "república sindicalista". Para todos os políticos da Arena, o pronunciamento do senador foi claro e extremamente hábil. Poucos tinham dúvidas de seu efeito junto ao eleitorado.

Sílvia Rosa, uma jovem de 22 anos e curso primário, que votaria pela primeira vez no domingo, estava sendo entrevistada por Paulo Totti, chefe da Sucursal de VEJA em Pôrto Alegre, quando o senador começou a falar. A televisão da casa estava ligada e Totti anotou o comportamento de Sílvia diante do que se considera, na rigorosa crítica política, um "pronunciamento imprecável". Como o senador advertiu, o MDB talvez nunca deixe de ser o PTB. Sílvia, por se lembrar das atividades do extinto Partido Trabalhista, prefere votar na oposição. Contudo, quando ouve o nome do ex-deputado Leonel Brizola, pergunta: "Brizola? Mas êle não tá em Brasília?" Logo depois: "Jango não era aquêle de óculos e bigode? Ah, não, êsse era o Jânio, Jango era o govrnador". "Triches? Escreve com k? Então é Trikes." Sílvia Rosa também não sabia quem era o senhor que falava na TV e não se importou de não ter compreendido o que êle disse, pois votaria mesmo em Paulo Brossard.

Ela faz parte da multidão, cêrca de 2 milhões de jovens que votaram pela primeira vez no último domingo. Um grande eleitorado silencioso que pode ser superficialmente rotulado como "voto jovem" mas que na realidade possui uma importante característica: é o primeiro grande contingente eleitoral de cidadãos formados politicamente dentro do período revolucionário que se iniciou quando suas idades oscilavam entre doze e dezesseis anos.

Enquanto pesquisadores profissionais da Marplan Pesquisas e Estudos de Mercado Ltda. faziam um levantamento dêsse eleitorado, em São Paulo, no Rio, em Belo Horizonte e no Recife, e tôdas as sucursais e correspondentes de VEJA entrevistavam jovens, na redação de São Paulo a equipe que coordenou o levantamento realizava uma mesa redonda, com meios de diversas camadas sociais, que resultou num rôlo de fita magnética com três horas e meia de gravação. Nela, Caetano Bellomo Neto, vinte anos, secundarista e bancário, anunciou: "Voto no candidato Franco Montoro ao Senado porque ouvi dizer que êle lutou pela extensão do salário mínimo a todos os trabalhadores". Roberto Luís Vianna Silveira, vinte anos, estudante de direito e filho de advogado, revelou que se decidira pelo candidato a deputado federal Paulo Abreu porque vira os pequenos anúncios que êle coloca nos jornais dando conta de suas atividades parlamentares.

"Voto por obrigação." Resposta de 55% dos jovens ouvidos pela Marplan

Enquanto centenas de candidatos tentavam capturar os votos dos eleitores calouros e o deputado estadual Joaquim Afonso Mac Dowell Leite de Castro inflamava três Comitês do Primeiro Voto em bairros da Guanabara, os jovens reagiam de forma bastante diversa das expectativas que os políticos cultivavam.

Quando os autores da lei eleitoral julgaram muitas e limitações para os eleitores que não fôssem às urnas, dificilmente poderiam supor que os jovens revelassem tão pouca curiosidade para votar pela primeira vez e que se apresentassem às urnas, em 55% dos casos, "por obrigação" (veja o quadro da página 22). Por outro lado, a propaganda eleitoral também não conseguiu provocar definições diretas dos eleitores que em 43% preferiram acompanhar os votos de parentes ou amigos (veja o quadro da página 22).

Maria de Jesus dos Santos, 21 anos, balconista em Curitiba, explicou como localizara seu candidato: "Não tenho tempo para me preocupar com eleição. Os políticos são chatos. Vou votar no Jamur Júnior, o apresentador de televisão, para deputado estadual. Êle é freguês aqui da loja".

JUVENTUDE E ESPERANÇA

ARENA SANGUE NOVO JUVENTUDE

NOVA GERAÇÃO

MOCIDADE

80% da população brasileira está abaixo de 40 anos de idade

O voto dos jovens

Em que partido você vota?

	Total	São Paulo	Rio de Janeiro	Pôrto Alegre	Recife
	%	%	%	%	%
Na Arena	47	44	37	51	62
No M D B	42	34	60	44	33
Nos dois	5	11	9	1	1
Em branco e nulos	6	11	5	4	4

Fonte: "A eleição, segundo os jovens". Marplan.

20

Fig. 029 – Referente *Veja*18/11/1970: 20, do texto intitulado "A jovem maioria silenciosa"[1970].

A atuação do estudante consciente era desqualificada tanto pelos números da *Marplan* quanto pelas entrevistas divulgadas pela revista. Observamos assim como "a jovem maioria silenciosa" na reportagem tende a ser idealizada em relação à imagem do jovem municiado com "cartuchos de artilharia do radicalismo". A opinião de um estudante de física, que, embora classificasse a eleição de "ridícula", manifestava-se em desacordo com as idéias da UNE:

> *"Eleição é mais importante do que passeata. Para dissolver uma passeata bastam algumas bombas de gás e para anular o resultado de uma eleição é preciso fechar o Congresso, o que é mais difícil"* (Veja,18-11-1970:22).

A reportagem mostra a imagem de uma nova geração que estaria vivendo sem a preocupação de querer estar envolvida com a política. É o caso de Mirian Sichel, 19 anos, estudante:

> *"Sei que o Congresso esteve fechado, mas não percebo o que fazem lá. É uma pá de gente chata, de gravata. Se não existisse dava no mesmo. Pior é que ele tem de existir por causa das leis que fazem lá"* (Veja, 18-11-1970:21).

A nova imagem dessa geração vista como "dócil, moderada e tolerante" (Veja, 18-11-1970:24) tende a ser projetada em separado do mundo da política: "É uma pá de gente chata, de gravata". E essa dissociação passa, ao nosso ver, pela projeção do movimento estudantil em torno da temática da violência. Conforme vimos na passagem anterior, os jovens dessa geração pós-64 estariam "mais preocupados com a corrupção do que com a subversão"(Veja,18-11-1970:25).

Em contraste com essa geração pós-64 que aparece expressando-se de forma "dócil, moderada e tolerante" *(Veja,* 18-11-1970:24*), Veja* volta a questionar a postura dos estudantes de manter-se em silêncio e não mais protagonizar movimentação política nos *campus* das universidades. O texto, intitulado "A paz do silêncio no campus" [1971], após breve recorte histórico sobre o movimento estudantil em 1968, conta o que está acontecendo em algumas faculdades sob a vigência do Decreto-Lei nº 477, de 1969:

> *"Finalmente, entidades de representação estudantil foram fechadas em todo o país ... O diálogo foi substituído pelo silêncio [...] O Centro Acadêmico Afonso Pena, da Faculdade de Direito, é hoje principalmente um telefone e uma vitrola tocando boleros a tarde inteira [...] No Diretório Acadêmico da Escola de Medicina, onde estudantes radicais seqüestraram o diretor Oscar Versiani, em 1968, ameaçando não soltá-lo "enquanto não se definisse em favor da*

> *Reforma Universitária", há apenas um salão de festas"*(Veja, 01/09/1971:28).

A exemplo do que estudamos em "A calmaria das universidades" [1969], o silêncio nos *campus* passa a ser questionado: "Por que os estudantes estão quietos?"(Veja, 12-11-1969:57). E agora, "O diálogo foi substituído pelo silêncio"(Veja, 01/09/1971:28). Em ambos os textos, mostra-se o jovem em separado da violência do movimento estudantil: "Finalmente, entidades de representação estudantil foram fechadas em todo o país".

Essa reportagem expressa, de certa forma, uma juventude em clima de conformismo e passividade, após uma intensa militância política e cultural. Ao mesmo tempo, o movimento das indústrias culturais engendra a democracia como ideologia trabalhada intrinsecamente no desenvolvimento de uma cultura de massa. Logo, conforme reflexão crítica de Renato Ortiz em "A moderna tradição brasileira"[1989], "declara-se espúria ou careta a esfera do político" (1989:158). A passagem acima é exemplo de como aparece em evidência o jovem refletindo um estilo de vida despolitizado. E como "Finalmente, entidades de representação estudantil foram fechadas em todo o país", o que teria ainda para contar-se em *Veja* não passaria de alguns episódios pitorescos que retratam o comportamento dos estudantes dentro dos *campus*:

> *"Além dos namoros, também foi proibido que as estudantes jogassem cartas nos jardins ... os baralhos foram transferidos para o banheiro, longe dos olhares vigilantes do professor Fontes [...]Aos sábados havia bailes ... Mas o diretor Wilson Mello resolveu intervir – "Isto aqui é uma casa de pesquisas e não de bate-coxas" – e transformou o salão num recanto de leitura [...] no Rio, o Instituto Villa Lobos foi pressionado e quase sitiado por ordem do detetive Nelson Duarte, que associara os cabelos compridos e as roupas exóticas dos estudantes de música ao consumo de tóxicos"*(Veja, 01/09/1971:29).

EDUCAÇÃO

A paz do silêncio no campus

Ao lado das pistas de alta velocidade do atêrro da Glória, no Rio, perto do Museu de Arte Moderna, existe hoje um estacionamento público para vinte automóveis. No pátio asfaltado, batido de sol, os dias são iguais e monótonos; as únicas vozes que se ouvem são as dos cinco funcionários, pacatamente discutindo o melhor palpite para uma investida coletiva de 2 cruzeiros contra os milhões da Loteria Esportiva.

Há três anos, erguia-se ali o restaurante Calabouço, criado por universitários, mas freqüentado quase exclusivamente por secundaristas. Diàriamente, ao som estridente de garfos e facas batendo contra bandejas de alumínio, ouviam-se as inflamadas palavras de ordem que davam tom e fôrça ao agitado movimento estudantil do Rio — juntamente com São Paulo, o foco da ebulição universitária que em todo o país marcou o ano de 1968.

Numa passeata originada no Calabouço, em março daquele ano, morreu, num choque com a polícia, o estudante Edson Luís da Lima Souto; foi o ponto de partida para uma série de incidentes cada vez mais graves.

Finalmente, entidades de representação estudantil foram fechadas em todo o país, enquanto as atividades universitárias eram enquadradas numa legislação de rígidos contrôles; destacava-se o Decreto-Lei n.º 477, de 1969, punindo com expulsão e suspensão por três anos de matrícula em qualquer universidade do país os acusados de atuação subversiva. Ao mesmo tempo, o movimento estudantil perdia, para a clandestinidade ou o desânimo, um número considerável de dirigentes.

Um levantamento realizado por VEJA nos principais centros universitários do país mostra que a ebulição e os excessos deram lugar à apatia e, em muitos casos, com ou sem motivos, ao mêdo. O diálogo foi substituído pelo silêncio, tão pesado quanto o que envolve, no meio da tarde, o pequeno pátio de estacionamento próximo ao Museu de Arte Moderna do Rio.

O mau uso da lei

O Decreto 477 já foi aplicado mais de trinta vêzes nos últimos dois anos, e sua revogação, pleiteada por estudantes, é considerada fora de discussão — "o 477 é questão de segurança nacional", dizem autoridades do Ministério da Educação. No entanto, o govêrno não esconde sua preocupação com a necessidade de canalizar, para atividades que considera construtivas, as energias reveladas pelo movimento estudantil nos tempos da agitação política. "O universitário não pode ignorar os problemas do mundo em que vive", diz o ministro da Educação, que repudia os dois extremos: "Dos que sustentam que ao estudante cabe exclusivamente estudar, bem como dos que defendem a politização dos diretórios acadêmicos" (veja quadro na página 32).

Nada ilustra com maior eloqüência as possibilidades de fugir à ignorância do mundo brasileiro do que o Projeto Rondon, mobilizando, em quatro anos, perto de 25 000 universitários para a assistência técnica e social às populações do interior.

Mas o clima de timidez e desinterêss[e], na mesma medida que impede o ressur-gimento da agitação, também é u[m] obstáculo às intenções do ministro Jarba[s] Passarinho. A timidez pode ser excessiv[a] até a comicidade. Em São Paulo a re-cepção aos calouros da Escola Politéc-nica da USP incluiu a apresentação [de] uma peça pelo Grupo de Teatro. E[ra] historiado o trajeto de um aluno, do ves-tibular ao diploma. No final, o person[a]-gem se desespera, rebela-se e é conde-nado à morte. Nessa altura, alguém [se] levantou na platéia, gritando: "Pára, pára com essa subversão! Quem são [os] responsáveis?"

Pânico, correrias, manifestações [de] solidariedade e repúdio, inclusive diver-sos oferecimentos de advogados para de-fender os alunos-atôres. Foi extremamen-te difícil convencer a todos que o apa[r]-teante enfurecido fazia parte do elenc[o].

No caso, o mêdo era produto da ima-ginação. Freqüentemente, no entanto, [ê]-le se baseia em excessos isolados dos q[ue] têm a função de combater os excess[os]. Em pelo menos dois episódios, o min[is]-tro Passarinho precisou intervir para e[vi]-tar aplicações arbitrárias do 477. No p[ri]-meiro, em Ouro Prêto, um professor [da] Escola de Minas e Metalurgia pretend[ia] enquadrar 28 quintanistas nas pesad[as] sanções do Decreto, apenas porque [se] comportavam mal em suas aulas. [No] outro, em Juiz de Fora, o diretor da F[a]-culdade de Direito tentou usá-lo cont[ra] um veterano cujo crime fôra um sô[co] no ôlho de um calouro.

Calabouço: antes, as palavras de ordem . . .

. . . hoje, o silêncio do p

28

Fig. 030 – Referente *Veja* de 01/09/1971:28, do texto intitulado "A paz do silêncio no campus".

Em oposição ao movimento estudantil, aparece um jovem despolitizado, em torno de fatos anódinos que o projetam identificado com uma geração vista como "dócil, moderada e tolerante" (Veja, 18-11-1970:24). Dentro das universidades, onde o "diálogo foi substituído pelo silêncio"(Veja, 01/09/1971:28), vê-se como os estudantes desafiam as autoridades jogando cartas escondidos: "os baralhos foram transferidos para o banheiro, longe dos olhares vigilantes do professor Fontes". Ou quando são proibidos de promover os "bate-coxas". Até por causa da aparência, a estilo hippie, eles eram advertidos.

O silêncio dos estudantes, ao ser contextualizado à rotina de oito universidades visitadas por *Veja,* produz uma narrativa que, pela primeira vez, apresenta um jovem expressando-se a partir de seus conflitos interiores. Os dramas pessoais dos estudantes são espetacularizados para idealizar-se uma juventude em separado dos valores

do mundo comunista. Como por exemplo o desabafo de uma estudante que teria sido flagrada beijando o namorado dentro do *campus*:

> *"Tentamos reclamar, porque as acusações não tinham fundamento nenhum. De todas, só eu tinha namorado e nunca eu e ele nos víamos no prédio. Cheguei até a chorar, mas não adiantou nada"*(Veja, 01/09/1971:29).

O drama pessoal dessa jovem, como é notório, não reflete as questões ideológicas do movimento estudantil. "só eu tinha namorado e nunca eu e ele nos víamos no prédio". Reflete, sim, as questões do amor: "Cheguei até a chorar, mas não adiantou nada". *Veja* procura, assim, reforçar a emergência de um novo perfil da juventude no âmbito de um campo social que na época ainda era reconhecido como um foco de resistência contra a ditadura militar. A próxima passagem é exemplo de como o estudante não mais aparece como uma ameaça para a sociedade, mas, com o lazer, inspira agora simpatia até entre as autoridades policiais:

> *"o Centro Acadêmico Visconde de Cairú, da Escola de Economia da USP, marcou uma "roda de samba" para os calouros, proibida por suspeita de envolver atividades pornográficas e subversivas. Mas os estudantes levaram seus violões e os litros de cachaça para outro lugar – onde, de qualquer forma, acabou batendo um choque da PM. Depois de uma rápida revista ter constatado a inocência da reunião, os policiais não tiveram outro jeito senão aceitar uma batida de limão. Saíram duas horas depois"*(Veja, 01/09/1971:29).

Vê-se aí como uma inocente roda de samba, "proibida por suspeita de envolver atividades pornográficas e subversivas", aparece refletindo a militância do movimento estudantil. Mas trata-se de uma "suspeita". Logo o texto ressalta que aqueles jovens, "depois de uma rápida revista", estavam somente querendo divertir-se dentro do *campus*. A narrativa acaba projetando uma imagem oposta àquela que mostrava os

constantes conflitos entre a polícia e os jovens rebeldes: “os policiais não tiveram outro jeito senão aceitar uma batida de limão. Saíram duas horas depois”.

Em outra passagem, podemos perceber como esse espaço social dos *campus* universitários ainda estaria repercutindo o mal-estar do movimento estudantil:

> *“os estudantes, nos intervalos de aulas, distribuem-se por pequenos grupos onde discutem música, futebol e outras amenidades – mas, ainda assim, baixando o tom de voz quando estranhos se aproximam”* (Veja, 01/09/1971:29).

Essa passagem parece questionar estudantes que “discutem música, futebol e outras amenidades” e que, “ainda assim”, mudariam de comportamento “quando estranhos se aproximam”. Implica pensar aí naquela pergunta do “Por que os estudantes estão quietos?”[1969].Vimos em “A jovem maioria silenciosa”[1970] como o texto destacava um novo perfil para a juventude brasileira no lugar do jovem rebelde do movimento estudantil. Esse silêncio pode ser exemplificado quando o texto enfatiza que na nova decoração dos diretórios acadêmicos há “colchões” mas sem “posters de Guevara”(Veja, 01-09-1971:31).

Mas esse silêncio dos estudantes nos *campus*, que também fora ressaltado em “A calmaria das universidades” [1969], agora aparece projetando a “paz” na emergência dessa nova geração vista como “dócil, moderada e tolerante” (Veja, 18/11/1970:24*)*. Constata-se, assim, aquilo que estudamos com Sérgio do Carmo em “Culturas da rebeldia”[2000]. Reforça-se uma “imagem desfocada dos revolucionários” ao espetacularizam-se os dramas pessoais em torno de fatos anódinos, a exemplo do texto intitulado “A paz do silêncio no campus” [1971]. Ou com a divulgação de uma nova

imagem de jovens brasileiros: “mais preocupados com a corrupção do que com a subversão”(Veja, 18/11/1970:25).

Poderíamos, aí, reportarmo-nos ao capítulo anterior, afirmando como a divulgação de uma geração “dócil, moderada e tolerante” (Veja, 18-11-1970:24) estava implícita na idéia de projetar-se em *Veja* a imagem do jovem hippie associada ao mundo da criminalidade, da vadiagem, do culto das drogas e da insanidade. Se a atuação do jovem hippie provocava estranheza no texto em função dele refletir um mundo transcendental, a do movimento estudantil seria pelo fato dele não mais contar com o apoio de uma classe média já redefinindo seus valores em função do sucesso chamado “milagre brasileiro”.

Essa realidade social traduz-se numa imagem desfocada do movimento, que tende a ser reforçada no texto ao refletir a prática da violência em contraste com a nova imagem de uma geração vista como “dócil, moderada e tolerante” (Veja, 18-11-1970:24). A passagem a seguir exemplifica como a nova postura do universitário diante da nova realidade política do país sinaliza uma juventude em convergência com essa imagem desfocada do movimento estudantil:

> *“Os estudantes .. sabem que os erros antigos não podem ser repetidos [...] “Não adianta a gente ficar sonhando com o passado”, diz o presidente do diretório, Gilberto Gick. “Vamos tentar mobilizar o pessoal em termos culturais, motivando-os a partir de sua atuação pessoal”*(Veja, 01/09/1971:32 e 35).

Vimos anteriormente como apareciam aqueles fatos anódinos em torno do tempo livre dos universitários para chamar a atenção de como a “A paz do silêncio no campus” estaria repercutindo em separado da violência do movimento estudantil. Fatos

anódinos que implicariam numa certa rebeldia inocente, como um jogo de cartas escondido das autoridades, ou o namoro proibido dentro dos *campus*.

Mas com a passagem acima podemos constatar como "a paz do silêncio", em contraste como a violência do movimento estudantil do final dos anos 60, estaria sinalizando uma nova postura política dos universitários diante da nova realidade do país. Quando afirma-se que "Os estudantes .. sabem que os erros antigos não podem ser repetidos", o texto reforça aquela imagem desfocada do movimento estudantil em convergência com uma geração vista como "dócil, moderada e tolerante" (Veja, 18/11/1970:24).

É interessante, como registro apenas, assinalar como essa questão simbólica do significante da palavra SILÊNCIO aparece em alguns anúncios da revista *Veja*: "Se você procura o silêncio procure dentro deste carro" (Veja, 07/04/1971: 08). Ou ainda: "Este carro vai dizer ao mundo quem você é. Silenciosamente" (Veja, 04/10/1972:48). Com a próxima passagem, mais exemplos são ressaltados para enfatizar-se como estariam os estudantes, sob "a paz do silêncio", comportando-se dentro dos *campus* universitários. Exemplos que poderiam revelar, se basearmo-nos no que vimos em "A jovem maioria silenciosa"[1970], "as principais virtudes necessárias para a construção de uma sociedade democrática" (Veja,18-11-1970:25):

> *"Nossa idéia é transformar o diretório da arquitetura numa autêntica empresa. Vamos entrar rachando no sistema", diz, esperançoso [...] Na UEG não existe qualquer diretório em funcionamento ... Seu lugar foi assumido pelas "atléticas" [...] a "atlética" mais sofisticada é a da Faculdade de Engenharia – duas mesas de sinuca, pingue-pongue, totó (futebol de mesa) e xadrez ...*

> *Suas outras promoções: cursos de judô e caratê"*(Veja, 01/09/1971:34 e 35).

Na época, os estudantes só poderiam voltar à militância política fora do âmbito acadêmico. O jovem é alertado para esquecer o passado e chamado a integrar-se ao mundo capitalista. Alguns diretórios acadêmicos, aqueles que não foram fechados, começavam a dar sinais de uma nova postura política dentro dos campus, mas circunscrita a "limites prudentes" (Veja, 01-09-1971:35). Por exemplo: "entrar rachando no sistema". Pensamos, aí, se esse comportamento social não poderia estar associado a uma dessas "virtudes necessárias para a construção de uma sociedade democrática" (Veja,18/11/1970:25).

Assim, idealiza-se a imagem do jovem empreendedor. Ou ,então, divulga-se uma juventude no campus mobilizada em torno do tempo livre: no lugar dos diretórios, as chamadas "atléticas". São exemplos que refletem a negação daquela postura revolucionária do movimento estudantil. Refletem "a paz do silêncio" em contraste com a violência da militância estudantil. Em outra passagem, constata-se essa diferença naquilo que o movimento estudantil teria deixado de fazer em função de seu comprometimento com a luta armada:

> *"na Universidade Católica ...o aumento das anuidades uniu os estudantes numa campanha rigorosamente em estilo novo, em que as reuniões em gabinetes e os meios legais eram as armas mais importantes do que as antigas palavras de ordem [...] é evitando extremismos que as quatro escolas, consideradas as únicas rebeldes do Recife lideram a principal reivindicação estudantil do momento em Pernambuco: a manutenção de uma redução nas passagens de ônibus"*(Veja, 01/09/1971:33).

Diferentemente do que estudamos no capítulo anterior com o movimento hippie, essa passagem indicia como agora, ao reforçar-se a imagem desfocada da militância estudantil, realinha-se o movimento estudantil em convergência com os valores da classe média que redefinia os seus valores ao tornar-se a grande beneficiária do chamado "milagre brasileiro". Agora, para as reivindicações estudantis, "os meios legais eram as armas mais importantes do que as antigas palavras de ordem". A passagem seguinte destaca como o ministério da educação pretende agir para disciplinar a militância estudantil dentro das universidades e conforme os exemplos da passagem anterior:

> *"o governo não esconde sua preocupação com a necessidade de canalizar, para atividades que considera construtivas, as energias reveladas pelo movimento estudantil nos tempos de agitação política"* (Veja,01/09/1971:28).

Com o movimento hippie, vimos como seu estilo de vida era negado de modo absoluto, indiciando com isso a convergência com os valores das camadas médias urbanas. Neste capítulo, com os jovens de classe média, privilegia-se, em separado da imagem de um jovem rebelde (violento), a emergência de um jovem que vai "entrar rachando no sistema" (Veja, 01-09-1971:32). Em "A jovem maioria silenciosa" [1970], por exemplo, que informava sobre a participação da juventude nas eleições municipais, a juventude aparecia para ser dissociada do movimento estudantil dos anos 60 e mais integrada à estesia[44] do gosto médio.

---

44 Esse conceito de estesia nós o pensamos segundo Muniz Sodré. Em O social irradiado [1992], o autor observa que estesia, na prática, consiste na "identificação e manipulação do gosto médio (a média das decisões e interpretações estéticas) em vigor num determinado estamento social" (1992:.91).

De acordo com a "A História da vida privada no Brasil"[1998], de Fernando Novais, os jovens no início da década de 1970, que poderiam estar, talvez, vivendo num país socialista e democrático, estavam passando por um processo histórico-sócio-cultural complexo, cujas raízes ainda nos enredam para as novas descobertas do *estar-ai* no mundo:

> *"O autoritarismo plutocrático fechou o espaço público, abastardou a educação e fincou o predomínio esmagador da cultura de massas. Sua obra destrutiva não se resumiu, pois, à deformação da sociedade brasileira pela extrema desigualdade. Legou-nos, também, uma herança de miséria moral, de pobreza espiritual e de despolitização da vida social. Eis a base de uma verdadeira tragédia histórica que se enraizou nas profundezas da alma de várias gerações"* (1998:636 e 637).

Essa passagem de Fernando Novais, ao nosso ver, respalda essa nossa constatação de como em *Veja* emergia a projeção de uma juventude despolitizada, liberal, mediana e com espírito empreendedor e aventureiro. Sinalizava-se nesse início dos anos 70 a formação de uma nova sociedade que configura-se no futuro como "uma herança de miséria moral, de pobreza espiritual e de despolitização da vida social". Depois de "A paz do silêncio no campus" [1971], *Veja* deixa de publicar reportagens expressivas sobre o movimento estudantil no país. Essa temática é silenciada até abril de 1977.

Um silêncio sobre um determinado tema que focalizaremos no capítulo de como os jovens eram chamados para as questões das drogas. Na década de 1980, na emergência da chamada "geração saúde", silenciar-se sobre essa problemática convergia com a projeção de uma juventude mais identificada ao mercado. O texto intitulado "A carona cada vez mais fácil"[1971] já sinalizava como a juventude, no campo da educação, aparecia refletindo um estilo de vida dinamizado em torno do tempo livre.

Em "Novas figuras na política" [1977], o movimento estudantil e a UNE voltam a ser desqualificados no seu papel social. A narrativa para noticiar-se a movimentação política desses estudantes rebeldes, ainda movidos por um ideal de justiça social para a sociedade, procura redimensionar a classe estudantil desalienando-a de seu caráter de "rebeldia sem causa". Alertava-se para o perigo de repetir-se 1968:

> *"ninguém poderia ignorar que foi no auge de uma galopada semelhante que, em 1968, nasceu o AI-5 [...] Caso se repitam os conflitos de nove anos atrás, é provável que o campus conheça um novo recesso político. Mas as raízes da crise permaneceriam intocadas – e a calmaria será fatalmente rompida com a chegada de outras gerações que não conheçam os efeitos do gás lacrimogêneo"* (Veja, 11/05/1977:21 e 28).

Com manchete de capa "A presença dos estudantes", o texto contou o que viu e não por que acontecia aquele renascimento da mobilização política entre os universitários e as diversas prisões de seus líderes. O motivo se resumia a uma frase de efeito: "a infiltração política" (Veja, 18-05-1977:21). A cobertura jornalística de uma passeata em São Paulo e das demais manifestações no país claramente desresponsabilizava historicamente o Governo pela ressurgimento do movimento estudantil, que, no texto, aparece desacreditado nos *campus*:

> *"Com ar sério, comunicou que os movimentos estudantis de São Paulo eram "encabeçados por uma minoria ... a imensa maioria dos nossos universitários está voltada para os estudos e integrada no esforço que todos realizamos em benefício do povo brasileiro" [...] o ministro garantiu que toda a movimentação da semana "deve ser absorvida pela Universidade". Essa sensata observação pode efetivamente acelerar a eliminação de certos focos de rebeldia [..] Às 11 horas, os primeiros grupos começaram a chegar ao Largo de São Francisco e logo se constatou que nem todos os estudantes eram favoráveis à manifestação"* (Veja, 11/05/1977:21 e 23).

Fig. 031 – Referente capa da *Veja* de11/05/1977, "A presença dos estudantes".

Narra-se como a Polícia organizara-se para reprimir as passeatas dos estudantes, além de especificar o seu arsenal bélico. Também atém-se à repercussão da mobilização dos estudantes no Congresso. Quando os estudantes são focalizados, combinado à narrativa sobre os planos estratégicos para a manifestação e as divergências internas da sua organização, sublinha-se, por exemplo, o despreparo intelectual de alguns líderes do movimento e a sua postura liberal em relação à postura radical dos líderes dos anos 60:

> *"o direito de falar era plenamente exercido – embora os oradores traíssem, no repertório reduzido e em freqüentes titubeios, uma certa dificuldade de expressão apontada como característica das mais recentes gerações universitárias [...] sequer entraram em cogitação palavras de ordem, de largo uso há nove anos, como "abaixo o imperialismo" e outras do mesmo gênero, sumariamente ignoradas pelos universitários de hoje. Da mesma forma, as facções existentes no atual movimento estudantil agora parecem superar suas divergências com mais presteza que suas antepassadas – talvez porque as distâncias entre elas sejam, por enquanto, efetivamente*

> *menores que os fossos políticos cavados entre os líderes de outros tempos"*(Veja, 11-05-1977:24).

Na semana seguinte, no texto intitulado "Os riscos da escalada"[1977], reforça-se mais uma vez a nova imagem desse jovem militante estudantil:

> *"Parece certo que muitos militantes não resistiriam à volta dos conflitos de rua de 1968 ... os líderes estudantis, que até agora têm compensado seu noviciado com uma surpreendente intuitiva moderação, parecem dispostos a evitar os riscos de radicalização [...] Alguns radicais refrões do passado foram definitivamente substituídos por palavras de ordem, como "pelas liberdades democráticas", que em 1968 eram consideradas reveladoras de um imperdoável "reformismo pequeno-burguês". E as decisões das assembléias, ao contrário do que ocorria em outros tempos, têm sido efetivamente tomadas pelo plenário, que discute e vota livremente todas as propostas apresentadas"*(Veja,18/05/1977:21).

Notamos, com essas duas passagens, como os efeitos modernizante e democrático da cultura de massa tornam-se latentes nos textos. Quando sublinham-se o aspecto negativo de reeditar-se 1968 ou então o desinteresse da maioria dos universitários em voltar a participar do movimento estudantil, o jovem aparece em *Veja* articulado a uma totalidade que o transcende positivamente com uma cultura "desalienada" da chamada cultura da rebeldia: "Parece certo que muitos militantes não resistiriam à volta dos conflitos de rua de 1968".

O jovem democrático aparece, assim, com a consolidação da cultura de massa no país, revelando uma "surpreendente intuitiva moderação".

No largo de São Francisco, sob os acordes do Hino Nacional, uma chuva de água, cassetetes e bombas de gás

Coronel Dias: um comando pessoal

Fig. 032 – Referente *Veja* de18/05/1977: 22, do título interno "Novas figuras na política".

Em "A maioria silenciosa"[1970], já sinalizava-se esse novo perfil da juventude onde os jovens "são, sobretudo, moderados, tolerantes e até mesmo dóceis" (Veja,18-11-1970:25). Agora, confirma-se, entre a própria militância estudantil, esse perfil que abrangia a juventude em geral: "os líderes estudantis ... parecem dispostos a evitar os riscos de radicalização".

Depois da violenta intervenção policial nas universidades, o movimento estudantil volta a ficar em silêncio. Em 1979, o tema sobre a reorganização da UNE no país reaparece em *Veja*. Dessa vez, o texto, intitulado "A UNE e seu destino"[1979], articula a presença dos estudantes com o conceito de modernidade:

> *"Na medida em que o país se moderniza, os estudantes vão deixando de ocupar os papéis principais no debate dos grandes temas [...] E assim deverá permanecer enquanto o país seguir o curso da modernização, de modo que outras categorias e camadas sociais adquiram os papéis e funções principais, cabendo ao estudante a tarefa acessória – mas nem por isso desimportante – de participar da vida estudantil"*(Veja, 30/05/1979:72).

Com essa passagem, o movimento estudantil converte-se como exemplo de não integração do jovem "no debate dos grandes temas" da sociedade. E essa nova imagem da militância estudantil estaria se formando na "medida em que o país se moderniza". Concretiza-se aí o que já aparecia em "A calmaria das universidades"[1969] e em "A paz do silêncio no campus"[1971] como alternativa para a revitalização do movimento estudantil à época. Agora, restaria ao estudante "a tarefa acessória – mas nem por isso desimportante – de participar da vida estudantil".

A mudança, de acordo com o texto, refletiria "o curso da modernização" do Brasil, onde a militância estudantil não mais repercutiria o mesmo papel social observado em outros países menos desenvolvidos:

> *"Pela África, pela América Central, os estudantes ainda são o que foram os brasileiros no passado – mas pela Europa, pela América do Norte, os estudantes já representam apenas o papel coadjuvante que os brasileiros começam a representar"*(Veja, 30-05-1979:75)..

Salientamos que esse "os brasileiros no passado" diz respeito ao Brasil de antes de 1964, quando a:

> *"UNE teve importância inegável em travessias tão tormentosas como a queda do Estado Novo, a propaganda antinazista, a defesa do monopólio estatal do petróleo"*(Veja, 30-05-1979:73).

Agora, o movimento estudantil tenderia a equiparar-se ao que acontece "pela Europa, pela América do Norte". Vê-se como o conceito de modernidade aparece no texto para justificar-se essa nova imagem da UNE como exemplo de não integração do jovem "no debate dos grandes temas" da sociedade. A próxima passagem reforça essa idéia:

> *"Uma entidade estudantil terá portanto menos influência, menos significado, no Brasil de agora e dos próximos anos – a menos que sobrevenha um retrocesso"*(Veja, 30-05-1979:76).

Essa referência à idéia de associar a UNE a uma situação de retrocesso caso a entidade voltasse a exercer seu papel social na política nacional revela a ruptura com aquilo que no texto é sublinhado como o "símbolo de um período de desespero, quando a classe universitária se viu perdida e desorientada" (Veja, 1979:76). Essa mesma leitura de *Veja* sobre o movimento estudantil dos anos 60 aparece na reportagem intitulada "A UNE volta para ficar", que cobria as eleições do presidente da entidade:

> *"Progressivamente ocupado a partir de 1962 por tendências radicais, o campus acabou transformado, no final da última década, numa cobiçada área de recrutamento para aventuras ideológicas [...]A insolência estudantil esvaiu-se ainda no governo Goulart ... Começara aí uma mudança que até hoje marca e debilita a organização dos estudantes: de um lado, violência; de outro, retórica inútil"* (Veja, 10-10-1979:24-25)

Se com o movimento hippie houve um tratamento editorial depreciativo, conforme vimos no capítulo anterior, com a UNE pode-se dizer o mesmo. Quando, em "A UNE volta para ficar" [1979], fala-se na "ressurreição" da entidade, que durante quinze anos fora silenciada pela ditadura militar, observa-se no texto como o jovem estaria mudando com o desenvolvimento da educação no país:

> *"a multiplicação dos cursos superiores no país, operada em ritmo crescente a partir de 1968, pode ter gerado um novo arquétipo do universitário brasileiro, muito menos sensível a pregações radicais"* (Veja, 10/10/1979:25).

Por sinal, um ano depois, esse "novo arquétipo" do jovem brasileiro vai ser abordado em sete páginas, numa matéria intitulada "A juventude da beleza" [1980], que

focalizamos no primeiro excurso de nossa pesquisa. E esse perfil de juventude em *Veja* é observado "A UNE volta para ficar" [1979]. Nesse caso, o arquétipo, mesmo quando associado a uma figura radical, a do novo presidente da UNE, projeta-se pela mediação de um estilo de vida que emergia no país com a chamada "geração saúce":

> *"o perfil do novo presidente da UNE não corresponde aos padrões que até recentemente moldavam os líderes estudantis brasileiros.À maneira dos velhos modelos, ele sublinha suas frases com interrogações – "entende?", "percebe?" – familiares a quem ouvia estudantes antes de 1964. Mas é só [...] Alto e atlético, graças a uma rotina que inclui partidas de basquete e ginástica pela manhã, ele não exibe a magreza tresnoitada que foi a marca de Luiz Travassos. Mau orador, não tem o carisma nem a fluência de Vladimir Palmeira [...]promovido a estrela da festa organizada pela chapa Mutirão ... o novo presidente da UNE dançou ao som do rock – uma heresia aos olhos de seus antecessores, passionais desafetos da música imperialista"* (Veja,10-10-1979:26).

O jovem da UNE é descrito com um estilo de vida que, a princípio, parece ambíguo. É um militante estudantil, mas o seu modo de ser não reflete mais aquele do jovem rebelde dos anos 60. Reflete, sim, o que estudamos no excurso de "A juventude da beleza"[1980]: o estilo de vida de jovens que "querem o realce" (Veja, 05/11/1980:60): "Alto e atlético, graças a uma rotina que inclui partidas de basquete e ginástica pela manhã".

Em outra passagem, o texto, ao associar o estilo de vida do jovem líder com o seu idealismo considerado anacrônico, interpreta o ressurgimento do movimento estudantil como um acontecimento fora da realidade do novo mundo que se estruturava no final dos 1970:

> *"Eles não sabiam que ao ministro Eduardo Portela os estudantes e a UNE não causam pesadelos [...] Assim como foi um sonho de noite*

> *de inverno supor que os estudantes, depois de quinze anos de silêncio, se acostumariam a viver calados, é um sonho de noite de verão acreditar que eles vão para as universidades para viver apenas um período de permanente e radical mobilização política"*(Veja,10-10-1979:22 e 26).

Nota-se, pois, o desprestígio no texto ao movimento estudantil que ressurgia com o processo de abertura política no país: "os estudantes e a UNE não causam pesadelos". A UNE é, mais uma vez, desacredita diante da opinião pública. Para *Veja*, o movimento estudantil significava um retrocesso para a abertura política. Destacamos a seguinte passagem:

> *"cerca de 300 000 universitários envolveram-se numa disputa que, em vez de refletir as reais divisões políticas do país, espelhava a esquerda estilhaçada entre maoístas, albaneses, soviéticos, católicos radicais, terroristas reintegrados e jovens zangados pelos mais diversos motivos ... que ora não compreendem a política de abertura, ora a compreendem, quer para limitá-la, quer para tentar destruí-la"* (Veja, 10-10-1979:20 e 21).

Mais uma vez, o movimento estudantil é chamado a limitar-se com as questões da educação: "ora não compreendem a política de abertura, ora a compreendem, quer para limitá-la, quer para tentar destruí-la". E a crítica aparece no texto em função dos estudantes que participaram da eleição e que "em vez de refletir as reais divisões políticas do país, espelhava a esquerda estilhaçada". Com esse texto, concluímos a análise documental desse tópico. Percebemos como a juventude aparece em *Veja* para ser projetada fora do âmbito da militância política. O jovem rebelde das passeatas aparece em *Veja* como a antítese do jovem que emergia com a consolidação da cultura de massa no país. Ao noticiar-se o movimento estudantil, principalmente após 1977, o jovem identificado pela

luta contra a ditadura é contrastado com a projeção positivada de uma juventude ressignificada na sua integração à sociedade capitalista e democrática.

O conceito de democracia, aí, circulava no texto para elevar-se o jovem ao patamar da civilidade e da política liberal. No lugar do jovem radical, o jovem liberal. Quando *Veja* questiona a postura de silêncio dos estudantes nos campus universitários, temos aí a mediação simbólica de um espaço social para torná-lo compatível com o novo modelo de jovem que emergia sintonizado à política liberal do sistema capitalista.

4.3 A chamada "geração saúde" dos anos 80

Até o final dos anos 70, a violência em torno do movimento estudantil o projeta com uma imagem desfocada para chamar-se a juventude em separado dos valores do mundo comunista. Os textos passam a negar a imagem do jovem rebelde para no lugar dele projetar-se uma geração que aparece de forma "dócil, moderada e tolerante" (Veja, 18-11-1970:24). O espaço político do movimento estudantil, desestabilizado pela intervenção do governo federal, aparece ressignificado em *Veja* para ajustar-se em conformidade à mediação de uma juventude que já sinalizava à época a emergência da chamada "geração saúde".

No decênio de 1980, os jovens tendem a ser um foco mais constante na mídia. Os jovens da geração "dourada" ganham uma visibilidade sem precedentes, mas em

separado daquele estilo de vida dos jovens rebeldes do final dos anos 60.[45] A exemplo do que estudamos com o excurso de "A juventude da beleza", o perfil da juventude brasileira aparece como um modelo de reconhecimento identitário da cultura de massa. Rita Lee foi o primeiro ídolo de massa chamando os jovens em separado daquela geração identificada com a utopia do mundo comunista ou do mundo transcendental do movimento hippie.

Em "A voz da maioria" [1984], reportagem de capa da revista, a juventude aparece refletindo a liberação sexual, o crescimento do consumo de maconha, o desinteresse pelos assuntos político-partidários e o culto da aparência física e das práticas esportivas. Destaca-se a juventude brasileira a partir de cinco estereótipos fundamentados em estatística: o integrado (30%), o contestador (5%), o conservador (23%), o moderno (22%) e o independente (20%). A passagem a seguir exemplifica como o jovem dos anos 80 pode, ao espelhar-se na imagem de um ídolo de massa, descobrir qual seria a sua identidade em contraste com a daquela geração que se identificava com a utopia:

> *"o centroavante do Corinthians Casagrande, 21 anos, desconfia inteiramente dos poderes constituídos. É totalmente favorável à emancipação da mulher ... Aprova entusiasticamente as relações*

45 Nesse sentido, a aura romântica dos anos 60 e 70 já estava sendo absorvida pela mídia internacional, conforme destaca Cláudio Paiva, em um artigo intitulado "Êxtase de juventude e estesia da televisão, um estudo de mídia e comportamento", publicado na revista Conceitos: "A crítica das instituições opressivas, a recusa da estética convencional, os emblemas de paz e amor contra a guerra são estratégias de comunicação que disseminaram um estilo de sensibilidade jovial, contaminando as esferas do mundo sensível. "É proibido Proibir!", "A Imaginação no Poder" são idéias e slogans que alimentaram o sonho da geração dos jovens durante os anos 60/70, sendo absorvidos pela mídia internacional nos anos 80" (2001:31). Outra análise a respeito consta em um artigo intitulado "A gravidez e o vazio", de Maria Rita Kehl: "Em menos de uma década, a ditadura foi substituída por uma forma mais eficiente de dominação; a economia de mercado, que se expandiu quase sem restrições a partir dos anos 80, alimentou-se das moções de desejo e dos impulsos liberados pelas movimentações sociais do período anterior. Os filhos das gerações rebeldes dos anos 70 herdaram os direitos e as liberdades conquistados por seus pais. Mais ainda: herdaram de seus pais o imperativo de desfrutar a vida, o dever da felicidade e a obrigação da liberdade. A indústria cultural em expansão nos anos 60/70 se transformou na poderosíssima indústria da comunicação, que de seu jovem mercado aproveita tudo, até o berro. Ou principalmente o berro: a palavra contestadora deu o mote para a mensagem publicitária, a contracultura orientou a produção de novos modismos, os impulsos sexuais recém-liberados forneceram a base imaginária dos desejos que movem, hoje, a sociedade de consumo"(2001:82).

> *sexuais antes do casamento. E acredita que os jovens devem ser mais independentes em relação aos pais ... se mostra compreensivo e tolerante com quem usa drogas e se chegaria à conclusão: trata-se de um contestador ... Quando se troca o critério de avaliação e se passa à linha da 'integração ao sistema' ... Ele deseja ardentemente o sucesso. Aprova a competitividade com louvor. E afirma que se sacrificaria pela pátria sem pensar duas vezes. Ou seja:Casagrande é tolerante com relação aos valores sexuais e de comportamento, mas mais tradicional no que se refere ao arcabouço político e econômico da sociedade. Trata-se, segundo os critérios da McCann, de um moderno"*(Veja,09/05/1984:56)

Com essa passagem, constatamos como o jogador Casagrande aparece como um "herói imaginário da cultura de massa"[46] chamando o jovem para uma nova postura diante da realidade:

> *"Ele deseja ardentemente o sucesso. Aprova a competitividade com louvor. E afirma que se sacrificaria pela pátria sem pensar duas vezes"*(Veja, 09-05-1984:56).

Entre gráficos e fotos que exibiam a equipe dos pesquisadores e de alguns jovens famosos, narram-se detalhes de como os dados foram coletados para a composição dos resultados. Nos anos 60, Che Guevara, por exemplo, era um modelo identitário para os jovens. Agora, conforme essa passagem em *Veja*, esse modelo de um estereótipo mercadológico, na figura do jogador Casagrande, configura-se, como ética do consumo, na visualização do jovem em identificação ao mercado. E a sua ruptura com o estilo de vida dos jovens do movimento estudantil dos anos 60 passa, nesse caso, pela mediação de

46 Essa referência, conforme estudamos no primeiro excurso de nossa pesquisa, é parte de uma reflexão crítica de Edgar Morin ao estudar-se como a figura do pai passa a ter, na cultura de massa, um rival na educação de seus filhos: "os deuses de carne, os heróis imaginários da cultura de massa" (2000,:152).

modelos de reconstrução mítica da identidade para ajustar a consciência do sujeito à ordem da sociedade de consumo[47].

Antes, conforme os textos dos anos 70, essa ruptura dava-se ao projetar-se o jovem com a tendência de ser mostrado como um sujeito despolitizado (A jovem maioria silenciosa [1971]) e não mais como um subversivo (A paz do silêncio no campus [1971]). A pesquisa em *Veja* abrangeu um leque de cerca de 600 itens, "da moral sexual às preferências em relação ao vestuário, da consciência política às atividades de lazer, das aspirações profissionais à postura ante as drogas" (Veja, 09-05-1984:53). Neste texto, aparece outra vez uma articulação comparativa com a juventude dos anos 60. Foram tantos os cruzamentos dos resultados estatísticos que, no final de tudo, chega-se a esta conclusão:

> *"os jovens, na maioria ... são muito mais conservadores do que se pensa [...]Volta-se, aqui, a ter os anos 60 como fonte de comparações, mas a verdade seja dita: os jovens que naquele tempo desejavam despedaçar o arcabouço da sociedade, quer como ativistas políticos quer como membros das tribos alternativas, formavam, também eles, um contingente minoritário, ainda que apreciável [...] Os contestadores, como descobriu a McCann, estão por aí até hoje, infiltrados na juventude dos anos 80 – mas a parte mais numerosa dos jovens joga no campo adversário [...] Em sua maioria ... os jovens não estão muito confiantes nos políticos"* (Veja, 09-05-1984:53 e 57).

[47] Nós chegamos a essa conclusão a partir da obra de Muniz Sodré intitulada "Teoria da literatura de massa"[1978]. Ali, o autor estuda como a personagem serve para ajustar a consciência do sujeito à ordem social dominante (1978:78). Em "Claros e escuros"[1999], o autor retoma essa questão, ao observar como o sistema da televisão, ao mediar as relações sociais com a realidade do simulacro, promove mitos identitários para ajustar a consciência do sujeito à ordem da sociedade de consumo (1999:254). Esses mitos correspondem, por exemplo, aqueles artistas das telenovelas, profissionais em destaque, entre outros.

Vê-se aí como a juventude é identificada com um estilo de vida conservador: "são muito mais conservadores do que se pensa". Ressalta-se como não haveria diferença significativa entre os jovens dos anos 60 e os da pesquisa da McCann. Ou seja, os contestadores sempre representariam "um contingente minoritário". Em "A jovem maioria silenciosa"[1970], constatamos como na época os jovens aparecem "demonstrando que são sobretudo moderados, tolerantes e até mesmo dóceis" (Veja,18/11/1970:25).

Agora, confirma-se com essa pesquisa da McCann como "uma maioria silenciosa de jovens não estão interessados em romper com a tradição" (Veja,09/05/1984:53). Idealiza-se aí uma juventude, a despeito dos "contestadores ... infiltrados", como modelo de reprodução de valores que não representam uma ruptura com o sistema. A próxima reportagem é exemplo de como jovens de classe média estariam reagindo ao vivenciar uma mudança no padrão de vida obtido durante o milagre econômico:

> *"Diante da crise ... os moços reagem bem. "Descobrimos que os jovens estão mais ágeis que seus pais em muitos pontos importantes", conta Vera Aldrighi, responsável pelo levantamento ... "Experimentam bicos ... e não parecem deprimidos com essa mudança de padrão" ... De uma maneira geral ... o jovem brasileiro está muito satisfeito em ser jovem – e não é uma crise econômica, por mais ameaçadora que pareça, que vai fazê-lo mudar de opinião. Mais: se dependesse dele, prolongaria esse estado de juventude ao máximo" (Veja,09-05-1984:58 e 60).*

Na década de 1970, o movimento estudantil aparecia no texto como uma ameaça à ordem social vigente. A luta contra a injustiça social implicava na mobilização do coletivo. Agora, a juventude conforma-se, na base do esforço individual, a refletir o recrudescimento de uma reprodução alienada da força produtiva: "Experimentam bicos".

Se os estudantes sob a ditadura lutavam para abolir as diferenças de classe, os jovens da pesquisa da McCann "não parecem deprimidos com essa mudança de padrão". Eles, sendo "muito mais conservadores do que se pensa"(Veja,09/05/1984:53), não se rebelariam diante dessa nova realidade social pois, segundo a pesquisa, "o jovem brasileiro está muito satisfeito em ser jovem".(Veja,09/05/1984:60).

Em "A juventude da beleza"[1980], destaca-se "uma geração de jovens sem complicações e disposta a ser bela e saudável sem querer salvar o mundo"(Veja,05/11/1980:65). Conclui-se, assim, como a satisfação do jovem em refletir uma aparência "bela e saudável" implica no recalque, por exemplo, de um mal-estar gerado por conseqüência de um padrão de vida inferior à geração de seus pais. Reiteramos a parte final da passagem acima, que projeta uma juventude como exemplo de integração ao sistema:

> *"e não é uma crise econômica, por mais ameaçadora que pareça, que vai fazê-lo mudar de opinião. Mais: se dependesse dele, prolongaria esse estado de juventude ao máximo"*(Veja,09/05/1984:60).

Na relação com o capítulo anterior, podemos afirmar como a crítica aos jovens da periferia por acharem "que tudo está errado" (Veja, 20/11/1991:66) repercutiria em como eles não estariam em conformidade com o perfil daquele "jovem brasileiro" que "está muito satisfeito em ser jovem"(Veja,09-05-1984:60). E refletir uma aparência "bela e saudável"(Veja,05/11/1980:65), seguindo o raciocínio de Sergio do Carmo em "Culturas da rebeldia"[2000], repercute a integração ao consumismo:

> *"Na era da tentação embriagadora do consumo, parecer jovem é a palavra de ordem do momento"* (2000:200).

Ainda em relação ao capítulo anterior, os jovens da periferia, ao serem reconhecidos como "um aglomerado humano com a forma de um protozoário" (Veja,20/11/1991:66) e sem condições de refletirem uma aparência "bela e saudável"(Veja,05/11/1980:65), acabam sendo desqualificados por que não refletem os mesmos valores do jovem de classe média, para quem "não é uma crise econômica, por mais ameaçadora que pareça, que vai fazê-lo mudar de opinião".

Constata-se, assim, como idealiza-se uma juventude em torno da beleza, da saúde e do consumismo, reproduzindo-se, mesmo diante da crise econômica, valores que não promovem uma ruptura com o sistema. A próxima reportagem, intitulada "Os estudantes dão uma lição na rua"[1988], é exemplo de como essa idéia, a de que "o jovem brasileiro está muito satisfeito em ser jovem – e não é uma crise econômica, por mais ameaçadora que pareça, que vai fazê-lo mudar de opinião"(Veja,09/05/1984:60), aparece no texto para ressaltar-se a espetacularização de uma manifestação de caráter político.

Os jovens aparecem numa passeata contra o aumento das mensalidades das escolas particulares. Se nos anos 70 o movimento estudantil aparecia refletindo a prática da violência, agora esses estudantes, como gente inocente, parecem brincar de fazer política:

> *"Havia rapazes de cabeça raspada e um penacho apontado para cima – como os punks. Também mocinhas de bermuda, tênis sem meias e mochilas às costas – como um grupo a caminho da praia ... os jovens de mochila percorreram a cidade recebendo chuvas de papel picado ... Surpreendente, pelo tamanho, e eficaz, quanto ao resultado, a mobilização dos estudantes também foi um espetáculo*

> *divertido de se ver...com protesto e bom humor* (Veja, 20/04/1988:28).

Esses jovens, como se não estivessem na passeata, passam a corresponder a uma nova realidade social. Eles indiciam em *Veja* como seu desinteresse pela política tenderia a justificar-se em função de sua presença ativa no mundo do consumo e do lazer: "mocinhas de bermuda, tênis sem meias e mochilas às costas – como um grupo a caminho da praia". Se o movimento estudantil aparecia em *Veja* para ser recriminado por causa da sua violência, a mobilização dos estudantes dessa reportagem é vista como "um espetáculo divertido de se ver". No lugar da "insolência estudantil"(Veja, 10-10-1979:25), "o bom humor".

Conforme a nossa hipótese para este capítulo, a juventude deixa de ser reconhecida com o mundo da política para emergir como exemplo de integração ao consumismo. E essa reportagem, ao nosso ver, é parte significativa da pesquisa para confirmar-se essa hipótese. Ao focalizar-se o movimento estudantil no final dos anos 80, podemos afirmar, em relação ao próprio espaço social do campo político, como o jovem aparece fora de lugar, "como um grupo a caminho da praia". Na próxima passagem, estudaremos como o jovem dessa passeata aparece mais identificado ao entretenimento, ao tempo livre, do que com um presumido engajamento político contra o regime de governo de seu país:

> *"De manhã, um pedaço da passeata preferiu aproveitar o sol para um mergulho no mar. O pessoal que vinha da Zona Norte também sofreu um desfalque ... no Cine América, estava sendo inaugurada uma temporada chamada A Escola Vai ao Cinema, com entrada grátis para os estudantes, e dezenas de alunos abandonaram a manifestação para ver o filme de estréia"* (Veja, 20/04/1988:32).

Vê-se aí como a passeata é sinônimo de um tempo livre para o jovem aproveitá-lo da melhor maneira possível. O mundo do lazer chama o jovem para ser reconhecido em separado do mundo da política: "um pedaço da passeata preferiu aproveitar o sol para um mergulho no mar". E os jovens da Zona Norte "abandonaram a manifestação para ver o filme de estréia". Na reportagem anterior, vimos como "o jovem brasileiro está muito satisfeito em ser jovem" (Veja, 09/05/1984:60). Com as duas passagens acima, vê-se como o estar "satisfeito em ser jovem" tende a repercutir no texto para espetacularizar-se o movimento estudantil: "foi um espetáculo divertido de se ver".

O próprio desinteresse do jovem em participar da passeata faz parte deste espetáculo. Outro detalhe importante é o fato de como essa manifestação estudantil dinamiza também a esfera social da família. Se o perfil de um militante estudantil dos anos 60 aparecia em *Veja* refletindo a prática da violência, agora esse perfil passa a ser idealizado em torno da imagem provedora de pais que acompanham seus filhos, conforme a passagem abaixo, como se estivessem indo a um pequinique:

> *"Sâmara, 15 anos, paralisou sua classe da 2ª série do 2º grau, mais tarde percorreu uma sala de aula após a outra e a escola inteira ficou em greve ... Sâmara foi à luta em companhia da mãe, a artista plástica Nizete Sampaio, 50 anos, que a seguiu com uma sacola recheada de sanduíches e outros artigos para enfrentar uma emergência"* (Veja, 20/04/1988:30).

A participação dos pais na passeata dos filhos reflete, de certa forma, o prazer de comportar-se como um jovem. O movimento estudantil proporciona a oportunidade para a consagração da juventude. Aparece aí o pai provedor, "com um uma sacola recheada de sanduíches e outros artigos para enfrentar uma emergência". O caráter

político da manifestação fica em segundo plano. Mobiliza-se, assim, o campo político em torno de uma juventude que aparece como "um espetáculo divertido de se ver". Qual então a dificuldade que o estudante encontraria durante a passeata?

> *"Precisamos pensar no interesse de todos", afirma Renata Amato, 16 anos ... que até fez uma bolha no pé de tanto caminhar"*(Veja,20/04/1988:33).

Na passagem anterior, ressalta-se como o manifestante, se sentisse fome, teria "uma sacola recheada de sanduíches" à disposição. Agora, com "uma bolha no pé", poderia contar com a mãe "para enfrentar uma emergência". Ao compararmos essa passeata com as dos anos 60, a diferença está em como o jovem em *Veja* tende a inspirar a presença de pais provedores. E, além disso, o jovem aparece como exemplo precoce de líder estudantil, conforme a seguinte passagem:

> *"No seu dia-a-dia, o menino Paulo Lourenço Dias, 10 anos, gosta de empinar papagaios e considera-se um bom aluno em Ciências. Na terça-feira, contudo, assumiu a liderança da paralização de sua classe ... "O preço das escolas está caro demais", explica Paulo"* (Veja, 20/04/1988:32).

Agora, um menino de 10 anos serve de exemplo para um movimento estudantil que reproduz "um espetáculo divertido de se ver". Podemos constatar como essa reportagem, a primeira na década de 1980 a focalizar de modo significativo a mobilização dos estudantes no país, tende a chamar o jovem para a questão da política. Ele, em conformidade com essa nova imagem da juventude que emergira com a chamada "geração saúde", aparece agora como alguém que, segundo "A voz da maioria"[1984], "prolongaria esse estado de juventude ao máximo" (Veja, 09/05/1984:60). É o "poder jovem" como

expressão de espetáculo de massa que repercute, com essa manifestação estudantil, a idéia de chamar-se a juventude para a questão da política".

Em "Jeito de gente grande" [1989], esse "poder jovem" aparece para visualizar-se como a "juventude brasileira exercita a cidadania precoce". E, exemplo nesse sentido, tivemos com aquele menino de 10 anos que "assumiu a liderança de paralização de sua classe". A três meses das eleições que serviram para empossar como presidente do país Fernando Collor de Mello, a revista publica a quarta reportagem especial sobre o perfil do jovem brasileiro no decênio de 1980. Nota-se, assim, como essas quatro pesquisas encomendadas por agências de publicidade, de 1980, 1984, 1985 e 1989, tendem a projetar a juventude em identificação ao mercado. Marcam uma tendência na revista de projetar-se o jovem integrado à sociedade de consumo. O jovem passa a ser exemplo de integração ao consumismo.

COMPORTAMENTO

Jeito de gente grande

No trabalho, no volante do automóvel dos pais ou na boca da urna presidencial, a juventude brasileira exercita a cidadania precoce

Fig. 033 – Referente *Veja* de 09/08/1989: 89, da reportagem "Jeito de gente grande"[1989].

A exemplo dos textos anteriores, a mediação simbólica da juventude articula-se dissociada das contradições sociais. Agora, essa dissociação articula-se em *Veja* para identificar-se o jovem com um mundo reencantado: o mundo do shopping center. E o reconhecimento social, aí, está associado à visibilidade dos bens de consumo e culturais exibidos pelos jovens da chamada geração dourada, reproduzidos nas fotos em *Veja*.

O texto articula o conceito de cidadania com o de poder de compra, o que remete ao conceito de sujeito-consumidor. O jovem aparece como exemplo de integração ao consumismo:

> *"A vida divide-se entre as ondas, a escola e o shopping [...] Nascido como Meca do consumo, o shopping ganhou um novo significado e hoje é ponto de encontro e de paquera da juventude. Para essa turma, o shopping nada tem de utopia, ele é uma doce realidade que ignora o tempo [...] A força do shopping center como palco da juventude deste final de década cresce de forma espantosa. Não seria exagero dizer que há uma geração inteira nascendo e sendo criada dentro destes centros de consumo [...] "Melhor do que o shopping, só uma festa bem grande, dessas que a gente pode ir depois do shopping", resume a carioca Kátia Campos, 14 anos [...] Nos shoppings ou fora deles, o jovem tem sede de exercitar sua cidadania"* (Veja, 09-08-1989:89,92 e 93).

Fotos exibem os jovens no shopping center, namorando, comprando, divertindo-se. A realização pessoal, aí, passa por uma subjetividade cada vez mais mercantilizada. A frase "a força do shopping center como palco da juventude" sinaliza o perfil de um jovem associado ao poder de compra do tempo livre: "A vida divide-se entre as ondas, a escola e o shopping". Idealiza-se um espaço social como "uma doce realidade que ignora o tempo". E o jovem, aí, aparece com "sede de exercitar sua cidadania". Vê-se,

assim, como o conceito de cidadania representa a expressão de um estilo de vida integrado ao consumismo, que "nada tem de utopia".

Tudo para o jovem do shopping center é possível. Inclusive pensar nele como exemplo de maturidade em função de seu poder de compra. A próxima passagem destaca esse aspecto:

> *"Ao ingressar mais cedo no cotidiano dos adultos, o jovem aprende a exercitar a cidadania precocemente. É esta precocidade, mais do que um ou outro estereótipo, a característica singular da juventude que estará madura no comando do mundo na virada do século [...] adolescentes com menos de 18 anos de idade, que acabam de abandonar as espinhas no rosto, possuem cheques e cartões de crédito. Dirigem o carro da mãe ou do pai – e com mais prudência que os adultos –, já trabalham e se preparam para votar nas eleições presidenciais"* (Veja, 09/08/1989:89).

Nessa passagem, o jovem é idealizado pela moral do consumo. O direito de exercer-se a cidadania não aparece aí por intermédio das instituições estabelecidas. Se o movimento estudantil implicava no direito de exercitar a cidadania, agora o jovem torna-se cidadão, por exemplo, ao exibir "cheques e cartões de crédito"[48]. É desse modo que aparece o jovem em *Veja*, assumindo, via consumismo, "a cidadania precocemente", já pronto a "ingressar mais cedo no cotidiano dos adultos". Essa é a idéia apreendida com a leitura da reportagem.

[48] É oportuno enfatizar como essa juventude integrada ao consumismo, conforme podemos constatar mais adiante, representa o seu distanciamento em relação ao espaço público da contestação. Beatriz Sarlo observa como "a pluralidade de ofertas não compensa a pobreza de ideais coletivos, e cuja peculiaridade essencial é, ao mesmo tempo, o extremo individualismo. Esta peculiaridade se evidencia na chamada "cultura juvenil" tal como a define o mercado" (1994:09).

Na década de 1970, ao mesmo tempo que reforçava-se no texto uma imagem desfocada do movimento estudantil, emergia o perfil de uma juventude despolitizada. A prática da cidadania, que de certa forma repercutia com a mobilização estudantil, agora passa a refletir "o poder de consumo". A próxima passagem é exemplo de como o jovem, que antes tinha uma ideologia, hoje "nada tem de utopia":

> *"Se há alguns anos a prova de independência da juventude era o pôster de Che Guevara na parede e o rock no último volume, hoje o poder de consumo é o maior símbolo da força jovem"*(Veja, 09-08-1989:90).

Vê-se aí como a idealização de um perfil para a juventude é potencializada na diferença ressentida com a geração de seus pais. Com a próxima passagem, reforça-se essa idealização chamando o jovem para o exemplo de vida de seus avós. Profetiza-se, em função disso, uma juventude que deverá ser, com o poder de consumo sendo "o maior símbolo da força jovem", mais responsável, moralista e madura do que a geração de seus pais:

> *"Hoje, os filhos da geração 70 são donos de um moralismo mais próximo do de seus avós do que do de seus pais – num refluxo que Freud ajuda a explicar. É possível até que na próxima década os jovens sejam tão fáceis de definir como a juventude que passeou pelos 60 – só que com sinais opostos"* (Veja, 09-08-1989:92).

450 000 habitantes a 556 quilômetros de Belo Horizonte, ganhou seu shopping — o Ubershopping — há dois anos e meio. Com oitenta lojas espalhadas numa área construída de 21 000 metros quadrados, o shopping altera a rotina da juventude local — acostumada a uma vida que sempre esteve muito mais ligada à tranqüilidade do campo do que ao neon do consumo. ''No início, tivemos que trabalhar muito para mudar o hábito das pessoas'', diz Otolini Torres, gerente de promoções do Ubershopping. ''Hoje ele faz parte da vida da cidade, sobretudo da juventude.''

Todos os meses passam pelo shopping de Uberlândia cerca de 200 000 pessoas, ou quase a metade de toda a população do município. As meninas Mariana Savastano e Ana Luiza Mendonça, de 12 e 13 anos de idade, não abandonam as alamedas que correm entre as lojas. ''Aqui podemos vir à noite que meu pai não reclama'', diz Ana Luiza. ''O shopping virou um lugar obrigatório, mesmo que seja para não se fazer nada'', afirma José Bonfim Lage Neto, de 16 anos. Mas há alternativas ao ''fazer nada'' dos shoppings: é comum apenas ''ficar''. Ficar, na linguagem da juventude, é namorar algumas horas, talvez um dia inteiro, sem o compromisso de se falar pelo telefone no dia seguinte. Fica-se hoje com alguém, amanhã com outro — sem que isso passe perto do que se convencionou chamar de promiscuidade, mesmo porque o namoro hoje em dia entre adolescentes pende muito mais para a ingenuidade infantil do que para o arrojo precoce de sexualidade plena das duas décadas passadas. O ficar é mais uma das formas de o jovem vivenciar seu imediatismo, que privilegia o desejo e não a necessidade.

FRALDÁRIO — Com a invasão dos jovens, os shopping centers em todo o país tornaram-se economicamente poderosos. A Associação Brasileira de Shopping Centers tem 51 filiados — e as estatísticas demonstram que a cada cinco anos o número de shoppings dobra em relação ao período anterior. Os exemplos de sucesso são extraordinários — em 1988, o Shopping Ibirapuera, de São Paulo, recebeu a visita de 27 milhões de pessoas, jovens em sua imensa maioria. Este ano, calcula-se que pelo menos 30 milhões de pessoas — o equivalente à quarta parte da população brasileira — desfilarão pelo shopping. O Flamboyant Center, de Brasília, teve um crescimento de vendas, no último ano, de 28%. ''Melhor do que o shopping, só uma festa bem grande, dessas que a gente pode ir depois do shopping'', resume a carioca Katia Alessandra Campos, 14 anos, freqüentadora mais do que assídua do Barra Shopping, no Rio de Janeiro.

A força do shopping center como palco da juventude deste final de década cresce de forma espantosa. Não seria exagero dizer que há uma geração inteira nascendo e sendo criada dentro destes centros de consumo. A mineira Cláudia Felicíssimo Leite, de 24 anos, mãe de Fernanda, uma garotinha de 1 ano e 3 meses, não deixou de freqüentar o BH-Shopping, em Belo Horizonte, nem quando sua filha ainda estava nos primeiros meses de vida. ''A Fernanda tinha uns 10 dias de idade e lá estava eu fazendo compras'', conta Cláudia. Para facilitar a empreitada da mãe-menina, o shopping abriu um fraldário — onde as mães podem cuidar dos filhos e até amamentá-los. Nos shoppings ou fora deles, o jovem tem sede de exercitar sua cidadania — cedo ele corre atrás do adulto, sem que esta pressa seja sinônimo de medo da velhice, pois, como disse o ensaísta inglês William Hazlitt (1778-1830), ''nenhum jovem pensa que pode morrer''. ■

DELANO CALDEIRA, 16 anos

Ele cursa o segundo ano do 2.° grau em Belo Horizonte, orgulha-se de dois documentos que o fazem um cidadão precoce. O título de eleitor e um talão de cheques do Banco do Brasil. "Tenho cara de gente séria, o pessoal aceita meu cheque numa boa", diz ele, que costuma gastá-lo nas lanchonetes que freqüenta com os amigos.

GLADSTONE CAMPOS

O poder jovem

O limite de idade para algumas atividades civis no Brasil, na França e nos Estados Unidos

	BRASIL	FRANÇA	ESTADOS UNIDOS
Voto	A partir dos 16 anos. Nessa idade, não é obrigatório	Somente a partir dos 18 anos. Não há voto aos 16	Não é obrigatório. A partir dos 18 anos completos
Carteira de motorista	Emitida somente a partir dos 18 anos de idade	A idade mínima é 18 anos	Na maioria dos Estados, pode ser tirada aos 16 anos
Casamento	Dos 16 aos 21, com permissão dos pais ou do juiz	Legal aos 18 anos. As mulheres, com autorização aos 15	Liberado, sem autorização legal, a partir dos 16 anos
Cargos eletivos	Com 18 anos, o jovem pode ser candidato a vereador	Aos 23 anos, o jovem pode ingressar na política	A idade mínima para se eleger deputado é 25 anos
Viagem para o exterior	Permitida a partir dos 18. Antes, só com autorização	Sem consentimento dos pais, só a partir dos 18	Na maioria dos Estados, é legal a partir dos 16 anos
Conta bancária	Antes dos 21, só com autorização dos pais	É permitida a abertura a partir dos 16 anos	Até aos 18 o nome do responsável deve constar na conta

TORTELLI/NORTON

VEJA, 9 DE AGOSTO, 1989

93

Fig. 034 – Ref. *Veja* de 09/08/1989: 93, do texto "Jeito de gente grande"[1989].

Ao projetar-se o jovem para o mundo dos adultos, combinado com uma breve inferência histórica à geração dos anos rebeldes, o texto de certa forma reveste-se de um caráter fantasmagórico. Ou seja, profetiza-se algo que, do passado, reaparece como coisa vazia de sentido a ser preenchida pelas relações de troca. Ao mesmo tempo que a adolescência é sublimada no mundo dos adultos, reproduzindo um efeito de homogeneização na demanda dos bens culturais, revela-se também a sublimação do caráter estético da juventude na ética moralista da geração de seus avós.

O recorte especial no texto sobre a eleição do shopping center como a "cidade ideal" (Veja, 09-08-1989:92) dos jovens para viver-se socialmente significa a presença fantasmagórica de um mundo que não existe mais. Um mundo da ética do consumo e sem violência: "uma doce realidade que ignora o tempo" (Veja, 09/08/1989:92). O jovem, assim, aparece, no seu modo de ser, alienado numa vontade de poder potencializada pela mediação de uma cultura de consumo que o promove como pseudo-indivíduo de um modelo esquematizado pela indústria cultural.

Posto isso, podemos finalizar a análise dos textos desse tópico. Nos anos 80, notamos como desdobra-se uma juventude que, no seu modo de ser, reproduz as relações sociais de integração no mundo capitalista. O jovem brasileiro, como aparece em *Veja* a partir dos 80, simboliza justamente aquilo que a chamada geração dos anos rebeldes negava e combatia em nome de uma sociedade mais justa e socialista: um mundo perpassado pelo culto ao corpo e aos bens de consumo. O modelo hegemônico do estilo de vida do jovem americano, em combinação com a interpretação técnica e jornalística das pesquisas de mercado, aparece nos textos para projetar-se um estilo de vida que, ao nosso ver, articula-se como cimento social na estruturação de uma nova juventude no Brasil.

Vimos no primeiro excurso de nossa pesquisa, em "A juventude da beleza"[1980], nas raras passagens que lembravam os anos 60 e 70, seja em diálogo com a pop star do momento, Rita Lee, ou com o ex-terrorista Fernando Gabeira, como a juventude aparece "dispensada do papel de geração do futuro" (Veja, 05-11-1980:61). No segundo texto, em "A voz da maioria" [1984], repete-se a tendência de sublinhar-se o papel social do jovem dissociado da rebeldia dos anos 60. O texto apresenta um detalhadíssimo cruzamento de dados que, acompanhado por uma análise de mercado, destaca cinco estereótipos para o perfil da juventude brasileira: o integrado, o contestador, o conservador, o moderno e o independente. A conclusão dessa pesquisa não surpreende. O que surpreende, mesmo que brevemente enfatizado, é o fato do texto levar em conta as contradições sociais do país.

Quando o texto assinala como o jovem de classe média lida com a crise econômica, temos aí, de modo latente, o exemplo dos filhos como algo que, nos anos 60, provavelmente não seria motivo de orgulho para os seus pais:

> *"Experimentam bicos ... e não parecem deprimidos com essa mudança de padrão"*(Veja,09-05-1984:58).

No lugar dos jovens rebeldes, aparecem em *Veja* os jovens que "estão mais ágeis que seus pais em muitos pontos importantes (Veja, 09-05-1984:58). No lugar dos estudantes das passeatas, aparecem os jovens que "estão se virando com criatividade" (Veja, 09-05-1984:58).

Para concluir esse tópico, ressaltamos como no final dos anos 80 o jovem em *Veja* aparece ainda mais integrado à sociedade de consumo e de forma mais precoce. Em "Jeito de gente grande" [1989], as fotos mostram a juventude nos "templos de consumo", os shoppings center, combinando com um texto que alia o conceito de cidadania com o de poder de compra. E quando a narrativa atém-se à geração que antecedeu a dos anos 80, articula-se o raciocínio de que "hoje os filhos da geração 70 são donos de um moralismo mais próximo do de seus avós do que do de seus pais – num refluxo que Freud ajuda a explicar" (Veja, 09-08-1989: 92).

4.4 Da geração shopping até hoje.

No decênio de 1980, vimos como no lugar do jovem rebelde articula-se a mediação simbólica de um estilo de vida que, pluralista e liberal, passa a fazer sentido quando reconhecido no âmbito das práticas de consumo. Essa tendência em *Veja* prevalece

a partir dos anos 90. A primeira reportagem que focalizamos nesse capítulo trata sobre o perfil da juventude brasileira. O texto, intitulado "Em paz e com amor" [1990], é baseado numa pesquisa com 497 adolescentes de 16 e 17 anos.

Embora ressalta-se o fato de o questionário da pesquisa ter sido aplicado "entre representantes de várias faixas de renda" (Veja, 31-10-1990, p.68), o que notamos é a presença privilegiada, tanto na narrativa quanto na ilustração, do jovem da classe média e alta. E o que ele pensa e como age, conforme o redator, é confirmado através de algumas entrevistas com adolescentes publicadas na reportagem.

Em "Em paz e com amor"[1990], o jovem aparece visivelmente integrado ao estilo de vida consumista, hedonista. A diferença desse texto em relação aos demais sobre o perfil da juventude brasileira é o estilo do texto, com uma linguagem mais acessível ao público jovem. Mas o jovem nos anos 90 volta aqui a ser projetado em comparação com o jovem dos anos 60. Recorre-se, mais uma vez, como contraponto à juventude dos anos 90, à geração reconhecida pela sua postura "anti-imperialista, anti-capitalista":

> *"Os filhos da geração rebelde dos anos 60 vivem em harmonia com os pais, começam a namorar cedo e trocam as passeatas pelo shopping center [...] a geração 90 não está a fim de derrubar nada e aceita o mundo mais ou menos como é. O adolescente de ontem desafiava a cultura da competição, não confiava em ninguém com mais de 30 anos e vestia-se com um desmazelo espantoso e proposital. Seu filho quer vencer na vida, gosta de parecer bem alimentado e desenvolve um estilo quase obsessivo para roupas e acessórios"*(Veja, 31/10/1990:70).

COMPORTAMENTO

Em paz e com amor

Os filhos da geração rebelde dos anos 60 vivem em harmonia com os pais, começam a namorar cedo e trocam as passeatas pelo shopping center

Entre os garotos que amavam os Beatles e os Rolling Stones, nos anos 60, e os que hoje dançam Madonna, Guns'N Roses e U2, existe um fosso que deve ser examinado com espanto. Os adolescentes da década de 60, rebeldes, têm hoje como filhos os adolescentes dos anos 90, acomodados aos valores da família. A geração da Guerra do Vietnã e das barricadas estudantis da Paris de 1968 estava aí para derrubar e reconstruir — e os respingos disso tudo escorriam pela pele de muitos jovens brasileiros. Era assim e parecia certo. Hoje, a geração 90 não está a fim de derrubar nada e aceita o mundo mais ou menos como é. O adolescente de ontem desafiava a cultura da competição, não confiava em ninguém com mais de 30 anos e vestia-se com um desmazelo espantoso e proposital. Seu filho quer vencer na vida, gosta de parecer bem alimentado e desenvolve um estilo quase obsessivo para roupas e acessórios.

O que aconteceu em tão pouco tempo?

Pode-se argumentar que o adolescente continua inquieto e rebelde, desafia os pais e veste-se de maneira esquisita. Isso é verdade, mas a diferença continua no mesmo lugar — como mostra uma pesquisa feita por VEJA há duas semanas, através de um questionário apresentado a 497 adolescentes de 16 e 17 anos, estudantes do segundo ano colegial, em catorze escolas do país. As respostas são eloqüentes. Pelos depoimentos desses estudantes, tomados em cinco capitais brasileiras entre representantes de várias faixas de renda, descobre-se que os adolescentes estão experimentando a emoção do sexo muito cedo — 38% responderam que já fizeram sua descoberta — e abu-

Casal arrumadinho: camisa de punho abotoado, minissaia aderente ao corpo, lanchonete depois do cinema, planos para subir na vida e ganhar dinheiro

Retrato de uma geração

Um questionário aplicado por VEJA, há duas semanas, junto a 497 estudantes, de catorze escolas de país, com idades entre os 16 e os 17 anos, mostra o perfil e os interesses do jovem brasileiro

Trabalham 9%
Já escolheram a profissão 63%
Já tiveram experiência sexual 38%
Já experimentaram drogas 14%

PROGRAMAS PREFERIDOS (em %)

68

VEJA, 31 DE OUTUBRO, 1990

Fig. 035 – Referente *Veja* de 31/10/1990:68, da reportagem intitulada "Em paz e com amor"[1990].

Na reportagem anterior, em "Jeito de gente grande"[1989], previa-se que "na próxima década os jovens sejam tão fáceis de definir como a juventude que passeou pelos 60 – só que com sinais opostos"(Veja, 09-08-1989:92). A passagem acima parece já concretizar essa profecia: "a geração 90 não está a fim de derrubar nada e aceita o mundo mais ou menos como é". Mas seis anos antes, na emergência da chamada "geração saúde", os jovens aparecem sendo descritos como "muito mais conservadores do que se pensa" (Veja, 09-05-1984:53). Constata-se, assim, como *Veja* tende a idealizar o jovem em contraste com aquele que "vestia-se com um desmazelo espantoso e proposital"(Veja, 31/10/1990:68).

Se antes, "desejavam despedaçar o arcabouço da sociedade" (Veja, 09/05/1984:53), nos anos 90 "vivem em harmonia com os pais". Sob esse aspecto, Rosa

Fischer observa como "rebeldia, contestação, enfrentamento da ordem estabelecida ... já não cabem na caracterização dos grupos jovens dos anos 90. Permanecem apenas como referências a um outro tempo, que solidificou uma idéia quase mítica de mudança, liderada por uma geração de jovens" (1996:19). No segundo excurso de nossa pesquisa, em "Sem Freud nem Lênin" [1985], afirma-se como os jovens "estão conseguindo traçar uma rota própria e mais serena" (Veja, 21/08/1985:76). Exemplo nesse sentido é que agora eles "trocam as passeatas pelo shopping center" (Veja, 31/10/1990:68).

Mas essa idealização de um novo perfil para a juventude brasileira, logicamente, não inclui o jovem da periferia. Ele "não está a fim de derrubar nada e aceita o mundo mais ou menos como é"? Ele vive "em harmonia com os pais"? Ele "está conseguindo traçar uma rota própria e mais serena"? Ele trocou "as passeatas pelo shopping center"? No capítulo anterior, vimos como essas questões em *Veja* aparecem para reforçar-se em separado a imagem de uma juventude consumista, bela e saudável. Neste capítulo, confirma-se essa hipótese com as reportagens baseadas em pesquisas de mercado, que idealizam um novo perfil dissociado de um "mundo tão horrorosamente real que a maioria das pessoas prefere não ver" (Veja, 12/01/1994: 52).

A juventude, imbricada a um tipo de determinismo sócio-cultural entre gerações, aparece reificada em um mundo que não faz parte daquele vivenciado pelos *funkeiros* e *rappers*, que aparecem estigmatizados em *Veja*, conforme vimos no bloco temático das subculturas. Nesta reportagem, "Em paz e com amor"[1990], psicólogos, psiquiatras, ginecologistas, educadores, publicitários, especialistas em comunicação e lingüística aparecem para compor uma equipe multidisciplinar que procura diagnosticar o

perfil dessa nova geração dos anos 90. Em outra passagem, percebemos que essa idealização de uma juventude consumista *Veja* revela, de forma grotesca e desproposital, uma reflexão ressentida com a juventude dos anos 60:

> *"Nos anos 60, a tribo juvenil era tão mais coesa em sua negação do universo adulto que* ***boiava*** *menos em busca da identidade do que agora [...] a geração que chegava às portas do mundo dos adultos tentou viver uma nova ética e fracassou"*(Veja, 31-10-1990:68).

Na relação dessa passagem com a anterior, observa-se como no lugar do jovem rebelde, que antes "boiava menos em busca da identidade", aparece o jovem que "quer vencer na vida". Se ele "tentou viver uma nova ética e fracassou", agora aparece "acomodado aos valores da família". Conforme o texto, se os anos 70 "foram insípidos", "alguma coisa nova começa a tomar forma" (Veja, 31/10/1990:69). A próxima passagem aponta o quê:

> *"reunidos em grupo e vestidos dentro da moda, eles se unem mais pelos seus hábitos de consumo do que por uma grande causa, ouvem o rock comercial e carregam a bandeira da ecologia"* (Veja, 31-10-1990:70).

O jovem aí aparece como exemplo de integração ao consumismo. Em "jeito de gente grande" [1989], vimos como "o poder de consumo é o maior símbolo da força jovem" (Veja, 09/08/1989:90). Esse novo perfil da juventude já é sinalizado no final dos anos 70, com o modismo das discotecas. Com o decorrer dos anos, essa idéia de que os jovens "se unem mais pelos seus hábitos de consumo do que por uma grande causa" aparece em *Veja* com mais freqüência, conforme temos constatado neste capítulo.

Com essa análise, podemos concluir como o consumismo marca o estilo de vida dos jovens dos anos 90, o que os torna "tão fáceis de definir como a juventude que passeou pelos 60" (Veja, 09/08/1989:92). O consumismo repercute, por exemplo, ao destacar-se os ídolos de massa da juventude:

> *"Xuxa ... Tom Cruise, dois campeões da pesquisa, num culto a estrelas que seria quase certamente ridicularizado pelos jovens arrogantes da década de 60"* (Veja, 31/10/1990:69).

sando das drogas numa dimensão assustadora: 14% já as experimentaram, e a maconha vem em primeiro lugar entre as drogas disponíveis.

A rebeldia termina aí, num ponto pernicioso como o uso de drogas e na precocidade sexual. Mas são as outras respostas que dão a chave. Nos questionários, 60% dos entrevistados apontaram pai e mãe como seus ídolos. Apenas 206 admitiram ter outros nomes para citar entre as pessoas que mais admiram. Desse grupo, 5% votaram em Xuxa e 4% no ator americano Tom Cruise, dois campeões da pesquisa, num culto a estrelas que seria quase certamente ridicularizado pelos jovens arrogantes da década de 60 — logo eles que penduravam pôsteres românticos do guerrilheiro Che Guevara na parede do quarto. Os estudantes de 16 e 17 anos preocupam-se bastante com a profissão — nada têm contra o mundo competitivo de que muitos pais quiseram um dia fugir e um grande número deles já está pegando no batente, num emprego qualquer. Livro predileto: *O Alquimista*, de Paulo Coelho, sobre temas místicos.

Geração Realista — O questionário tem apenas valor indicativo, pois o público consultado é restrito e as perguntas foram preparadas de forma espontânea, sem os requintes dos levantamentos feitos pelos institutos de pesquisa. Mas basta conversar atentamente com alguns adolescentes para descobrir que eles pensam e agem assim mesmo. "Sou feliz na minha casa", diz Lisandra, 16 anos, uma garota de Porto Alegre. "Apesar das brigas de vez em quando, o relacionamento com meus pais é ótimo." Carolina, 14 anos, de São Paulo, vê uma qualidade particular nos pais. "Eles são tão legais que, quando dou uma festa, nem precisam sair de casa."

Não que todos os adolescentes da década de 60 fossem rebeldes, fumassem maconha e se vestissem como hippies. Havia, de qualquer maneira, um espírito de contradição nos jovens e uma disposição para o rompimento que logo desapareceu. Como todo mundo sabe, o sonho acabou muito depressa, os anos 70 foram insípidos e, agora, alguma coisa nova começa a tomar forma. "Os adolescentes de hoje têm seu próprio perfil", constata o psiquiatra carioca Luiz Alberto Py, que há 28 anos trabalha com jovens. "A geração de 60 procurava uma solução política e social para seus problemas. A de 90 não está mais interessada em mudar o país. É mais realista, por isso se preocupa consigo mesma."

ÍDOLOS MAIS CITADOS

Xuxa 5%

Tom Cruise 4%

Schwarzenegger 4%

PROGRAMAS PREFERIDOS NA TV (em %)

31 20 18 5 5 5 4

Casal esportivo: bermudas coloridas, jeans mais surrados que o da geração passada, gírias quase ninguém entende e ídolos de Xuxa a Gorbachev

VEJA, 31 DE OUTUBRO, 1990

69

Fig. 036 – Referente *Veja* de 31/10/1990:69, da reportagem intitulada "Em paz e com amor"[1990].

A reflexão ressentida do texto, como contraponto a um mundo que não existe mais, refere-se aos jovens da década de 60 como "arrogantes". No início dos anos 70, para idealizar-se um novo perfil para a juventude, já sinalizava-se em "A jovem maioria silenciosa"[1970] a presença de jovens "demonstrando que são, sobretudo, moderados, tolerantes e até mesmo dóceis" (Veja, 18/11/1970:25). Agora, com "Xuxa ... Tom Cruise", a juventude não poderia mesmo ser definida como arrogante, principalmente se pensarmos

na arrogância dos jovens dos anos 60 como sinal de inteligência. Mas a idealização desse novo perfil dos anos 90 não articula-se no texto sob essa ótica da formação intelectual do jovem. É como exemplo de integração ao consumismo que o jovem tem se destacado em *Veja*.

Para legitimar-se uma narrativa que ignorou as contradições sociais vivenciadas pela juventude brasileira e procurou idealizar uma juventude "em paz e com amor" (Veja, 31-10-1990:68), o texto recorre ao depoimento de alguns adolescentes. Entre eles, um entrevistado de 15 anos é destacado com uma fala em negrito, que emoldura uma foto na qual ele aparece vestindo uma camiseta estampada e um boné de marca:

> *"Paz e amor é um slogan lindo – o problema é que não passa de uma frase ... A imagem daquele pessoal que protestava na década de 60, fumando maconha, não é um bom exemplo para a minha geração. Eles eram só românticos, e nada práticos. A sociedade inventada pelos hippies era muito primitiva. Nosso desafio é diferente. Não queremos fazer o mundo parar no tempo. Para nós, que só conhecemos a geração 60 nos filmes, aquele período mais parecia uma grande festa, em que os jovens se dedicavam apenas aos seus próprios sonhos. Cabe a nós, jovens dos anos 90, colocar ordem na casa. Apesar das críticas, somos melhores e bem mais independentes do que aqueles adolescentes barulhentos"* (Veja,31/10/1990:71).

Essa apreciação moralista de que hoje os jovens são "melhores e bem mais independentes do que aqueles adolescentes barulhentos" é percebida ao longo de toda a reportagem. Vimos como o jovem a partir dos anos 80 tende a ser idealizado como exemplo de integração ao consumismo. Com essa passagem, essa idealização tende a partir dos anos 90 a ser reforçada no texto em contraste, por exemplo, com a questão das drogas. Essa temática vai ser focalizada no capítulo 5.

Por enquanto, queremos ressaltar como a fala ressentida desse jovem de 15 anos repercute uma ruptura com "a imagem daquele pessoal que protestava ... fumando maconha". Uma ruptura com uma "sociedade ... muito primitiva". Agora, segundo a passagem, o mundo não vai "parar no tempo". Esse jovem, que "gosta de parecer bem alimentado" (Veja, 31/10/1990:68), vai "colocar ordem na casa". Essa ruptura com um mundo onde os jovens "eram só românticos, e nada práticos", como temos constatado, começa a delinear-se na emergência da chamada "geração saúde". A juventude consumista, conforme a passagem abaixo, é articulada no texto para refletir-se também um estilo de vida midiatizado:

> *"Eles freqüentam mais o cinema do que os adultos ... também ouvem mais rádio, lêem apenas um pouco menos jornal e, o que é surpreendente, compram muito mais revista. Os adolescentes e crianças da casa travam conhecimento com as notícias e novidades antes dos adultos ... Graças à TV, eles não apenas ouvem – como no passado – mas também vêem como é amaneirado o artista gay que não conheciam e como é patética a atriz que a mãe costuma apresentar como exemplo de juventude no fragor da meia-idade. De certa maneira, o jovem está menos inocente"* (Veja, 31/10/1990:71).

Nessa passagem, o jovem aparece idealizado na alienação de seu modo de ser no consumo de bens culturais midiáticos. Pensando com Francisco Rüdiger, cinema, rádio, revista e TV são os "conteúdos de sua consciência" (2002:149), conforme análise desse autor em "Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade" [2002]. Representam uma "posse intelectual" em relação ao mundo dos adultos. Não os livros, por exemplo. Ou ainda o teatro. Mais bem informados, "o jovem está menos inocente". Vê-se assim como o jovem é sinônimo de um mundo à frente do mundo dos adultos: "travam conhecimento ... antes dos adultos". Mas a sua rebeldia, digamos assim, conforme o texto, "termina num ponto pernicioso como o uso de drogas e na precocidade sexual" (Veja, 31/10/1990:69).

Se a idealização de uma juventude consumista tem sido reforçada por meio de uma reflexão ressentida com a geração dos 60, agora sinaliza-se como contraponto a questão das drogas e a precocidade sexual. Vimos no capítulo anterior como a questão da violência e das subculturas aparecem nos anos 90 para desqualificar-se a imagem da juventude da periferia. Com a próxima passagem, a idealização de uma juventude em torno da beleza, da saúde e do consumismo aparece tensionada com a questão de que "os pais de hoje legaram um mundo complexo a seus filhos":

> *"Há mais liberdade, independência, mas isso tem um preço. Eles têm um acesso crescente a carros velozes e, portanto, mais perigosos, a drogas pesadas, que causam maior dependência, ao sexo fácil, que traz embutido o risco de doenças venéreas e Aids. A maior permanência junto à família prolonga a dependência emocional financeira – e a própria adolescência. Nesse processo, observa-se um vácuo de ideais na geração mais jovem de hoje"* (Veja,31/10/1990:72).

Vê-se como alerta-se a juventude para os novos perigos do "acesso crescente a carros velozes ... a drogas pesadas ... o risco de doenças venéreas e Aids". Essa questão é abordada no próximo excurso, na reportagem especial intitulada "A geração perigo" [1998]. Por enquanto, vale ressaltar-se como o jovem é idealizado com o cuidado de preservar-se sua imagem para refletir saúde, beleza e poder de compra. A próxima reportagem é exemplo de como a questão do "sexo fácil" é abordada para preservar-se essa imagem idealizada da juventude consumista.

Intitulado "Lição de amor" [1992], o texto procura idealizar o perfil do jovem universitário ao identificá-lo com a "monogamia ... e um modelo romântico de relacionamento entre os sexos" (Veja, 24/06/1992:48). Ao girar-se esse eixo temático em

torno do espaço social das universidades, articula-se a idéia de marcar a nova geração dissociada "dos arroubos revolucionários do passado", que teriam sido "substituídos pelos projetos pessoais do presente" (Veja, 24/06/1992:49). Destacamos a seguinte passagem:

> *"Foram-se as palavras de ordem, o discurso político deu lugar à ansiedade com o próprio futuro profissional ... Das brumas do passado revolucionário, sobrou apenas um caminho menos complicado para o sexo e as relações afetivas. Com uma diferença fundamental: o romantismo ocupa hoje o espaço dos sonhos que o amor livre já evocou no passado. Amor, amor, amor – estável, fiel e comprometido. É isso que os jovens universitários, em sua maioria, querem"* (Veja,24-06-1992:48).

Notamos, aí, como o jovem dos anos 90 aparece em *Veja* como exemplo de ruptura com um "passado revolucionário". A ruptura simbólica serviu para projetar-se o espaço social dos campus universitários, que fora tão bem explorado nos texto dos anos 70, no universo de um estilo de vida despolitizado e conservador: "Foram-se as palavras de ordem". Idealiza-se, assim, uma juventude cujo "romantismo ocupa hoje o espaço dos sonhos que o amor livre já evocou no passado". Se antes reforçava-se uma imagem desfocada do movimento estudantil em *Veja* para projetar-se a emergência de um novo perfil para a juventude, agora desfoca-se a imagem do jovem liberal ao associá-lo à "monogamia" a "um modelo romântico de relacionamento entre os sexos":

> *"Romântica, a geração que hoje freqüenta o campus processa, num liquidificador psíquico, a ressaca do comportamento liberal da geração de seus pais e imprime um modelo recortado pela era da Aids"* (Veja, 24/06/1992:50).

A juventude, além de refletir beleza, poder de compra e saúde, passa a expressar também o romantismo, "recortado pela era da Aids". O texto baseia-se numa pesquisa da *Veja* com 531 estudantes de 5 grandes cidades brasileiras para traçar um perfil

de seu comportamento sexual e afetivo. O questionário contou com 38 perguntas, algumas delas articuladas com nomes famosos da mídia. Fotos mostram dois casais nos campus das universidades, um acariciando-se e o outro sorrindo para a câmara. Também um casal no quarto brincando como crianças. Duas moças aparecem sozinhas no campus, uma delas afirmando que "transei com todos os namorados" (*Veja*, 24-06-1992: 54). O romantismo, aí, serve de contraponto para idealizar-se "um comportamento com tendências mais conservadoras" (Veja, 24/06/1992:49):

> *"Como um bedel eficiente, o romantismo voltou a vigiar a vida amorosa do campus. Disciplina fora de moda nos anos 70, com surtos prontamente sufocados nos anos 80, na década de 90 o romantismo encontrou uma platéia atenta quando os temas são sexo com afeto, fidelidade e casamento"* (Veja, 24/06/1992:49).

Essa reportagem destaca-se na pesquisa principalmente para chamar-se a atenção de como em *Veja*, há menos de quatro meses do impeachement do presidente Fernando Collor, o fato relevante nos campus não era a mobilização dos estudantes mas sim as suas relações amorosas: "o romantismo encontrou uma platéia atenta". O texto, com essa articulação, tende a reforçar a imagem daquela juventude consumista, bela, e saudável. A questão do romantismo aparece justamente para alertar-se o jovem para o risco de contrair-se o vírus da aids.

A temática do "ficar", por exemplo, aparece diluída entre depoimentos de ficantes e não ficantes, mais a palavra avalizadora da psicologia e combinada com o clima de terror da era AIDS. Tem-se, porém, uma interpretação que, ao registrar "um número aparentemente espantoso de 45% de universitárias virgens" (*Veja,* 24-06-1992:52), consagra o modelo romântico da monogamia e coloca em xeque o comportamento liberal,

cujos praticantes são "como as espécies condenadas à extinção" (*Veja,* 24-06-1992:54). Aparece em *Veja* como exemplo de uma "espécie em extinção" um jovem "integrante da Convergência Socialista" e que no amor é um liberal:

> *"Hoje, Arnaldo tem dificuldades para conseguir pregar seu ponto de vista. Falta quorum na platéia"* (Veja, 24/06/1992:54).

Se o romantismo "encontrou uma platéia atenta", já para o ponto de vista de Arnaldo, identificado como um jovem militante de esquerda, "falta quorum na platéia". Vê-se, assim, a exemplo das reportagens sobre o perfil da juventude brasileira, como idealiza-se um estilo de vida em contraste com o "comportamento liberal da geração de seus pais" (Veja, 24/06/1992:50). Ou silenciando-se sobre esse tema. Se em 1984 *Veja* não reservou quase nenhum espaço nas suas páginas para cobrir a participação dos jovens na campanha das Diretas-Já, oito anos depois a revista publica reportagem especial sobre os caras-pintadas, intitulada "Alegria, Alegria" [1992]. Mas a UNE, a exemplo daquelas reportagens dos anos 70 analisadas anteriormente, também fora ignorada como a entidade que na época estava organizando as manifestações para tirar Collor da presidência do país[49].

Numa linguagem descontraída, que definia os jovens do *impeachement* como "doces rebeldes" (Veja, 19-08-1992), o texto reedita a época em que os estudantes estavam destacando-se pela resistência à ditadura militar. Percebemos, conforme nossa pesquisa documental, que do final dos anos 70 até a publicação da reportagem intitulada

---

50 A UNE em Alegria, alegria é desconsiderada em seu papel tradicional de luta e resistência contra a opressão e a injustiça social. No texto de seis páginas, a entidade é citada tão somente uma única vez. Na revista Isto É daquela mesma semana, a UNE recebe um tratamento que corresponde à realidade dos fatos. O nome do presidente da UNE, se em Veja não fora sequer mencionado, na Isto É, porém, Lindbergh Farias, hoje deputado federal pelo PC do B, teve publicada uma entrevista em página inteira.

"Alegria, alegria" [1992], a revista publica somente um texto sobre o movimento estudantil no Brasil, intitulado "Os estudantes dão uma lição na rua" [1988].

Em "Alegria, alegria" [1992], temos o jovem inserido num contexto de crise econômica e política. No texto, projeta-se um estilo de vida consumista e hedonista, associado a uma aura de rebeldia da juventude dos anos 60:

> *"Alto astral, altas transas, lindas canções deram o tom às passeatas ... Alegria, alegria: a rebeldia juvenil está de volta, juntando mauricinhos e militantes, skatistas e esquentados ... uma garotada bonita e bem-humorada, habituada a freqüentar shopping centers e curtir a praia, entendeu muito bem o que está se passando nas altas esferas do poder ... As manifestações têm um quê de Carnaval, de desfile de escola de samba"* (Veja,19/08/1992:18 e 19).

A exemplo de "Os estudantes dão uma lição na rua" [1988], onde a passeata aparece como "um espetáculo divertido de se ver" (Veja, 20/04/1988:31), a passagem acima mostra a manifestação com "um quê de Carnaval". No lugar da ideologia, a repercussão daquele perfil de uma juventude consumista, bela e saudável: "uma garotada bonita e bem-humorada, habituada a freqüentar shopping centers e curtir a praia".

Em outra passagem do texto, o jovem em *Veja*, naquele momento histórico do país, volta a ser idealizado em contraste com o jovem dos anos 60. É nesse sentido que as reportagens sobre o perfil da juventude articularam a projeção de um estilo de vida sem ideologia. A negação do passado histórico articula-se, aí, pelo efeito estético. Mostra-se o jovem em *Veja* representando o movimento estudantil dos anos 60 resgatado como uma fantasmagoria coisificada. Uma fantasmagoria que vem de um outro mundo, o da representação, para ressurgir como coisa nesse incipiente mundo da comunicação:

> *"Foram momentos poéticos, nos quais se confundiram ficção e realidade, passado e presente, a minissérie Anos Rebeldes e a CPI de PC [...] As palavras da garotada são duras, têm uma seriedade radical, mas as passeatas foram mais festas gigantescas que desfiles de sisudez marcial [...] 20 000 cartazes em que se lia "Anos Rebeldes, próximo capítulo: Fora Collor, Impeachment Já" [...]as marchas da juventude refletiram os Anos Rebeldes [...] "Se eu tivesse que lutar para defender o Brasil como o pessoal de Anos Rebeldes, faria isso sem pensar duas vezes" [...] Estavam todos emocionados com a confluência de arte, história e vida que se verificava naquele dia"* (Veja,19/08/1992:18-20).

A participação do jovem nesse "desfile de escola de samba" repercute emocionalmente a audiência de um folhetim eletrônico: "Foram momentos poéticos". Se a mobilização nos campus universitários era vista como "insolência estudantil" (Veja, 10/10/1979:25), agora "as marchas da juventude refletiram os Anos Rebeldes", a minissérie da Rede Globo. Se "durante alguns anos, uma estranha excitação se apossou dos estudantes brasileiros" (Veja, 12/11/1969:57), com a passagem acima "estavam todos emocionados com a confluência de arte, história e vida que se verificava naquele dia".

Antes, a "estranha excitação" remetia aos valores do mundo comunista. Agora, "todos emocionados" repercute como cinema, rádio, revista e TV são os conteúdos da consciência da juventude. Projeta-se essa "rebeldia juvenil" em conformidade à idealização de uma juventude consumista, bela e saudável. E até romântica, conforme vimos na reportagem anterior. Cerca de dois meses após o texto "Alegria, Alegria", o povo brasileiro assiste pelo *Jornal Nacional* a uma cena de barbárie que o deixa paralisado: um arrastão, nas praias do Arpoador, no Rio de Janeiro.

O pânico causado fora, em grande parte, uma articulação da mídia. Eram jovens das favelas, que não pintaram o rosto para desfilar contra o presidente Collor. Eles

também queriam, do jeito deles, afirmar sua presença naquele momento histórico do país, avisando que o espaço social não tem dono.[50] Em *Veja*, esse evento histórico do arrastão fora notícia em uma reportagem intitulada "Arruaça na areia" [1992]. O texto, a exemplo da maior parte da grande imprensa, serviu para estigmatizar-se os jovens da periferia, "detestados pelas impolutas classes médias" (2004: 173), conforme enfatiza George Yudice em "Conveniência da cultura: Usos da cultura na era global"[2004], ao fazer uma reflexão crítica da movimento *funk* no Rio de Janeiro:

> *"Com muita baderna, poucos ônibus e quase nenhuma polícia, as galeras dos subúrbios estragam a inauguração do verão no Rio de Janeiro [...] Levas de pivetes atormentaram o domingo de sol com correrias, brigas e pequenos roubos [...] Os pivetes promovem uma pilhagem dirigida. Grupos de garotos correm em várias direções, provocando pânico e arrecadando objetos no percurso [...] Na fonte dos tumultos estavam as "galeras", uma denominação nova para as antigas turmas de bairro [...] A confusão durou pouco mais de quinze minutos, mas as galeras acharam que foi um sucesso* (Veja, 28-10-1992: 19-20).

Esse breve registro revela como os jovens de periferia, a exemplo do que foi pesquisado no capítulo anterior, aparecem refletindo estritamente a violência. Vimos como eles acham "que tudo está errado: o presidente Fernando Collor, o dono da padaria que não vendo fiado" (Veja, 20/11/1991:66). Com a passagem acima, confirma-se a idéia de como a manifestação pelo *impeachement* de Collor não contava com a presença do jovem da

---

51 Vale recordar que durante a Eco 92, cujo slogan dizia "Pense globalmente, Aja localmente", o governo do Rio determinara a operação "limpeza social". A juventude pobre, para deixar as ruas da Zona Sul mais segura e menos "escura", ficaram aprisionadas em áreas de isolamento. Paulo Sergio conta em "Culturas da rebeldia[2000] como "o arrastão nas areias das praias do Arpoador era a 'passeata' de um grupo de adolescentes de rostos não pintados, chamados de funkeiros, que invadiu a Zona Sul do Rio, deixando os banhistas em pânico. Formando um comando de vanguarda, levaram a mensagem das galeras do subúrbio ... Como disse um dos participantes, de 16 anos, 'nós só queria arrepiar os bacanas, mostrar que a praia não é só deles' ... Embora fosse mais uma manifestação de algazarra, que não chegou a provocar saques ou vítimas, o arrastão deixou nos banhistas um medo enorme. Parecia concretizar-se a paranóia de uma tão aguardada invasão bárbara na orla da cidade ... Ao contrário da juventude dourada, parte dessa "outra" geração quase não tem o que comemorar ou contar para os seus futuros netos, e também menos ainda a perder. O problema para o país é saber se vamos continuar temendo a periferia como filho bastardo. A força desses juventude está no fato de ela ser real" (2000:168 e 169).

periferia. Ele aparece agora chamando a atenção da sociedade "com muita baderna". Na passagem seguinte, ele é identificado:

> *"Era um bando mal-encarado, de gente escura, pobre e mal vestida", descreve a dona de casa Águida Nozari, 35 anos"* (Veja, 28/10/1992:22).

Se em "Alegria, alegria"[1992], aparece "uma garotada bonita ... habituada a freqüentar shopping centers e curtir a praia" (Veja, 19/08/1992:19), agora é "gente escura, pobre e mal vestida", que não teria direito de ser vista de outra forma, exceto para ser reconhecida por meio da violência. Em *Veja*, os jovens da periferia, a exemplo dos militantes estudantis, dos hippies e dos punks, foram ou ignorados ou estigmatizados. Vale reiterar que desde aquele texto de 1980, "A juventude da beleza", os jovens de classe média e alta vêm recebendo atenção especial da revista.

Essa constatação fica ainda mais evidente, não só em função do número de edições para esse público-alvo, mas também quando *Veja* publica em 1991 e 1994 textos que estigmatizam os jovens da periferia, conforme estudamos no capítulo anterior. Vimos como "levas de pivetes atormentaram o domingo de sol" (Veja, 28/10/1992:18) de "uma garotada bonita ... habituada a ... curtir a praia" (Veja, 18/08/1992:19). Em "A grande onda da geração dos shoppings" [1994], o texto volta a idealizar uma juventude consumista, bela e saudável. Sobre o perfil classe pobre, nenhuma pesquisa.

Quando os jovens da periferia são destacados, a exemplo dos textos do capítulo anterior, eles aparecem como "um bando mal-encarado" (Veja, 28/10/1992:22) para não serem reconhecidos como protagonistas de uma manifestação contra o governo de Fernando Collor. Em "A grande onda da geração dos shoppings"[1994], porém, o texto

empenha-se em dar conta do que pensam e fazem os jovens da geração "dourada". Nesse caso, limitando-se ao comportamento deles no âmbito das práticas de consumo.[51] Inicialmente, o texto destaca o perfil dessa geração shopping center através de uma adolescente com a qual apreendemos valores de cunho individualista:

> *"Taciana Ribeiro Gomes, 16 anos, tem seu próprio quarto no apartamento de três dormitórios onde mora com os pais e irmãos ... Gosta de praia, mas prefere zoar no shopping center. Sabe que ganhará um carro dentro de dois anos, quando completar os 18. Taciana ...quer formar-se em Medicina e ter seu próprio consultório. 'Vou trabalhar para mim e não para os outros', diz. Hoje ela não trabalha. Sobra-lhe tempo para ficar horas pendurada ao telefone ... Como grande parte dos jovens de classe média, Taciana ...compra muito ... e não vacila na hora de condenar como 'hor-ro-ro-sos' os jeans que adorava seis meses atrás. 'Só comprava calças da Zoomp, mas detestei os últimos modelos. Agora eu prefiro as da M. Officer", diz ela"* (Veja,10/08/1994:66).

Notamos com essa passagem como o jovem em *Veja*, no contexto de uma indústria cultural já consolidada no país e integrada ao processo de globalização, aparece expressando um individualismo expressivo: "Sabe que ganhará um carro dentro de dois anos, quando completar os 18". Além disso, o jovem aparece como exemplo de reprodução dos efeitos da estética de massa, tornando-se, assim, lugar de investimento do desejo. Para esclarecer essa perspectiva teórica, recorremos a uma análise de Francisco Rüdiger, em um artigo intitulado "A violência e os aparelhos ideológicos de informação: exclusão e desejo":

---

52 Ciro Marcondes Filho, em "Quem Manipula Quem?"[1986], faz uma reflexão sobre esse templo do consumo, chamado shopping center, que segundo o autor "é o LSD da classe média":Os ambientes dessa viagem, entretanto, não servem somente ao visual. É preciso consumir: comprar roupas, tomar café, comprar sorvete, sentar-se em um bar. Essa necessidade funciona como uma satisfação ao complexo de culpa do visitante deste mundo, diante de tantas ofertas gratuitas, que lhe aparecem, próximas à sua casa, quase como presente. Deve-se agora pagar por isso; paga-se, porém, prazerosamente. Só o ato de poder passear lá dentro já é encarado por muitos pobres visitantes (velhos senhores e senhoras, crianças de colo com suas mães, casaizinhos de todas as idades) como uma dádiva: o aparecente luxo, a organização, o 'participar' das novidades da moda, da eletrônica, da culinária, são oferecidos gratuitamente" (1986: 84).

> *"o capitalismo monopolista libera não o desejo (energia/representação), como querem Deleuze & Guattari, mas sim sua representação, duplicada no imaginário de seus diversos sistemas semióticos ... configurando uma estética de massas que, pondo em cena o trabalho dos fantasmas, torna-se lugar de investimento do desejo"* (1983: 187).

Taciana, 16 anos, não quer depender de ninguém: "Vou estudar Medicina e ter meu próprio consultório"

mundo capitalista e comunista. Vivem, por fim, no olho de um furacão tecnológico, a maior revolução a que a humanidade já assistiu.

"A cabeça dessa geração é mais complexa do que a de seus pais e irmãos mais velhos. Eles são mais maduros que os adolescentes dos anos 80 e menos preconceituosos que os jovens da década de 60 e 70", diz Lisandre Castello Branco, professora de Psicologia da Educação da Universidade de São Paulo. Essa onda demográfica é passageira. A taxa de natalidade caiu nos anos 80. Haverá relativamente menos adolescentes no final da década. Mas até lá o impacto dessa geração shopping center, no seu segmento classe média, terá provocado uma onda de choque espetacular sobre os hábitos e sobre a economia do país.

Consumidores do Presente – Em alguns ramos da indústria e do comércio, o efeito dessa geração é avassalador. Dos 120 milhões de pares de tênis fabricados a cada ano no Brasil, os adolescentes compram 70 milhões, quase 60%. Na fábrica de bicicletas Caloi, cerca de 30% do faturamento anual de 135 milhões de dólares é garantido pela meninada de 10 a 17 anos. Os adolescentes compram de 25% a 30% dos discos comercializados no país, segundo estimativas das gravadoras PolyGram e BMG Ariola, do Rio de Janeiro. O Shopping Center Barra, um dos mais movimentados de Salvador, recebe diariamente a visita de 15 000 adolescentes. Eles deixam nas caixas registradoras cerca de 4 milhões de reais por mês, um terço de tudo o que as lojas vendem. Essa média de consumo repete-se na maioria dos shoppings do Brasil. "Para as gerações anteriores, os adolescentes eram os consumidores do futuro. Hoje, são os consumidores do presente".

...É FASCINADO por personalidades que já morreram, como Ayrton Senna, Bob Marley, John Lennon, Raul Seixas, Jim Morrison, Kurt Cobain e Cazuza.

...ESCOLHERIA, se pudesse comprar um carro importado, os modelos mais sofisticados da BMW, da Honda e da Ferrari. Entre os nacionais, ficaria com modelos populares, como o Corsa e o Uno, ou carros médios, como o Kadett.

...CURTE o som do Ace of Base, U2, Legião Urbana, Caetano Veloso, Jorge Ben Jor, Pink Floyd, Pearl Jam, Madonna, Led Zeppelin, Aerosmith, Dire Straits, Nenhho, Milton Nascimento, Genesis, Sepultura, Raul Seixas e Nirvana.

VEJA, 10 DE AGOSTO, 1994

67

Fig. 037 – Referente *Veja* de 10/08/1994:66, texto intitulado "A grande onda da geração shopping".

Queremos chamar a atenção de como o jovem, cujo estilo de vida é exemplo de apelo à imitação, reflete uma estética de massas que reforça a idealização de seu perfil em torno da beleza, da saúde e do consumismo: Taciana ... não vacila na hora de condenar como 'hor-ro-ro-sos' os jeans que adorava seis meses atrás". Taciana é exemplo nesse sentido. Ela "não trabalha. Sobra-lhe tempo para ficar horas pendurada ao telefone". Em outra passagem do texto, articula-se a idéia de que através da sociedade de consumo os jovens mais pobres podem também vivenciar:

> *"os prazeres mais corriqueiros que animam a vida dos garotos das faixas de renda mais elevadas [...] O padrão da escola é diferente, a casa é diferente, o bairro é diferente. Até o Nike é diferente. Mas,*

> *seja um autêntico, seja cópia, ele está lá, firme"* (Veja,10/08/1994:71).

Nessa passagem, o consumismo aparece alinhando as diferenças de classe para refletirem uma juventude em identificação ao mercado[52]. O estilo de vida, aí, aparece como valor de troca para ser exibido simbolicamente entre ricos e pobres. Vimos no capítulo anterior como já sinalizava-se no final dos anos 70, com o modismo das discotecas, a tendência de visualizar-se a juventude sem refletir as diferenças de classe:

> *"No subúrbio ou na zona sul carioca, em São Paulo, em todo o Brasil, nossos Travolta sacodem-se ao som dos "Bee Gees"* (Veja, 30/08/1978:52).

Em outra passagem, essa tendência agora aparece indiciando um mundo adolescente mais integrado ainda à sociedade de consumo. Ao mesmo tempo que sublinha-se a postura criteriosa do adolescente como consumidor, o texto aborda aspectos culturais e sociais da uniformização do comportamento do jovem em função do desenvolvimento do mundo do consumo:

> *"Vestem jeans Levi's, calçam tênis Nike, dançam ao som da banda de rock Red Hot Chili Peppers ou de qualquer outro grupo que apareça na programação da MTV – e bebem Coca-Cola ou sucos naturais. Não importa, diz a Fortune, se são americanos, europeus, japoneses ou latino-americanos. No que não depende do idioma, a linguagem da juventude é universal"*(Veja,10-08-1994:68).

Notamos, aí, não a americanização da juventude, como poderíamos, na linha do senso comum, concluir. Na realidade, essa passagem de *Veja* faz-nos pensar na idéia de

[52] Essa identificação ao mercado responde à necessidade do jovem de não sentir-se como um excluído. Nesse sentido, destacamos Beatriz Sarlo: "hoje a exclusão do consumo torna inseguras todas as identidades. Isto, precisamente na cultura juvenil, é bem evidente: o desejo da marca, marca socialmente" (1994:116-17).

que estamos diante daquilo que Renato Ortiz considera ser "a formação de uma memória coletiva internacional-popular" (1994:117). O jovem em *Veja* aparece reconhecendo-se através de objetos e mídia que, na sua familiaridade via consumo globalizado, o projetam na dimensão dessa cultura internacional-popular: "Vestem jeans Levi's, calçam tênis Nike, dançam ao som ... da MTV – e bem Coca-Cola". Também são ressaltados no texto os motivos pelos quais a geração shopping center assume seus ídolos:

> *"Para os mais velhos, que adoravam os Beatles e colavam pôsteres de Ernesto Che Guevara na parede do quarto, fica difícil entender a relação dos garotos e garotas de hoje com seus ídolos. É simples. Os jovens admiram pessoas que encarnam os valores da sua geração [...] Xuxa, Madonna e Pelé, a independência de Romário, a coragem do sociólogo Betinho. Eles admiram quem sabe fazer fortuna. Respeitam quem sabe diferenciar-se da multidão, Reverenciam gente que morreu no auge do sucesso, como os roqueiros Kurt Cobain, do Nirvana, Jim Morrison, do The Doors, e, mais do que qualquer outro, o piloto Ayrton Senna"* (Veja,10/08/1994:69)

Na primeira edição especial de *Veja* sobre a juventude, de set/2001, revela-se como os ídolos de massa, por exemplo, aparecem no texto para reforçar-se a idealização de uma juventude consumista:

> *"de seus ídolos, os adolescentes querem apenas a diversão. Colecionar figuras. Guardar pôsteres. Comprar roupas parecidas. Urrar de paixão nos shows. E depois ir para casa dormir, pensando que amanhã será outro dia. Talvez com um ídolo novo" (Veja, set/2001:59).*

O jovem aí passa a refletir o consumismo no lugar da ideologia. Na relação dessa passagem com a anterior, podemos notar como o jovem tende a ser mais enfaticamente idealizado em função de seu poder de compra "de seus ídolos, os adolescentes querem apenas a diversão" (Veja, set/2001:59). Com a reportagem intitulada

"Em paz e com amor" [1990], vimos como o consumismo repercutiu ao destacar-se ídolos de massa como Xuxa e Tom Cruise: "Culto a estrelas que seria quase certamente ridicularizado pelos jovens arrogantes da década de 60" (Veja, 31/10/1990:69).

CULTURA

Elvis Presley
Seu rebolado virou ícone da geração que iniciou a liberação sexual

Beatles e Rolling Stones
Símbolos da juventude engajada dos anos 60. Os Beatles eram cabeludos, irônicos e provocativos. Os Stones, mais cabeludos, mais irônicos e mais provocativos

APENAS UM PÔSTER

Os ídolos antigamente representavam o ideário de uma geração. Hoje, são diversão pura e simples

CECÍLIA NEGRÃO

A expressão "o ídolo de toda uma geração" não faz mais sentido nos dias de hoje. No passado, as gerações se definiam pelos ícones que as representavam. James Dean era o inspirador da "juventude transviada" dos anos 50. Os Beatles e os Rolling Stones, da turma do "sexo, drogas e rock'n'roll". Madonna, com suas canções e sua atitude, liderava a juventude "com licença, eu vou à luta", da década de 80.

E a geração atual? Pode-se dizer que ela não cola um pôster na parede. Cola vários. O teen de hoje gosta num dia do grupo americano Hanson, em outro dos Backstreet Boys, no terceiro cobre todos eles com um retrato das inglesas Spice Girls. É infiel por natureza.

Isso pode chocar os mais velhos, que se acostumaram a passar a adolescência orando para um único roqueiro no altar do quarto.

"Eu era fã de Roberto Carlos e amava os Beatles com a certeza de que seria para sempre", diz a bancária paulista Neise Soares, de 47 anos. "Minha filha não pode dizer o mesmo em relação a ninguém." A filha de Neise é a estudante Flávia Gianesella, de 16 anos. Ela coleciona pôsteres com duas amigas, Nádia Yashimoto, de 17 anos, e Nataly Moura, de 16. As três já idolatraram as Spice Girls, o ator americano Leonardo DiCaprio, os Backstreet Boys e até os Guns N'Roses, do já barrigudo Axl. Elas juntam tudo. Além de pôsteres, camisetas, revistas, livros, figurinhas e até pirulitos. Quando a onda passa, guardam tudo na gaveta e começam outra coleção. Perguntada sobre quem é seu ídolo real, Flávia responde: "Gosto de reggae, black music, Whitney

58 setembro, 2001 VEJA JOVENS

Fig. 038 – Ref. *Veja* edição especial setembro/2001, página 058.

Em "A grande onda da geração dos shoppings"[1994], o mesmo acontece, mas sublinhando-se como esse reconhecimento identitário reflete a reprodução dos "valores de sua geração" (Veja,10/08/1994:69): independência, solidariedade, sucesso financeiro, ambição. Valores de uma juventude que também passam a corresponder à emergência de uma geração com uma "cabeça ... mais complexa do que a de seus pais e irmãos mais velhos" (Veja, 10/08/1994:66). O jovem dos anos 90 aparece, assim, livre da ideologia e refletido, via consumismo, "no olho do furacão tecnológico":

> *"Não são bombardeados pelos propagandistas ideológicos que guiaram muitos dos jovens dos anos 60 e 70 [...] Vivem no olho do furacão tecnológico, a maior revolução a que a humanidade já assistiu ... "Eles são mais maduros que os adolescentes dos anos 80 e menos preconceituosos que os jovens da década de 60 e 70", diz*

> *Lisandre Castello Branco, professora de Psicologia* (Veja,10/08/1994:66).

A questão da tecnologia aparece no texto para reforçar-se a nova imagem de um jovem menos preconceituoso e mais maduro. O texto intitulado "Em paz e com amor" também idealizava o novo perfil ao afirmar-se como "os adolescentes ... travam conhecimento com as notícias e novidades antes dos adultos"(Veja, 31/10/1990:71). Esse perfil reflete o jovem em identificação ao mercado, o que dispensaria qualquer idéia de reflexão entre capitalismo e socialismo. Exemplo nesse sentido é justamente a referência a um líder da esquerda que em "Alegria, alegria" [1992] sequer fora mencionado como o presidente da UNE quando a sociedade mobilizava-se pelo *impeachement* de Fernando Collor:

> *"Talvez o último brasileiro com menos de 25 anos que ainda leve a sério a possibilidade de implantar o socialismo no Brasil seja o ex-presidente da União Nacional dos Estudantes Lindberg Farias. Nisso, Lindberg faz companhia a toda a ala da esquerda de cabelos grisalhos incapaz de reformar o Fusca ideológico que aprendeu a pilotar nos tempos de centro acadêmico"*(Veja,10/08/1994:70).

O jovem, a exemplo dos textos dos anos 70, é chamado a dar-se conta de que não se deve levar "a sério a possibilidade de implantar o socialismo no Brasil". Em "A UNE volta para ficar"[1979], afirma-se como "os estudantes ... não causam pesadelos" (Veja, 10/10/1979:22). Conseqüência: os jovens "estão conseguindo traçar uma rota própria e mais serena" (Veja, 21/08/1985:76). Daí, chega-se à conclusão de como "a geração 90 não está a fim de derrubar nada e aceita o mundo mais ou menos como é" (Veja, 31/10/1990:70). Sempre em contraste com a juventude dos anos 60 e 70, a idealização da

geração dos anos 90 desdobra-se agora para sinalizar-se como "está pronta para viver o capitalismo em toda a sua extensão" (Veja, 10/08/1994:71):

> *"os jovens de hoje fazem parte de uma 'geração que está pronta para ... exercer a liberdade de escolha como consumidor em todas as esferas da vida'. Viver o capitalismo significa sonhar em ganhar dinheiro[...] Querem primeiro mudar as próprias vidas. Talvez consigam o que seus pais sonharam e não conseguiram: mudar também o Brasil"*(Veja, 10/08/1994:71).

A reportagem exibe *fotos* dos artigos de marca mais consumidos entre os jovens. Além disso, dados oficiais do IBGE e algumas pesquisas de mercado informam sobre o comportamento do adolescente e a movimentação das vendas de empresas dos ramos da indústria e do comércio. O jovem aparece, assim, com mais ênfase ainda como exemplo de integração ao consumismo: "para exercer a liberdade de escolha como consumidor em todas as esferas da vida".

Idealiza-se o jovem associando-o ao mundo do consumo e das novas tecnologias, onde revela-se uma democracia, como bem observa Muniz Sodré em "Reinventando a cultura" [1996] que "é mais senso-comum e ambiência cotidiana do que paixão ideológica" (1996:70). A próxima passagem enfatiza como essa questão do consumismo não implicaria em pensar no jovem dos anos 90 como "um alienado":

> *"os jovens do final dos anos 60 e começo dos 70 rejeitavam a sociedade de consumo e sonhavam mudar o mundo. Era sonho e se acabou. Os jovens que estão aí aparentemente não demonstram grande queda pela política. Só aparentemente. 'Não sou um alienado. A situação do país não está boa e precisamos mudar os políticos que nos governam', bate firme Márcio Carvalho, 19 anos [...] Mudar os políticos como? 'Escolhendo outros na eleição. Existe outro jeito?', quer saber Marcos Oliveira, estudante de 1º grau"*(Veja, 10/08/1994:68).

Essa passagem remete à idéia de como nos anos 70, em "A jovem maioria silenciosa"[1970], quando reforçava-se uma imagem desfocada do movimento estudantil em *Veja*, idealizava-se um novo perfil para a juventude em relação ao campo da política:

> *"Eleição é mais importante do que passeata. Para dissolver uma passeata bastam algumas bombas de gás e para anular o resultado de uma eleição é preciso fechar o Congresso, o que é mais difícel"* (Veja, 18/11/1970:22).

Na relação dessa passagem com a anterior, podemos afirmar como o jovem, que antes pensava como a eleição "é mais importante do que passeata", agora acredita que "mudar os políticos" implica na escolha de "outros na eleição". Enquanto "os jovens do final dos anos 60 e começo dos 70 rejeitavam a sociedade de consumo e sonhavam mudar o mundo", emergia uma geração de jovens para ser idealizada em torno de um estilo de vida sem ideologia. Um estilo de vida que no decorrer dos anos estava tomando outra forma por meio do consumismo e que em *Veja* não repercutiria mais uma alienação política: "Só aparentemente", pois o jovem acredita nas eleições, mas aceitando "o mundo mais ou menos como é" (Veja, 31/10/1990:70).

Steven Miles, em "Youth Lifestyles in a Changing World", estuda como a questão do consumo aparece em relação ao jovem do mundo contemporâneo:

> *"Os jovens são constantemente cercados por símbolos ideológicos de consumo que os tem constituído como cidadãos consumidores. Porém, a promessa do consumo é raramente assinalada pela realidade. Muitos autores têm notado que os jovens raramente usam as diversidades providas pelo mercado e que os jovens consumidores estão atualmente se tornando singularmente conservadores, quase como se o mercado os tivesse hipnotizado dentro de uma inércia política e social"* (2000:125).

Os jovens a partir dos anos 80 aparecem em *Veja* como exemplo de integração ao consumismo, "quase como se o mercado os tivesse hipnotizado dentro de uma inércia política e social". A partir dos anos 90, a idealização de uma juventude consumista é reforçada ao estigmatizar-se os jovens da periferia como grupo de risco, conforme vimos no capítulo anterior. A segunda edição especial de *Veja* (jul/2003) sobre a juventude é exemplo de como uma revista aparece repercutindo um estilo de vida elitista. Na capa, três casais, bonitos e sorridentes, vestindo roupas de marca, estampam um grupo de jovens como metaforizado numa família unida para projetar a juventude em conformidade com um mundo globalizado.

Fotos ilustram como é esse mundo do jovem idealizado como exemplo de integração ao consumismo. Os textos referem-se à casa própria, vestuário, automóveis, celulares, conta bancária, aparelhos de som e vídeo, informática, alimentação. Uma bela jovem fala sorrindo ao telefone celular com um "look que vale um carro"(Veja, agosto/2003:82). Suas roupas e acessórios são identificados pela marca e pelo preço, compondo um visual que custa "18 165 reais":

> *"Com um apetite consumista maior que o da média da população, o jovem brasileiro sabe onde quer gastar e ainda influencia as compras da família [...] São adolescentes, mas pode chamá-los de maquininhas de consumo ... vão mais vezes ao cinema, viajam com maior freqüência, compram mais tênis, gostam mais de roupas de grife ... consomem mais produtos diet, têm mais computadores, assistem a mais DVDs e vídeos ... O poder jovem também se nota na hora de esvaziar o carrinho no caixa. Um quarto do que é registrado foi pedido pela garotada"* (Veja, julho/2003:81 e 82).

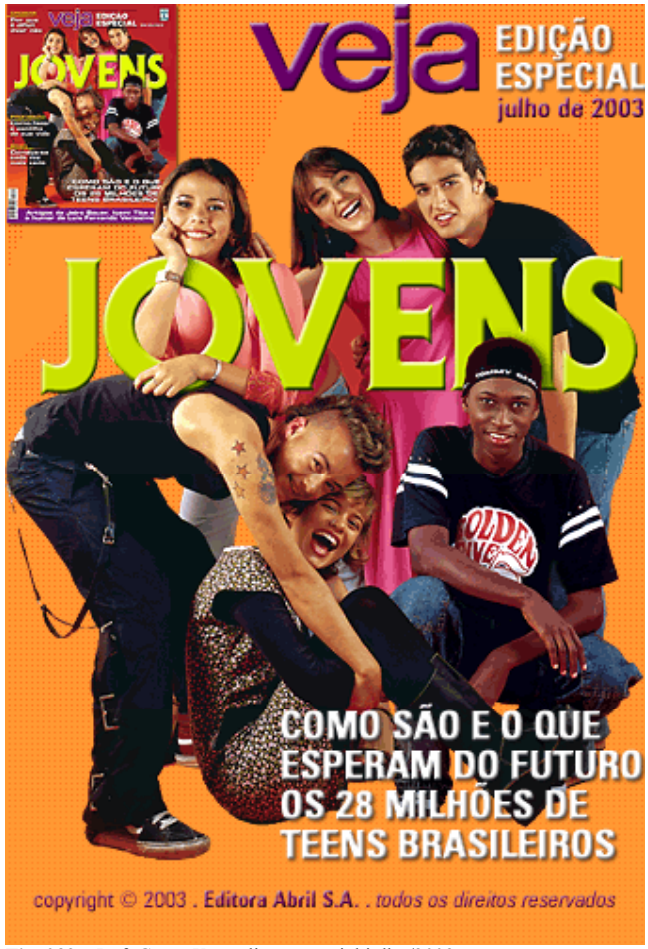


Fig. 039 – Ref. Capa *Veja* edição especial julho/2003.

Idealiza-se, assim, a juventude em torno do consumismo: "maquininhas de consumo". Um estilo de vida que reflete práticas cotidianas com "um apetite consumista maior que o da média da população". São jovens, conforme já sinalizava-se em "Sem Freud nem Lênin" [1985], que "estão conseguindo traçar uma rota própria e mais serena" (Veja, 21/08/1985:76), pois "vão mais vezes ao cinema, viajam com maior freqüência, compram mais tênis, gostam mais de roupas de grife".

Fig. 040 – Ref. *Veja* edição especial julho/2003, página 82.

E esse perfil de uma juventude consumista tende a partir dos anos 90 a ser reforçado em *Veja* quando passa a refletir também o mundo da comunicação, conforme veremos no próximo excurso. O jovem, assim, aparece em *Veja* para reafirmar-se esse estilo de vida em torno do consumismo e das novas tecnologias. Um estilo de vida que no texto intitulado "Eles têm a força" [2003] repercute com meninos e meninas de 8 a 12 anos.

> *"De tão informatizados, põem o computador em posição mais importante, na ordem das prioridades, do que a televisão. Faz sentido: vieram justamente da internet, dos bate-papos e dos games, mais do que qualquer outra fonte, a informação e a desenvoltura que puseram essa turminha na porta do mundo dos adultos [...]Loucos por tecnologia, os tweens consideram o telefone celular uma extensão do próprio braço"*(Veja, 26-02-2003:86 e 90).

Se noutros textos, as contradições intergeracionais partiam de uma tensão de forças simbólicas entre estilos de vida distintos, agora, como notamos nessa passagem, a juventude é, de certa forma, naturalizada pela mediação das novas tecnologias: "os tweens consideram o telefone celular uma extensão do próprio braço". Não se observam em "Eles têm a força" as particularidades culturais das gerações passadas. O jovem aparece em *Veja* refletindo na sua própria temporalidade, em função de sua competência técnica, seja no consumo ou no manejo dos aparelhos tecnológicos do mundo da comunicação: "Faz sentido: vieram justamente da internet, dos bate-papos e dos games".

Se antes o movimento estudantil aparecia como uma ameaça ao futuro da juventude por causa das suas idéias que remetiam à revolução socialista, agora aborda-se como a chamada "revolução tween" estaria "provocando uma quebra na hierarquia das famílias"(Veja, 26-02-2003:87). E essa "revolução", segundo o texto, parte de um estilo de vida consumista e integrado às novas tecnologias:

> *"Mais decididos e mais independentes, os tweens de classe média ... adquiriram um alto poder de compra [...] Reizinhos do consumo, eles têm, só para eles, celular, televisão, aparelho de som, videogame, computador e armário cheio de roupas e sapatos e maquiagens. E sonham com moto, videogame mais moderno, guitarra, laptop, camisetas de time de futebol, viagem para Disney e Havaí, piercing e tatuagem e mais roupas e sapatos [...] A maioria não ganha mesada – prefere ir tirando dinheiro dos pais aos poucos"* (Veja, 26-02-2003:86 e 87).

O jovem tende a ser idealizado com um estilo de vida consumista e que passa a refleti-lo com o maior grau de alienação possível no mundo das novas tecnologias: "Reizinhos do consumo". Em outra passagem, o jovem, que antes significava "permanente e radical mobilização política" (Veja, 10/10/1979:26), passa a ser reconhecido como um consumidor consciente:

> *"Engana-se, porém, quem acha que os twees são uns bobinhos facilmente controlados pela publicidade. Pelo contrário – são exigentes e mudam de foco como quem muda de canal no controle remoto"* (Veja, 26/02/2003:86).

Os jovens trocaram "as passeatas pelo shopping center" (Veja, 31/10/1990:68), mas não são "uns bobinhos facilmente controlados pela publicidade. Já em relação aos jovens dos anos 60 e 70 afirmava-se como eles "rejeitavam a sociedade de consumo" ao serem "bombardeados pelos propagandistas ideológicos" (Veja, 10/08/1994:66). A moral aí é tratada como fenômeno de mercado. Os jovens dos anos 90 aparecem tão conscientes de seu papel social como consumidor que "impressiona com o poder de influência ... dentro de casa" (Veja, 26/02/2003:91). A passagem abaixo exemplifica como a juventude consumista configura-se nesse modelo ideal de reconhecimento identitário:

> *"a gaúcha Hegger Machado, 12 anos ... diz que leva uma hora para se arrumar para a escola. "É demorado escolher porque eu tenho muita coisa e gosto de sair com tudo combinando: o tênis com a calça, a calça com a blusa e a blusa com a jaqueta", explica [...] Assumidamente vaidoso, usa perfume de marca e gel no cabelo e é exigente na escolha da roupa ... Quando os pais lhe deram um telefone celular, foi ele quem escolheu o modelo:"porque era bonito", diz Marcelo Keller, 12 anos"*(Veja, 26/02/2003:89).

O jovem aparece para refletir poder de compra: "leva uma hora para se arrumar ... usa perfume de marca". Ele repercute em *Veja* o estilo de vida que emergia em "A juventude da beleza"[1980]:

> *"Chegou a vez de uma geração de jovens ... disposta a ser bela e saudável sem querer salvar o mundo"* (Veja, 05/11/1980:60).

Agora, em "Eles têm a força""[2003], reforça-se esse estilo de vida em torno das novas tecnologias. O consumismo é enfatizado também com a questão da vaidade. O jovem, já precocemente, aparece como apelo à imitação, tanto por ser "depositário de uma montanha de informações" (Veja, 26/02/2003:90) quanto por ser "assumidamente vaidoso". Nesse último quesito, "a maioria dos jovens brasileiros acha que "pessoas bonitas têm mais chances na vida", conforme destaca a reportagem intitulada "Geração vaidade"[2005].

Sem as comparações sócio-culturais entre a geração dos anos rebeldes e a deste início do século XXI, o texto articula dois aspectos culturais que despontaram numa pesquisa divulgada pela MTV: o consumismo e a vaidade. "Campeão mundial no que diz respeito à disposição de consumir" (Veja, 11/05/2005:86), o jovem brasileiro aparece agora idealizado em torno da beleza que o reflete com um estilo de vida ainda mais consumista:

> *"Os jovens brasileiros são consumistas, acomodados, individualistas e, sobretudo, vaidosos – muitos vaidosos [...] Pitadas extras de narcisismo são parte da natureza adolescente. No caso brasileiro, no entanto, tudo indica que há um certo exagero na dose"*(Veja, 11-05-2005:85).

Em "A juventude da beleza"[1980], destacava-se como emergia "uma geração mais narcisista que as gerações anteriores" (Veja, 05/11/1980:60). Parece que agora "há um certo exagero na dose". O texto focaliza como a indústria cultural repercute a questão da vaidade entre os jovens:

> *"O consumismo adolescente, assim como a vaidade, vem sendo retratado com freqüência em programas de TV dirigidos ao público jovem. A própria MTV criou um programa inspirado nos reality shows americanos [...] O seriado Malhação, da Rede Globo, com seus roteiros de estilo edificante, também já abordou o consumismo adolescente em diversos episódios"* (Veja, 11/05/2005:87 e 88*).*

Notamos, aí, a presença do jovem alienada no sistema imagístico[53]. Na passagem seguinte, o jovem, na sua vaidade e vontade de consumir, aparece no texto reproduzindo os valores de um estilo de vida "MTVizado":

> *"Guilherme, 18 anos, conta que é capaz de gastar toda a mesada em roupas ... "Tenho quinze pares de tênis, mais de 25 jaquetas e 37 calças jeans, embora só use cinco. Minha mãe fica louca. Ela é psicopedagoga, socialista, superética. Nada perua. Eu sou consumista por mim e por ela"... Em cinco anos, o estudante trocou dez vezes de celular [...] André, 19 anos: "Faço hidratação no cabelo, limpeza de pele, academia, dieta balanceada e bronzeamento artificial ... No banho, uso três sabonetes ... Homem bonito tem mais moral"*(Veja, 11/05/2005:85 e 88).

54 Esse conceito de sistema imagístico é pensado conforme Muniz Sodré. Em "O social irradiado" [1992], esse autor faz a seguinte reflexão a respeito: "sistema imagístico regula as identificações sociais (pelo menos dentro da esfera das aparências adequadas à comunicação social e ao mercado de consumo), administra o ethos modernizado (no sentido de modas e costumes) e simula padrões consensuais de conduta. Não se trata, pois, de 'informação' enquanto transmissão de conteúdos de conhecimento, mas de produção e gestão de uma socialidade artificiosa, encenada num novo tipo de espaço público, cuja forma principal é a do espetáculo" (1992: 45).

Na foto, Guilherme aparece deitado com pilhas de roupas e calçados. E André, olhando-se no espelho do banheiro, onde dezenas de produtos de beleza estão ao seu alcance. Com o texto intitulado “Em paz e com amor” [1990], vimos como o jovem “gosta de parecer bem alimentado e desenvolve um estilo quase obsessivo para roupas e acessórios” (Veja, 31/10/1990:68). Em “A grande onda da geração dos shoppings” [1994], “Taciana ... não vacila na hora de condenar como “hor-ro-ro-sos” os jeans que adorava seis meses atrás” (Veja, 10/08/1994:66). Idealiza-se, assim, o jovem como exemplo de integração ao consumismo. Um jovem cujo estilo de vida aparece em separado do mundo do jovem da periferia, conforme vimos no capítulo anterior.

Fig. 041 – Referente *Veja* de 11/05/2005: 85, da reportagem intitulada “Geração vaidade”[2005].

GUILHERME SALSARELLA,
18 anos, estudante de arquitetura
"Não posso entrar em um shopping center. Compro até acabar meu dinheiro. Tenho quinze pares de tênis, mais de 25 jaquetas e 37 calças jeans, embora só use cinco. Minha mãe fica louca. Ela é psicopedagoga, socialista, superética. Nada perua. Eu sou consumista por mim e por ela."

As ilustrações do texto de “Geração vaidade”[2005] confirmam essa tendência. Guilherme e André são jovens bonitos e brancos e, se considerar-se outra pesquisa sobre o perfil da juventude brasileira, pode-se afirmar também que “estão

conseguindo traçar uma rota própria e mais serena" (Veja, 21/08/1985:76). Ao destacar-se o perfil desse jovem com mais ênfase no consumismo, a reportagem procura orientar os pais em relação "às demandas adolescentes"(Veja, 11/05/2005:90). Uma desses conselhos, que remete à classificação de "pais sensatos", leva em conta como o consumismo exacerbado não repercutiria "só uma extravagância, mas uma tentativa de o adolescente se integrar a um grupo" (Veja, 11/05/2005:86):

> *"para o adolescente, ser aceito por seu grupo constitui uma necessidade tão crucial quanto é, para o adulto, estar empregado ... Uma calça cara pode ser, aos olhos do adolescente, menos uma extravagância de consumo do que uma espécie de senha para que ele consiga se integrar a sua turma"* (Veja, 11/05/2005:90).

Para "pais sensatos ... o pedido de (mais) uma calça jeans de 1 600 reais ... não deve ser respondido prontamente com um "não" indignado". Os "sensatos" tentam entender como "uma calça cara" representa para o jovem um visual que o permitirá estar com "a sua turma". Com essa passagem, reforça-se no texto aquela idéia de como os jovens "se unem mais pelos seus hábitos de consumo do que por uma grande causa" (Veja, 31/10/1990:70). Se antes os jovens "desejavam despedaçar o arcabouço da sociedade" (Veja, 09/05/1984:53), agora eles aparecem reproduzindo os valores de uma sociedade do consumo que os torna reconhecíveis pelo "poder e riqueza" (Veja, 11/05/2005:87).

Para a conclusão desse tópico, destacamos três breves registros com os quais podemos observar como a imagem da juventude consumista aparece repercutindo entre crianças e pais de adolescentes. "Em "Nascidas para se maquiar" [2006], a questão do consumismo revela-se como extensão do estilo de vida do jovem contemporâneo:

> *"as meninas estão exibindo traços de adolescente cada vez mais cedo, num movimento incontrolável estimulado pela televisão e cultivado pela interação nos grupos que freqüentam ... sabem tudo sobre marcas, modelos e cores. "Não gosto quando vejo alguém com a roupa ou o corte de cabelo igual ao meu. As meninas me copiam muito", declara Nicole Ayer, 7 anos, que ... tem celular desde os 5 anos e maquiagem suficiente para lotar três bolsinhas, uma só de batons"* (Veja, 01/11/2006:111).

Já precocemente, as crianças formam grupos por via do consumismo: "sabem tudo sobre marcas, modelos e cores". A exemplo dos jovens, refletem um mundo de beleza, riqueza e poder, confirma podemos constatar com mais ênfase em outra passagem:

> *"A carioca Bettina Maciel ... aprecia as bandas Black Eyed Peãs e Roling Stones e sabe letras e coreografias de Britney Spears e Beyoncé. Usa vestido curtinho ou calça jeans (marca Diesel, de preferência) com sandália de salto, intercalados com conjunto de moleton e tênis All Star ... Quando sai de casa, não deixa de pôr na bolsa brilho para os lábios, óculos escuros e escova de cabelo ... em dezembro ela quer uma câmera digital ou um iPod"* (Veja, 01/11/2006:110).

Com os pais de adolescentes a questão do consumismo também repercute como extensão do estilo de vida do jovem contemporâneo. Vimos no capítulo anterior, por exemplo, a temática do "eterno conflito de gerações" quando focalizávamos os jovens dos anos 60 e 70. Agora, em "Os limites da amizade" [2006], parece que o consumismo, ao refletir o poder jovem, estaria abolindo esse "eterno conflito":

> *"é cada vez mais comum quarentões e cinqüentões se misturando aos filhos e suas "galeras" nos bares e nas baladas noturnas. Esses pais e mães compram roupas nas mesmas lojas que os filhos, ouvem o mesmo tipo de música, colocam-se no papel de seus companheiros e tornam-se amigos de seus amigos – com quem às vezes acabam tendo relacionamentos amorosos"* (Veja, 29/03/2006:108).

Na relação da passagem acima com a anterior, podemos constatar como a juventude aparece como um modelo ideal para o reconhecimento identitário na reprodução de status social.

Fig. 042 – Ref. *Veja* edição especial Setembro/2001: 82

Fig. 043 – Ref. *Veja* edição especial Setembro/2001: 83

Seja com as crianças, seja com os pais de adolescentes, o estilo de vida consumista da juventude repercute também, ao recuperarmos a análise do texto intitulado "Em paz e com amor" [1990], a idéia de como "Os filhos da geração rebelde dos anos 60 vivem em harmonia com os pais" (Veja, 31/10/1990:70). Em outro trecho, da edição especial de set/2001, ressalta-se como esse fenômeno social representaria um estilo de vida para os pais que estão vestindo-se da mesma maneira que seus filhos:

> *"O problema é que o garoto dos anos 70 cresceu e ... continua usando jeans e tênis. Seu filho também. Todos acabam indo às mesmas lojas ... Essa convergência entre as gerações não é apenas questão de modismo. Tem a ver, também, com estilo de vida"* (Veja, setembro/2001:82,83).

Conclui-se, assim, como a juventude consumista serve de exemplo para a reprodução de status social por meio de seu estilo de vida: "não é apenas questão de

modismo. Tem a ver, também, com estilo de vida". No capítulo anterior, vimos como a idealização do jovem em torno do consumismo é reforçada em contraste com o mundo do jovem da periferia. Neste capítulo, a tendência repercute ao mostrar-se de modo expressivo como o jovem serve de exemplo de integração ao consumismo.

4.5 Conclusões

No período que vai dos anos 60 até a atualidade, podemos distinguir três momentos significativos de como aparece o jovem em *Veja*. Resumidamente, podemos afirmar que o primeiro deles é quando a juventude aparece em *Veja* associada à militância política. Esse perfil de um jovem politizado vai mudando com a emergência da chamada "geração saúde". É o segundo momento, quando o jovem aparece como exemplo de integração ao consumismo. O terceiro momento aparece quando idealiza-se uma juventude consumista em torno das novas tecnologias, o que será mais bem enfático com a análise do jovem no campo educacional, conforme veremos no próximo capítulo.

Do final dos anos 60 até os anos 70, o jovem rebelde era negado como agente social. O silêncio dos estudantes nos campus universitários, por exemplo, fora ressignificado em *Veja* para reforçar-se uma imagem desfocada do movimento estudantil. A força simbólica daquele estado de espírito presente entre os universitários era reproduzida no texto pelo seu efeito negativo. Em "A jovem maioria silenciosa" [1970], a geração pós-64 aparece no vazio desse silêncio para dar-se sentido à emergência de um novo perfil para

os jovens no país, que aparecem "demonstrando que são sobretudo moderados, tolerantes e até mesmo dóceis" (Veja,18/11/1970:25).

Em "A paz do silêncio no campus" [1971], o silêncio dos estudantes aparece em meio a episódios anódinos que acontecem dentro das universidades, como um namoro indecente, a subversão de um jogo de cartas, os bailes indecentes, a indesejável aparência de jovens com cabelos compridos vestindo roupas exóticas que eram associadas ao consumo de drogas e uma inocente roda de samba que estaria encobrindo atividades pornográficas e subversivas.

A força simbólica desse silêncio no campus é também apreendida no texto para requerer-se uma postura ativa da classe estudantil. Não de apatia ou de medo. Requeria-se a figura de um estudante liberal, flexível no seu modo de ser, um indivíduo ajustado à massificação da sociedade. Pensando em Muniz Sodré, com a obra intitulada "Antropológica do espelho" (2002:46), observa-se como desarticula-se em *Veja* um *ethos* até então dinamizado por um ambiente cognitivo que partia da vida política nacional. Aparece aí o filho do ministro da educação como exemplo que converge com a imagem daqueles jovens "moderados, tolerantes e até mesmo dóceis" (Veja,18/11/1970:25).

O silêncio do jovem nos *campus* mediado em *Veja* é rompido em 1977, quando são publicados textos sobre a tentativa do movimento estudantil voltar à legalidade. O jovem, aí, tende mais ainda a projetar-se em ruptura com o estilo de vida do jovem dos anos 60. Denunciava-se o desvio de conduta dos estudantes, ao insistirem com a idéia de

promover manifestações políticas fora dos limites impostos pelo MEC. O exército volta a ocupar as universidades, levando à prisão mais líderes estudantis.

Em "A UNE volta para ficar" [1979], reaparece o líder estudantil, mas o seu modo de ser não reflete mais aquele estilo de vida do jovem rebelde dos anos 60. Reflete, sim, o que estudamos no primeiro excurso de "A juventude da beleza"[1980]: um novo estilo de vida de jovens que "querem o realce" (Veja, 05/11/1980:60). O jovem líder aparece como uma celebridade que "dançou ao som do rock ... promovido a estrela da festa organizada pela chapa Mutirão"(Veja,10-10-1979:26), exibindo um corpo de atleta. O jovem dos anos 60 é renegado na emergência de uma juventude da beleza, que "abomina tudo que seja sisudo, cinza, de cenho franzido" (Veja, 05/11/1980:65).

Se até o final dos anos 70 o jovem não aparece ainda com um estilo de vida integrado ao consumismo, a partir dos anos 80 ele aparece em *Veja* como conseqüência de um processo de desalienação do seu próprio Ser na vida política. O jovem em *Veja*, se nos 70 é chamado no texto em separado da violência do movimento estudantil, nos 80 ele emerge em identificação ao mercado:

> *"Trocaram os sapatos das passeatas pelas rodas deslizantes dos patins[...]eles querem o realce[...]as cabeças feitas para mergulhar seus 17 ou 20 anos em rock, praia, patinação e, invariavelmente, na moldura de algum espelho"* (Veja, 05-11-1980:65 e 66).

Metaforicamente, poderíamos afirmar como o perfil do jovem em "mergulhar seus 17 ou 20 anos ... invariavelmente, na moldura de algum espelho" representa a imagem refletida desse jovem na sociedade de consumo: "o poder de consumo é o maior símbolo da força jovem"(Veja, 09-08-1989:89). Em *Veja*, desponta no lugar do

jovem militante de esquerda, os jovens bonitos, saudáveis e mais bem informados. E, associado a tudo isso, o jovem consumista, que, na base do esforço individual, tende a refletir o recrudescimento de uma reprodução alienada da força produtiva: "Experimentam bicos" (Veja,09-05-1984:58). Se os estudantes sob a ditadura lutavam para abolir as diferenças de classe, os jovens da pesquisa da McCann "não parecem deprimidos com essa mudança de padrão"(Veja,09-05-1984:60). Não aparece mais como um rebelde, pois, seguindo nossa análise, "está muito satisfeito em ser jovem".(Veja,09/05/1984:60).

Essa idealização de um estilo de vida consumista a partir dos anos 80 é reforçada em *Veja* com a publicação expressiva de textos sobre pesquisa de mercado para a definição do perfil da juventude no país. Nos anos 70, ao mesmo tempo que reforçava-se no texto uma imagem desfocada do movimento estudantil, emergia o perfil de uma juventude despolitizada. A prática da cidadania, que de certa forma repercutia com a mobilização estudantil, passa a refletir nos anos 80 "o poder de consumo":

> *"Se há alguns anos a prova de independência da juventude era o pôster de Che Guevara na parede e o rock no último volume, hoje o poder de consumo é o maior símbolo da força jovem"*(Veja, 09-08-1989:90).

Idedaliza-se, assim, uma juventude consumista em contraste com um mundo que não existe mais, o dos jovens rebeldes. Se antes, "desejavam despedaçar o arcabouço da sociedade" (Veja, 09/05/1984:53), nos anos 90 "vivem em harmonia com os pais". (Veja, 31/10/1990:70). Conforme a nossa hipótese para este capítulo, a juventude deixa de ser reconhecida com o mundo da política para emergir como exemplo de integração ao

consumismo. A reportagem intitulada “Os estudantes dão uma lição na rua”[1988] é parte significativa da pesquisa para confirmar-se essa hipótese.

Ao focalizar-se o movimento estudantil no final dos anos 80, podemos afirmar, em relação ao próprio espaço social do campo político, como o jovem aparece fora de lugar, “como um grupo a caminho da praia” (Veja, 20/04/1988:28). A mobilização dos estudantes aparece como “um espetáculo divertido de se ver” (Veja, 20/04/1988:28). No lugar da “insolência estudantil” (Veja, 10-10-1979:25), “o bom humor” (Veja, 20/04/1988:28). No lugar da ideologia, a repercussão de uma juventude consumista, bela e saudável: “uma garotada bonita e bem-humorada, habituada a freqüentar shopping centers e curtir a praia”(Veja,19/08/1992:18), salientava um texto sobre os “caras-pintadas”.

Em “Jeito de gente grande”[1989], previa-se que “na próxima década os jovens sejam tão fáceis de definir como a juventude que passeou pelos 60 – só que com sinais opostos”(Veja, 09-08-1989:92). Fica claro para nós como, via consumismo, essa profecia concretiza-se: “a geração 90 não está a fim de derrubar nada e aceita o mundo mais ou menos como é” (Veja, 31/10/1990:70). A partir dos anos 90, observa-se a mudança de como *Veja* passa a reforçar o jovem como modelo de integração ao consumismo ao associá-lo ao mundo das novas tecnologias.

Esse jovem dos anos 90, de quem se disse que veio para “colocar ordem na casa” (Veja, 31/10/1990:71), repercute um consumismo exacerbado. Vale ressaltar-se como o consumismo aparece alinhando as diferenças de classe para refletirem uma juventude em identificação ao mercado, onde o jovem da periferia também parece ter acesso a “prazeres mais corriqueiros que animam a vida dos garotos das faixas de renda mais elevadas [...] o

Nike é diferente. Mas, seja um autêntico, seja cópia, ele está lá, firme" (Veja,10/08/1994:71).

O estilo de vida, assim, aparece como valor de troca para ser exibido simbolicamente entre ricos e pobres. No final dos anos 70, conforme o capítulo anterior, já sinalizava-se como o modismo das discotecas repercutia uma juventude sem refletir as diferenças de classe:

> *"No subúrbio ou na zona sul carioca, em São Paulo, em todo o Brasil, nossos Travolta sacodem-se ao som dos "Bee Gees"* (Veja, 30/08/1978:52).

A idealização da geração dos anos 90 desdobra-se para sinalizar-se como "está pronta para viver o capitalismo em toda a sua extensão" (Veja, 10/08/1994:71). Em "Eles têm a força" [2003], o estilo de vida consumista da juventude repercute com meninos e meninas de 8 a 12 anos: "Reizinhos do consumo" (Veja, 26-02-2003:86 e 87). Os jovens trocaram "as passeatas pelo shopping center" (Veja, 31/10/1990:68), mas não são "uns bobinhos facilmente controlados pela publicidade".(Veja, 26/02/2003:86). Já em relação aos jovens dos anos 60 e 70 afirmava-se como eles "rejeitavam a sociedade de consumo" ao serem "bombardeados pelos propagandistas ideológicos" (Veja, 10/08/1994:66). A moral aí é tratada como fenômeno de mercado.

Com a reportagem intitulada "Geração vaidade"[2005], o jovem aparece idealizado em torno da beleza que o reflete com um estilo de vida ainda mais consumista. Jovens bonitos e brancos ilustram um perfil em separado da juventude da periferia, confirmando, com a análise do texto intitulado "Sem Freud nem Lênin" [1985], que eles "estão conseguindo traçar uma rota própria e mais serena" (Veja, 21/08/1985:76). A

reportagem procura orientar os pais em relação "às demandas adolescentes"(Veja, 11/05/2005:90). Os "pais sensatos" devem entender como "uma calça cara" significa para o jovem um visual que o permitirá estar com "a sua turma" (Veja, 11/05/2005:90).

Reforça-se, assim, a idéia de como os jovens "se unem mais pelos seus hábitos de consumo do que por uma grande causa" (Veja, 31/10/1990:70). Se antes os jovens "desejavam despedaçar o arcabouço da sociedade" (Veja, 09/05/1984:53), agora eles aparecem reproduzindo os valores de uma sociedade do consumo que os torna reconhecíveis pelo "poder e riqueza" (Veja, 11/05/2005:87). Um estilo de vida que repercute entre crianças e pais de adolescentes, conforme vimos em "Nascidas para se maquiar" [2006] e em "Os limites da amizade" [2006].

Seja com as crianças, seja com os pais de adolescentes, o estilo de vida consumista da juventude revela também, ao recuperarmos a análise do texto intitulado "Em paz e com amor" [1990], a idéia de como "os filhos da geração rebelde dos anos 60 vivem em harmonia com os pais" (Veja, 31/10/1990:70). Parece que o consumismo, ao refletir o poder jovem, estaria abolindo o "eterno conflito" entre gerações. Observamos com este capítulo como o modismo, a beleza e o consumismo tendem a catalizar as questões pertinentes do universo da juventude.

Excurso C: “O planeta teen”[1995]

Em “O planeta teen”[1995], o texto compreende uma visão do jovem integrada com um estilo de vida não mais pautado em contraste com o jovem dos anos 60. Trata-se de mais uma reportagem baseada numa pesquisa sobre o perfil da juventude, das classes A e B. Dessa vez, a novidade está relacionada com o fenômeno da globalização. Os estilos de vida do jovem agora são destacados para sublinhar-se no texto o processo de homogeneização da juventude em 26 países escolhidos para a pesquisa:

> *“Eles se acham engraçados e originais ... Adoram televisão, ouvem pirâmides intermináveis de CD, saem muito com os amigos. Não estão com cabeça para longas reflexões filosóficas. Usam jeans e camiseta, bem descontraídos – e de preferência com boas etiquetas. Devoram hambúrgueres e dedilham computadores com presteza ... Jovens brasileiros? [...]Feche os olhos e tente imaginar a quantidade de jovens que, neste exato momento, em todo o planeta, estão ouvindo a banda Green, pensando em dar um volta para comer um Big Mac ou comentando o filme Pulp Fiction*”(Veja,19/04/1995:106 e 108).

Aproveitando a reflexão teórica de Renato Ortiz em “Mundialização e cultura” [1994], podemos afirmar como o jovem nessa passagem aparece agora, via consumismo, reconhecendo-se com a chamada “cultura internacional popular”(1994:110). Reforça-se, assim, a imagem do jovem como exemplo de integração ao consumismo ao refletir um estilo de vida “extraordinariamente parecido”(Veja,19/04/1995:106) no mundo. Para chamar a atenção de como o consumo tende a representar a “formação de uma cultura internacional-popular”, destacamos uma passagem de Ortiz, em “Mundialização e cultura”[1994]:

> *"O movimento de desterritorialização não se consubstancia apenas na realização de produtos compostos, ele está na base da formação de uma cultura internacional-popular cujo fulcro é o mercado consumidor. Projetando-se para além das fronteiras nacionais, este tipo de cultura caracteriza uma sociedade global de consumo [...] as condutas se diferenciam em função de segmentos de consumo, e não mais segundo suas territorialidades"* (1994:110 e 111, 173).

Seguindo o raciocínio de Ortiz, o jovem aparece refletindo o "movimento de desterritorialização", pois ele está "pensando em dar um volta para comer um Big Mac ou comentando o filme Pulp Fiction". Essa questão pode ser explicitada com a próxima passagem:

> *"Muita Coca-Cola rolou debaixo da ponte, e hoje ... existe uma geração que, em escala planetária, sob o bombardeio de uma onipresente indústria cultural e com extraordinário acesso à informação, sente, quer, veste, ouve e vê as mesmas coisas"*(Veja,19/04/1995:106).

O jovem, assim, aparece no mundo sentindo, querendo, vestindo, ouvindo e vendo "as mesas coisas". Na primeira parte do capítulo 1, vimos com Ric Hobsbawm, em "Era dos extremos" [1996], como a emergência da cultura jovem no Ocidente representava, entre duas outras peculiaridades estudadas por esse autor, um "espantoso internacionalismo ... a esmagadora hegemonia cultural dos EUA na cultura popular e nos estilos de vida" (1996:320).

Com *Veja*, observa-se como o jovem aparece no mundo sentindo, querendo, vestindo, ouvindo e vendo "as mesas coisas ... pensando em dar uma volta para comer um Big Mac ou comentando o filme Pulp Fiction""(Veja,19/04/1995:108). Ele repercute, assim, uma cultura internacional popular "sob o bombardeio de uma onipresente indústria cultural" (Veja,19/04/1995:106).

Os resultados da pesquisa articulam-se com a palavra de técnicos especializados em comportamento juvenil e com as entrevistas de alguns jovens do Brasil e do mundo. O jovem em *Veja* passa a ser idealizado em função das novas tecnologias. Destacamos do texto aquilo que os "jovens da primeira geração verdadeiramente global da História" consideram como moderno e não moderno:

"EM ALTA:	**EM BAIXA:**
• Arte	**• Política**
• Revistas	**• Livros**
• TV	**• Teorias sociológicas**
• Esoterismo	**• Religiosidade**
• Artistas	**• Ídolos políticos**
• Comunicação	**• Reflexão" (Veja, 19/04/1995:107)**

Esse tipo de comparação, entre a tradição e o moderno, revela no texto dois mundos distintos. Vimos como a nova imagem da militância estudantil estaria se formando na "medida em que o país se moderniza": "os estudantes vão deixando de ocupar os papéis principais no debate dos grandes temas" (Veja, 30/05/1979:72). O jovem com a passagem acima, se antes se reconhecia mais no âmbito das práticas acadêmicas (livros, teorias sociológicas, reflexão, política e ídolos políticos), agora o reconhecimento identitário dá-se no âmbito das práticas tecnoculturais. Para cada significante, uma referência circunscrita a determinado mundo vivido. A juventude saindo do mundo da representação para ingressar no mundo da comunicação. E essa diferença, como temos observado em *Veja* desde o final dos anos 60, vai afirmando-se ao projetar-se o jovem como exemplo de integração ao consumismo. A próxima passagem reflete essa questão:

> *"os anos 90 indicam uma forte tendência para o despojamento – mas de um tipo curioso ... representado por bens de consumo sofisticados, do computador com recursos multimídia de vigésima geração ao celular mauricinho ... o adolescente retratado aspira a uma espécie de ideal marxista new age, em que o lazer de qualidade se soma a uma trabalho do qual se extraia prazer"* (Veja, 19/04/1995:110).

Esse jovem dos anos 90, que parece "colocar ordem na casa" (Veja, 31/10/1990:71), conforme vimos no texto intitulado "Em paz e com amor"[1990], representa aí um consumismo exacerbado. Esse jovem, sem "cabeça para longas reflexões filosóficas" (Veja. 19/04/1995:106), reflete um estilo de vida com poder de compra para ostentar "bens de consumo sofisticados". Ele, no mundo, conforme a seguinte passagem, não poderia também ser rotulado como um alienado na política:

> *"A juventude dourada dos dois hemisférios também se une estrepitosamente no horror à política tradicional. Da Rússia ao Brasil,da Alemanha à Tailândia, a esmagadora maioria faz suas as palavras de Caetano Veloso – política é o fim"* (Veja, 19/04/1995:110).

E como poderia o jovem ser um alienado se, para ele, a "política é o fim"? Agora, nem mesmo afirma-se que "os jovens ... aparentemente não demonstram grande queda pela política" (Veja, 10/08/1994:67). Simplesmente, com um jovem que "sente, quer, veste, ouve e vê as mesmas coisas" (Veja, 19/04/1995:106), a pesquisa garante que ele tem agora "horror à política tradicional".

V

DA MACONHA AO ECSTASY

Neste quinto bloco temático, vamos estudar como aparece nos textos a juventude quando associada ao consumo de drogas. De que forma o jovem é visualizado nesse sentido. De que forma, por exemplo, o estilo de vida hippie será reconhecido quando essa temática aparecer no texto. O jovem hippie que consome drogas será visto tão somente em função desse hábito ou o texto dará margem a outras interpretações?

Na introdução, ressaltamos a hipótese de como na atualidade o jovem é chamado para a questão das drogas na expressão de sua tragédia humana. Ou ainda sendo visualizado na relação tensionada de pais e filhos e entre membros de seu convívio social. E também com o jovem na possibilidade de perder prestígio social ao ter de relacionar-se com os traficantes de droga. Partindo dessas questões, podemos pensar como desde o início de *Veja* foi se desenvolvendo no texto uma juventude relacionada ao mundo das drogas.

Sob o aspecto da apresentação gráfica das edições especiais, o jovem da periferia só ganha expressivo destaque visual nas páginas quando aparece consumindo drogas. Mas para representar a relação do "ficar", ou sobre os hábitos alimentares dos adolescentes, ou ainda quando o tema é a educação, a preferência para as fotos é pelos jovens de cor branca. Observamos assim como na atualidade idealiza-se uma juventude em separado do mundo dos jovens da periferia. No capítulo 3, constatamos que a projeção de um modelo ideal de juventude articula-se a partir do momento em que *Veja* passa a focalizar o tema da violência entre os jovens.

Neste capítulo, trabalhamos com a hipótese de como a juventude, principalmente a partir daquele momento em que a violência tende a estar mais presente nos textos, passa a refletir um estilo de vida que, além de articular-se em separado do mundo dos jovens da periferia, aparece sendo prescrito pedagogicamente para ser preservado do consumo das drogas e, por conseguinte, do grupo de risco dos jovens da periferia.

5.1 O movimento hippie e a questão das drogas

Em *Veja*, até o final dos anos 70, o consumo da maconha no Brasil foi articulado na revista para ser identificado o mais possível com o movimento hippie. O estilo de vida dos jovens hippies geralmente se explicava em *Veja* por causa do consumo de drogas. Evitava-se compreendê-lo com outra visão interpretativa. Ao longo deste capítulo,

esta e outras observações serão pensadas para fundamentar uma argumentação conseqüente para a nossa pesquisa histórica. Antes de focalizarmos as reportagens especiais, propomo-nos a estudar três breves registros que sinalizam como *Veja* passa a focalizar o jovem quando a revolução nos costumes começava a ganhar repercussão nacional com o desenvolvimento das telecomunicações.

Até o final dos anos 70, sendo *Veja* uma revista direcionada à política e à economia, apenas uma reportagem especial sobre esse tema foi localizada para a nossa pesquisa. Consideramos a idéia de estudar também nesse período a problemática em algumas breves notícias. É o caso, por exemplo, de uma notícia intitulada "O que é hippie?". O estilo de vida hippie é creditado ao "uso excessivo de tóxicos" (Veja, 12/11/1969: 54) e definido como um espetáculo teatral:

> *"os baianos não conseguiam se acostumar ao espetáculo diário oferecido pela turminha do "paz e amor": os banhos de mar sem roupa e o amor feito no gramado do jardim, à luz do dia"* (Veja, 12/11/1969: 54).

Em outro breve texto, intitulado "Os bichos no INPS", o desabafo de um hippie que sentia-se discriminado:

> *"Não queremos mais ser vistos como marginais. As pessoas nos olham como se fôssemos maconheiros. Com a carteira de trabalho ficamos mais entrosados com a sociedade"* (Veja, 29/09/1971:44).

Em uma charge de Millôr Fernandes (Veja, 09/09/1970: 12), podemos constatar como o estilo de vida hippie é representado no texto para ser justificado tão somente em função da droga consumida. A ilustração mostra um pai ao lado de seu filho:

"Um dia tudo isso será teu", diz o homem, apontando para uma plantação de maconha. Em "Hippies sem paz"[1970], o consumo de drogas é também enfatizado com o próprio slogan do movimento:

> *O amor esconde o proxenetismo, a paz é um slogan da subversão e a flor tem o aroma dos entorpecentes"* (Veja, 04/03/1970:70).

As três passagens acima sinalizam, pois, como o jovem hippie representava um estilo de vida marginal e que em *Veja* era chamado a integrar-se à sociedade, conforme a própria fala de um integrante do movimento: "Não queremos mais ser vistos como marginais" (Veja, 29/09/1971:44). Eles se sentiam discriminados pela sociedade, principalmente por que eram vistos como "maconheiros".

Ainda em "Hippies sem paz", extraímos outra passagem. Após narrar a ação da polícia para reprimir o movimento hippie no país, o texto procura projetar o estilo de vida do jovem hippie em separado da juventude brasileira:

> *"Os autênticos hippies dormem em parques públicos e pedem dinheiro aos passantes para comprar sanduíches [...] no Brasil,esse tipo de hippie é reduzida minoria entre os hippies nacionais.* (Veja,,04/03/1970:70).

O jovem hippie aparece em separado da juventude em geral e, mais especificamente, da classe média, pois ele é representado como um "mendigo". Em outra passagem, chega-se a diferenciar numericamente os autênticos hippies do hippie nacional:

> *"Em São Paulo, por exemplo, há mais de quinhentos rapazes e moças que se vestem como hippies (às vezes, de repente, abraçam e beijam um assustado transeunte). Mas apenas vinte ou pouco mais*

> *são "autênticos" e, desses, quase todos são uruguaios, argentinos ou americanos"*(Veja,,04/03/1970:70).

Há uma preocupação detalhista do redator em preservar a imagem da juventude brasileira. E mais ainda: preservar os padrões morais da classe média. Articula-se aí a idéia de como o jovem hippie brasileiro não deve ser confundido com os chamados "autênticos" hippies. Quando constata-se uma certa influência do movimento hippie entre os jovens brasileiros, o texto esclarece que "apenas vinte ou pouco mais são "autênticos" e, "desses, quase todos são uruguaios, argentinos ou americanos".

Procura-se dissociar o mais possível a imagem da juventude brasileira de um estilo de vida que, segundo a narrativa, parecia não existir de fato entre os jovens da classe média e alta do país. Ao manipular-se o estilo de vida hippie, *Veja* acaba sugerindo ao jovem evitar-se situações que possam identificá-lo como um marginal. O estilo de vida hippie entre os jovens brasileiros somente é confirmado no texto como uma reprodução sem autenticidade:

> *"Todos os outros vivem ou de mesada dos pais ou de emprego (com cartão de ponto, inclusive), ou da venda de objetos artesanais e quadros feitos em ateliês às vezes muito bem montados [...] a maioria dos hippies brasileiros ... não chegou a terminar o curso secundário [...] São quase todos jovens da classe média próspera – há alguns de famílias mais ricas – que, por um motivo ou por outro, não querem mais morar com seus pais. E que abandonaram os estudos, por terem perdido o interesse em seguir uma carreira"*(Veja,,04/03/1970:70).

Quem expressasse o estilo de vida hippie seria uma exceção à regra, a daqueles que, por exemplo, "não querem mais morar com seus pais. E que abandonaram os estudos". Esses jovens hippies passam a representar uma falta de perspectiva profissional

para quem se identificasse com seu estilo de vida. No final do texto, um alerta em *Veja* para o jovem brasileiro evitar um estilo de vida associado à imagem daqueles que "dormem em parques públicos e pedem dinheiro aos passantes para comprar sanduíches":

> *"a polícia não faz distinções sutis, nas batidas, entre marginais disfarçados, vadios ou apenas jovens pouco convencionais"*(Veja,,04/03/1970:70).

Como podemos notar, sejam "disfarçados, vadios ou apenas jovens pouco convencionais", a referência aí remete ao estilo de vida hippie. Fernando Gabeira, ex-militante da luta armada, defende aquela tese de que o consumo de maconha entre os jovens nos anos 70 era uma forma de protestar contra uma sociedade sob o regime da ditadura militar (Veja, 26/07/2000: 117). Em *Veja*, porém, essa idéia, até aqui, não aparece, conforme esses três primeiros breves registros, principalmente nesse último, intitulado "Hippies sem paz"[1970]. Essa tese de Gabeira não aparece porque, como bem tem sido observado, o consumo de maconha não está associado à militância política, mas ao estilo de vida do movimento hippie.

Se até o final dos anos 70 o estilo de vida hippie tende ou não a ser estigmatizado em *Veja* por causa de sua relação com as drogas, a melhor resposta pode ser encontrada quando a temática do texto refere-se, por exemplo, ao aumento no consumo de drogas no país. Em abril de 1970, a revista publica a primeira reportagem especial sobre esse assunto, sob o título "A perigosa moda dos tóxicos"[1970]. Como o próprio título sugere, o movimento hippie tende a ser reconhecido pela articulação dessa temática com a expressão "moda". Destacamos a seguir uma passagem que descreve como o consumo de drogas estaria se disseminando entre jovens de classe média e alta:

> *"Ela sempre havia sido considerada vício característico de marginais e assaltantes. Hoje, a maconha já subiu de status, com clientela de classes média e alta [...]Aos sábados e domingos, são comuns as festinhas com psicotrópicos e maconha a bordo de veleiros e lanchas, no rio Guaíba. No Recife, a bolinha e a maconha ficaram consagradas, em recente festa de aniversário de uma jovem universitária ... e à qual compareceu toda a juventude da alta roda"* (Veja, 01/04/1970:37).

Com essa passagem, podemos notar como o movimento hippie aparece aí como parte dinamizadora de um novo hábito que agora passa a estar presente entre jovens de classe média e alta. Ao ressaltar-se como a maconha "sempre havia sido considerada vício característico de marginais e assaltantes", observa-se que é também nesse sentido em que o jovem hippie é reconhecido, pois, conforme vimos em "Os bichos no INPS", era desse jeito que ele se sentia na sociedade: "Não queremos mais ser vistos como marginais"(Veja, 29/09/1971:44).

Em outra passagem, o estilo de vida hippie aparece no texto para ser identificado em função dos efeitos alucinógenos das drogas consumidas:

> *"O LSD, onde os hippies e os gurus encontram a visão psicodélica da unidade do mundo com Deus, também é reconhecidamente perigoso[...] A maconha ... pode parecer reconfortante num mundo tão cheio de problemas. O LSD, aparentemente, promete um paraíso: vivências de cores, vivências acústicas, formas geométricas belíssimas ... a consciência da grande unidade cósmica entre o homem e sua células, o homem e as plantas, o homem e as estrelas"* (Veja, 01/04/1970:40).

Esta passagem sinaliza como o jovem vai aparecendo em torno de seus dramas pessoais. Os efeitos alucinógenos, que remetem ao estilo de vida hippie, também servem para alertar a juventude de que o consumo de drogas "é reconhecidamente

perigoso". Argumenta-se inclusive, cientificamente, como uma droga, como o LSD por exemplo, age no cérebro do usuário:

> *"Loucura fugaz: à direita, o desenho original; à esquerda, a cópia após o LSD [...] tem a propriedade de desorganizar o psiquismo humano normal, de desorganizar o trabalho mental", diz o psiquiatra ... O LSD produziria uma imitação controlada e fugaz da loucura ... O LSD é muito perigoso"*(Veja, 01/04/1970:38).

Figura 044 Ref. *Veja* de 01/04/1970:39, do texto intitulado "A perigosa moda dos tóxicos" [1970].

Com a passagem, constatamos como o jovem que consome drogas aparece em processo de escapismo da realidade, numa experiência que o torna semelhante a quem estaria com o seu estado de consciência alterado. O efeito alucinógeno do LSD aparece no texto, com a tentativa de reprodução de desenhos de uma aula de geometria, alertando para o fato de como o vício seria prejudicial ao desenvolvimento intelectual da juventude.

Exemplo nesse sentido é enfatizado também em relação à maconha. O texto, na tentativa de questionar "Um mito recente, espalhado pelos hippies, que a maconha só faz bem"(Veja, 01/04/1970:39), destaca uma hipótese da Faculdade de Medicina da Santa Casa

de São Paulo oriunda da observação científica de ratos que, no estado de subnutrição, foram submetidos ao uso da maconha:

> *"seus ratos maconhados apresentavam uma tendência bastante pronunciada a esquecer aprendizados recentes"*(Veja,01/04/1970:40).

A exemplo da passagem anterior, o jovem é alertado para o risco de perder a capacidade de aprendizado caso assuma um comportamento semelhante ao de um jovem hippie. O estudo com ratos também serviu no texto para relacionar o consumo da droga com a violência:

> *"famintos e maconhados ao mesmo tempo "quase se matavam dentro das gaiolas" [...] Na Índia, no Egito, no Marrocos e na nossa população favelada, são comuns os atos de violência atribuídos à maconha"* (Veja, 01/04/1970:39,40)

Essa passagem sinaliza como as diferenças de classe tendem a repercutir na preservação de uma juventude em torno de uma imagem dissociada da violência de "nossa população favelada". No capítulo 3, constatamos como a partir dos anos 90 projetava-se uma juventude em contraste com a violência que tendia a ser atribuída aos jovens de subúrbio. Neste capítulo, a passagem acima revela como o usuário de drogas pode também ser confundido com aquele jovem que reside na favela.

Observa-se, assim, como o estilo de vida hippie, principalmente, e também a "nossa população favelada", representam uma identificação com o consumo de drogas, um grupo de risco. Podemos verificar como o texto mostra o jovem sob o risco de romper-se padrões morais quando passa a adquirir o hábito de consumir maconha:

> "*Esse é o grande perigo da maconha: ao fumá-la, a pessoa rompe com uma série de padrões morais que a impediam também de experimentar outras drogas"* (Veja, 01/04/1970:40)..

Ao nosso ver, é o estilo de vida hippie, que até o momento tem sido reconhecido no texto em função do consumo de drogas, que aparece nessa passagem como ameaça à moral e aos bons costumes da classe média e alta. No capítulo 3, estudamos como essa tendência aparecia ao focalizar-se o movimento hippie no país. Em outra passagem, chega-se a afirmar como os tóxicos seriam "em alguns meios ... produtos de uso normal"(Veja, 01/04/1970:40). O texto também articula a idéia de como o estilo de vida hippie, ao representar um modismo nos Estados Unidos ("é lá que se fuma mais maconha no mundo" – Veja,01/04/1970:39), vinha tornando-se uma modelo identitário para a juventude brasileira:

> "*A maconha e o LSD fazem parte da civilização hippie e teriam aumentado a criatividade de poetas ilustres ... ou de músicos ... Cariocas de Ipanema ou paulistas da Rua Augusta, pasmos diante dessas novidades, aderiram à nova onda para não se sentirem superados*" (Veja, 01/04/1970:37).

Procura-se justificar o aumento do consumo de drogas no país a partir do estilo de vida do jovem hippie. Em outra passagem, explicita-se como o efeito de um mimetismo estaria sendo reproduzido entre jovens de classe média e alta:

> *"a difusão dos tóxicos no Brasil teria origem na mania dos brasileiros de imitar tudo o que vem dos países avançados [...]O uso de tóxicos ... também deixou de ser considerado como uma extravagância ocasional"* (Veja, 01/04/1970:37 e 39).

O estilo de vida hippie serviria aí como exemplo negativo para chamar a atenção da juventude a evitar "os riscos da loucura e da morte em troca de alguns minutos

de paz"(Veja,01/04/1970:40). Vê-se aí como o aumento do consumo de maconha entre os jovens brasileiros é metaforizado com a aparência do jovem hippie. Deixou de ser "uma extravagância ocasional". Para radiografar e diagnosticar o aumento do consumo de drogas no país, o texto apresenta-se pontilhado de estatísticas, um glossário, uma enquete, uma historiografia e explicações pseudocientificas. Uma delas, e bastante inexpressiva no texto, vale ser destacada pela sua inusitada explicação sociológica para tentar justificar a escalada dos tóxicos entre os jovens brasileiros da classe média. Ela ressalta a possibilidade deles estarem sendo vítimas de "uma conspiração do comunismo internacional"(Veja,01/04/1970:37):

> *"O comunismo estaria usando as drogas como ópios da classe média ... Enfraquecendo e desmoralizando os jovens, fica mais fácil consquistá-los para o comunismo ateu"* (Veja, 01/04/1970:38).

Notamos, aí, um desdobramento esquizofrênico daquela tese de Fernando Gabeira. Com esse exemplo, o texto tenta articular a idéia de como parte da juventude, aquela do movimento estudantil, estaria sendo atraída não por uma ideologia, mas sim por um vício que a enfraqueceria até sua submissão ao comunismo soviético. Para concluir, *Veja* ressalta uma solução bioquímica e psicológica para a juventude abandonar as drogas: a expectativa do desenvolvimento na década de 70 dos "novos moldadores da mente humana"(Veja, 01/04/1970:40), que:

> *"terão todos os aspectos positivos, e nenhum dos negativos, dos atuais alucinógenos despersonalizantes e dos euforizantes usados hoje ... fornecerá aumento da inteligência, combate ao tédio, resolução das frustrações e satisfações das necessidades instintivas básicas – principalmente as sexuais"* (Veja, 01/04/1970:40).

O jovem estaria livre de seus dramas pessoais a partir do "desenvolvimento da bioquímica e da psicologia" (Veja, 01/04/1970:40). Ele teria a promessa, se pensarmos em como o estilo de vida hippie tem sido visualizado no texto, de não mais expressar "uma extravagância ocasional" (Veja, 01/04/1970:37). Com "A milagrosa droga não tóxica" (Veja, 01/04/1970:40), o jovem aparece, de modo ascético, superando as suas fraquezas e necessidades instintivas sem mais precisar distinguir-se através de um determinado estilo de vida. No caso dessa reportagem, o estilo de vida hippie.

Até o final dos anos 70, essa foi a única reportagem especial sobre o aumento do consumo de maconha no país. *Veja* publica nesse período apenas breves textos. Mas é com o estilo de vida hippie que a questão das drogas ganha relevância. Destacamos a seguir a passagem de um outro breve texto, intitulado "A polícia hippie" [1972], que registra como um investigador, disfarçado de hippie, conseguira prender um traficante:

> *"o investigador Gilberto Pereira, 25 anos, o "Africano" ... conseguiu enganar os próprios hippies. Após conviver com eles durante uma semana e esperar pacientemente a chegada do abastecimento normal de maconha, deteve 45 jovens que estavam morando na aldeia"* (Veja, 30/08/1972:38).

O estilo de vida hippie aparece identificado com o tráfico e o consumo de drogas. Nesse caso específico, o da maconha. Em *Veja*, associa-se claramente o jovem hippie à figura de um criminoso, daquele sujeito que vive como um marginal, cuja "a flor tem o aroma dos entorpecentes(Veja,04/03/1970:70). Essa condição social, aliás, já havia sido ressaltada em *Veja* quando um breve texto ressaltava a fala de um jovem hippie que conseguira fazer a sua carteira de trabalho: "Não queremos mais ser vistos como

marginais"(Veja, 29/09/1971:44). Em outra passagem, o slogan "paz e amor" é, de certa forma, sublinhado no texto:

> *"Uma moça de origem marroquina, que revelou à polícia "ter aprendido gostar dele", disse nunca ter passado pela sua cabeça que dentro da mochila "Africano" carregasse o revólver, a soqueira de aço e um par de algemas"* (Veja, 30/08/1972:38).

BAHIA

A polícia hippie

Estouro na praça

João Batista: um gerente generoso

"Africano": uma fantasia perfeita

Fig. 045 Referente *Veja* de 30/08/1972: 25, do texto Intitulado "A polícia hippie"[1972].

A paz é sugerida de modo implícito quando a moça demonstra surpresa por não imaginar que "Africano" carregasse o revólver, a soqueira de aço e um par de algemas dentro da mochila". O amor, quando ela "revelou à polícia ter aprendido gostar dele". Esse breve registro serve para ressaltar como o movimento hippie, nas poucas vezes que fora destaque em *Veja*, tende a ser estigmatizado como um movimento marginal na sociedade. Nesse capítulo, estigmatizado por causa de sua relação com o hábito de seus integrantes de consumir maconha e LSD.

Também observamos como a juventude aparece relacionada ao consumo de drogas em uma reportagem especial sobre o fim do movimento hippie no Píer de Ipanema, intitulada “Foi apenas sonho e acabou” [1973].

bê de dois meses, e surfista convicto que trocou um curso de administração de empresas na PUC pelo andar andando e fazer fazendo, o surf está mudando: “Imagine que veio aqui um cara do programa ‘Flávio Cavalcanti’ propor para a gente agitar a Vera Fischer como ‘Miss Surf’. É um troço ridículo, mas, se pintar alguma grana, a gente vai ter que topar”. Maraca sente que ele, como todo o pier, também está prestes a ser engolido. E não chega a se lamentar: “Eu me toquei a tempo. Rompi com as engrenagens e hoje vivo do surf. Mas, pô, não é fácil, podes crer. Faço prancha para vender, mas já fui obrigado a vender até a minha para descolar o leite da criança”.

O “gay power” também está mudando. Seus mais ilustres representantes no pier incorporaram-se ao que eles chamam de “mais recente movimento teatral brasileiro”, o show dos Zi Croquetes que, apoiado em nomes consumidos de longa data como Lennie Dale e Mièle, é apresentado todas as noites na “Boate Pujol”. Ciro Barcellos, um Zi Croquete que fugiu de casa há quatro anos para se juntar ao elenco de “Hair”, é um bom exemplo das conseqüências dessa aventura por palcos mais convencionais que o pier. Ciro já circulou pela praia de batom. Hoje pode ser confundido com qualquer um dos rapagões do surf cuja masculinidade não admitem ser posta em dúvida. A grande metamorfose, a agressão homossexual, fica guardada para as noites do Pujol, quando ele prende os cabelos compridos que lhe caem pelos ombros em dois graciosos rabos de cavalo, cobre o rosto com purpurina e desfila em saltos altos.

Os Zi Croquetes estão convencidos de que é preciso se transformarem logo em algo bem comercializável. Pelo menos esses parecem ser os planos de Wagner Ribeiro, o mais velho (36 anos) e líder do grupo que veio de Bebedouro, no interior de São Paulo, para o Rio, para estudar e acabou montando uma butique: “O Pujol é apenas o início. A gente quer mesmo é montar uma empresa que inclua um cabaré na Lapa, um teatro, um lugar para exposições, já que todos pintamos um pouco”. E Wagner se empolga: “Depois montamos uma rede de butiques, e por que não, até mesmo quitandas, farmácias, um banco do artista, tudo para dar emprego a essa moçada da praia que poderia perfeitamente estar por trás de um balcão”.

Não é à toa que Wagner Ribeiro, vestido de Cármen Miranda no Pujol, proclama com fervor para a platéia bem comportada: “Vocês pensam que é fácil ser underground? É uma tarefa das mais difíceis, não tenham dúvidas”.

Ninguém tem mais dúvidas. Nem mesmo Guilherme, ou Maria Guilhermina, a “Rainha dos Raios”, o mais escandaloso entre os “gayfiosos”, que se diz determinado a cumprir seu destino: “Eu posso ser uma grande estrela, uma Liza Minnelli, se o sexo e as drogas não me destruírem”.

A civilização do pier levou dois verões para se consolidar, atravessou a todo vapor outros dois, mas em janeiro deste ano, no alvorecer daquele que seria o seu verão definitivo, a sua glória, todos seus personagens pareciam cansados do próprio espetáculo. Nos últimos dias de dezembro correra com insistência, divulgada no que eles chamam “transa de boca”, um aviso conclamando todos para uma grande recepção ao pai-Sol na hora em que ele apontasse no horizonte pela primeira vez no ano. Mas, ao invés da alegria programada, o Sol de 1973 nasceu para uma platéia de rostos silenciosos, inertes, incomunicáveis. Houve apenas uma manifestação mais audível, uma vaia para alguns indivíduos que circulavam pela praia trepados num buggy vermelho, com os braços erguidos e os dedos em V, na saudação oficial de paz e amor. Eles evidentemente tinham errado de réveillon, ou estavam comemorando um ano novo que havia passado há muito tempo.

O que teria acontecido com aquela gente que, à medida que a ferrugem ia corroendo as obras do superesgoto, parecia cada vez mais firme nas suas crenças e convicções?

O pier resistira sem se abalar às primeiras e inevitáveis defecções, a dos intelectuais linha Montenegro. Depois de breves incursões pelos arredores das dunas, eles voltaram ao chopp do “Bar Veloso”, ao hábito de ler “O Pasquim” — onde os pieranos eram genericamente chamados de “bahiahunos”, como se fossem invasores bárbaros —, e apenas substituíram as discussões político-filosóficas pela autocomiseração por pertencerem irremediavelmente a uma classe média que detestava a classe média. A

CHICO NELSON

Célia e Cia. na butique “Frágil”: da “hippilândia” ao “beautiful people”

VEJA, 7 DE MARÇO, 1973

45

Fig. 046– Referente *Veja* de 07/03/1973:45, intitulado “Foi apenas sonho e acabou”[1973].

Trata-se de um breve registro que aproveitamos desse texto, já objeto de estudo no capítulo 3. Na ocasião, constatamos como o movimento hippie aparece como uma seita oriental, um movimento religioso. O jovem hippie aparece associado a um mundo transcendental ou até mesmo sendo comparado ao reino animal:

> *“manso como um anjo, ou como seu cão, um animal escuro, circunspecto, um cão adepto da macrobiótica”*(Veja, 07/03/1973:40).

Neste capítulo, poderemos confirmar a hipótese de como o jovem hippie sendo projetado em separado da realidade concreta da juventude em geral justifica-se no texto principalmente em função dos efeitos alucinógenos da droga consumida entre aqueles

que se identificam com o estilo de vida hippie. Destacamos duas passagens pertinentes. A primeira delas é a seguinte:

> *"Discutir contracultura era para eles basicamente discutir a cotação do dia da maconha [...] Do alto de suas esplêndidas coberturas, a alta burguesia ... sempre olhou para as dunas com condescendência e simpatia. E quando o perfume característico de erva queimando chegava até lá, não foram raros os casos de adesão entusiasmada aos novos hábitos [...] se alguém chegar ao píer precisando de um amigo, de uma conversa séria, não vai encontrar parceiro. "Eles só querem saber de sonho, de fantasia"*(Veja, 07/03/1973: 44 e 46).

Como podemos perceber, o estilo de vida hippie aparece aí inspirando "condescendência e simpatia" para "a alta burguesia". O laço da amizade, conforme a reportagem especial, aparece representado pelo "perfume característico de erva queimando", quando, conforme vimos antes, "a flor tem o aroma dos entorpecentes (Veja,04/03/1970:70). Logo, o jovem hippie estaria aí colado ao hábito de consumir maconha. Por conseguinte, não serviria como modelo identitátio para a juventude.

O estilo de vida hippie aparece no texto subsumido no próprio efeito alucinógeno da droga consumida. O jovem hippie é chamado no texto a reconhecer-se como um indivíduo que não serve para ser "um amigo", aquele com quem se possa ter "uma conversa séria". Sua imagem, se aí não aparece correspondendo à criminalidade, por outro lado revela-se sublimada, sobremaneira, no consumo de drogas. Por conseguinte, o texto articula aí a idéia de associar o jovem hippie a um mundo transcendental: "Eles só querem saber de sonho, de fantasia".

Em outra passagem, essa tendência de identificar o estilo de vida hippie com o consumo de drogas aparece também quando focalizam-se uma relação amorosa e a prática de um esporte:

> *"A menininha de quinze anos ... corria pela praia em direção ao surfista louro ... e os dois caíam de joelhos na areia e ficavam por um tempo que se confundia com a eternidade, passando a mão um no rosto do outro, como dois anjos que se acariciassem. Talvez, para além daquele momento de pureza, houvesse até mesmo uma dramática experiência, uma "acid-trip" [...] O surf deixou de ser somente um esporte para se transformar em algo transcendental"*(Veja, 07/03/1973:44).

O movimento hippie aparece no texto reproduzindo-se a cada "acid-trip". Seja no encontro de dois jovens apaixonados, que passa de um "momento de pureza" para "uma dramática experiência". Ou então revelando a prática do surf sob nova perspectiva. E a explicação que o texto fornece para tudo isso seria a seguinte:

> *"O mal está dentro de cada um, na inconsistência de um princípio superficial que passou a levar o nome de "curtição"*(Veja, 07/03/1973: 48).

O estilo de vida hippie aparece se justificando no texto a partir do consumo de drogas, que remete à idéia da "inconsistência de um princípio superficial" (Veja, 07/03/1973:48). E para explicar o fim do movimento hippie no Píer de Ipanema, articula-se a idéia de dissimular a expressão cultural do jovem hippie como uma "curtição" que estaria limitada a "discutir a cotação do dia da maconha" (Veja, 07/03/1973: 44). Uma narrativa que procura não deixar sem resposta para o fim do movimento hippie no país:

> *"basicamente o que aconteceu foi uma sensação quase física de que toda aquela alegria não estava levando a nada"* (Veja, 07/03/1973:46).

Com essa passagem, podemos afirmar mais uma vez como o movimento hippie passa a representar, com as drogas, um exemplo negativo para a juventude, um grupo de risco, pois "toda aquela alegria não estava levando a nada". A O movimento hippie aparece como um modismo que, ao remeter ao mundo das drogas, não deve ser imitado, ao contrário do que estudaremos mais adiante com o modismo das discotecas. O estilo de vida hippie representava uma ameaça à classe média e alta, públicos-alvo da revista. De certa forma, ao criticar-se o movimento hippie, o texto chama a juventude para dar-se conta da não-convergência do estilo de vida hippie com o que pensavam as camadas médias urbanas, que passavam a vivenciar a "consolidação de um mercado amplo e diversificado de bens culturais"(Abramo,1994:61) no Brasil.

Antes de finalizar a pesquisa com os textos da década de 1970, consideramos relevante chamar a atenção para duas passagens com a quais podemos perceber uma mudança em como a juventude passa a ser visualizada em *Veja*. A mudança de como *Veja* passa a chamar o jovem para a questão das drogas. Se até o momento nega-se como modelo identitário um estilo de vida se definindo a partir do hábito de consumir LSD e maconha, no lugar dele aparece outro que, ao estar se definindo em função de um modismo internacional, passa a ser representativo para os jovens brasileiros. Um novo modelo identitário que, em *Veja*, aparece para o jovem reconhecer-se refletindo um novo perfil da juventude no mundo.

Vamos estudar como já começava a articular-se em *Veja* a idéia que a partir dos anos 80 representa, de modo expressivo, a imposição de um novo estilo de vida como modelo identitário. Se antes negava-se o estilo de vida hippie ao aniquilá-lo na sua suposta consumição drogatícia, agora torna-se a renegá-lo com a promoção de um modismo que o superaria na abrangência da reprodução das práticas voltadas para o consumo. Quando surge no país o modismo das discotecas, a juventude repercute em *Veja* com pouco destaque, mas o suficiente para perceber-se como o texto articula a idéia de afirmar-se um modo de ser que imprime status e modernidade, conforme constatamos no capítulo 3.

A questão das drogas, aí, é ressaltada para chamar o jovem a dar-se conta que o modismo das discotecas representa um "estar-aí" saudável e seguro, conforme podemos notar com essa passagem da reportagem intitulada "Travoltecamania" [1978]:

> *"É preciso que a área seja a mais limpa possível", admite Ricardo Amaral, "senão a coisa dá uma descambada que ninguém segura mais" Ele mesmo define: "O público da Papagaio é careta". Exceções como a da Sótão à parte, o rótulo de "careta" parece aplicar-se ao público das discotecas em geral. Uma roupa mais ousada aqui, um cabelo mais comprido ali, a badalação concentra-se mesmo nas luzes alucinantes, no som em volume inimaginável e no balançar de corpos entremeados com passos que lembram algo de cha-cha-chá, uma pitada de tango e, quando a pista não está muito cheia, alguns malabarismos do rock"* (Veja, 30/08/1978:53).

Essa passagem é a única que faz alusão ao jovem associado ao consumo de drogas. Uma referência não explícita: "o rótulo de "careta" parece aplicar-se ao público das discotecas em geral". Esse sinal reforça nossa hipótese de que a juventude, ao ser mostrada refletindo um modismo internacional, passa a ser subjetivada mediante uma estética

reprodutora de “status social”. E as drogas, aí, conforme a reportagem, não poderiam estar em conformidade com um modismo que imprimiria certa distinção social:

> *“É preciso que a área seja a mais limpa possível”, admite Ricardo Amaral, “senão a coisa dá uma descambada que ninguém segura mais”*(Veja, 30/08/1978:53).

Notamos como o texto toma o cuidado de ressaltar como o jovem pode divertir-se sem o hábito de consumir drogas. Impõe-se aí um comportamento social que não comprometa financeiramente tal investimento comercial. O comportamento de um jovem que passa a ser ressaltado no lugar daquele estilo de vida hippie que, supostamente, estaria limitado pelo consumo de drogas, conforme constatamos com os textos analisados até o momento.

Com essa breve passagem, o jovem bem-comportado pode vivenciar, com o modismo das discotecas, uma nova sensação em grupo. Exemplo nesse sentido é uma inferência no texto que remete à lembrança dos efeitos alucinógenos das drogas: “a badalação concentra-se mesmo nas luzes alucinantes”. Inclusive destaca-se a aparência de alguns jovens que remete ao visual do jovem hippie: “Uma roupa mais ousada aqui, um cabelo mais comprido ali”. Uma minoria, que também aparece aderindo ao modismo das discotecas.

Se esse primeiro registro aponta a emergência de um modismo internacional propiciando um novo campo de lazer para o jovem divertir-se sem precisar consumir drogas, o próximo registro conta como um grupo de remanescentes do movimento hippie passa a refletir, também, um estilo de vida comum aos demais jovens que aderiam ao

modismo das discotecas. Intitulado "O sonho que acabou", o texto aborda a decadência do estilo de vida hippie no país, que passa a representar uma resistência cultural em que o hábito de consumir maconha, por exemplo, ainda estaria sendo preservado. Assinalamos a seguinte passagem:

> *"Em busca de paz, amor e viagens alucinantes de luz e cor, todos iam encontrar as dunas brancas, os coqueirais e o azul do céu e do mar da Bahia [...] Certamente, os tempos não são os mesmos. À noite, em vez das conversas nas soleiras das portas, das sessões de som e "viagens" nos coqueirais, o programa é assistir à televisão ... vestem-se e penteiam-se como a "Júlia da novela" e vão ouvir e dançar discosthèque num bar da praça. Dos cabeludos restaram mesmo lembranças saudosistas de uma convivência e alguns hábitos. Fumar maconha, por exemplo, é considerado por muitos como natural"* (Veja, 15/02/1979:49-50).

O movimento hippie, ao ser referenciado na sua historicidade, estaria resistindo a partir de sua relação com o consumo de drogas. Mas esse hábito de "Fumar maconha ... considerado por muitos como natural" não aparece sozinho no texto. Articula-se aí a idéia de como o estilo de vida hippie estaria se diluindo por força de um processo de incorporação às práticas de consumo de um modismo internacional:

> *"... em vez das conversas nas soleiras das portas, das sessões de som e "viagens" nos coqueirais, o programa é assistir à televisão ... vestem-se e penteiam-se como a "Júlia da novela" e vão ouvir e dançar discosthèque num bar da praça"* (Veja, 15/02/1979:50).

Se antes os hippies buscavam vivenciar "viagens alucinantes de luz e cor", hoje "vestem-se e penteiam-se como a "Júlia da novela" e vão ouvir e dançar discosthèque", que remete a um lugar onde, conforme havíamos destacado no primeiro registro, "a badalação concentra-se mesmo nas luzes alucinantes"(Veja, 30/08/1978:53). Essas duas passagens sinalizam uma mudança em como a juventude passa a ser visualizada

em *Veja*. O próprio estilo de vida hippie passa a servir de exemplo de integração a um modismo internacional.

Antes, representava uma ameaça à juventude em geral. A fala de um jovem hippie repercutia no texto a discriminação da sociedade: "Não queremos mais ser vistos como marginais"(Veja, 29/09/1971:44). Agora, a tendência é a de apagar-se a imagem negativa do jovem hippie mostrando-o, a exemplo dos demais jovens, como o consumidor de um modismo que sugere status e modernidade. O remanescente do movimento hippie aparece em *Veja* para representar a juventude no campo do lazer, onde "a badalação concentra-se mesmo nas luzes alucinantes". (Veja, 30/08/1978:53).

5.2 Anos 80: as drogas e os estilos de vida da chamada "geração saúde".

Embora no decênio de 1980 *Veja* passe a dar uma atenção especial ao público jovem no seu espaço editorial, quando o tema é o vício entre os jovens a tendência é silenciar-se a respeito. Inicialmente, vamos atermo-nos em estudar essa mudança em como o jovem tende a ser visualizado em *Veja*, conforme constatamos nos dois registros finais da pesquisa dos textos referente ao decênio de 1970. A primeira reportagem a ser focalizada trata do mesmo assunto destacado naquela reportagem especial intitulada "A perigosa moda dos tóxicos"(Veja, 01/04/1970).

Sob o título de "O aprendizado do vício"[1981], a reportagem de capa aborda o aumento do consumo de drogas no país. Não se faz aí nenhuma relação explícita

com o estilo de vida hippie. Mas, conforme estudaremos mais adiante, a geração dos anos 60 ainda aparecerá como responsável direto por transmitir um hábito marginal para as futuras gerações. A referência à geração dos pais é acentuada de forma genérica. Muito pouco é destacado no texto de seis páginas:

> *"Os filhos da geração que fumou maconha nos anos 60 estão começando agora a fazer seus cigarros. A diferença é que, hoje, tudo é feito mais às claras [...] "Meus pais sabem que minha irmã e eu fumamos", diz C. A, 17 anos. "Eles só não querem que a coisa seja descarada." [...] o país contempla agora o surgimento da segunda geração de estudantes maconheiros"* (Veja,25/11/1981:28 e 32).

De acordo com essa passagem, sublinha-se pela primeira vez o fato da maconha já estar sendo, fora do âmbito de um determinado estilo de vida, consumida com mais naturalidade. Agora, são os estudantes em geral que aparecem representando não um estilo de vida com "paz, amor, muita loucura e adoração ao pai-Sol e à mãe-mar" (Veja, 07/03/1973:44), mas sim "jovens viciados" (Veja,25/11/1981:31), a "segunda geração de estudantes maconheiros" (Veja,25/11/1981:34) de uma "faixa etária abrangendo a rede escolar particular e oficial" (Veja,25/11/1981:30).

Como o próprio título sugere, "O aprendizado do vício", não observa-se um estilo de vida, uma filosofia de vida, sendo o ponto de partida para chamar o jovem para a questão das drogas no texto. Dessa vez, é o próprio ato de consumir drogas que passa a ser tratado como um fim em si mesmo e que estaria ameaçando a saúde física e mental dos estudantes brasileiros. Ou seja, o jovem aparece em *Veja* suscetível ao aprendizado do vício e dissociado de qualquer expressão identitária, que não ela mesma, pudesse justificar tal

comportamento. Por isso o texto refere-se à geração hippie como a "geração que fumou maconha nos anos 60".

Não se aponta o estilo de vida hippie para argumentar, por exemplo, a mudança na relação do jovem com as drogas. Simplesmente o texto observa que "A diferença é que, hoje, tudo é feito mais às claras" (Veja,25/11/1981:28). Procura-se focalizar o jovem que estuda de forma isolada, sem as implicações simbólicas de um estilo de vida em grupo. Se antes o hábito de fumar maconha aparecia motivado na expressão do estilo de vida hippie, uma expressão coletiva, agora ele se justificaria na expressão individualista do juventude:

> *"O jovem costuma chegar aos tóxicos pelo caminho da curiosidade [...] Estava deprimido, com problemas em casa e sem dinheiro. Viciou-se"* (Veja, 25/11/1981:29).

Logo, o jovem, para essa questão, é mostrado em torno de seus dramas individuais, que no texto passam a contar com uma abordagem científica, um número expressivo de dados estatísticos e fotos de instituições de ensino e de recuperação para viciados em drogas, além das de jovens passando pela revista policial. As bocas de fumo em São Paulo são identificadas em um mapa e duas tabelas relacionam os tipos de drogas consumidos por faixa etária e as suas motivações.

Como ressaltamos anteriormente, o hábito de consumir maconha passa em *Veja* a se revelar como uma expressão individual, dissociado de uma prática cultural coletiva. Não importa mais, por exemplo, abordar as experiências alucinógenas dos jovens que em comunidades buscavam "a consciência da grande unidade cósmica entre o homem e

sua células, o homem e as plantas, o homem e as estrelas"(Veja, 01/04/1970:39). Agora, o que é revelado da experiência dos jovens com os tóxicos se resume na idéia de tensionar a relação entre viciados e o aparato policial:

> *'Nas viagens, as meninas costumam esconder os baseados nas calcinhas, para escapar às batidas da polícia rodoviária – em cujos postos não há policiais femininas, o que impede que as jovens sejam revistadas"*(Veja, 25/11/1981: 34).

Ou então a revelação passa simplesmente por uma questão de procedência do produto consumido:

> *"Maconha é planta, sai da terra. O resto é produto químico, faz mal ao organismo", argumenta uma iniciada paulista de 17 anos. "Farmácia eu não transo", acrescenta outro fumante paulista, de 15 anos, igualmente adepto do naturalismo"* (Veja, 25/11/1981: 34).

As duas passagens acima revelam como a juventude aparece em *Veja*, na sua relação com as drogas, dissociada de um determinado estilo de vida. O que podemos notar é como o jovem e as drogas tendem a representar uma relação de simples trato com o vício, sem conotações de caráter social. Seja quando o jovem aparece desafiando uma fiscalização para apreensão de drogas, ou quando ele aparece como um consumidor qualquer. A passagem acima ironiza essa experiência do jovem com as drogas: "acrescenta outro fumante ... igualmente adepto do naturalismo". É sugerido ao jovem perceber que, a exemplo dos gêneros alimentícios, o consumo de drogas pode ser natural ou artificial.

A questão das drogas passa então a ter uma abordagem em *Veja* que mostra o jovem sob prerrogativas pedagógicas. O texto funciona como uma manual para os pais, ensinando-lhes a perceber quando seu filho está se tornando um viciado em drogas. O

poder público e as instituições de ensino aparecem no texto para compor uma discussão de propostas para diminuir o número de viciados no país. Aventou-se inclusive a hipótese de os pais serem os responsáveis pelo vício dos filhos:

> *"Uma mãe que dá a seu filho um remédio para qualquer dor de cabeça, ou um calmante, está na verdade introduzindo-o no consumo das drogas", alertava na época um psiquiatra chamado Nelson Candelária [...] Meus pais sabem que minha irmã e eu fumamos", diz C. A, 17 anos. "Eles só não querem que a coisa seja descarada"* (Veja,25/11/1981:30,32).

Com essa passagem, percebemos como a geração dos pais, e não um determinado movimento cultural, aparece para chamar o jovem para a questão das drogas. Dramatiza-se a relação de pais e filhos para chamar a atenção de como as drogas tendem a ser uma problemática de educação na família e na escola. A psiquiatria, aí, aparece para dar orientação e tratamento médico.

Essa, nos anos 80, foi a primeira e única expressiva reportagem publicada em *Veja* sobre esse tema. Antes de seguir com nossa pesquisa, reiteramos como se deu essa mudança em como a revista passa a chamar o jovem para a questão das drogas. Se antes o hábito de fumar maconha aparecia motivado na expressão cultural do movimento hippie, uma expressão coletiva, agora ele se destaca na expressão individualista da juventude.

O jovem passa a ser suscetível a um "aprendizado do vício" e destaca-se no texto como vítima de uma rede de tráfico de entorpecentes O ato de consumir drogas aparece como um fim em si mesmo, já dissociado da expressão cultural de um determinado estilo de vida. Conforme aqueles dois últimos registros da pesquisa documental dos textos

do decênio de 1970, a tendência em *Veja* é a de impor-se um modelo internacional de estilo de vida.

Inclusive o próprio estilo de vida hippie aparece, na abordagem de sua decadência, representando a integração do jovem como consumidor daquele modismo das discotecas. O consumo de drogas tende a aparecer em *Veja* como problema de educação na família e na escola. Não mais como problema isolado que se personificava com um determinado estilo de vida. Dramatiza-se a relação de pais, professores e filhos para chamar o jovem a evitar o consumo de drogas.

Nos anos 80, o vício dos jovens em drogas aparece com mais freqüência quando diluído nas pesquisas sobre o perfil da juventude brasileira. Destacamos duas breves passagens, extraídas de um dos excursos sobre o perfil da juventude no Brasil. Com a reportagem intitulada "A juventude da beleza"[1980], podemos observar como essa mudança, a de como a juventude passa a ser visualizada em *Veja*, aparece aí representada na articulação comparativa com o estilo de vida hippie dos anos 60:

> *"Esnobando as penúltimas safras jovens, para quem drogas como o LSD tinham o valor de seitas iniciáticas, quando não de protesto anti-social e contracultural, a garotada de agora despediu-se da droga pesada, não crê em efeitos miraculosos de droga nenhuma e traduz quase sempre o termo por fumo, maconha*"(Veja, 05/11/1980:62).

Essa passagem ressalta como a juventude passa a ter uma relação diferente com o consumo de drogas em comparação com os jovens dos anos 60. Como já havíamos ressaltado anteriormente, o jovem aparece no texto consumindo drogas dissociado de um

estilo de vida que pudesse justificar tal comportamento social. Salienta-se apenas como "a garotada de agora ... não crê em efeitos miraculosos de droga nenhuma".

Vale aqui ressaltar também o tratamento impessoal direcionado a quem consome maconha, deixando, de modo indeterminado, incógnita a qual classe social, por exemplo, pertenceria o grupo em questão: "a garotada de agora". Em outra passagem daquele excurso, a juventude aparece relacionada ao hábito de consumir maconha a partir do reconhecimento identitário com um ídolo da música pop:

> *"A meninada também não ligou quando eu fui presa por drogas, até curtiu meu show depois que saí da cadeia, vestida de presidiária ... Quando entrei em cena jogaram baseado no palco", diz Rita Lee"* (Veja, 05/11/1980:66).

Aparece aí um grupo representativo da juventude identificando-se com uma artista para consumir drogas. Nesse sentido, vale destacar uma reflexão crítica de Edgar Morin ao analisar como a figura do pai passa a ter, na cultura de massa, um rival na educação de seus filhos. A passagem é extraída do livro intitulado "Cultura de massas no século XX – Neurose":

> *"Os modelos de identificação, as funções tutelares, desertam, por sua vez, da família e do homem maduro para transferir-se para outro lugar: – os deuses de carne, os heróis imaginários da cultura de massa apoderam-se de funções tradicionalmente privilegiadas pela família e os ancestrais"* (2000, p.152).

Chamamos a atenção para essa passagem de Edgar Morin porque o texto de *Veja* tende a dramatizar, na expressão individualista da juventude, o consumo de drogas por meio dos chamados "deuses de carne, os heróis imaginários da cultura de massa". Ou seja,

os artistas, as celebridades, conforme estudaremos mais adiante, passam a representar no texto um modelo identitário para o jovem evitar o consumo de drogas.

Vale enfatizar que essas duas passagens foram extraídas de uma reportagem especial sobre a emergência de uma juventude identificada com a chamada "geração saúde". Essa particularidade sinaliza uma mudança em como o jovem tende a ser visualizado em *Veja*. Se nos anos 70 o estilo de vida hippie em *Veja* vinha sendo mostrado para alertar-se a juventude em geral contra o perigo das drogas, agora é a própria juventude, na sua expressão individualista, que aparece como suscetível ao "aprendizado do vício" (Veja, 25/11/1981).

O texto que tratou sobre esse chamado aprendizado do vício, conforme estudamos há pouco, projetou o jovem para ser representado por meio de uma relação tensionada entre pais, filhos, professores e policiais. Nesse sentido, estudamos uma passagem que revelava o que uma jovem fazia para esconder a maconha da revista policial. A experiência dos jovens com os tóxicos, que na década de 1970 implicava pensar em como se justificava aí o seu estilo de vida, se resume agora na idéia de tensionar a relação da juventude com o poder judiciário. Essa particularidade na experiência dos jovens com as drogas é destaque em outro breve texto de três colunas, nosso segundo registro nesse decênio de 1980.

Intitulado "Nas dunas do barato" [1983], o texto conta como os usuários de maconha na praia de Ipanema faziam para despistar a polícia. Uma turma de adolescentes usava um apito pendurado no pescoço. Quem visse primeiro um policial pelas redondezas, assoprava o apito para avisar os outros e esconder a droga:

> *"Distribuídos na surdina, os apitos agora são usados abertamente [...] "Quando vejo os policiais chegando, eu apito", conta André Junior, 16 anos ... "Até ajudei na distribuição"[...] Num panfleto apócrifo, provavelmente escrito sob os efeitos da erva e entregue junto com os apitos coloridos, o apitaço pró-fumacê procura raízes históricas ao dizer que, nos tempos dos quilombos, os escravos fugidos assoviavam alto para avisar da aproximação de seus perseguidores*"(Veja, 22/02/1983:32).

COMPORTAMENTO

Nas dunas do barato

Em Ipanema, no Rio, apita-se para avisar aos consumidores de maconha que a polícia está chegando

O apitaço: hora de esconder o baseado

Fig. 047– Referente *Veja* de 1983, do texto intitulado "Nas dunas do barato"[1983].

Vale considerar com essa passagem como o jovem que consome drogas aparece sendo deslegitimado para expressar qualquer sinal de consciência política e histórica. Vimos com o jovem hippie que ele somente era reconhecido em função dos efeitos alucinógenos da droga consumida:

> *"Discutir contracultura era para eles basicamente discutir a cotação do dia da maconha"*(Veja, 07/03/1973:44).

Agora, observa-se o mesmo com esse jovem de classe média que, segundo a passagem em "Nas dunas do barato" [1983], teria "provavelmente escrito sob os efeitos da erva" (Veja, 1983:32) um documento sinalizador de uma consciência crítica a respeito do

movimento dos quilombos pela libertação dos escravos no Brasil. A diferença é que agora o jovem que consome maconha aparece em *Veja* para não ser reconhecido como um marginal, ao contrário daquele jovem da década de 1970 quando se identificava com o estilo de vida hippie. Essa diferença atesta a mudança em como *Veja* passa a chamar o jovem para a questão das drogas. Antes, o jovem que consumia maconha não podia aparecer no texto associado à classe média, conforme estudamos nos textos dos anos 70.

Em outra passagem, percebe-se como é justamente por meio da classe média que o jovem tende a ser chamado para a questão das drogas:

> *"Na prática, o sucesso do apitaço se finca no desprezo da classe média pelos organismos policiais, que só são prestigiados na hora da emergência. "A polícia deveria estar correndo atrás dos bandidos, em vez de ficar caçando os consumidores de maconha", diz Isis Werneck, 17 anos, usuária do apito"* (Veja, 22/02/1983:32).

Dramatiza-se, aí, a partir de uma relação ressentida da classe média com as instituições policiais, a posição do jovem que assume o hábito de consumir maconha. O jovem aparece sendo chamado a se reconhecer na sua cumplicidade com a classe média para consumir drogas. O texto acaba alertando a classe média por sua cumplicidade com o jovem para consumir drogas à luz do dia e desafiar a policia na praia. No caso, presume-se que Isis Werneck seja apenas uma "usuária do apito" e não uma consumidora de maconha: "A polícia deveria estar correndo atrás dos bandidos, em vez de ficar caçando os consumidores de maconha". Para a classe média, o aviso:

> *A polícia montou outra barraca por lá e parece disposta a seguir em frente. "O pessoal que gosta do fumacê vai acabar em cana", ameaça o coronel Afonso Cunha"* (Veja, 22/02/1983:32).

Como ressaltamos na reportagem intitulada “O aprendizado do vício”, dramatiza-se a relação de pais e filhos da classe média para projetar o jovem com as drogas limitado a uma problemática de educação na família e na escola. Esse breve texto, intitulado “Nas dunas do barato” [1983], que acabamos de focalizar, de certa forma projeta o jovem numa relação natural com as drogas, a exemplo daquela passagem extraída do excurso da reportagem especial intitulada “A juventude da beleza”[1980].

Mas nos anos 80 a tendência em *Veja* não é esta, mas sim a de evitar o mais possível mostrar a juventude associado ao consumo de drogas. É o que podemos notar em outra passagem extraída de uma nova reportagem sobre o perfil da juventude, intitulada “A voz da maioria”[1984]. De oito páginas, a questão das drogas entre os jovens destaca-se em apenas 19 linhas, das quais reproduzimos oito:

> *“Decididamente, os jovens desaprovam coisas assim. Apenas os contestadores se mostram interessados nelas, com a cotação de 71 pontos em 100. É preciso notar, contudo, que isso não significa adesão pessoal às drogas ou ao homossexualismo”* (Veja, 09/05/1984:57).

A juventude aparece aí para ser reconhecida em separado do mundo das drogas: “Decididamente, os jovens desaprovam coisas assim”. Trata-se de uma passagem na qual o jovem não tem mais diante de si a negação daquele modelo identitário do estilo de vida hippie que implicava no consumo de drogas. Se antes o jovem que consumia drogas representava em *Veja* uma expressão coletiva que ameaçava desestabilizar a moral da classe média, agora ele aparece como parte de uma estatística que o classifica para ser reconhecido de acordo com um determinado perfil de mercado. Um perfil que não

representaria o jovem no mundo das drogas: "É preciso notar, contudo, que isso não significa adesão pessoal às drogas".

Em 1985, o festival de música Rock in Rio, criado pelo publicitário Roberto Medina, propiciou um encontro da juventude onde o consumo de drogas fazia parte da festa naturalmente. Sobre esse evento, *Veja* publica uma reportagem intitulada "O show fora do palco" [1985], da qual destacamos duas passagens. A primeira é a seguinte:

> *"Sitiando a porta principal em regime de vigília, ou espreitando janelas na esperança de um autógrafo ou saudação de seus ídolos, cerca de 100 fiéis seguidores do heavy metal transformaram o calçadão do hotel numa praça de guerra. [...] mãos e braços fazendo gestos desesperados por entre o muro, acompanhados de urros lancinantes dirigidos aos astros [...]eles fizeram amigos, arrumaram um trailer para dormir e esperam ver tudo com devoção. 'Não tenho vergonha de dizer que sou fanático', diz um deles, Alceu Athaide Jr, 17 anos"* (Veja, 16/01/1985:84 e 89).

Em "A juventude da beleza"[1980], constatamos como os jovens, de modo breve, chegam a aparecer no texto sendo reconhecidos com "O já institucionalizado hábito de acender o cigarro de maconha em eventos musicais" (Veja, 05/11/1980:63). Mas agora, conforme a passagem acima, o evento foi destacado ou para promoverem-se as bandas de rock, ou para focalizar como os fãs comportavam-se para aproximar-se de seus ídolos. Veja, ao superestimar a idolatria dos jovens junto aos seus ídolos do rock, passa a idealizar um mundo sem drogas, sexo e violência: "eles fizeram amigos, arrumaram um trailer para dormir e esperam ver tudo com devoção".

A classe média, aí, se reconhece na chamada "geração-saúde", que emerge em Veja com a reportagem "A juventude da beleza"[1980]. Essa imagem do jovem

associada à "geração saúde" repercute, ao nosso ver, quando Veja toma o cuidado de não publicar em "O show fora do palco" [1985] algo que pudesse comprometer os jovens das classes média e alta com a questão das drogas. O jovem visualizado no texto é tão somente aquele que se expressa isento de culpa, apenas em função de seu fanatismo e de seu espírito aventureiro para chegar até o local do evento. Em outra passagem, o texto procura projetar um modelo ideal de juventude:

> *"Durante dez dias, esses personagens, de todos os pontos do país, não terão problemas de entendimento. Eles têm um vínculo imediato que os transforma em velhos conhecidos: é a linguagem comum do rock"* (Veja, 16/01/1985:89).

A "linguagem comum" que "transforma" os jovens em "velhos conhecidos" não é, por exemplo, a partir do hábito de consumir maconha[54]. Mas sim em função dos chamados "deuses de carne, os heróis imaginários da cultura de massa"(Morin:1997:152): "a linguagem comum do rock", ressaltada no texto em separado do mundo das drogas. Esse aspecto da análise de Morin foi observado em Veja pela primeira vez através de uma breve passagem extraída de uma reportagem especial, "A juventude da beleza"[1980]. O jovem aí aparece associado ao hábito de consumir maconha a partir de seu reconhecimento identitário com um ídolo da música pop, a cantora Rita Lee. A tendência de chamar o jovem nesse sentido recrudesce, mas para ele distanciar-se do consumo de drogas.

54 Queremos chamar a atenção para o aspecto fundamental que teve o consumo de drogas com a cultura do rock. Como bem analisa Beatriz Sarlo, em "Cenas da vida pós-moderna"[1994], "a droga, que havia sido um hábito privado de burgueses curiosos, poetas decadentes, homens elegantes e exploradores da subjetividade, foi parte da cultura rock e, nela, adquiriu um caráter de reivindicação pública e de fronteira transitável. Até hoje, no imaginário coletivo, a droga é associada aos jovens de um modo moralista e de caráter paranóico" (1994:36).

Como exemplo, destacamos um breve registro, extraído da terceira reportagem especial sobre o perfil da juventude intitulada “Sem Freud nem Lênin”[1985]:

> *“Os integrantes do conjunto juvenil Dominó ... repudiam o uso de drogas. “Maconha é combustível e quem precisa disso para andar é máquina”, diz Nil Santos, 14 anos, um dos componentes do grupo. “E eu não sou máquina”* (Veja, 21/08/1985:76).

Ele abandonou o curso de Ciências Contábeis para entrar numa banda de rock. Ela está no primeiro ano do colégio e pretende ser pediatra. Namoram e querem viver juntos em breve, embora os pais lhes dêem total liberdade. Defendem a fidelidade como coisa fundamental. Não usam drogas pesadas. "Só um fuminho, as vezes." Ela sonha ser mãe, ele quer fazer uma música sem fronteiras. Aceitam o homossexualismo sem patotá-lo. Descrêem dos políticos mas acreditam num mundo mais justo.

Ives Araújo, 18 anos, e a namorada Valentina Lima, 17 anos, Salvador

mar maconha", conta o médico. "Ele me disse que ia parar de fumar porque o pai o pegou, mas me fez uma pergunta intrigante. Todo mundo fuma, o senhor já reparou na praia, nas festas e nos bares?"

Os integrantes do conjunto juvenil Dominó moram com suas famílias em São Paulo e repudiam o uso de drogas. "Maconha é combustível e quem precisa disso para andar é máquina", diz Nil Santos, 14 anos, um dos componentes do grupo. "E eu não sou máquina." "Tenho um amigo que começou com maconha e hoje está numa pior", diz o adolescente paulista Fábio Azevedo, 14 anos. "É um vício danado e ele está na fase de vender coisas para comprar droga. O que me chateia é que os pais dele não estão nem aí. Coitado." Para o médico de Campinas Fábio Adamo, o vazio deixado por alguns pais é preenchido sempre por alguma coisa. "Os filhos não gostam dessa atitude de omissão", diz ele. "Eles querem forçar a barra, ser repreendidos e conhecer seus limites." Também na pesquisa da Saldiva e Associados, o tema da droga apareceu mais que de costume e travestido de uma forma mais branda. "Em 1970, apenas a metade dos adolescentes falava espontaneamente sobre o assunto e sempre com reservas", diz Rose Saldiva. "Atualmente, 70% dos entrevistados mencionam o uso de drogas sem temores."

Se não conseguem se sair com uma solução para essa questão, os psicólogos e orientadores concordam que estimular os centros de decisão dos filhos pode ajudar — e muito. "Uma boa saída é o trabalho", diz Adamo. O senso de responsabilidade é outra característica que reconhecidamente vem crescendo na geração dos anos 80. Surge agora no Brasil um hábito já antigo, nos Estados Unidos, por exemplo, de os filhos de famílias de posses aceitarem nas férias ou dias de folga na escola pequenas tarefas remuneradas. Transplantada para o Brasil, a novidade apareceu de cara nova. "A instituição da mesada está ameaçada", diz Rose Saldiva. A maioria dos seus entrevistados das classes A e B mostrou-se disposta a conseguir empregos noturnos enquanto estuda. "Muitos mencionaram lanchonetes, butiques e lojas de discos como ótimas soluções para complementar o orçamento", diz ela. Aos 17 anos, o paulista Fábio Schubski encaixa-se nessa definição.

VOLTA O CASAMENTO — Fábio estuda à noite no Colégio Bandeirantes, seus pais são profissionais liberais — a mãe é representante comercial e o pai, arquiteto — e, de dia, trabalha como office-boy num escritório de advocacia no centro da cidade. "Faço esse trabalho para ganhar meu próprio dinheiro", diz. "Meus pais podem me sustentar mas ganhar o próprio dinheiro força a aprender a administrar melhor. Um ensinamento que se leva pela vida afora." Mais conscientes, decididos e capazes de discernir que suas chances no futuro dependem também de como forem agora, os adolescentes mostram-se também mais dispostos a reabilitar instituições banidas por gerações anteriores. Uma delas é o casamento. Entre 1974 e 1983, por exemplo, o número de casamentos em todas as faixas de idade cresceu 0,9% no Brasil. Somente na faixa de 15 a 19 anos o número de matrimônios subiu 1,4%. A estatística fica ainda mais significativa quando se sabe que durante duas décadas não houve crescimento de uniões nessa faixa de idade. "O mais curioso", diz Rose Saldiva, "é que o maior número de casamentos continua, como manda a tradição, ocorrendo em maio."

No Recife, restaurou-se algo que parecia verdadeiramente sepultado pelos avanços da juventude: os bailes de debutantes. "Há três anos que os bailes começam a ser reabilitados", diz Cecília Ribas, 26 anos, psicóloga que com duas outras colegas registrou o inaugurgimento do *début* na cidade. "A festa marca um ritual de passagem que volta a ter importância na sexualidade feminina", diz. Longe de estar trilhando um caminho retrógrado, os jovens simplesmente estão ampliando suas áreas de escolha, sem as repressões excessivas do passado ou o excesso de liberalismo dos últimos anos. Com isso, estão conseguindo traçar uma rota própria e mais serena. ●

Na boca dos jovens

Algumas das gírias que entraram para o vocabulário da geração 80

Só - Sim, de acordo
Tá meus - Algo vai mal
Fera - Pessoa qual ficada em alguma coisa
Depré (abreviatura de depressão) - Mal, ruim
Tá limpo - Combinado
Tá crowd - Está lotado
Esperto - Bonito e bom
Arrepiar - Fazer bem feito
Nóia (abreviatura de paranóia) - Falar sobre um só tema
Pegar um sapo - Comer uma gata
Normal - Está tudo em ordem
Rolar - Acontecer
Chocante - Algo bonito ou agradável
Hiper, Super - Algo de qualidade
Dar uma bola, dar um tapa - Fumar maconha
Maneiro - Bem trajado, agradável, elegante

76

VEJA, 21 DE AGOSTO, 1985

Fig. 048– Referente *Veja* de 21/08/1985:76, do texto intitulado “Sem Freud nem Lênim”[1985].

Na época, o grupo musical Dominó fazia um sucesso extraordinário no país. Poucos meses antes, o Rock in Rio, conforme destacamos anteriormente, fora palco de uma festa. Um depoimento como o de Nil Santos, o primeiro em *Veja* de um ídolo de massa, sinaliza como a juventude passa a representar um modelo identitário que esteja em conformidade com a classe média na questão das drogas. Ao nosso ver, a imagem da “geração-saúde” repercutia aí para, através dela, o jovem ser projetado em *Veja*: “Maconha é combustível ... E eu não sou máquina”.

Ainda em "Sem Freud nem Lênin" [1985], o jovem também aparece quando aborda-se a relação de pais e filhos. Nesse particular, a visão do jovem é reificada na diferença ressentida com a geração alienada em "Freud e Lênin". Aqueles que viveram o sexo livre e a militância estudantil aparecem em Veja como a geração que desamparara seus filhos à própria sorte, conforme podemos constatar com a seguinte passagem:

> *"essa geração colocou sua individualidade e suas próprias elucubrações teóricas à frente da educação dos filhos. "Muitos pais encaram os filhos como uma preocupação a ser evitada [...] O maior ônus dessa atitude, segundo os especialistas, foi a disseminação das drogas" (Veja, 21-08-1985:70 e 74).*

Se na passagem anterior o jovem é chamado a evitar o consumo de drogas a partir de um modelo identitário da cultura de massa, com a passagem acima ele aparece como vítima de uma situação que seria conseqüência do estilo de vida de uma geração de jovens dos anos 60: "O maior ônus dessa atitude ... foi a disseminação das drogas" (Veja, 21-08-1985:70 e 74). De modo implícito, o estilo de vida hippie aparece como responsável de uma nova situação na qual o jovem viciado em drogas não mais é identificado como um marginal, mas como um filho que não deveria representar, por exemplo, "uma preocupação a ser evitada".

O jovem também é chamado a evitar o consumo de drogas por meio da prática de um esporte. Em "A onda do cimento"[1987], o texto focaliza um grupo de jovens *skatistas*. Destacamos uma breve passagem de como um ídolo é também inferido, mas nesse caso para ser dissociado o consumo de drogas de um estilo de vida em evidência:

> *"Badeco, que se aventurou na primeira geração de skatistas, vê uma geração mais saudável surgindo no cenário do esporte."Eles não*

> *bebem, raramente fumam e passam ao largo das drogas. O único vício da garotada é o skate", conta"* (Veja, 02/12/1987:94).

Essa passagem tem como particularidade de pela primeira vez ressaltar-se nos anos 80 um estilo de vida como modelo identitário para a juventude manter-se afastada do hábito de consumir drogas. A exemplo daquela passagem com o integrante do conjunto juvenil Dominó, recorre-se a um ídolo, que nesse caso é reconhecido no âmbito daqueles que praticam o *skate*, na época considerado um esporte de elite. Essa combinação, lazer e juventude, remete a uma idealização do jovem em torno da chamada "geração-saúde".

Idealiza-se uma juventude no texto com um estilo de vida que, agora, identifica-se com a classe média e alta, conforme vimos no capítulo 3. Antes, no decênio de 1970, negava-se o estilo de vida hippie para preservar a moral da classe média. Em "A sedução perigosa" [1986], o movimento hippie volta a ser referência em *Veja*, mas dessa vez ele passa a ser reconhecido no texto de modo diferente para chamar o jovem para a questão das drogas. A idéia de *Veja* é a de alerta-se a juventude para preparar-se para o mercado de trabalho sem estar envolvida com o hábito de consumir drogas e o estilo de vida hippie é representativo com essa temática:

> *"Enquanto a maconha, como droga essencialmente coletiva, arrebanhou jovens de todo o mundo para o devaneio, a rebeldia e a busca de impressões interiores, a cocaína, de tendência individualizadora, reflete com rigor a racionalização, a competitividade e os valores hierárquicos da década de 80. Ela não servia para o jovem cabeludo de vinte anos atrás que buscava um meio onírico de não entrar no mercado de trabalho nem na vida adulta"*(Veja, 28/05/1986: 55-6).

Se nos anos 70 o estilo de vida hippie representava uma ameaça à moral da classe média, agora ele compõe com os executivos viciados em cocaína para ressaltar-se

como o consumo de drogas representa a negação do sucesso no mundo do trabalho. O movimento hippie, na sublimação de seu estilo de vida nos efeitos alucinógenos, serve como parâmetro do passado para acentuar como o efeito da maconha teria contribuído decisivamente para o jovem "não entrar no mercado de trabalho nem na vida adulta".

Alerta-se o jovem para o futuro sombrio que terá caso assuma o hábito de consumir maconha ou cocaína. Conforme essa passagem, dramatizam-se o passado e o presente para chamar a juventude não para uma questão moral, mas para uma questão profissional e de educação. O chamado estilo de vida "yuppe", que não chega a ser associado na reportagem aos executivos, aparece no texto para projetar, dramaticamente, a juventude em torno da previsão de um futuro que poderá repetir-se se o hábito de consumir cocaína for imitado.

Essa comparação entre dois tipos de drogas, a maconha e a cocaína, superestimadas em determinado estilo de vida, projeta o jovem em torno de um mundo apocalíptico, que passa a ameaçar o seu futuro profissional. Em outra passagem, o jovem é chamado no texto para a inutilidade do efeito alucinógeno da droga consumida para ele ser reconhecido no mundo do trabalho e da educação:

> *"ainda não foi inventada nenhuma droga capaz de dar inteligência e talento a quem não os tem"*(Veja, 28/05/1986:61).

Ironiza-se, aí, o consumo de drogas, o que, de certo modo, implica pensar na idealização de uma juventude, que, ao corresponder à chamada "geração-saúde", tende a representar no texto um modelo identitário da classe média e alta. Logo, o jovem, mostrado como suscetível ao aprendizado do vício, aparece no texto a partir de uma relação tensionda

entre pais, filhos, professores e policiais. No caso dessa reportagem, dramatiza-se o estilo de vida "yuppe" para chamar a atenção da classe média e alta para o risco de seus filhos que consomem drogas não obterem sucesso no mercado de trabalho.

Ou então, como veremos com a próxima reportagem, dramatiza-se a relação do jovem com a questão das drogas a partir de depoimentos e ações policiais. Intitulado "O império sob ataque" [1986], o texto procura sensibilizar o jovem ao associá-lo com ídolos e celebridades que combinam um mosaico de vidas arrependidas por causa de um passado identificado com o consumo de drogas.

Essa tendência, como já havíamos estudado anteriormente, recrudesce em *Veja*, mas não ainda na expressão dramática individual do próprio jovem. Destacamos a seguir como a questão das drogas, ao estar comprometendo a imagem da chamada "geração-saúde", passa a estar associada a uma confissão de arrependimento, justamente daqueles que representam um determinado reconhecimento identitário para a juventude brasileira:

> *"Do aeroporto, McCartney foi imediatamente para a prisão, onde ficou treze dias, antes de ser deportado. De lá para cá, o ex-beatle mudou muito. Na semana passada ... Paul McCartney advertia os jovens para os perigos das drogas, aconselhando-os a cuidar da saúde e desfrutar a vida [...]Caberá, talvez, à cantora Fafá de Belém ensinar à população a começar a dizer "não" com mais segurança ... ela mesma usou cocaína diariamente durante seis anos e parou, em 1981, no dia em que olhou no espelho e se viu, desfeita, com um bebê no colo ... Fafá acha que é preciso alertar para os perigos reais que a droga traz – e não apenas para os riscos que a substância química provoca no organismo"*(Veja, 20/08/1986:97-8).

O jovem é chamado a abandonar as drogas através de ídolos da música. Conforme argumentamos antes, não manipula-se, aí, um estilo de vida qualquer para sugerir o jovem a evitar uma situação que possa identificá-lo como um marginal. A mudança de como *Veja* passa a chamar a juventude para a questão das drogas pode ser assinalada nesse ponto em particular. A tendência na revista, quando os valores da juventude no mundo são alardeados em conformidade com os das classes média e alta para imprimir status social e modernidade, passa a ser a de preservar a imagem da chamada "geração-saúde":

> *"aconselhando-os a cuidar da saúde e desfrutar a vida [...]parou, em 1981, no dia em que olhou no espelho e se viu, desfeita, com um bebê no colo"*(Veja, 20/08/1986:97-8).

Daí, na emergência da chamada "geração saúde", a mudança em *Veja* de dissociar o hábito de consumir drogas de qualquer estilo de vida que possa nele o jovem se justificar. Exemplo nesse sentido também aparece no texto quando ressalta-se como a classe artística começa também a refletir essa imagem do "culto ao corpo e à saúde":

> *"Quatro anos atrás, quando o cantor Jair Rodrigues se dispôs a denunciar o abuso de drogas no meio artístico ... a classe como um todo, com raríssimas exceções, condenou o cantor como a um pária. Naturalmente, de lá para cá, muita coisa mudou, no rastro do crescente culto ao corpo e à saúde"* (Veja, 20/08/1986:97).

O texto tende a manipular um novo perfil da juventude no país para, nesse caso, mobilizar-se uma ação pedagógica no sentido de disciplinar-se o comportamento social do jovem: "de lá para cá, muita coisa mudou, no rastro do crescente culto ao corpo e à saúde". Em outra passagem, dois atores que interpretam uma dupla de surfistas do seriado

"Armação Ilimitada" da tevê Globo aparecem no texto como celebridades da mídia que representam a imagem redentora do "culto ao corpo e à saúde" para a questão das drogas:

> *"a dupla Kadu Moliterno e André de Biase, que atua no seriado mais dinâmico e engraçado da TV Globo, o "Armação Ilimitada", concorda. "A droga está comendo o mundo, levando pessoas sem estrutura embora. Não leva a nada", diz André. "A droga destrói a família. Sexo é um barato, rock também", acrescenta Kadu"* (Veja, 20/08/1986:97-8).

Ao focalizar os aspectos negativos decorrentes de quem é viciado em drogas, o texto prescreve uma receita para a juventude ter uma vida saudável. Dramatiza-se, pois, a questão das drogas através de modelos identitários que mobilizam o jovem em torno de tragédias pessoais. Inclusive a prisão do líder do conjunto de rock Titãs, Arnaldo Antunes, serviu de exemplo no texto para a juventude, ressaltando, aí, a deficiência da legislação no país para coibir o tráfico de drogas no país:

> *"Os policiais sabiam que Arnaldo não era um traficante graúdo, mas o processo acabou antes que se pudesse chegar a seu fornecedor"* (Veja, 20/08/1986:95).

O texto também lamenta como o prestígio da cocaína nas relações de consumo estaria reproduzindo "status social" entre jovens da elite:

> *"em certas rodas da sociedade ainda é considerado mais vexatório usar um relógio Cartier falso do que cheirar cocaína e, portanto, participar, como elo final, do sindicato do crime"* (Veja, 20/08/1986:97).

Podemos observar nessa passagem o que representava o consumo de cocaína entre jovens com grande poder aquisitivo. Segundo o texto, tal fato repercutia de modo

surpreendente, pois poderia significar custo social para essa parcela da juventude, o que não seria, logicamente, a mesma coisa se envolvesse a juventude da periferia. Percebemos, aí, como o jovem representa, para as classes média e alta, um modelo identitário para a reprodução de status social.

Impõe-se um modo de ser jovem que na reportagem tem como exemplo também um empresário de casa noturna, onde o consumo de drogas passa a ser proibido. Nesse particular, o texto reporta-se ao próprio espaço de lazer daqueles jovens identificados com o movimento punk:

> *"Mas o sinal dos tempos talvez esteja na postura do animador cultural mais talentoso de São Paulo, Wilson José, um dos donos do Madame Satã, templo por excelência da geração pós-punk. Wilson José diz "não" à entrada de drogas em sua casa noturna, com a segurança de quem sabe o que faz"* (Veja, 20/08/1986:98).

Essa passagem sinaliza como aquele espaço de lazer "underground" passa também a ser apontado em *Veja* para mostrar o jovem em um mundo sem drogas: "com a segurança de quem sabe o que faz". Como temos argumentado, procura-se em *Veja* afirmar-se uma juventude em função do slogan "geração-saúde", um modelo identitário para a classe média e alta reproduzirem status social e modernidade.

5.3 O jovem e a espetacularização da questão das drogas

Até o momento, estudamos como em *Veja* a juventude passa a representar, sob o slogan "geração-saúde", um modelo identitário para a reprodução de status social. No decorrer década de 1980, observamos como *Veja* procurava evitar publicar textos que mostrassem o jovem comprometido com o consumo de drogas. E quando o tema era proposto, aparecia em torno dele dramas pessoais para separar o jovem do mundo das drogas. Celebridades e ídolos de massa serviam de exemplo de como podia ter-se uma vida equilibrada e saudável. Um mosaico de vidas arrependidas por causa de um passado identificado com o consumo de drogas.

Além disso, a juventude e a questão das drogas articulavam-se por meio de uma relação tensionada entre pais, filhos, professores e autoridades policiais. Com as reportagens da década de 1990 em diante, notamos a presença de novo eixo que revela o jovem na espetacularização de sua tragédia humana para a questão das drogas. A próxima reportagem apresenta, pela primeira vez, depoimentos dramáticos de jovens da classe média e alta. Trata-se de uma reportagem especial, intitulada "Na carteira ao lado"[1991].

O texto alerta a sociedade para a situação dramática que representava o recrudescimento no consumo de drogas entre os jovens matriculados na rede particular de ensino. A passagem que vamos destacar a seguir revela, pela primeira vez, como o estilo de vida hippie passa a ser, explicitamente, referenciado como responsável pela situação dramática em que aparece a chamada "geração-saúde" em *Veja*. Essa referência, na relação tensionada entre pais e filhos, já fora observada na pesquisa quando chamávamos a atenção

para a mudança em como a geração dos pais, e não um determinado movimento cultural, passa a chamar o jovem para a questão das drogas. Estudávamos, aí, a reportagem intitulada "O aprendizado do vício"[1981], que abordava o aumento do consumo de drogas entre os jovens da classe média do país.

Nela, não se fazia nenhuma relação explícita com o estilo de vida hippie para identificá-lo como responsável direto por transmitir um hábito marginal para as futuras gerações. A referência à geração dos pais é acentuada de forma genérica:

> *"Os filhos da geração que fumou maconha nos anos 60 estão começando agora a fazer seus cigarros. A diferença é que, hoje, tudo é feito mais às claras [...] "Meus pais sabem que minha irmã e eu fumamos", diz C. A, 17 anos"* (Veja,25/11/1981:28 e 34).

Como ressaltamos na ocasião, o jovem aparece em *Veja* suscetível ao aprendizado do vício e dissociado de qualquer expressão identitária que pudesse justificar tal comportamento. Por isso o texto refere-se à geração hippie como a "geração que fumou maconha nos anos 60". Agora, em "Na carteira ao lado"[1991], o texto já aborda, explicitamente, como o estilo de vida hippie poderia ter suscitado uma suposta influência na educação dos filhos da geração pós-60:

> *"Nos anos 60, quando boa parte dos pais de hoje fumava seus cigarros de maconha ao som dos discos dos Beatles, dizia-se que as drogas estavam associadas a um ato de rebeldia natural da juventude e que bastaria que os adultos assumissem uma atitude de maior tolerância para que o problema desaparecesse por encanto. A realidade é que muitos dos jovens de hoje têm, em casa, pais que cultivam uma postura até benevolente diante de adolescentes que experimentam drogas ao som de Guns N'Rose. Descobre-se, amargamente, que isso em nada contribuiu para diminuir seu poder de atração. Em alguns casos, até estimulou."Muitos adolescentes*

> *viciados se queixam de que os próprios pais consomem drogas", revela a psicanalista Clara Inen"* (Veja, 27/03/1991: 46-7).

Essa passagem deixa claro como o estilo de vida hippie teria sido, em parte, responsável pelo aumento do consumo de drogas entre os jovens: "boa parte dos pais de hoje fumava seus cigarros de maconha ao som dos discos dos Beatles". Ao questionar o movimento hippie dos anos 60, ressalta-se como uma nova postura pedagógica dos pais em relação aos filhos estaria equivocada, ao defender a tese de:

> *"que as drogas estavam associadas a um ato de rebeldia natural da juventude e que bastaria que os adultos assumissem uma atitude de maior tolerância para que o problema desaparecesse por encanto"* (Veja, 27/03/1991:47).

Logo, a questão das drogas, como temos argumentado até o momento, aparece no texto para tensionar a relação de pais e filhos, desarticulando-se, aí, qualquer abordagem apreciativa de uma visão que pudesse mostrar o jovem na busca de reconhecimento social através de determinado estilo de vida: "Muitos adolescentes viciados se queixam de que os próprios pais consomem drogas". Se o consumo de drogas não se justifica em função de um estilo de vida próprio, agora passa a se justificar a partir do exemplo de vida dos pais. E esse exemplo dos pais, ao ser associado ao estilo de vida hippie, tende a mostrar o jovem na sua imagem refletida pela geração dos anos 60.

No decorrer do decênio de 1980, quando pouco se publicava a respeito dessa temática, vimos como a visão do jovem chega a ser reificada na diferença ressentida com a geração dos anos 60. Em "Sem Freud nem Lênin" [1985], aqueles que viveram o sexo livre e a militância estudantil aparecem em *Veja* como a geração que desamparara seus filhos à

própria sorte: "essa geração colocou sua individualidade e suas próprias elucubrações teóricas à frente da educação dos filhos" (Veja, 21-08-1985:70).

O consumo de drogas entre os jovens nos anos 80 e 90 surge como problema de herança que passa de geração a geração: a dos anos 60 para a da chamada "geração-saúde" e que repercute agora em "Na carteira ao lado"[1991]. A dissociação da juventude de qualquer estilo de vida não-convencional é reafirmada no texto, pois o hábito de consumir drogas teria sido decorrente de uma má educação no seio da família. E o responsável por essa má educação seria o estilo de vida hippie.

Em combinação com essa inferência ao estilo de vida hippie para repercutir no que estava acontecendo dentro das escolas particulares, alardeam-se os dramas pessoais dos jovens viciados das classes média e alta, conforme podemos constatar com a seguinte passagem:

> *"andava com uma turma mais velha e passei a fumar com eles, inclusive na escola. Com 15 anos, no réveilon me deram cocaína ... Comecei a namorar com uma mulher de 40 anos que me dava a droga. Quando essa mulher se afastou comecei a afundar [...] Quando tinha 16 anos um colega de escola me ofereceu maconha ... Só fumava na fábrica de meu pai e na escola ... Com 19 anos, conheci a cocaína. Cheirei e não queria outra coisa ... fui internado em diversas clínicas [...]Os colegas sabiam o que eu fazia e se aproximavam, pedindo a droga com freqüência ... o pó escraviza e para fugir disso cheguei a passar dois anos nos Estados Unidos. Não adiantou [...]Com 15 anos comecei a fumar maconha e aos 20 estava cheirando cocaína ... Moro com meus pais ... e eles nunca desconfiaram de nada [...]Até os 10 anos de idade eu era considerado o bobo da classe ...Foi assim até eu conhecer um pessoal mais velho que fumava maconha, numa festa ...Era uma aula chata de Matemática, espalhamos o pó na carteira e o professor nem percebeu ...Com 16 anos, passei a fazer tráfico mais pesado ... Entrava com o carro no colégio, no mesmo lugar onde os pais*

> *estacionam para deixar os filhos"*(Veja,27/03/1991:42,43,45,46 e 48).

A exemplo do que vimos com alguns ídolos da mídia no decênio de 1980, a questão das drogas aparece a partir da espetacularização da tragédia humana. Essa lista de dramas pessoais, que mostra o jovem em meio a uma relação tensionada entre pais, filhos, autoridades policiais e profissionais do ensino, tensiona também o próprio convívio entre os estudantes, conforme podemos constatar na passagem a seguir:

> *"Os traficantes que vendem drogas nas escolas são estudantes matriculados [...] eles têm aparência de um estudante igual aos outros. Vestem-se bem, às vezes tiram boas notas e têm convite garantido para as melhores festas ... as drogas nunca foram tão baratas ... fuma-se, cheira-se, compra-se e vende-se sem maiores constrangimentos ...São, em sua maioria, viciados que querem fazer economia de dinheiro à custa do bolso do colega do lado, retirando sua parte em espécie, de graça ... "Muitas vezes assisti a aulas completamente bêbada e drogada, mas ninguém percebia", diz. Ana é um exemplo de traficante com excelente desempenho escolar. Nunca teve média abaixo de 8 e sempre acabou entre os cinco melhores da classe"* (Veja 27/03/1991:42-46).

Percebemos, aí, como o próprio ambiente escolar estaria naturalmente inserido na rede de tráfico e como estaria se comportando o jovem das classes média e alta. Ressalta-se no texto como praticamente inexistiria uma diferença perceptível entre aquele que não é usuário e aquele que consome drogas e eventualmente passa a traficar:

> *"eles têm aparência de um estudante igual aos outros. Vestem-se bem, às vezes tiram boas notas e têm convite garantido para as melhores festas"*(Veja 27/03/1991:43).

Dramatiza-se o ambiente escolar para chamar o jovem para a questão das drogas. Qualquer estudante na sala de aula pode representar uma ameaça para professores,

país e inclusive para o próprio colega de carteira. Todos são, no texto, suspeitos, não pelo que vestem ou dizem. Nos anos 70, os jovens hippies em *Veja* representavam, pela aparência e pelo que diziam, uma ameaça à moral da classe média. Agora, como também no decorrer da década de 1980, é por meio da própria classe média, já em decadência, e da classe alta que o jovem aparece na expressão dramática de sua relação com o consumo de drogas: "Muitas vezes assisti a aulas completamente bêbada e drogada".

Na próxima reportagem, intitulada "O fim da apologia das drogas"[1992], os dramas pessoais partem de artistas e celebridades. Eles representam modelos identitários para mostrar o jovem na imagem refletida da geração do rock dos anos 80. Ressalta-se como a juventude brasileira, sob a influência dos ídolos do rock, estaria sujeita nos anos 80 à chamada "apologia das drogas". O texto procura chamar a atenção que agora, nos anos 90, ao tornar-se popular o consumo de cocaína, o jovem da classe alta não teria mais motivo algum para envolver-se com esse tipo de droga:

> *"Já faz algum tempo que a droga [cocaína] ... alcançou também a juventude de classe média e, em algumas capitais, passou a ser usada por jovens delinqüentes sob a forma de um derivado bem mais destrutivo, o crack ... sua vinculação a um hábito constrangedor, sujo até [...] O resultado dessa viagem de volta é que ninguém mais identifica a cocaína com projeção social, com criatividade ou comportamento de vanguarda, como acontecia na década passada entre alguns consumidores iludidos"* (Veja, 11/11/1992:78 e 80).

Os usuários da cocaína na periferia são identificados como "jovens delinqüentes" e não como jovens que ostentam um "comportamento de vanguarda". O consumo de drogas, aí, resume-se no seu efeito simbólico para a reprodução de status social. Como agora a cocaína representaria desprestígio social, o texto passa também a

alertar o jovem da classe alta para o risco de ser confundido com o estilo de vida daqueles "jovens delinqüentes".

O jovem é chamado para a questão das drogas a partir do recrudescimento das diferenças de classes: "ninguém mais identifica a cocaína com projeção social". No capítulo 3, vimos como a partir dos anos 90 os jovens da periferia chegam a aparecer associados a "um aglomerado humano com a forma de um protozoário" (Veja, 20/11/1991:66), afirmando, assim, a sua condição de inferioridade em relação aos jovens da chamada "geração-saúde".

Em outra passagem, sugere-se inclusive a hipótese de que o consumo de drogas, ao revelar-se cada vez mais como "um hábito constrangedor, sujo até", poderia, no mínimo, parar de crescer no país:

> *"a desqualificação social da cocaína, sua vinculação a um hábito constrangedor, sujo até, pode contribuir para que o problema da droga não se torne maior do que já é no país"* (Veja, 11/11/1992:80).

A exemplo do que vimos em "O império sob ataque" [1986], onde lamentava-se que "em certas rodas da sociedade ainda é considerado mais vexatório usar um relógio Cartier falso do que cheirar cocaína"(Veja, 20/08/1986:97), com a passagem acima *Veja* chama o jovem de classe média e alta para alertar-lhe sobre a perda de prestígio social caso torne-se um usuário de drogas que poderá, conforme o texto, associá-lo "a um hábito constrangedor, sujo até".

Projeta-se o jovem para a questão das drogas em contraste com a imagem do jovem da periferia, a exemplo do que estudamos no capítulo 3 quando focalizamos os movimentos culturais da juventude. E essa projeção é reforçada pelo efeito de reconhecimento identitário da juventude com os ídolos da cultura de massa. Celebridades e artistas, que nos anos 80 constituíam-se como modelos para o jovem identificar-se no mundo das drogas, passam em *Veja* a personificar uma imagem de reconciliação com a chamada "geração-saúde":

> *"Fica cada vez mais difícil imaginar hoje em dia um artista fazendo a apologia da droga, como acontecia há dez anos, quando coca dava música ... mais comum é ouvir os reconvertidos – os que acham que a droga é uma droga"*(Veja, 11/11/1992:83).

A narrativa, então, passa a privilegiar o depoimento de alguns artistas que estariam se afastando do consumo da cocaína. Um deles, um ícone do rock para a juventude dos anos 80. Trata-se de João Luiz Woenderbag Filho, o "Lobão", que fora o músico mais perseguido pela polícia. Ele ganha destaque na reportagem ao chamar a atenção do jovem para os problemas enfrentados por quem é viciado em drogas:

> *"Eu decidi parar de usar porque estava afetando minha produção, adiando minhas coisas", diz Lobão, que por mais de quinze anos experimentou drogas de todo tipo (maconha, cocaína, chá de cogumelo, heroína) ... Lobão decidiu parar também porque sua posição a favor das drogas atraía a atenção da polícia e da Justiça. Hoje ele se queixa de outro tipo de patrulhamento: o dos amigos que ainda usam drogas"* (Veja, 11/11/1992: 80).

Mais uma passagem que tem como exemplo outro influente modelo identitário para a juventude dos anos 80 é o roqueiro João Gordo:

> *"mais comum é ouvir os reconvertidos – os que acham que a droga é uma droga [...] O roqueiro João Gordo, líder do grupo punk Ratos de Porão, conta que parou no ano passado, quando chegou a ser preso duas vezes por porte de drogas e começou a ter problemas de saúde."Eu tomava tudo. Achei que ia morrer", diz. Também deixou-se influenciar. No ano passado, João Gordo arrumou uma namorada, a roqueira Alê, de 21 anos. Esse relacionamento deu a João Gordo força de vontade para evitar as drogas – até para emagrecer um pouco"* (Veja, 11/11/1992:81).

Nessa reportagem, o único estilo de vida mencionado é o do movimento punk. Mas seu destaque aparece de forma inapropriada, pois o depoimento selecionado em *Veja* não expressa corretamente a realidade desse movimento cultural no país. Conforme Antonio Bivar, autor do livro intitulado "O que é punk"[199], "os punks são mais chegados ao vinho, à cerveja, ou mesmo à cachaça com groselha. Ainda assim, muitos nem bebem nem fumam" (:100-01). E não à cocaína.

Além disso, desconsidera-se como fonte de informação a voz de um jovem desconhecido do movimento punk e, no seu lugar, aparece um reconhecido ídolo do rock como representante de seu estilo de vida. Mostra-se o jovem na sua identificação com o estilo de vida punk, que passa em *Veja* a ser reconhecido como exemplo convergente com a promoção da chamada "geração saúde". Notamos essa perspectiva quando salienta-se como o músico teria abandonado as drogas e com a ajuda de sua namorada:

> *"Esse relacionamento deu a João Gordo força de vontade para evitar as drogas – até para emagrecer um pouco"* (Veja, 11/11/1992:81).

A reportagem, ao visualizar o jovem em meio a um mosaico de vidas arrependidas por causa do seu passado comprometido com as drogas, acaba convertendo

qualquer estilo de vida na dramaticidade de sua expressão individual. É o que notamos com o depoimento de João Gordo. A seguir, mais dramas pessoais:

> *"Parei radicalmente", diz a atriz Maria Zilda ... "Não posso ficar com 80 quilos e com olheiras" ... O compositor Chico Buarque de Holanda, 48 anos, admite ter apreciado a carreira da cocaína.Hoje não quer ouvir falar nela ... "não tenho a menor saudade" ... Chico diz que fica desalentado com os drogados porque se tornam quimicamente falantes e artificialmente expansivos ... "essa coisa de as pessoas ficarem cheirando pó no banheiro e depois passarem a noite falando as grandes verdades é um saco [...]O escritor e apresentador de televisão Marcelo Rubens Paiva ... substituiu o pó pelo consumo ocasional de maconha. "A maconha me relaxa", diz ele. "Mas eu evito usar maconha com freqüência. Já fui viciado em cocaína e tive de parar porque a minha resistência foi para o brejo", conta Paiva [...] Mas é frágil a fronteira que separa o usuário ocasional do viciado profundo"*(Veja, 11/11/1992:80 e 82).

O jovem nessa reportagem aparece, então, confrontado com o passado daqueles que o chamavam nos anos 80 para um reconhecimento identitário com o mundo das drogas. Marcelo Rubens Paiva, nessa passagem, é o exemplo mais representativo. Logo, como temos argumentado até o momento, idealiza-se uma juventude em separado do mundo das drogas que passa a se justificar em torno de nomes reconhecidos da mídia. Esses nomes aparecem como exemplos que servem para compor uma imagem de reconciliação da juventude com a chamada "geração-saúde". E com um alerta: "é frágil a fronteira que separa o usuário ocasional do viciado profundo".[55]

56 De acordo com Rosa Maria Bueno Fischer, em "Adolescência em discurso" [1996], "o discurso normativo e de aconselhamento, típico dos documentos escolares, da solenidade dos sermões e da escuta confessional religiosa e psico-pedagógica, mesmo não tendo perdido totalmente seu prestígio nesses lugares de origem, tem uma surpreendente acolhida nos meios de comunicação ... cada vez mais estes meios se constituem como lugares pedagógicos, não temendo inclusive usar o vocabulário explicitamente prescritivo daquele discurso" (1996: 223).

Veja procura afastar o jovem de um reconhecimento social que possa identificá-lo como grupo de risco. Outro exemplo nesse sentido aparece quando ele é confrontado com o estilo de vida hippie, que passa a simbolizar no texto, na alusão às tragédias de músicos que morreram por overdose, a segunda imagem melancólica do passado para inibir o hábito de consumir drogas:

> *"O LSD, uma espécie de*[56] *bandeira das hordas hippies, é visto hoje com o mesmo estranhamento que provocaria uma calça boca-de-sino. Nos anos 60, era considerado um passaporte para um estágio especial de sensibilidade, uma exclusividade das tribos iniciadas no ritual [...] Hendrix, considerado o papa da música lisérgica, morreu de overdose [...] A maconha continua sendo consumida, mas não é mais encarada como um distintivo da juventude inquieta, rebelde, preocupada com a paz para todos e o relaxamento para a própria carcaça. Maconha, hoje, é apenas maconha, um tóxico, um agente do escapismo, só isso"* (Veja, 11/11/1992:79 e 80).

Percebemos, aí, como o consumo de drogas entre os jovens de hoje passa a representar apenas um comportamento social de "escapismo", uma fuga da realidade. É interessante observar como essa avaliação de *Veja* era a mesma para os hippies nos anos 70, conforme constatamos nessas duas passagens:

> "*os riscos da loucura e da morte em troca de alguns minutos de paz*"(Veja,01/04/1970:40).

> *"Eles só querem saber de sonho, de fantasia [...] basicamente o que aconteceu foi uma sensação quase física de que toda aquela alegria não estava levando a nada"*(Veja, 07/03/1973: 46).

O estilo de vida hippie dos anos 70 aparecia em *Veja* justificado pelo efeito da droga consumida. Ao representar uma ameaça à moral da classe média, o jovem hippie

aparecia em separado da juventude em geral, pois era reconhecido em função de seu hábito de consumir drogas, que o projetava como modelo de fuga da realidade. E agora, em "O fim da apologia das drogas"[1992], essa tendência em *Veja*, a do "escapismo", ainda está presente no texto, mas para dessa vez chamar o jovem para a questão das drogas em torno de seus dramas pessoais. A projeção do jovem em separado do mundo das drogas acaba sendo reforçada também pela experiência dos jovens hippies, que aparece ainda justificada pelo consumo da maconha: "um distintivo da juventude inquieta, rebelde, preocupada com a paz para todos e o relaxamento para a própria carcaça".

Outra reportagem que alardeia os dramas pessoais do jovem que aparece associado ao consumo de drogas intitula-se "No caminho das pedras"[1995]. É o texto mais expressivo publicado em *Veja*. A exemplo do primeiro expressivo texto dos anos 70, que alertava o alastramento do uso da maconha entre jovens da classe média e alta, até então uma droga identificada com a comunidade hippie, agora o mesmo acontece quando a droga é o crack, famosa por estar associada à população que vive na periferia das grandes cidades.

O estilo de vida hippie representava na época, com a maconha, uma ameaça aos padrões morais da classe média e alta. Agora, a classe média, especificamente, passaria a sentir-se ameaçada não em função dos valores relativos a sua conduta moral, mas sim com a perspectiva de perder prestígio social com seus filhos consumindo uma droga que é identificada com a classe pobre do país:

> "A tendência em esconder o vício de um filho existe em qualquer família. No caso do crack, pesa o preconceito, pois a droga é normalmente associada a marginais" *(Veja, 27/12/1995:50).*

A questão das drogas que reflete o mundo do jovem da periferia não é novidade com esse trecho. Em "A perigosa moda dos tóxicos"[1970], sinaliza-se como o consumo de maconha remetia à violência de "nossa população favelada" (Veja, 01/04/1970:40). Mas a figura mais representativa com as drogas era a do jovem hippie. Agora, é o jovem da periferia das grandes cidades que passa a representar uma vida social e cultural decadente para os jovens da classe média:

> *"Eles têm entre 15 e 25 anos, estudam em colégios tradicionais, moram em bons bairros, freqüentam danceterias e bares da moda, possuem computador em casa, passam férias no exterior e seus pais gozam de boa qualificação profissional [...]O crack fez pela cocaína o que o McDonald's fez pelo hambúerguer. Popularizou a droga e fez com que ela caísse no gosto da classe média", afirma o professor e psiquiatra Ronaldo Laranjeiras"*(Veja, 27/12/1995:46).

O cotidiano do jovem de classe média e alta é enfatizado para chamá-lo para a questão das drogas. E essa imagem da "boa vida" da juventude identificada com o McDonald's estaria sendo agora tensionada com a imagem do mundo da periferia. Essa reportagem, "No caminho das pedras", tem a particularidade de mostrar o jovem de classe média que consome drogas na relação tensionada com os jovens da periferia, o que representaria uma ameaça à imagem da "boa vida" da juventude identificada com o McDonald's. A seguir, uma passagem na qual destaca-se como os jovens da classe média se sentiam ao terem de negociar a droga na periferia:

> *"A gente deixa tudo o que tem na favela por uma pedra. Parece até distribuição de renda", diz A.C. "Os endinheirados levam tênis, walkman, roupa de griffe e vão embora de bermuda velha e chinelo. E os caras das favelas ali, no maior banho de loja. Daqui a pouco todos os nike e zoomp da classe média vão estar nas favelas", completa A"*(Veja, 27/12/1995:49).

As diferenças de classe aparecem nessa passagem para mostrar o jovem de classe média envolvendo-se com o mundo das drogas, que representa também a sua decadência de status social. Na primeira edição especial de *Veja* sobre a juventude, de set/2001, essa idéia prevalece para essa questão das drogas:

> *"O mundo das drogas desconectou-se da histórica associação com a rebeldia e passou a ser um negócio pragmático e próximo da marginalidade"* (Veja, set/2001:30).

Veja toma o cuidado de ressaltar como o consumo do crack entre os filhos de classe média e alta não teria as mesmas conseqüências que seriam comuns entre os filhos da periferia, conforme outro trecho em "No caminho das pedras"[1995]:

> *"a esmagadora maioria dos viciados caía na criminalidade ... mas acontece com mais freqüência entre craqueiros de classe baixa, mendigos, meninos de rua [...] Os jovens de classe média também não precisam praticar furtos para comprar a droga, pois vendem os objetos de casa, e, antes de chegar a esse ponto, a família, geralmente, já os internou"*(Veja, 27/12/1995:48).

Tensiona-se, aí, a exemplo da passagem anterior, "um negócio pragmático e próximo da marginalidade" (Veja, set/2001:30), a relação entre classes, numa articulação narrativa que é reforçada no texto com os dramas pessoais dos filhos da classe média e alta. Os depoimentos, comparados com os das reportagens anteriores, são ainda mais trágicos, revelando, pela primeira vez, como pais e filhos enfrentam a questão das drogas dentro de casa:

> *"O tuim é rápido e maravilhoso. Pensei: como podia ter vivido sem aquilo ... .Emagreci 10 quilos.Um dia fui presa pela polícia ... Meu pai foi me buscar chorando.Eu não senti nada. Resolvi me tratar quando dei um pega forte ... Quando acordei, me olhei no espelho e*

fiquei com medo de mim" ... "a gente só percebe quando a situação está incontrolável", diz o pai de R.G., que chora toda vez que relembra o caso. [...]"Entrei nas drogas aos 16 anos, junto com os amigos. Era um pretexto para levar um papo cabeça, falar de cores lisérgicas e por aí vai ... Saía de casa à noite para a faculdade e voltada dias depois, sem roupas, dizendo que tinha sido assaltado ... Pense no inferno e ele é o crack. [...]"Fui me emburacando ... Eu vivia rastejando no chão, achando que tinha deixado cair alguma pedra ... E você só tem vontade de sair quando percebe que virou uma planta, um vegetal ... Estou me tratando há oito meses. Quando sair daqui, vou ajudar meu pai na associação" (Veja,27/12/1995:46,47-8 e 50).

"Cheguei de viagem e entrei em casa crente que ele estava no trabalho. Quando subi as escadas e vi que ele estava dormindo, ao meio-dia, soube na hora que tinha voltado para o crack. Não sei descrever o que me deu. Fiquei ali parada, acho que sem forças para a decepção. Quando ele saiu, me deu muita raiva. Mas quando ele voltou, me deu pena. Só consegui chorar."

I.C., MÃE DE A.C.

cendo muito na classe média, pois várias famílias nos procuraram. Daí resolvemos abrir uma comunidade pequena, com capacidade para poucos rapazes, só para jovens de classe média", diz o pastor Inácio Marchetti, coordenador da Nova Vida.

"FIQUEI COM MEDO DE MIM" — Há dois anos, a adolescente R.G., de 19 anos, viu sua vida dar a guinada do crack. Filha de um alto funcionário de uma estatal e uma empresária, R.G. mora num sobrado envidraçado, de quatro quartos, e tinha uma vida muito confortável. Nos fins de semana, a família ia para a casa de praia e, nas férias, viajava num trailer pelo litoral. "Eu era uma menina bem normal", diz R.G., lembrando-se de sua agenda cheia de adesivos, da coleção de selos e canetas coloridas, e de seu armário lotado de perfumes e produtos de beleza. Certo dia, R.G. estava com o namorado na frente do cursinho em que estudava, no bairro de Pinheiros, quando surgiu a primeira pedra em seu caminho. Hoje, internada numa clínica no interior de São Paulo, R.G. costuma dividir seus 19 anos em "antes do crack" e "depois do crack":

— Já tinha fumado maconha, e adorava. Aí um amigo ofereceu a pedra de crack, perto do cursinho. A gente pipou num cachimbo bacana, feito com vidro, antena de televisão, fita isolante e Durepox. Sabia que era perigoso, não foi falta de informação, mas estava curiosa. O tuim é rápido e maravilhoso. Pensei: como podia ter vivido sem aquilo. Seis meses depois eu não passava sem a pedra. Tudo o que eu fazia antes, praia, viagem, tudo perdeu a graça. Emagreci 10 quilos. Um dia fui presa pela

Fig. 049– Referente *Veja* de 27/12/1995:47, da reportagem intitulada "No caminho das pedras"[1995]

O jovem aparece aí na sua tragédia humana, que passa a representar em *Veja* a desestabilização das famílias de classe média e alta. A cada fala, monta-se uma narrativa para espetacularizar o drama pessoal desses jovens. Os dramas pessoais também revelam

como o jovem que consome drogas passa a não mais interessar-se pelas coisas que fazia antes:

> *"Eu era uma menina bem normal", diz R..G, 19 anos, lembrando-se de sua agenda cheia de adesivos, da coleção de selos e canetascoloridas, e de seu armário lotado de perfumes e produtos de beleza ... Tudo o que eu fazia antes, praia, viagem, tudo perdeu a graça. [...] resolveu largar o computador do seu quarto, os discos de Jimi Hendrix e os livros de Amyr Klink para ir fundo no crack [...]. Larguei tudo. Namorada, competição de natação e futebol de salão, escola"* (Veja,27/12/1995:47-8).

Com essa passagem, podemos notar como a posição privilegiada do jovem de classe média e alta aparece no texto sendo atingida pelo hábito de consumir drogas. A vida desse jovem, com o crack, aparece no texto deixando de fazer sentido em meio ao conforto proporcionado pelos pais. Fotos, cujas legendas são as declarações dos entrevistados, mostram pais abraçados, uma mãe consolando o filho, um viciado chorando e um pai conversando com a filha. Procura-se sensibilizar o jovem para a tragédia humana que o cerca através do mundo das drogas. Outra reportagem que mostra o jovem nesse sentido intitula-se "Pileques demais"[1996].

É a primeira expressiva reportagem sobre a dependência alcoólica entre adolescentes. Como temos observado, o jovem vem sendo visualizado na expressão de seu drama pessoal com as drogas. A primeira reportagem que marca essa mudança em *Veja* abordava como os jovens de classe média e alta lidavam com o vício dentro das escolas particulares, em 1991. De lá para cá, a tendência é esta, a de espetacularizar o consumo de drogas como uma tragédia humana para chamar a juventude para essa questão em particular.

Em “Pileques demais”[1996], fotos mostram uma menina de 16 anos passando mal e sendo carregada por duas amigas. Ou flagrando a venda de álcool para um menor. O texto baseia-se em pesquisas que revelam a situação progressiva no consumo de álcool entre os jovens brasileiros. Com os depoimentos, os dramas pessoais se repetem:

> *“começou a beber incentivado pelo pai, um empresário bem-sucedido em São Paulo. “Eu não gostava daquele gosto amargo da cerveja, mas o meu pai insistia”, conta ele [...] ela tomou o primeiro porre aos 11 anos e entrou em coma. Não parou mais desde então. “Bebia uma garrafa de pinga sozinha”, lembra ela ... que ainda sente a boca salivar quando vê um comercial de bebida na televisão ... É a primeira vez que eu ouço The Doors sóbria, e isso é ótimo”, conta. [...]C. começou a beber aos 6 ou 7 anos de idade, aproveitando-se dos restos de vodca que o pai deixava no copo. Tomou o primeiro porre aos 13, levou uma surra da mãe, mas mergulhou fundo na bebida. “Eu escondia garrafas de pinga ou de vodka no quarto, para tomar de manhã”, lembra ... Teve apenas amizades superficiais e o namoro mais longo durou quatro meses...“Não sei o que é transar sóbria”, admite.* (Veja,03/04/1996:53,54 e 55).

A questão do álcool, conforme essa passagem, tende a ser enfatizada para o jovem a partir de um questionamento sobre a educação que recebe na família. A exemplo da reportagem anterior, as confissões desses jovens dramatizam a questão das drogas e, nesse caso em particular, fecham o círculo de dependência: álcool, maconha, cocaína e crack. O jovem, aí, de classe média ou alta, aparece suscetível ao vício. A passagem a seguir ilustra bem essa constatação:

> *“Na cabeça, muita vontade de se divertir[...]Inseguros, tímidos, angustiados ou ansiosos para entrar na vida adulta, os jovens descobrem logo que uma latinha de cerveja é uma boa ajuda para convidar aquela garota para dançar ou “ficar” com um carinha cobiçado numa festa [...] Nesse período crucial para a fase adulta da vida, o jovem começa a conviver com sentimentos como a frustração, a insegurança, a dúvida, a necessidade de escolha. Embotado pelo*

> *álcool, que surge como uma bengala, o adolescente perde uma grande chance de amadurecimento"*(Veja,03/04/1996:52,54).

Dramatiza-se o consumo do álcool, projetando o jovem como um indivíduo suscetível ao vício em função de uma fase da vida, a adolescência, que o tornaria carente de uma educação responsável de sua família: "Inseguros, tímidos, angustiados ou ansiosos para entrar na vida adulta". Essa tendência em *Veja*, conforme já estudamos anteriormente, já fora sinalizada em "Aprendizado do vício"[1981]:

> *"O jovem costuma chegar aos tóxicos pelo caminho da curiosidade [...] Estava deprimido, com problemas em casa e sem dinheiro. Viciou-se"* (Veja, 25/11/1981:29, 30).

Procura-se, assim, dramatizar essa questão com o jovem, que noutro texto, intitulado "Inimigo íntimo"[2006], é informado como "o consumo de álcool na adolescência e na juventude deixa marcas indeléveis no cérebro" (2006:96). Aliás, essa é uma diferença em relação ao texto de "Pileques demais"[1996]. Ou seja, o jovem é pressionado com ênfase por descobertas científicas que o radiografam detalhadamente para convencê-lo de como "o uso exagerado de álcool ... afeta principalmente habilidades cognitivas do cérebro, como memória e aprendizado" (06/12/2006:97).

Fig. 050– Referente *Veja* de 2006, da reportagem intitulada "Inímigo íntimo"[2006]

Seguindo essa linha de argumentação científica, o texto também observa como "o adolescente, por natureza, não tem condições de avaliar as conseqüências de seus atos" (Veja, 06/12/2006:103):

> *"A transformação maior acontece por volta dos 18 anos e pode avançar até os 25, quando o córtex pré-frontal amadurece, consolidando o tal senso de responsabilidade"* (Veja, 06/12/2006:103)

O jovem é, assim, tratado como vítima de uma situação que estaria fora de seu controle. Lamenta-se, por exemplo, a falta de responsabilidade das autoridades em punir os donos de estabelecimentos que servem álcool a menores de 18 anos e, principalmente, a cumplicidade da própria família, a exemplo do que vemos em "Pileques demais"[1996]:

> *"Sem nenhum controle das autoridades e com tolerância social, adolescentes pegam mais pesado na bebida [...]Entre os pais, as reações vão desde a santa ignorância sobre o que os filhos estão fazendo até a condescendência diante daquilo que encaram como um rito de passagem para a idade adulta ...Como o consumo adolescente é socialmente aceito, fica difícil saber quando um jovem está bebendo além da conta"* (Veja,03/04/1996:51 e 53).

O jovem, aí, aparece como vítima e não com a possibilidade de ser confundido com um estilo de vida que poderia identificá-lo como um marginal, como um grupo de risco. O mau exemplo dos pais é o que aparece para essa questão do álcool. A sua cumplicidade para incentivar o filho a ver a bebida "como um rito de passagem para a idade adulta". Em outra passagem, os pais são alertados para a falta de discernimento para protegerem seus filhos contra o vício do álcool:

> *"os pais se sentem à vontade para alertar os filhos contra os males da maconha, da cocaína e do crack, de protegê-los contra a violência das ruas, ao mesmo tempo em que ficam menos seguros – e preocupados – quando se trata de bebida [...] muitos pais pensam que é melhor beber do que fumar um baseado"*(Veja,03/04/1996:55).

Como temos observado, o jovem tende a ser visualizado para a questão das drogas a partir de sua relação com os pais, que nesse particular não aparecem associados ao estilo de vida hippie. Claro que no caso do álcool, ao ser uma droga legal, o texto faz uma crítica mais contundente aos pais. Mas essa tendência de chamar o jovem para a irresponsabilidade dos pais já é notada em o "Aprendizado do vício"[1981]:

> *"Meus pais sabem que minha irmã e eu fumamos", diz C. A, 17 anos"* (Veja,25/11/1981:28).

Em "Na carteira ao lado"[1991], destacamos mais uma passagem nesse sentido:

> *"A realidade é que muitos dos jovens de hoje têm, em casa, pais que cultivam uma postura até benevolente diante de adolescentes que experimentam drogas ao som de Guns N'Rose.* (Veja, 27/03/1991: 46-7).

Tensiona-se aí a relação de pais e filhos na questão das drogas. Ao mesmo tempo, os dramas pessoais são alardeados na dissociação de qualquer expressão coletiva da juventude que pudesse justificar um estilo de vida não convencional. A espetacularização do consumo de drogas como uma tragédia humana da juventude acaba culminando na morte de seus protagonistas. No palco, os filhos viciados da classe média e alta. É o que constatamos em "Passageiros da agonia" [1998]. A temática é a morte de jovens causada pelo consumo excessivo de drogas. A seguir, alguns depoimentos dos pais:

> *"Tão jovem, ele sabia o que era sofrer ... passou da maconha e do álcool para a cocaína, e dela para o crack. "Eu sentia um cheiro de morte no ar", lembra a advogada paulista, mãe de Nelsinho ... Estava deprimido e contou que vendera o celular para comprar a droga. "Tudo bem, filho". Nada estava bem. Nelson foi ao banheiro, tomou banho, escreveu o bilhete e deu um tiro na cabeça. [...]Até os 18 anos dormia abraçada ao ursinho de pelúcia. Gostava de ir a shopping centers e a shows de rock .... de repente, abandonou os amigos e envolveu-se com maconha e crack ... Foi morta quando tentava roubar um toca-fitas [...] "Deu um tiro na cabeça. Na carta, acusou meu irmão e a mim por sua morte e pediu apenas para que cuidássemos de seus cachorros, que adorava", irmã da estudante"* (Veja, 27/05/1998:119,121-2 e 124).

Dessa vez, a espetacularização do consumo de drogas como tragédia humana passa pela fala de pais relatando como tratava, na intimidade, essa questão com seus filhos. São casos que sublinham, mais uma vez, como o jovem, com a droga, deixa seu estilo de vida para trás: "Gostava de ir a shopping centers e a shows de rock". Ou então ressalta como o jovem sentia-se na família: "acusou meu irmão e a mim por sua morte". O jovem é alertado para o final trágico daqueles que morreram de overdose. Ou daqueles que suicidaram-se com um tiro na cabeça, ou pularam de um edifício, ou mortos pela polícia ou traficantes.

Fig. 051– Referente capa *Veja* de 27/05/1998.

O jovem, assim, é chamado para a questão das drogas como vítima de seus próprios conflitos interiores. A passagem a seguir é exemplo nesse sentido:

> *"Trata-se de um imenso arsenal químico, oferecido todos os dias, legal ou ilegalmente, para preencher o vazio da vida ou como lenitivo para a dor e o sofrimento"* (Veja, 27/05/1998: 121).

O jovem aí aparece suscetível ao vício. Quem consome drogas é visto no texto como um indivíduo que vive com "a dor e o sofrimento". Já os pais são destacados como pessoas mal-informadas e que precisam de conselhos para lidar com os primeiros sinais de dependência apresentados pelos seus filhos. A passagem a seguir ilustra essa relação tensionada entre pais e filhos:

> *"[...]quando os pais ficam sabendo, geralmente é porque a situação já fugiu ao controle ... Se ele consumiu droga e não pôde ir trabalhar ou faltou à escola, o próprio usuário deve se explicar ... Abrir espaços de diálogo é uma ótima alternativa. Devem-se impor limites. Os pais são responsáveis pela educação dos filhos, e, enquanto eles moram na mesma casa, têm de obedecer a certas regras ... Se não conseguem levar o filho a uma clínica ou especialista, vale a pena os pais se dirigirem a serviços de atendimento em busca de orientação"* (Veja, 27/05/1998:122 e 123)

Na passagem, o jovem é chamado para a questão das drogas a partir do questionamento da educação recebida na família. Com prerrogativas pedagógicas, o texto faz críticas ao jeito liberal de educar-se os filhos nos anos 90: "Devem-se impor limites ... enquanto eles moram na mesma casa, têm de obedecer a certas regras". Em outra passagem, mais um conselho para os pais:

> *"Droga mata e é preciso enfrentá-la com toda a energia possível. E o melhor jeito de começar a batalha é olhar o problema de frente"* (Veja, 27/05/1998: 121).

Nota-se como o jovem é confrontado com uma visão apocalíptica caso os pais não considerem o consumo de drogas como um problema de saúde. A educação dos pais é

alertada nesse sentido. O único exemplo na reportagem de um pai não-liberal, que não teria permitido "Abrir espaços de diálogo", vem de um pai cujo filho, curiosamente, "era um ex-hippie"(Veja, 27/05/1998:123). Nessa passagem, o jovem é chamado para a questão das drogas a partir da tragédia humana de um exemplo que aparece identificado com o estilo de vida hippie:

> *"O pai surrava o filho, chamava a polícia. Achava que assim estava ajudando. "Nossa família ficou um trapo.Eu não suportava a forma violenta com a qual papai tratava o Marcos". Afundado na dependência, isolado da família, sem dinheiro, o rapaz foi morto com dois tiros nas costas quando roubava um pedaço de carne"*(Veja, 27/05/1998:123)

Podemos inferir como mais uma vez o estilo de vida hippie aparece em *Veja* para chamar o jovem para a questão das drogas. Nessa reportagem, o jovem hippie representa, com "a forma violenta com a qual papai tratava o Marcos", as conseqüências trágicas de "um inconformismo às vezes até encarado por ele como coisa positiva" (Veja, 27/05/1998:123). O movimento hippie termina e, conforme a passagem, deixa um filho viciado que acaba "morto com dois tiros nas costas".

Em outra passagem, constata-se como *Veja*, conforme temos observado desde a emergência da chamada "geração saúde" em "A juventude da beleza"[1980], passa a mostrar o jovem com as drogas numa relação dicotômica entre a vida e morte:

> *"A dificuldade é convencer o dependente de que ele tem um problema sério de saúde, e não uma rebeldia, um inconformismo às vezes até encarado por ele como coisa positiva"*(Veja, 27/05/1998:123).

Notamos aí como o jovem é chamado a dar-se conta de que aderir ao hábito de consumir drogas não representa uma posição crítica diante da sociedade, mas simplesmente a consciência de estar com "um problema sério de saúde". O consumo de drogas para o jovem implicaria, além do risco de revelar-se cada vez mais como "um hábito constrangedor, sujo até"(Veja, 11/11/1992:80), também o risco da morte. Idealiza-se, assim, uma juventude em separado do mundo das drogas, que representaria no texto ou uma identificação com o jovem da periferia (perda de prestígio social), ou ainda a desintegração daquela imagem do "culto ao corpo e à saúde" (Veja, 20/08/1986:97).

Em outra passagem, sintetiza-se como o jovem vem aparecendo para a questão das drogas desde o final dos anos 60:

> *"De 1968 a 1975, período mais violento da repressão política, havia uma associação constante entre o uso de drogas e a rebelião dos jovens ... A simples associação da droga com a juventude já transfere ao vício uma certa aura benévola. Nos anos 80 veio o susto. Substâncias que antes se ligavam à idéia de "paz e amor" agora vinham vinculadas às palavras violência, tráfico, morte. Mas talvez o maior risco seja o atual, quando essas coisas se banalizaram*"(Veja, 27/05/1998:123).

Como temos argumentado até o momento, o jovem aparece em *Veja* na dissociação de qualquer estilo de vida que possa justificar, de certa forma, o hábito de consumir drogas. Nessa passagem, as drogas deixam de representar um determinado estilo de vida para serem "vinculadas às palavras violência, tráfico, morte". Se nos 60 e 70 a maconha representava uma ameaça à moral dos bons costumes dos jovens da classe média e alta, nos 80 já aparece como um outro artifício de consumo, que segundo o texto,

"também tem vez nesse culto à saúde" (*Veja*, 05-11-1980:62). A maconha, assim, é a droga que migra de um estilo de vida rebelde para o estilo de vida consumista.

Como já estudamos antes, é a partir da chamada "geração-saúde" que o jovem passa a ser tratado como suscetível ao aprendizado do vício, não mais associado à "idéia de "paz e amor". Dramatiza-se, ai, o consumo de drogas. Quem as consome seria por causa de conflitos interiores, "para preencher o vazio da vida ou como lenitivo para a dor e o sofrimento". Não se aponta um determinado estilo de vida nem tão pouco as motivações das inter-relações sociais dos grupos juvenis. Mas cerca-se o jovem com a visão apocalíptica da tragédia humana daqueles que acabam morrendo por causa das drogas.

Uma reportagem intitulada "Geração perigo"[1998] é bastante representativa. No texto, chama-se a juventude para ser dimensionada numa perspectiva apocalíptica e fatalista em diversos aspectos sociais: acidente de trânsito, violência, aids, aborto e drogas.

Fig. 052 – Referente *Veja* de 11/05/2005: 85, da reportagem intitulada "Geração perigo"[1998].

Como registro apenas, destacamos a seguir uma breve passagem que ilustra de forma sucinta como o jovem é projetado em *Veja* na questão das drogas:

> *"As drogas deixaram de ser um problema particular e estão no centro de uma catástrofe social [...]De menino comum da classe média transformou-se em bandido. Levou duas facadas, foi preso quatro vezes e matou três pessoas, todas menores de idade, drogadas que não conseguiam pagar suas dívidas"*(Veja, 09/09/1998:89 e 95).

O jovem de classe média e alta, a exemplo do que vimos em "O fim da apologia das drogas"[1992] e "No caminho das pedras"[1995], volta a ser confrontado com a visão apocalíptica daqueles que perderam prestígio social ao tornarem-se parecidos com o jovem da periferia. Vimos como o jovem é chamado a dar-se conta de como o consumo de drogas representaria a desintegração daquela imagem do "culto ao corpo e à saúde" (Veja, 20/08/1986:97). Agora, reforça-se, com o recrudescimento das diferenças de classe, a idéia de mostrar-se ao jovem a droga como sinônimo de criminalidade, um destino bastante comum para a juventude da periferia: "De menino comum da classe média transformou-se em bandido".

Nesse particular, a segunda edição especial de *Veja*, de ago/2003, revela, na sua apresentação gráfica, como o jovem da periferia estaria associado ao consumo de drogas. A foto exibe em duas páginas um jovem negro sob o efeito das drogas.

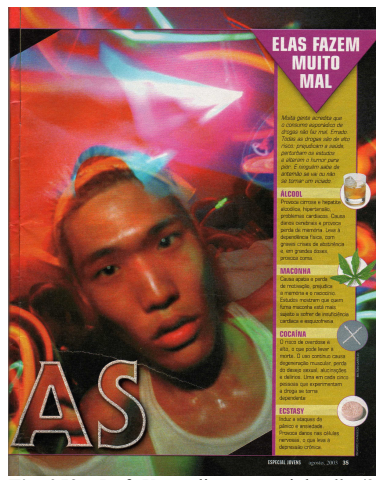


Fig. 053 – Ref. *Veja* edição especial Julho/2003:40

Na revista, fotos que mostram negros são esporádicas. Se para ilustrar o texto sobre drogas é o negro que aparece na foto, já para representar a relação do "ficar" são jovens casais brancos e bonitos que aparecem nas fotos. Ou então um rapaz branco e bonito mostrando a mordida de um hamburger para ilustrar um texto sobre hábitos alimentares.

Ou ainda um rapaz, branco, tocando guitarra para ilustrar como é o quarto de um adolescente. E se for para estar de pé, defronte a uma estante de livros, outro jovem branco, que ilustra um texto sobre educação. São exemplos que destacamos mais pelo seu aspecto visual do que propriamente pelo seu aspecto de conteúdo, que nessa encenação das drogas o negro aparece como ator principal.

Fig. 054 – Referente *Veja* edição especial Julho/2003:52
Fig. 055 – Referente *Veja* edição especial Julho/2003 61
Fig. 056 – Referente *Veja* edição especial Julho/2003 35
Fig. 057 – Referente *Veja* edição especial Julho/2003 55

A visibilidade do jovem branco, bonito, saudável, alegre, inteligente, consumista, passa a ser manipulada no texto para reforçar a idealização de seu estilo de vida em contraste com o jovem da periferia que tende a representar um grupo de risco. Em "Geração perigo"[1998], a apresentação gráfica ilustra o jovem "no centro de uma catástrofe social" (Veja, 09/09/1998:89). Colagens de fotos exibem pedaços situacionais de jovens se drogando, beijando-se e em poses denotando sensualidade e momentos de lazer. Outras fotos ilustram o drama das famílias que perderam seus filhos por causa das drogas, da violência no trânsito, ou de brigas entre gangues juvenis. Ou ainda ilustrando o drama da aids e da gravidez precoce.

Esse panorama trágico configura-se em *Veja* quando uma nova droga passa a representar um modismo entre os jovens. O primeiro alerta aparece com "A perigosa moda dos tóxicos" [1970]. Depois, em 1981, com "O aprendizado do vício", em 1991, com "Na carteira ao lado" e em 1995, com "No caminho das pedras". Em 2000, o mesmo acontece em "Ecstasy, a bola da vez". A exemplo do texto "A perigosa moda dos tóxicos" [1970], o jovem aparece na expressão de um estilo de vida que estaria se justificando em função do consumo de drogas: o estilo de vida hippie.

A diferença é que em "Ecstasy, a bola da vez"[2000] o estilo de vida representa a própria encarnação da morte. Antes, o estilo de vida hippie não chegava a implicar uma relação dessa natureza. Na época, não era comum a morte de jovens por causa das drogas. O jovem hippie estava associado mais à degradação da moral e dos bons costumes do que propriamente à perspectiva trágica de uma vida consumida pelas drogas

em oposição a uma imagem que ainda não estava refletindo em repercussão entre os jovens brasileiros: a imagem do "culto ao corpo e à saúde" (Veja, 20/08/1986:97).

Em"Ecstady, a bola da vez", o estilo de vida dos chamados "clubbers" aparece em *Veja* para salientar os efeitos colaterais da droga.ecstasy. Os clubbers e outras minorias aparecem no texto mais para pontuar uma abordagem no sentido de alertar-se os jovens para o risco de consumir-se uma droga que pode levar à morte. Apontam-se os responsáveis para o que hoje seria "a bola da vez":

> *"Viu-se que o ecstasy, conhecido como "droga do amor" ou simplesmente "E", saiu dos guetos e está se popularizando entre os jovens brasileiros [...]No início, o ecstasy era usado sobretudo pela comunidade gay e ravers ... Por trás de toda essa agitação está o movimento clubber, que aos poucos foi conquistando danceterias e boates das grandes cidades brasileiras, principalmente São Paulo ... Os clubbers são geralmente jovens de classe média alta"* (Veja, 14/06/2000:112 e114).

Depois do movimento hippie, essa reportagem é a primeira a relacionar o consumo de drogas com um determinado estilo de vida, conforme podemos constatar na passagem acima. Como temos observado, o jovem é chamado para essa questão a partir da espetacularização do consumo de drogas, através dos dramas pessoais dos filhos de classe média e alta, principalmente a partir dos anos 90. Essa mudança em *Veja* dá-se em contraponto à emergência da chamada "geração-saúde". Mesmo com o estilo de vida hippie, o texto acabava interpretando-o isoladamente em função dos efeitos alucinógenos da droga consumida. É o que podemos constatar novamente Em"Ecstasy, a bola da vez". Destacamos a seguir a seguinte passagem:

> *"Dançam até não mais poder ao som daquele ritmo eletrônico de bate-estaca, insuportável aos ouvidos de muita gente, e em meio a uma profusão de luzes piscantes. O ecstasy tem tudo a ver com esse ambiente [...]Todas as pessoas se apertando na pista de dança parecem estar em um transe coletivo", diz Kátia. "Quando eu encosto a mão numa pessoa, parece que meu corpo inteiro está grudado nela", diz o estudante Carlos, de 22 anos"*(Veja, 14/06/2000:114 e 115).

Essa passagem focaliza os efeitos da droga consumida associando-os ao ambienta de lazer dos jovens. O depoimento dos usuários reflete tão somente a experiência sensorial com o ecstasy. A passagem a seguir, da reportagem intitulada "O sonho que acabou"[1973], é um exemplo que pode, na relação com a passagem anterior, confirmar como determinado estilo de vida em *Veja* passa a ser justificado em função do hábito de consumir drogas:

> *"os dois caíam de joelhos na areia e ficavam por um tempo que se confundia com a eternidade, passando a mão um no rosto do outro, como dois anjos que se acariciassem. Talvez, para além daquele momento de pureza, houvesse até mesmo uma dramática experiência, uma "acid-trip"*(Veja, 07/03/1973:44).

Outra passagem, da reportagem "A perigosa moda dos tóxicos"[1970]. é também exemplo nesse sentido:

> *"O LSD, onde os hippies e os gurus encontram a visão psicodélica da unidade do mundo com Deus, também é reconhecidamente perigoso ... O LSD, aparentemente, promete um paraíso: vivências de cores, vivências acústicas, formas geométricas belíssimas* (Veja, 01/04/1970:37).

A reportagem ressalta também os efeitos da droga no organismo. Em "Ecstasy, a bola da vez", o estilo de vida dos clubbers aparece associado a uma detalhada

argumentação científica de como a droga age no cérebro dos usuários e de como muitos deles chegam ao óbito:

> *"[...] A droga chega ao cérebro trinta minutos depois de ingerida. Surgem os primeiros sintomas do ecstasy: mãos e boca secas [...] Após uma hora ... a pupila dilata e a vista fica mais sensível à luz [...] duas horas depois ... a temperatura do corpo aumenta, podendo passar de 40 graus [...]Alguns estudos mostram que os axônios acabam morrendo. Há indícios de que podem até se recuperar com a abstinência, mas nunca voltam a ser como eram [...] morreram depois de consumir ecstasy. Cinco por causa da alta de temperatura. O sangue borbulhou e simplesmente parou de circular. O sexto morreu num acidente de carro ao perder a consciência ao volante ... Outro risco da droga é provocar a coagulação do sangue, o que obstrui as artérias e leva ao derrame [...] existe a ameaça das pastilhas impuras, que podem ter efeitos devastadores no organismo ... Em doses maiores, é um veneno mortal*"(Veja, 14/06/2000:114,115 e 116).

Como podemos constatar, o jovem é alertado para os problemas sérios de saúde que podem, conforme a descrição detalhada dos efeitos da droga no organismo, resultar na sua morte caso assuma um estilo de vida como o dos clubbers: "é um veneno mortal". Já o estilo de vida hippie, conforme estudamos em "A perigosa moda dos tóxicos"[1970], representava no texto um caminho que levava à loucura, a um mundo transcendental, que aparecia em separado do mundo da maioria dos jovens brasileiros:

> *"Loucura fugaz: à direita, o desenho original; à esquerda, a cópia após o LSD [...] tem a propriedade de desorganizar o psiquismo humano normal, de desorganizar o trabalho mental", diz o psiquiatra ... O LSD produziria uma imitação controlada e fugaz da loucura ... O LSD é muito perigoso"*(Veja, 01/04/1970:38).

O jovem viciado em drogas, que vinha sendo mostrado como exemplo de fuga da realidade ou de ruptura dos padrões morais, tende a partir dos anos 80 a servir de exemplo de decadência de status social e como sinônimo de doença e de morte. Como

temos argumentado até o momento, com a emergência da chamada "geração-saúde", o consumo de drogas passa a representar em *Veja* uma ameaça à juventude como modelo de reprodução de status social para as classes média e alta. Alerta-se a juventude com a tragédia humana daqueles que consomem drogas.

Nos decênio de 1970, ainda não aparecia no texto o jovem como a expressão trágica de uma vida consumida pelas drogas. O que tínhamos era o jovem hippie representando um tipo de tragédia para a moral e os bons costumes da classe média e alta. Conforme as reportagens focalizadas até o momento, os jovens que consomem drogas passam, progressivamente, a representar uma vida sendo definhada até a morte. A maconha é um ótimo exemplo que ajudará a compreender melhor como *Veja* passa a chamar o jovem para a questão das drogas. Para isso, vamos trabalhar com a última reportagem desse capítulo, que, na relação com algumas passagens anteriores, pode revelar-nos um pouco mais sobre essa problemática.

Os jovens que fumam maconha ganham destaque com a reportagem intitulada "Cada vez mais jovens"[2000]. É o texto mais expressivo com esse tipo de droga desde os anos 80. Ressalta-se a facilidade dos jovens em adquirir a droga e também o fato deles a usarem de forma despreocupada, sem sofrer um preconceito explícito como era no tempo dos jovens hippies:

> *"o grupo de maconheiros era pequeno e facilmente identificável. Além dos cabelos compridos, da calça boca-de-sino, das batas e outros adornos no estilo indiano (numa manifestação de repúdio à cultura bem-comportada das gerações anteriores), muitos deles adoravam pendurar uma foto "rebelde" na parede do quarto [...] a religião do protesto pelas atitudes só sobreviveu em núcleos minúsculos e inexpressivos [...]O passo seguinte foi a adesão de*

> *outras turmas, como surfistas e universitários. Não há uma figura que sintetize o maconheiro de hoje em dia. Existem cabeludos, carecas, atletas, sedentários, descolados, pobres, ricos, jovens e velhos fumando maconha. E a droga é consumida livremente em lugares como praias, universidades e shows de rock"*(Veja, 26/07/2000:117).

Com essa passagem, percebemos como estilo de vida hippie, "numa manifestação de repúdio à cultura bem-comportada das gerações anteriores", representava, com a maconha, motivo para preconceito na sociedade da época. O jovem hippie aparecia em *Veja* como modelo a não ser imitado pelos jovens de classe média e alta. Um exemplo nesse sentido encontramos em "A perigosa moda dos tóxicos"[1970]:

> *"Esse é o grande perigo da maconha: ao fumá-la, a pessoa rompe com uma série de padrões morais que a impediam também de experimentar outras drogas"* (Veja, 01/04/1970:40).

Fig. 058– Referente capa ***Veja*** de 26/07/2000.

Vimos aí como a questão dos valores morais da época representava um fator importante para alertar-se o jovem contra o perigo dele vir a "experimentar outras drogas".Mas agora, conforme constatamos em outra passagem de "Cada vez mais jovens"[2000], a tendência é a de, tecnicamente, informar-se o jovem sobre o risco do consumo de maconha, por exemplo, representar uma fronteira com as demais drogas:

> *"Muitos dos que se viciam em maconha passam depois para drogas mais pesadas ... Os especialistas afirmam que essa passagem é bastante comum ... mais de 90% dos usuários dessas drogas [cocaína e crack] fizeram primeiro um estágio na maconha"*(Veja, 26/07/2000:118).

Em "O fim da apologia das drogas"[1992], vimos como "é frágil a fronteira que separa o usuário ocasional do viciado profundo"(Veja, 11/11/1992:82). Com a passagem acima, reforça-se essa idéia, onde jovem é chamado para a questão das drogas com uma abordagem científica, que converge com a idéia do "culto ao corpo e à saúde" (Veja, 20/08/1986:97). O jovem em "Cada vez mais jovens"[2000] que consome maconha "é visto como uma pessoa que precisa de ajuda e não como um criminoso" (Veja, 26/07/2000:120).

Essa mudança de uma pessoa vista como criminosa para aquela que passa a requerer ajuda da sociedade nós já havíamos observado principalmente com os textos a partir dos anos 90. Ao nosso ver, com a emergência da chamada "geração-saúde", projetar-se o jovem viciado como doente no lugar de um jovem criminoso coopera no sentido de reforçar, em oposição à visão apocalíptica daqueles que se consumem através das drogas, a imagem da juventude como modelo de reprodução de status social e modernidade.

Outro aspecto relevante na passagem é o fato da maconha espraiar-se para "outras turmas, como surfistas e universitários. Não há uma figura que sintetize o maconheiro de hoje em dia". O jovem tende a não a ser chamado para a questão das drogas em função de um determinado estilo de vida. A exceção esteve presente naquele registro extraído da reportagem intitulada "A onda de cimento"[1987]. A passagem a seguir ressalta

como um estilo de vida em evidência passa a representar para a juventude um exemplo de vida a ser seguido:

> *"Badeco, que se aventurou na primeira geração de skatistas, vê uma geração mais saudável surgindo no cenário do esporte."Eles não bebem, raramente fumam e passam ao largo das drogas. O único vício da garotada é o skate", conta"* (Veja, 02/12/1987:94).

Em "Cada vez mais jovens", o texto converge com essa tendência de idealizar-se uma juventude em contraste com a visão apocalíptica daqueles que se consomem através das drogas:

> *"Muitos usuários relatam uma perda da capacidade de memorização e também de aprendizado [...]a geração hippie fumava cigarros de maconha bem mais fracos que os atuais[...] já se sabe, por exemplo, que seu uso crônico traz conseqüências danosas à atividade cerebral e provoca câncer"*(Veja, 26/07/2000:118 e 119).

Fig. 059– Referente *Veja* de 26/07/2000:119.

Cerca-se no texto o jovem com a tragédia humana e, com prerrogativas pedagógicas, disciplina-se o comportamento juvenil na relação da saúde com a doença. A exemplo da reportagem "Ecstasy, a bola da vez"[2000], os efeitos da maconha no organismo aparecem esquematicamente para alertar-se o jovem sobre o que acontece quando ele está drogado. Com o coração, "aumento dos batimentos e da pressão arterial". Com os braços, "prejuízo da coordenação motora". Com o estômago, "aumento do apetite e da sede". Com o pulmão, "problemas respiratórios e infecções". Com a garganta, "tosse seca e dor devido à fumaça, que contém mais de cinqüenta substâncias tóxicas". Com os olhos, "vermelhidão e dilatação das pupilas" e com o cérebro, "comprometimento da memória e da concentração, confusão mental".

Para complementar-se esse diagnóstico, o texto, a exemplo do que estudamos em "O fim da apologia das drogas"[1992], destaca alguns nomes reconhecidos pelo grande público para ressaltar-se como a maconha não valeria a pena para o jovem, pois trocaria a saúde pela doença:

> *"O cantor Lobão, hoje afastado das drogas, fez a transição da maconha para a cocaína: "Toda a droga é um risco" [...] A atriz Claudia Ohana já experimentou, mas não quer que sua filha Dandara use a droga [...]Com a concordância dos pais, Mariana fumou muito durante três anos dentro de casa mesmo. Hoje, não tem boas lembranças desse período e reprova o consumo da droga. A atriz diz que a maconha deixa as pessoas sem iniciativa e que ficava deprimida com o uso [...]O apresentador de TV e músico Luiz Fernando Duarte, 38 anos, o Thunderbird, foi consumidor de maconha e de outras drogas. Hoje, está limpo"*(Veja,26/07/2000:117,118-9 e 121).

Idealiza-se, aí, uma juventude em separado do mundo das drogas que passa a se justificar em torno de nomes reconhecidos da mídia. Esses nomes aparecem como

exemplos que servem para compor uma imagem de reconciliação da juventude com a chamada "geração-saúde". Três nomes reconhecidamente identificados com a juventude: o cantor Lobão, a atriz Maria Mariana, que protagonizava o seriado de TV "Confissões de adolescentes", e o Thunderbird. Todos afastados das drogas.

São modelos identitários que passam a chamar o jovem para a questão das drogas. Se nos anos 70 manipulava-se o estilo de vida hippie para proteger-se os filhos de classe média e alta do mundo das drogas e da degradação moral, com a emergência da chamada "geração-saúde" o próprio jovem passa a emergir como modelo de reprodução de status social para alertar-se para os riscos de entrar-se no círculo vicioso da tragédia humana daqueles que se consomem através das drogas.

Selmy Yassuda

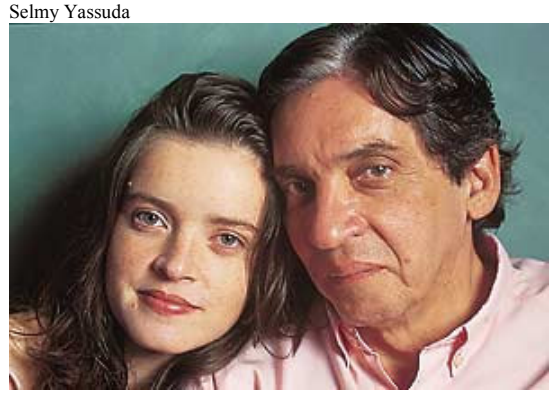


Fig. 060 – Referente *Veja* de 26/07/2000:120
A atriz Maria Mariana começou a fumar aos 14 anos. Logo na primeira experiência seu pai, Domingos de Oliveira, percebeu que ela havia fumado: ele não achou nenhuma tragédia e deu o aval para que ela usasse a droga em casa

Na década de 1980, *Veja* evitava publicar textos sobre jovens que consumiam drogas. A única reportagem expressiva fora "O aprendizado do vício"[1981].

Mas a partir dos anos 90, o jovem passa a ser chamado com mais freqüência para a questão das drogas. Para salientar essa mudança em *Veja*, comparamos uma passagem daquele texto, "O aprendizado do vício"[1981], com a de "Cada vez mais jovens":

> *"O jovem costuma chegar aos tóxicos pelo caminho da curiosidade [...] Estava deprimido, com problemas em casa e sem dinheiro. Viciou-se"* (Veja, 25/11/1981:29 e 30).

Abaixo, a passagem de "Cada vez mais jovens"[2000]:

> *"Entre os vários motivos que levam o jovem a fumar maconha, há alguns mais freqüentes: desequilíbrio familiar, necessidade de auto-afirmação perante um grupo de amigos e também a curiosidade*"(Veja, 26/07/2000:118).

Essa passagem, na relação com a anterior, exemplifica a mudança. Antes, sobressaia a curiosidade como motivo para o jovem chegar à droga. Na emergência da chamada "geração saúde", depois de um período em que o jovem hippie representava em *Veja* uma ameaça de degradação moral para a sociedade, apontar a **"**necessidade de auto-afirmação perante um grupo de amigos" como um dos motivos que levaria o jovem a fumar maconha implicaria no reconhecimento de que a consumo de drogas no país já estaria em um estágio bastante superior ao dos anos 70. Ao evitar-se a temática das drogas no texto, reforça-se a idéia de projetar a juventude como modelo identitário, que refletia, por exemplo, o "culto ao corpo e à saúde" (Veja, 20/08/1986:97).

Logo, parecia inapropriado mostrar o jovem que consumia drogas como uma "auto-afirmação perante um grupo de amigos". Melhor, então, afirmar-se que "O jovem costuma chegar aos tóxicos pelo caminho da curiosidade". Ou que "Estava deprimido, com

problemas em casa e sem dinheiro" (Veja, 25/11/1981:29, 30). Percebemos, nisso tudo, como o jovem tende a ser chamado para a questão de drogas. Também observamos como tensiona-se o consumo de drogas na relação de pais, filhos, professores e autoridades policiais. A reportagem chama a atenção para a tolerância das instituições (polícia, justiça e escola) e da família para com os usuários de maconha:

> *{...]a polícia prende menos usuários, a Justiça condena pouco e a escola aceita mais [...]se chegou perto de uma situação em que a dúvida não é mais saber se uma pessoa vai experimentar um cigarro de maconha. Agora, a pergunta mais realista é quando ela fará isso [...]Entre os pais,os mais tolerantes são justamente aqueles que já fumaram[...]a maconha é um problema cotidiano nas escolas e, se todos os alunos fossem expulsos, as salas ficariam reduzidas à metade"* (Veja, 26/07/2000:114,116,120).

O jovem é visualizado como vítima de uma situação que parece estar fora de seu controle. Aborda-se a questão das drogas ao tensionar-se a relação do jovem com pais, professores e autoridades policiais: "a polícia prende menos usuários, a Justiça condena pouco e a escola aceita mais". Ao ressaltar-se, por exemplo, como "os pais mais tolerantes são justamente aqueles que já fumaram", o texto mostra o jovem como indivíduo carente de uma educação responsável. Posto isso, finalizamos a pesquisa documental sobre essa temática de como *Veja* passa a chamar o jovem para a questão das drogas.

5.4 Conclusões

Inicialmente, podemos observar como o estilo de vida hippie representava com as drogas uma ameaça aos padrões morais da classe média à época. Quando constata-se uma certa influência do movimento hippie entre os jovens brasileiros, alerta-se os jovens

de que "a polícia não faz distinções sutis, nas batidas, entre marginais disfarçados, vadios ou apenas jovens pouco convencionais"(Veja,04/03/1970:70). Em "Os bichos no INPS"[1971], constata-se como os jovens hippies sentiam-se discriminados pela forma como vinham sendo tratados pela sociedade: "As pessoas nos olham como se fôssemos maconheiros" (Veja, 29/09/1971:44).

O consumo da maconha refletia fortemente o estilo de vida hippie no início dos anos 70, que chega a ser pensado no âmbito da criminalidade do tráfico de drogas, conforme vimos em "A polícia hippie" [1972]. Também sinalizava-se em *Veja* como a maconha podia representar a violência praticada entre a "nossa população favelada" (Veja, 01/04/1970:40). A maconha, assim, ao refletir o estilo de vida hippie e a violência do jovem favelado, representava uma degradação moral para os filhos de classe média. Em "A perigosa moda dos tóxicos "[1970], ressalta-se que com a maconha "a pessoa rompe com uma série de padrões morais que a impediam também de experimentar outras drogas" (Veja, 01/04/1970:40).

O movimento hippie, cuja influência no país era confirmado somente como uma reprodução sem autenticidade, também refletiria um modismo para o aumento do consumo de drogas entre jovens brasileiros:

> *"a difusão dos tóxicos no Brasil teria origem na mania dos brasileiros de imitar tudo o que vem dos países avançados"* (Veja, 01/04/1970:37).

Veja questiona esse modismo para projetar-se o estilo de vida hippie "na inconsistência de um princípio superficial" (Veja, 07/03/1973:48). O jovem hippie aparece

em função do efeito alucinógeno da droga consumida: “Eles só querem saber de sonho, de fantasia”.(Veja, 07/03/1973:46). Chama-se no texto o jovem hippie a reconhecer-se como um indivíduo que não serve para ser “um amigo”: “se alguém chegar ao píer precisando de um amigo, de uma conversa séria, não vai encontrar parceiro”. ”(Veja, 07/03/1973:46).

O fim do movimento hippie no país seria explicado ao afirmar-se que “basicamente o que aconteceu foi uma sensação quase física de que toda aquela alegria não estava levando a nada”.(Veja, 07/03/1973:46). Seu estilo de vida não representava modelo identitário para a reprodução de status social. O jovem hippie, levando em conta também nossa análise do capítulo 3, representava, ao nosso ver, “o medo da perda da identidade”, uma chave teórica que encontramos na obra de Muniz Sodré.

Esse autor, ao estudar como se dá o efeito de reconhecimento na literatura de massa, observa como no *folhetin* o crime engendra uma subjetividade que seria a da pedagogia do poder, com a idéia do medo da perda da identidade. O *bandoleiro* considerado herói na literatura de cordel, deixa de sê-lo no *folhetin* para não implicar desconformidade com a ordem social vigente:

> *“o crime não poderia mais compensar, já que a ordem social concebe o delito como uma estranheza, uma anomalia, uma violação à ordem “natural” das coisas”* (1978:113).

Muniz Sodré cita outro exemplo para estudar-se essa questão do medo da perda da identidade. O autor, ao fazer uma reflexão teórica sobre o filme “O exorcista”, observa como o enredo articula-se entre oposições míticas, o Bem contra o Mal, Deus contra o diabo, induzindo a consciência do sujeito a reconhecer-se no espelho hegemônico

da cultura ocidental. Nesse caso, os valores do Cristianismo como único universo possível de significação. Esse segundo exemplo de Sodré, ao nosso ver, ajuda-nos a compreender melhor como o estilo de vida hippie representava em Veja o Mal, cujos valores não estariam em conformidade com os de um modelo de reconhecimento identitário dominante.

Assim como a figura do "bandoleiro" no folhetim, ou a do diabo de "O exorcista", representavam o medo da perda da identidade, o jovem hippie também produzia esse efeito de reconhecimento. Ou seja, o seu estilo de vida, parafraseando Sodré, ao ser visto "como uma estranheza, uma anomalia, uma violação à ordem "natural" das coisas", representava uma ruptura com os padrões morais da época, seja pela questão de uma "sociedade alternativa", que refletia no texto o Mal, seja pela questão das drogas, que refletia a criminalidade.

Mas na emergência do modismo das discotecas, o jovem hippie tende em *Veja* a não mais representar o contraponto para negar-se seu estilo de vida no texto. Em "O sonho que acabou"[1979], os remanescentes do movimento hippie, que segundo *Veja* significava "basicamente discutir a cotação do dia da maconha"(Veja, 07/03/1973:44), agora "vestem-se e penteiam-se como a "Júlia da novela" e vão ouvir e dançar discosthèque num bar da praça"(Veja, 15/02/1979:50). Sinaliza-se aí como a partir dos anos 80, na emergência da chamada "geração saúde", *Veja* passa a chamar de modo diferente o jovem para a questão das drogas.

O primeiro sinal dessa mudança durante a década de 1980 é notório ao evitar-se essa temática nos textos dirigidos ao público jovem. Exemplar nesse sentido é como a questão das drogas aparece em apenas 19 linhas de uma reportagem especial de oito

páginas que abordava o perfil da juventude no país, intitulada “A voz da maioria”[1984]. Ou quando *Veja* destaca o festival de música Rock in Rio somente em função de promoverem-se as bandas de rock, ou para focalizar como os fãs comportavam-se para aproximar-se de seus ídolos. O jovem, assim, tende a aparecer para ser reconhecido em separado do mundo das drogas.

E quando ganha maior destaque, conforme vimos em “O aprendizado do vício”[1981], não é em função de um determinado estilo de vida que a questão das drogas vai ser problematizada. Aparecem no lugar os estudantes em geral, representando não um estilo de vida com “paz, amor, muita loucura e adoração ao pai-Sol e à mãe-mar” (Veja, 07/03/1973:44), mas sim “jovens viciados”, a “segunda geração de estudantes maconheiros” de uma “faixa etária abrangendo a rede escolar particular e oficial” (Veja,25/11/1981:30,31).

O jovem, ao ser mostrado em torno de seus dramas pessoais, não repercute as implicações simbólicas de um estilo de vida em grupo: “Estava deprimido, com problemas em casa e sem dinheiro. Viciou-se” (Veja, 25/11/1981:29). Sob prerrogativas pedagógicas, o jovem aparece como suscetível ao “aprendizado do vício”. A experiência com os tóxicos representa uma relação de simples trato com o vício e um problema de educação na família e na escola. Em “Nas dunas do barato” [1983], o jovem aparece para reconhecer a sua cumplicidade com a classe média para consumir drogas: “A polícia deveria estar correndo atrás dos bandidos” (Veja, 1983).

A questão das drogas aparece esporadicamente. A tendência a partir da segunda metade dos anos 80 é a do jovem ser chamado a evitar os tóxicos a partir de um

modelo identitário da cultura de massa. O estilo de vida hippie tende também a ser referenciado para problematizar a relação de pais e filhos. O jovem deixa de representar com as drogas uma equivalência mais enfática com o estilo de vida de um marginal. Ele tende a ser visto como um doente que necessita de tratamento médico: "parou, em 1981, no dia em que olhou no espelho e se viu, desfeita, com um bebê no colo" (Veja, 20/08/1986:98). A partir dos anos 90, a questão das drogas revela-se com mais ênfase a partir dos dramas pessoais da juventude. É também quando o consumo de drogas passa a repercutir com mais freqüência os jovens da periferia como um grupo de risco para os filhos de classe média e alta. Por conseguinte, por exemplo:

> *"a desqualificação social da cocaína, sua vinculação a um hábito constrangedor, sujo até, pode contribuir para que o problema da droga não se torne maior do que já é no país"* (Veja, 11/11/1992:80).

O mundo das drogas, reconhecidamente associado nos anos 70 aqueles que "só querem saber de sonho, de fantasia" (Veja, 07/03/1973: 46), passa dos anos 90 em diante a representar "um negócio pragmático e próximo da marginalidade" (Veja, set/2001: 29). O jovem de classe média e alta, por outro lado, é visualizado como vítima de uma situação que parece estar fora de seu controle. Um jovem que pode deixar "tudo o que tem na favela por uma pedra" (Veja, 27/12/1995:49) com "o risco da droga provocar a coagulação do sangue" (Veja, 14/06/2000:115). Ele aparece para ser protegido do mundo das drogas, que cada vez mais representa desprestígio social.

Se na emergência da cultura jovem no Ocidente, conforme vimos no primeiro capítulo, "as pessoas jovens são vistas como mais suscetíveis às mudanças e,

portanto, classificadas como um grupo de risco que necessita de monitoração e programas sociais de assistência" (2001:150), agora em *Veja* idealiza-se, a partir de "um complexo jogo de forças sociais"[57], uma juventude consumista para não ser reconhecida como grupo de risco: "próximo da marginalidade" (Veja, set/2001:29) e "no centro de uma catástrofe social" (Veja, 09/09/1998:89).

57 Extraímos da obra de Rosa Fischer uma passagem que ajuda-nos a compreender melhor como se dá a intervenção de *Veja* no processo de elaboração de um modelo dominante que remete à idéia dos chamados "adolescentes típicos" (1996:56): "Nestes anos 90, em que jovens e adolescentes, principalmente de classe média, passam a centralizar as atenções da mídia e da sociedade mais ampla, há quase uma obsessão por defini-los, principalmente em relação à geração de seus pais. Eles "são" algo em função do que "deixam de ser". O lugar vazio do que "era" passa a ser ocupado por um "é" – que vai sendo construído não só pelos próprios adolescentes, mas por um complexo jogo de forças sociais" (1996:266).

Excurso D: Veja - Edição especial “Jovens”[2004]

Com este último excurso, pretendemos ressaltar como reforça-se a idealização de umajuventude consumista com as novas tecnologias. Focalizaremos a terceira edição especial “Jovens” de junho de 2004. As duas primeiras edições especiais têm sido aproveitadas no desenvolvimento dos blocos temáticos. O que podemos constatar com a edição de 2004 é uma ênfase ainda maior na questão de como o jovem está integrando-se ao mundo com as novas tecnologias para servir de apelo à imitação, em um espaço onde ele “afirma sua identidade”:

> *“a geração atual é a mais bem informada de todos os tempos e a que tem maior acesso ao mundo, por crescer durante uma revolução acelerada dos meios de comunicação”* (Veja, junho/2004:68).

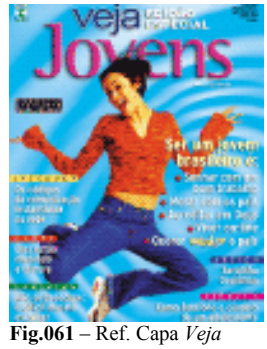


Fig.061 – Ref. Capa *Veja*
Edição especial – junho/2004

O jovem desdobra-se em *Veja* no novo milênio ainda mais idealizado do que era nos anos 90: “é a mais bem informada de todos os tempos”. Os jovens aparecem como “os novos revolucionários” (Veja, junho/2004:15):

> *“demonstram ... uma agilidade invejável diante das novas tecnologias ... e com freqüência ajudam os adultos a desbravá-lo. Também assim se fazem revoluções”* (Veja, junho/2004:15).

O eterno conflito de gerações para estar solucionado, pois, no "universo das telecomunicações e da internet", os jovens "ajudam os adultos a desbravá-lo" (Veja, junho/2004:15). A maioria dos textos dessa edição especial revela como o jovem está integrando-se ao mundo com as novas tecnologias. Um exemplo nesse sentido é quando aborda-se os jovens como os:

> *"desbravadores na revolução dos celulares ... Mais que um telefone, o aparelho virou um item definidor de sua personalidade ... As conversas por meio dos torpedos também ajudam a manter seus assuntos fora da órbita dos adultos" (Veja, junho/2003: 06 e 76).*

Ou em relação à Internet:

> *"Blogs e programas de comunicação instantânea fazem da internet o espaço onde o jovem afirma sua identidade" (Veja, junho/2004:15).*

Os jovens aparecem sendo chamados com novas tecnologias que estariam ajudando a definir "sua personalidade", ajudando a afirmar "sua identidade". Noutro texto, eles aparecem como exemplo de vida para os próprios pais, "contribuindo para mudar a cultura dentro de casa" (Veja, junho/2004:62):

> *"eles se tornaram agentes de mudanças comportamentais positivas para a família e para a sociedade ... algumas vezes, eles contribuem para a formação cultural dos familiares ... convencem os pais da importância das causas nas quais estão engajados"*(Veja, junho/2004:62).

O jovem passa a servir de modelo identitário para a sociedade: "contribuem para a formação cultural dos familiares". São mostrados como "cidadãos do mundo: no Rio de Janeiro ou em Pequim, eles compartilham os mesmos códigos" (Veja, junho/2004:29):

> *"a juventude é o segmento em que os efeitos da chamada globalização se fazem sentir com maior força ... a expressão "tribo planetária", nunca fez tanto sentido quando nos dias de hoje, em que a informação circula de maneira cada vez mais veloz e a indústria cultural se tornou onipresente"* (Veja, junho/2004:28 e 31)

Os jovens, com as novas tecnologias, são idealizados como exemplo de integração ao consumismo. Eles aparecem na revista em fotos que os revela bonitos, alegres, vestindo roupas de marca: "formam uma tribo planetária, mas não desprezam as tradições de seus países" (Veja, junho/2004:28). Quanto à expressão de sua religiosidade, "estão fazendo a trilha inversa à de seus pais: retomaram o gosto por ir à igreja e hoje fazem dela um ponto de encontro"(Veja, junho/2004:64). No mundo do trabalho, "dão mostras de espírito empreendedor" (Veja, junho/2004:59).

Essa imagem idealizada da juventude em *Veja* aparece também quando o texto aborda as questões que denunciam um comportamento social do adolescente considerado inapropriado para o desenvolvimento de seu caráter:

> *"De sexo sem preservativo à imprudência na direção, os adolescentes assumem comportamentos irresponsáveis em parte porque as estruturas mentais que inibem respostas intempestivas ainda não se consolidaram ... no início da adolescência ainda está em processo uma mudança que começa entre 7 e 11 anos ... A mudança maior começa pelos 18 anos e pode avançar até os 25. É quando o córtex pré-frontal amadurece, consolidando o senso de responsabilidade que falta a tantos adolescentes"(Veja, junho/2004:35).*

O jovem é chamado para ser reconhecido como um ser em formação e que seus desvios de comportamento são reflexo de um "córtex pré-frontal" que ainda não amadurecera. A idealização da juventude passa a ser confirmada a partir de uma abordagem científica e que serve para distanciá-la da idéia de ser reconhecida como um grupo de risco,

a exemplo do que vimos com os jovens da periferia no capítulo 3. Mesmo nos temas mais conflitantes, prevalece a idéia no texto de projetar-se a juventude como modelo identitário dominante na sociedade:

> *"está mais à vontade com os códigos sociais e as tradições à sua volta: 99% acreditam em Deus e 60% nem pensam em sair da casa paterna ... Os jovens não são mais arrebatados por grandes questões de ordem, na linha capitalismo versus comunismo ou rebeldia versus caretice. De olho no futuro, estão mais interessados naquilo que pode afetar sua felicidade de forma concreta"* (Veja, junho/2004:13).

Trata-se aí da filosofia do "cada um na sua". Os jovens, não "mais arrebatados por grandes questões de ordem", estão preocupados com o "que pode afetar sua felicidade de forma concreta". Em síntese, podemos constatar como a idealização de uma juventude consumista tende a ser reforçada com a questão das novas tecnologias para a reprodução de status social e modernidade. E principalmente no campo educacional, conforme veremos no próximo capitulo.

VI

DA EDUCAÇÃO À CORROSÃO DO CARÁTER

Outro tema pertinente a nossa pesquisa é como *Veja* acompanha a juventude no universo da educação. Vimos até o momento, principalmente nos capítulos 3 e 4, como o jovem tende a ser idealizado como exemplo de integração ao consumismo. Neste capítulo, pensamos na hipótese de como o jovem parte de um reconhecimento identitário com a formação tradicional de ensino para um tipo de reconhecimento que o reflete como modelo de apelo à imitação no campo educacional.

A idealização de uma juventude consumista repercute com a educação para reforçar-se esse modelo em torno das novas tecnologias. O jovem aparece como centro irradiador de uma nova realidade social. Para desenvolvermos essa nossa hipótese, recorremos a Muniz Sodré, que fornece uma idéia essencial para analisar o que está em questão nas reportagens selecionadas deste capítulo.

6.1 Muniz Sodré e o jovem em *Veja* no campo educacional

Em "A antropológica do espelho"[2002], Sodré faz uma reflexão crítica sobre educação que vai de encontro com os resultados de nossa pesquisa. Conforme veremos mais adiante, a imagem de uma juventude consumista, bela e saudável repercute na idealização de seu perfil no campo educacional. E essa idealização em *Veja* tende a ser reforçada no texto em contraste ora com um mundo que não existe mais, o dos jovens rebeldes dos anos 60 e 70, ora com um "mundo tão horrorosamente real que a maioria das pessoas prefere não ver" (Veja, 12/01/1994: 52). A juventude dourada, assim, projeta-se na contemporaneidade como agente social de uma revolução na esfera social da educação.

"Cabe a nós, jovens dos anos 90, colocar ordem na casa" (Veja, 31/10/1990:71), afirmava um jovem de 15 anos. E essa "ordem na casa", segundo os textos dos capítulos anteriores, passa pela juventude em identificação ao mercado. São jovens que não "estão com cabeça para longas reflexões filosóficas" (Veja, 19/04/1995:106). Mas, em contrapartida, afirma-se como "o poder de consumo é o maior símbolo da força jovem" (Veja, 09/08/1989:90). Um jovem cujo estilo de vida consumista aparece como modelo para a integração no mundo das novas tecnologias. "Ele tem mais cultura, sabe falar sobre qualquer assunto e domina a informática totalmente" (Veja, 26/02/2003:89).

Neste capítulo, o jovem na educação tende também a se configurar modelo de status social e modernidade. E essa idealização de perfil não é dinamizada em função da "infinita reflexidade do saber" (2002:99). Mas sim, pensando com Sodré, em função de como:

> *"a educação desinveste-se progressivamente de seu estatuto de serviço público para ingressar no mercado de bens e serviços. Isenta-se, assim, da transmissão de conhecimento aliado a valores humanos, fazendo recair a tônica sobre o tecnicismo instrucional"* (2002:105).

Em *Veja,* vamos estudar como é em função desse "tecnicismo instrucional" que emerge a figura do jovem como agente social de uma "revolução tecnológica". E isso é possível porque "os jovens de hoje fazem parte de uma geração que está pronta para viver o capitalismo em toda a sua extensão" (Veja, 10/08/1994:70). Eles, ao refletirem um estilo de vida consumista, tendem a reproduzir os valores de um mundo sem "cabeça para longas reflexões filosóficas" (Veja, 19/04/1995:106).

Do ponto de vista pedagógico, de acordo com Sodré, "fica afetada a posição verticalista do professor como organizador de um espaço disciplinar" (2002:98). Nesse sentido, a questão da tecnologia favorece em *Veja* a idealização da juventude como exemplo de integração ao conhecimento técnico, conforme podemos constatar na passagem da segunda edição especial da revista sobre juventude:

> *"O que mais me fascina no computador e na internet é a possibilidade de poder aprender sozinho", resume o estudante paulista Thiago Traue, de 16 anos, que navega pelo menos três horas por dia [...] A rapidez e a destreza em localizar e selecionar informações são alguns dos trunfos dessa geração digital"*(Veja, agosto/2003:86).

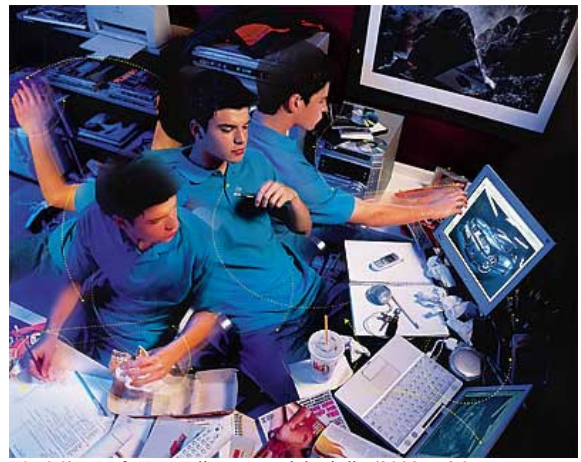


Fig.062 – Ref. *Veja* Edição especial – julho/2003, p.86

Com a passagem acima, podemos afirmar, conforme será analisado com as reportagens desse bloco temático, como o jovem idealizado em torno do consumismo, da beleza e da saúde tende no campo educacional, pensando com Sodré, a ser visto como sinônimo da "solução imediata de questões" (2002:1002):

> *"Não se instala aí nenhum horizonte ético, a não ser o da deontologia empresarial [...] Trata-se da auto-aprendizagem, que legitima uma pedagogia individualista, ideologicamente utilitarista e que se faz cada vez mais presente, seja nos empreendimentos de educação à distância, seja nos cursos de formação de recursos humanos para o mercado de trabalho"* (2002:102-3).

Ao propor-se como título desse capítulo "Da educação à corrosão do caráter", queremos chamar a atenção de como o jovem em *Veja*, ao refletir mais conhecimento técnico e menos "conhecimento aliado a valores humanos"(2002:105), tende cada vez mais a corresponder ao que Muniz Sodré observa como a educação "tecnicista e privatista" (2002:102). Quando o autor afirma que "o campo educacional confronta-se seriamente na contemporaneidade com a questão da ética" (2002:107), podemos inferir aí como a formação do caráter aparece também em questão.

O fato, por exemplo, conforme vimos no texto intitulado "Em paz e com amor" [1990], de que os jovens "se unem mais pelos seus hábitos de consumo do que por uma grande causa" (Veja, 31/10/1990:70), revela como eles estariam reproduzindo os valores de um hedonismo consumista. Falar em corrosão do caráter, ao nosso ver, é pensar em como o jovem não tende mais a refletir "a cidadania plena", que, segundo Sodré, "pressupõe o conhecimento pelo sujeito ... dos processos políticos e administrativos de sua Polis, isto é, de sua Cidade Humana" (2002:87-8).

O jovem em *Veja*, porém, não remete à idéia de uma "cidadania plena", mas, pensando com Sodré, à de um "consumo hedonista e o ludismo tecnológico" (2002:111). Após um desenvolvimento extraordinário na década de 1980 das indústrias de bens culturais e de consumo, os jovens, os da chamada geração dourada, passam a fazer parte do que alguns teóricos chegam a definir como a "revolução das novas tecnologias". Internet, celular e uma gama de novidades tecnológicas, convergentes com os demais meios de comunicação, promovem um cotidiano para o adolescente fazer a sua história. Nessa família do século XXI, os filhos ensinam os pais, que projetam neles, como narcisistas, um *ideal de eu* cujo *super ego*, sob a perspectiva teórica de Christopher Lasch, "consiste em introjeções parentais, em vez de identificações" (1983:220):

> *"As condições mutantes da vida familiar levam não tanto a um 'declínio de superego', mas a alteração de seus conteúdos. O fracasso dos pais de servir de modelos de autodomínio disciplinado ou de reprimir o filho, não significa que a criança cresça sem um superego. Pelo contrário, ele encoraja o desenvolvimento de um superego punitivo e severo, baseado, em grande parte, em imagens arcaicas dos pais, fundido com auto-imagens grandiosas"* (1983:219).

A família, a exemplo da educação, deixa de servir de modelo seguro para o reconhecimento identitário dos jovens. Outra reflexão crítica a respeito é a de Fernando Novais, autor de "História da vida privada no Brasil" [1998]:

> *"tanto as mães como os pais se esforçam ao máximo para fazer tudo o que os filhos querem ... Embora repitam exaustivamente que 'educam seus filhos para o mundo', dificilmente impõem limites aos desejos de seus filhos, fazem respeitar seu próprio espaço ou facilitam o convívio social ... Os pais, 'provedores de felicidade' em troca de reconhecimento, buscam se realizar tanto mais através dos filhos quanto menos o podem por meio da amizade, do trabalho, do próprio desenvolvimento espiritual e intelectual, na política e na vida coletiva. Há pois, um alto grau de identificação narcísica dos pais com os filhos"*(1998:651 e 625).

De certa forma, as duas passagens acima repercutem em *Veja*, conforme a pesquisa dos capítulos anteriores. Como bem observa Muniz Sodré:

> *"Entrou em crise aguda, como bem se sabe, a organicidade desse modelo sociabilizante – família, escola e, às vezes, Igreja –, em virtude de transformações na vida social, reforçadas pela penetração do bios midiático"* (2002:110).

A idealização de um estilo de vida integrado ao consumo exacerbado projeta a juventude como modelo de apelo à imitação. Poderia o jovem em *Veja* ser parecido com aquele dos Estados Unidos descrito por jornalistas como "o perfeito idiota americano" (2002:110)? Sodré referencia esse perfil para observar como "sem modelos seguros, a plástica consciência do jovem torna-se facilmente permeável à regulação tecnocultural do mercado" (2002:110). O papel sócio-cultural da educação parece fundamental para, segundo esse autor, fomentar uma:

> *"ética, sempre entendida como atitude, como agregação de finalidade e sentido, isto é, de valor humano (pela hexis), às ações sociais, mas também como reflexão conceitualmente articulada sobre a moral"* (2002:107).

Pensando com Sodré, vê-se no horizonte, por exemplo, a perspectiva de não mais encontrar-se uma juventude que ainda poderia estar representando um "modelo de individualização, que transforma o consumo hedonista e o ludismo tecnológico em grandes fins existenciais" (2002:111). No horizonte, talvez, desponte a emergência de um novo caráter social do jovem, que, impulsionado por uma ética "entendida como esfera autônoma de valores" (2002:108), passará a representar a ruptura com a moralidade do consumo. Na comunicação, Sodré é reconhecido pela sua reflexão teórica sobre a questão do monopólio da fala. Com a educação, o autor também leva em conta essa problemática:

> *"Educar implica primeiramente comunicar, o que significa implementar um laço atrativo, a partir de um quadro comum de referências estabelecido por uma cultura histórica, isto é, por toda uma tradição de costumes, saberes e valores, um ethos, objeto da hexis instauradora da consciência ética. Depois, educar comporta um diálogo necessário entre a produção do saber e o mundo do trabalho"*(2002:114).

O autor sugere, diante de uma "escola como "organização e o educando como "cliente" (2002:102), uma "consciência ética" ... "para se fazer uma verdadeira integração humana da economia, ciência e técnica" (2002:108). Em síntese, a idéia essencial de Sodré para a nossa pesquisa, e que implica pensar em como o jovem em *Veja* reflete a corrosão do caráter, é "a questão teórica de autonomia dos sujeitos perante as necessidades criadas ou impostas pelo mercado espetacular de consumo" (2002:109).

O autor chega a ressaltar uma pesquisa que revela como jovens de classe média alta e intermediária do Centro-Sul do país "mostravam-se favoráveis à agressão contra minorias socialmente estigmatizadas (prostitutas, homossexuais), à discriminação de deficientes físicos e pessoas esteticamente desvalorizáveis (feios, gordos, etc.). Em *Veja*, vimos como idealiza-se uma "juventude dourada" em contraste com os jovens da periferia, que aparecem, por exemplo, como "um aglomerado humano com a forma de um protozoário" (Veja,20/11/1991:66).

Neste capítulo, pensando com Sodré em como "o campo educacional confronta-se seriamente ... com a questão da ética" (2002:107), queremos chamar a atenção de como o jovem em *Veja*, principalmente a partir da segunda metade do decênio de 1990, tende a refletir com a educação esse "modelo de individualização, que transforma o consumo hedonista e o ludismo tecnológico em grandes fins existenciais" (2002:111). E, ao nosso ver, reflete também a corrosão do caráter.

6.2 A educação do jovem em questão

Em janeiro de 1970, *Veja* publica a primeira expressiva reportagem sobre o vestibular, que foi manchete de capa com o título "Vestibular, a difícil competição" [1970]. A primeira também que leva em conta o jovem não mais associado ao movimento estudantil, reprimido pela ditadura militar. No entanto, o texto, ao mesmo tempo que faz de conta desconhecer os motivos pelos quais os estudantes passaram a desinteressar-se por

qualquer tipo de reivindicação política[58], acaba desestimulando os jovens a darem um passo à frente do aprendizado das profissões técnicas de nível médio:

> *"Por quanto tempo ainda os jovens continuarão lutando apenas por um grau de bacharel ... Eles eram em geral filhos da classe média ou rica e submetiam-se a essa 'iniciação à vida' em busca de um prêmio: um possível título de bacharel. Como aceitaram o esforço? ... Valerá a pena uma nova tentativa?... Para eles, o vestibular é uma frustração tanto para os que são reprovados como para muitos dos que conseguem entrar ... E, segundo esses mesmos educadores, depois de formados, os candidatos vão encontrar problemas ainda maiores. Repetindo um erro do passado, muitas universidades continuam a planejar as vagas sem observar as necessidades de profissionais nas suas áreas de influência"* (Veja,28/01/1970:34 e 41).

Fig.063 – Ref. Capa *Veja* De 28/01/1970.

O vestibular não é visto como um momento importante na vida do adolescente, mas como um desafio stressante que acarreta prejuízo tanto ao próprio vestibulando quanto para seus familiares: "o vestibular é uma frustração tanto para os que são reprovados como para muitos dos que conseguem entrar". E mais: por causa do computador, "reverenciado pelos estudantes como uma divindade do mundo moderno"

58 Na página 40 desta reportagem, ao ressaltar três aspectos negativos do vestibular, que foram motivo de protestos nas passeatas de 1968, o texto desconsidera a repressão da ditadura militar para justificar a nova postura "conformista" dos estudantes naquele momento: "Talvez preocupados com a terrível competição e com a avalancha de testes, os estudantes aceitaram os vestibulares unificados sem o tradicional protesto".

(Veja, 28/01/1970: 38), o vestibular pode ainda ser porta de entrada para "anormais psiquicamente":

> *"Para o psicólogo José Ângelo Gaiarsa, o vestibular gera insegurança, frustrações e um comportamento pouco natural dos jovens. Uns dois meses antes da prova já não se vê uma conduta normal por parte de grande número dos alunos. Nessa época são freqüentes as brincadeiras de mau gosto, articulação confusa ou mesmo sem nexo de frases e grande tendência à dispersão ... Na sua relação com a família dá-se o que se chama de 'neurose familiar' ... os pais tentam interferir e a reação é invariavelmente a agressão ... Para muitos professores, o exame tipo teste ... não descarta os alunos, que, apesar de inteligentes e bem preparados, são anormais psiquicamente"*(Veja,28/01/1970:34 e 38).

Diversas fotos mostram estudantes fazendo provas em vestibulares. Também tabelas informando quanto as universidades arrecadam com as taxas de inscrição para o vestibular e onde falta e sobram bacharéis no país, bem como um gráfico informando quantitativamente a relação entre as vagas disponíveis e o número de candidatos. O texto, além de discutir alguns aspectos da docência nas universidades, conta o que acontece com os vestibulandos antes e durante as provas, ressaltando o uso de psicotrópicos, as fraudes e até consultas às cartomantes.

A emergência de um jovem, no campo da educação, idealizado em torno do lazer e do tempo livre aparece com a reportagem intitulada "A carona cada vez mais fácil"[1971]. O cenário político não contava mais com o movimento estudantil, numa época em que o governo colocava em prática os projetos educacionais do MOBRAL e do RONDON. Nesse texto, os jovens pela primeira vez são focalizados de modo expressivo no campo do lazer. Conforme o texto, o governo federal e a Casa do Estudante promoveriam o turismo aliado à criação de albergues no país:

> *"no Brasil a viagem no dedo e a mochila nas costas ainda são símbolos de vagabundagem, de malandros e desocupados [...] Um sexagenário carioca, no entanto, está disposto a acabar com todos esses preconceitos. Paschoal Carlos Magno, de 66 anos, fundador e presidente da Casa do Estudante do Brasil, tem uma série de planos (e apoio do governo federal) para estimular a prática da carona. Com um objetivo preciso: aumentar o número de jovens que fazem turismo através do Brasil [...] uma campanha nacional através do rádio, imprensa escrita e TV vai incentivar os jovens a fazerem turismo, aderirem aos albergues e clubes de caronas"*(Veja, 22-12-1971:50).

Vê-se aí como toma-se o cuidado de não comprometer essa iniciativa do governo com a imagem do estilo de vida hippie, que não chega a ser identificado no texto. Se os jovens hippies, conforme vimos no capítulo 3, apareciam associados ao estilo de vida de "malandros e desocupados", agora, quando procura-se reforçar-se um novo perfil para a juventude brasileira no campo educacional, ressalta-se o fato de alguém que "está disposto a acabar com todos esses preconceitos".

Em contraponto ao movimento hippie, os jovens são chamados, ao nosso ver, como agentes consumidores de uma atividade que estava sendo popularizada pelo estigmatizado jovem hippie: "a viagem no dedo e a mochila nas costas". A reportagem, na realidade, estava articulando uma relação sem conflitos entre governo e a classe estudantil. Ao promover-se a iniciativa de incrementar o turismo entre os jovens, principalmente os estudantes universitários, o texto articula aí uma nova imagem do governo diante da opinião pública. Assim, com os clubes e as carteiras de *caronas*, mais a infraestrutura dos albergues, normatizava-se uma prática cultural que passa a ser incentivada no plano dos negócios do lazer:

> *"Para um jovem se instalar num albergue, tem de ter entre quinze e trinta anos. Pode ser estudante ou operário, a única condição é que seja jovem [...] "No Uruguai já existem as carteiras de mochileiros ... Elas ajudariam os motoristas a identificarem os seus caronistas e facilitariam a conquista de caronas", diz Magno. As carteiras seriam distribuídas pelos clubes que, além de servirem de centro para os jovens combinarem suas viagens, seriam os órgãos responsáveis pela distribuição dos interessados em albergues"* (Veja, 22-12-1971:53).

O texto, de certa forma, apropria-se do estilo de vida do jovem hippie pedindo carona na estrada para ressignificá-lo no âmbito do lazer, que articula-se no espaço social das universidades. O movimento hippie em *Veja* não era considerado um bom exemplo para a juventude brasileira, num país onde, no início dos anos 70, mais da metade da população tinham menos de 20 anos.

Fig. 064- Ref. *Veja*, 22/12/1971:52, do texto "A carona cada vez mais fácil"[1971].

Todos sabiam à época que pedir carona na estrada, com uma mochila nas costas, era um comportamento genuinamente hippieniano. Até mesmo na legenda das fotos a palavra hippie era evitada, onde ali a própria omissão do referente era denunciada pela imagem explícita de um típico casal de jovens vestido como tais. O texto omitiu, do início ao fim, a palavra hippie, mesmo quando se valia de sua gíria:

> *"A melhor pousada encontrada pelo casal ... foi a marquise de uma galeria, onde estenderam o sliper, um abrigo-cama. Às 5h30 da manhã acordaram com algumas risadas das crianças que iam comprar leite e pão para suas mães. No mesmo bar, depois de um rápido desjejum, Dulce e Kinjo partiam novamente em busca de carona com a gíria própria dos* ***bons caronistas****: 'Batalhar', ir procurá-la. 'Alugar', ouvir uma conversa maçante do dono do carro.Eles não sabem quando vão voltar: Depende do tempo, de arrumar lugar para ficar e de um pessoal para a gente transar juntos"*(Veja,22-12-1971:53).

Temos o foco da reportagem ora nos albergues, quando destaca-se a ação do Ministério de Educação e Cultura apoiando a Casa do Estudante, ora nos *caronas*, quando são narradas as dificuldades e os cuidados que deve-se ter na hora de pedir carona na estrada. Tanto em um aspecto como noutro, a juventude projeta-se como ordeira, pacífica, alegre, "aventureira", eticamente voltada à prática estudantil e ao lazer. Isso dá-se sem referência ao estilo de vida hippie, do qual a classe média deveria manter distância.

Por isso Dulce e Kinjo são chamados como os "bons caronistas". Exemplo que atesta esse reconhecimento identitário é o seguinte: "O pneu furou e, com Kinjo ajudando, a troca foi fácil e rápida"(Veja,22-12-1971:50). O "bom caronista" não recebe críticas, pois não aparece identificado com o jovem hippie, embora seja notório de quem esteja o texto referindo-se quando, por exemplo, ressalta-se que a "melhor pousada

encontrada pelo casal ... foi a marquise de uma galeria, onde estenderam o sliper, um abrigo-cama". Um estilo de vida tipicamente hippieniano, que observamos no capítulo 3 e que também foi referenciado no capítulo 5, intitulado "Da maconha ao escatasy", conforme as breves passagens destacadas a seguir:

> *"seu melhor cardápio eram as frutas que conseguiam capturar nos pomares do caminho"*(Veja: 12/11/1969:41).

> *"Os autênticos hippies dormem em parques públicos e pedem dinheiro aos passantes para comprar sanduíches"* (Veja,04/03/1970:70).

Mas em "A carona cada vez mais fácil"[1971] os "autênticos hippies" passam por "bons caronistas" para não comprometer a imagem do jovem projetado no campo educacional. O jovem aí aparece imbricada simbolicamente a um estilo de vida aventureiro:

> *"Dulce, carioca de nascimento, viaja assim desde 1967 ... 'No dedo, conheço o Brasil do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul', diz ela ... Kinjo é mais antigo. Começou em 1965, quando foi até Porto Alegre com 20 cruzeiros no bolso"*(Veja,22-12-1971:53).

Para aquela época, talvez, um estilo de vida radical: "a viagem no dedo e a mochila nas costas". Procura-se em *Veja* descolar-se a imagem do jovem estudante daquela que remetia à do jovem rebelde dos anos 60. Ao associar-se o tempo livre com a educação, o texto tende a projetar um novo perfil para a juventude. Em "Cidade dos jovens" [1972], um texto sobre um Festival de Artes em Ouro Preto, o jovem também aparece no universo da educação, mas para repercutir ainda um estilo de vida que possa ser associado ao perfil de um jovem letrado:

> *"Chega-se a dizer que nunca passou tanta cultura pelos portais dos sobrados ouro-pretanos ... o ambiente é de trabalho total"* (Veja, 26/071972:60)

O jovem converge com a cultura, mas o de classe média. A exemplo da reportagem anterior, o jovem de classe média aparece, com a cultura, sendo valorizado ao ser comparado com aquele que, segundo a narrativa, é referido, pejorativamente, como:

> *"gente descompromissada e desocupada ... que sobrevive à base de pequenos favores e generosas amizades. Entre os pequenos cicerones, são chamados significativamente de 'A turma do Gambá'"* (Veja, 26/07/1972:60 e 61).

COMPORTAMENTO

CELIO APOLINÁRIO

Um dos cursos de música: com freqüência obrigatória e diplomas

Cidade dos jovens

Diálogo ouro-pretano durante o VI Festival de Inverno, que vai do primeiro ao último dia de julho:

— Você manja dodecafonismo? — pergunta a mocinha de calça americana.

Como resposta, o rapaz gordinho tira um trinado de sua flauta.

— Falou — concorda a mocinha.

Apesar deste e de outros trechos de conversas num dialeto próprio, não se deve concluir que a juventude brasileira de hoje esteja mais desorientada que as anteriores. Vendo-a em Ouro Preto, através de quase 2 000 representantes expressivos, percebe-se que ela conserva basicamente a divisão de sempre: obedientes e rebeldes. Ou, em Ouro Preto, os do "festival de arte" e os do "festival paralelo". Os primeiros são os que se matricularam nos cursos de artes plásticas, música, teatro, literatura, dança moderna e mímica. Os outros foram lá para "curtir" a cidade (por "curtição", nesse caso, entenda-se viajar de carona, comer de vez em quando, dormir ao relento e passar o dia inteiro em volta de alguém que toque violão).

Durante o Festival de Inverno de Ouro Preto, como em outros locais e outras épocas, as duas facções acabam se entendendo e agindo de maneiras parecidas. Na praça Tiradentes, de onde descem as ladeiras da cidade, pode-se ouvir na mesma hora o som pop do "happening" preparado pelos cursos de música e artes plásticas, e o atabaque e o berimbau da melodia afro executada ao ar livre. No meio, interrompendo e completando a sinfonia social, "o serviço de alto-falante do Nono Batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais", que termina tranqüilizador: "A polícia está garantindo sua integridade física e moral".

Cultura e perdição — Através dos anos, a população de Ouro Preto aprendeu a distinguir os sons que a praça Tiradentes difunde. Os do "festival de arte" provocam uma reação simpática até o exagero. Chega-se a dizer que nunca passou tanta cultura pelos portais dos sobrados ouro-pretanos. Se vêm do "paralelo", a reação antipática atinge também seu radicalismo. Fala-se que os balcões centenários jamais testemunharam tanta perdição.

Fora de qualquer excesso, as atitudes revelam a que espécie pertence o jovem do Festival de Inverno. Os "artistas" pagam 450 cruzeiros de inscrição e têm preocupações profissionais ou quanto ao futuro. São professores em busca de pontos para entrar ou progredir no magistério público (o festival confere diplomas), estudantes aproveitando as férias, jovens interioranos criando coragem e conhecimentos para seguirem a profissão de artista, ou simples mocinhas enriquecendo o cabedal de prendas domésticas (uma dessas matriculou-se no curso de pintura porque "a família achou que tinha jeito"). Os "paralelos" não pagam nada. Dizem ter preocupações existenciais e, talvez por isso, cuidam apenas de conseguir um "ticket" de refeição quando a fome aperta e de filar cigarros do primeiro fumante que apareça. Uniformizados de hippies, têm ainda em comum a flauta-doce, que raríssimos sabem tocar mas quase todos possuem e sopram.

Durante o dia, os rapazes e moças dos cursos de arte dominam a cidade. Eventualmente, um "paralelo" aparece entre os grupos de desenho e pintura, que sobem as ladeiras sem parar, com suas pranchas e tintas. Mas nunca discutem. "Eles gostam é de debater com o pessoal de literatura e de dizer que o livro já era", explica uma aluna de Niterói. A noite é dos "paralelos", gente descompromissada e desocupada que, se alguém pergunta por exemplo onde fica tal rua, responde vagamente: "Vai legal, bicho".

Criatividade — Entre os matriculados nos diversos cursos, o ambiente é de trabalho total. Uma aluna de serigrafia até reclamava: "Há muita atividade e o tempo não dá. A gente tem de matar uma aula para assistir a outra".

A Faculdade de Farmácia, onde se leciona grande parte dos instrumentos, lembrava uma orquestra durante um pré-ensaio. Solos de fagote misturados com duos de clarineta e oboé, enquanto, mais afastada, uma soprano entoava uma ária, perdida entre os sons de uma trompa. Nas outras salas, a mesma profusão de aulas, dando uma impressão de liberdade criativa que o Festival de Inverno não tem.

Na verdade, os cursos são considerados de extensão universitária, com fre-

60 VEJA

Fig. 065- Ref. *Veja*, 26/07/1972:60, do texto intitulado "Cidade dos jovens"[1972]

O texto não leva em conta a importância das artes na vida dessa "gente descompromissada e desocupada", que remete ao estilo de vida do jovem hippie. Ele aparece como contraponto para reforçar a idealização de uma juventude de classe média para, nesse caso, refletir os valores da cultura. Se os jovens hippies repercutem "a romântica e antiga intenção adolescente de se transformar e ao mundo" (Veja, 26/07/1972:61), os jovens do Festival de Artes "provocam uma reação simpática até o

exagero" (Veja, 26/07/1972:60). Mas em relação ao jovem hippie, "cuidam apenas de conseguir um "ticket" de refeição quando a forme aperta" (Veja,26/071972:60).

O jovem, assim, em contraponto com o estilo de vida hippie, aparece repercutindo uma presença importante no campo educacional. Numa reportagem especial, alusiva aos dez anos daquilo que o texto denominara de Revolução, o jovem aparece aí, no âmbito da educação, sinalizando a emergência de um jovem bastante diferente daquele antes visto como um rebelde intelectual de esquerda.

A ESCOLA E A CULTURA

Ou o confronto entre o cheio e o vazio

Passeatas: uma vitória pelos números

Fig. 066- Ref. *Veja*, 03/04/1974: 68, do texto "A escola e a cultura"[1974].

Inicialmente, faz-se um balanço de como a produção cultural desenvolvera-se nesses dez anos no país e de como a "reforma universitária foi inegavelmente uma forma de atender o que os estudantes exigiam nas suas passeatas e uma resposta ao crescente clamor dos excedentes"(Veja, 03/04/1974:69). Ao nosso ver, como bem destaca a chamada da matéria, "A escola e a cultura, ou o confronto entre o cheio e o vazio", a educação do jovem ainda aparece em relação à cultura. O texto, assim, projeta o jovem para o futuro com uma formação valorizada no âmbito da academia. E, com essa expectativa, prevê-se

em *Veja* o surgimento de uma juventude que, aliada à educação, tenderia a constituir-se "uma massa crítica que pode ser transformada pelo menos em consumidores de cultura":

> *"a simples existência de uma multidão de 1 milhão de universitários no país e de quase outro tanto de universitários em potencial preparando-se para enfrentar os vestibulares, constituiria, como dizem os economistas, uma massa crítica que pode ser transformada pelo menos em consumidores de cultura, o que não deixa de ser importante"* (Veja, 03/04/1974:73).

Uma cena de "Gracias Señor": "Entre suas pernas, corpos suados, de atores despidos, estrebuchavam".

Chico: os senhores circunspectos por perto

Fig. 067- Ref. *Veja*, 03/04/1974: 71, do texto intitulado "A escola e a cultura"[1974].

O jovem aí aparece ainda idealizado para refletir "uma massa crítica" que o identifica com a cultura. Em 1975, *Veja* publica o segundo texto sobre o vestibular, intitulado "Grandezas e misérias do estudante". Baseado em pesquisas e numa tese de doutorado, o vestibular é conceituado da seguinte forma:

> *"Mera loteria cultural, feérico show-business do saber tupiniquim ou festival de inconseqüentes "cruzinhas", o vestibular é, na verdade, a instituição que define mais concretamente o perfil do universitário brasileiro ... Seletivo, injusto, o vestibular acaba normalmente carreando seus benefícios apenas para uma facção bem definida de*

> *candidatos ... dos estratos mais elevados da sociedade"*(Veja, 08/01/1975:56-7).

Ao considerar-se o vestibular como um tipo de parâmetro para diagnosticar-se o "perfil do universitário brasileiro", o jovem aparece aí associado ao chamado "saber tupiniquim". Não aparece mais como expressão singular do universo intelectual do país, conforme vimos, por exemplo, em "A UNE volta para ficar" [1979]: "Mau orador, não tem o carisma nem a fluência de Vladimir Palmeira" (Veja, 10/10/1979:26).

O texto, a exemplo daquele outro publicado há cinco anos, também imprime uma atmosfera de desestímulo ao jovem que deseja entrar numa universidade. Já no início da reportagem, definindo o vestibular metaforicamente como "frentes de combate que se estendem do Amazonas ao Rio Grande do Sul", são destacados aspectos sociais como a falta de perspectiva profissional, as precárias condições das universidades públicas e o alto custo para a colação de grau numa universidade particular, além de um "quase unânime sentimento de frustração didática" (Veja, 08/01/1975: 59):

> "o que os tortuosos corredores universitários costumam reservar, sobretudo aos mais incautos, são atemorizantes fantasmas – desde corriqueiras vicissitudes pedagógicas até o mais denso enigma a respeito do futuro profissional. Ainda assim, o exército de quase 900 000 vestibulandos de 1975 não parece disposto a arrefecer o ritmo de sua empreitada – para, afinal, compartilhar a invejável, nebulosa, contraditória, híbrida e indecifrável condição de universitário" *(Veja, 08/01/1975:56).*

Repercute com essa passagem o jovem militante do movimento estudantil: "os tortuosos corredores universitários costumam reservar, sobretudo aos mais incautos, são atemorizantes fantasmas". Observa-se, assim, a decadência da universidade pública

associada, ao nosso ver, com a imagem de uma juventude rebelde: "a invejável, nebulosa, contraditória, híbrida e indecifrável condição de universitário".

Na primeira página, a foto de uma porta entre-aberta de onde consegue-se espiar os concorrentes fazendo as provas, uma visão metafórica para lembrar o funil que estava representando o vestibular no Brasil. Noutra, diversos estudantes num campus. Também fotos de um restaurante universitário, da sala de estar de uma casa de estudante, de um diretório acadêmico onde quatro estudantes aparecem conversando, de um estudante oriental estudando sentado numa escada e de um jovem deitado na cama sob o pôster de uma atriz de cinema.

Ao colocar em questão o nível de ensino da universidade pública no Brasil, o texto articula a idéia de como a academia naquele momento estaria frustrando os alunos na expectativa de obter uma formação satisfatória para entrar no mercado de trabalho:

> *"Muito mais que os isolados atos de rebeldia e o quase unânime sentimento de frustração didática que assola os territórios universitários, o que realmente pode comprovar as crônicas endemias do ensino é o significativo índice de evasão constatado ao longo do curso [...] se os alunos realmente contribuem para a decadência do ensino, com uma claudicante formação cultural de que o vestibular se torna cúmplice involuntário, também os professores não podem ser sumariamente absolvidos" (Veja, 08/01/1975: 59 e 60).*

Sinaliza-se aí como a figura do professor tende a ser questionada, a exemplo do próprio vestibular. O jovem, porém, aparece como vítima de "uma claudicante formação cultural". Essa questão de como o jovem brasileiro não estaria mais expressando o mesmo nível intelectual do jovem dos anos 60 aparece com ênfase numa reportagem intitulada "O

nosso pobre português" [1975]. O texto aborda o mau uso da língua portuguesa pelos jovens brasileiros:

> *"Jovens estudantes parecem cada vez mais incapazes de se expressar em português correto [...]A língua estaria morrendo à mingua, condenada pelo descaso da juventude e pela omissão da escola secundária e superior [...] Vulgaridade e empolação se somam a outro problema – o linguajar de certas faixas da juventude, que cada vez mais se fecham numa gíria hemética e pobre. É caso das "patotas" da rua Augusta, em São Paulo, ou da rapaziada do surfe, na Zona Sul do Rio. A troca de idéias se resume, entre eles, a meia dúzia de vocábulos, repetidos tediosamente"* (Veja, 12/11/1975:54-6).

Conforme essa passagem, o jovem, na figura de dois estilos de vida, o das "patotas" e da "rapaziada do surfe", repercute um cenário de tragédia para a língua portuguesa: "meia dúzia de vocábulos, repetidos tediosamente". Ainda não temos o jovem em *Veja* como exemplo de integração ao mundo das novas tecnologias. À época, o jovem teria que refletir uma formação de ensino tradicional: "A língua estaria morrendo à mingua, condenada pelo descaso da juventude". Chega-se, por exemplo, a discriminar a cultura do Oriente ao imputar-lhe uma influência indesejável para a juventude brasileira:

> *"percebe-se que após uma ruidosa explosão nos anos 60, quando a juventude saiu às ruas com lemas políticos mais ou menos enfurecidos, os jovens acomodam-se à discrição e ao silêncio, por influência dos modismos orientais e em nome das asceses místicas"* (Veja, 12/11/1975:57).

Articula-se aí a idéia de como o estilo de vida de certos grupos de jovens estaria empobrecendo a língua portuguesa. Assinalamos abaixo uma passagem que exemplifica essa questão:

> *"A repórter Leda Nagle, de Veja, manteve recentemente o seguinte diálogo com Ronaldo Lopes, o "Pip", 16 anos, surfista da Montenegro, no Rio: De que é que você mais gosta? Das ondas. E depois das ondas? As gatas ... Você já leu algum livro? É um saco. Teatro? Ai, ta ruço. Cinema? Só quando o filme é manero"* (Veja, 12/11/1975:56).

Há um questionamento aí de como o jovem não mais interessa-se pela leitura, pelo teatro: "É um saco". As coisas interessam quando "é manero". Ao mesmo tempo que *Veja* procura mobilizar a juventude em separado do jovem da militância estudantil, a educação é requerida para salvar o jovem da "gíria hemética e pobre". Na década de 1970, o jovem precisava, segundo nossa pesquisa, repercutir cultura por meio de uma educação que ainda poderia representar alguma coisa entre os jovens.

Vamos destacar dois breves registros sobre uma mesma ocorrência e que ilustram como o jovem deixa de refletir a cultura para ser identificado como uma celebridade. Em "Os poetas do spray" [1979], como o próprio título sugere, os jovens em *Veja* aparecem como "verdadeiros poetas que viram aí uma forma de contrapartida gráfica para a poesia de praça pública tão em moda anos atrás" (Veja, 16/05/1979:74). A juventude ainda repercutiria uma estética da transgressão com uma intervenção crítica na paisagem urbana dos grandes cidades:

> *"Décio Pignatari,47 anos, poeta concretista e professor de Comunicação e Semiótica ... trata-se de uma atividade poética e lúdica que anima a cidade, ao mesmo tempo que representa "uma retomada da contracultura hippie" ... Pignataria só sente falta nos graffiti paulistas das manifestações dos artistas plásticos, "pois até agora eles têm sido muito literários"*(Veja, 16/05/1979:74).

O jovem aparece expressando uma cultura que é legitimada por um educador renomado do país: "trata-se de uma atividade poética e lúdica". Logo, há uma

convergência entre cultura e juventude. Por enquanto. A questão do *graffite* nesse texto não repercute a violência social, mas a expressão de algo que, segundo Pignatari, "nem é preciso que se consiga decifrar o sentido original. A função ... é deflagrar um significado" (Veja, 16/05/1979:74). Algumas dessas frases foram destacadas:

> *"exibem frases do tipo: A cidade é selvagem, Angra morte atômica, Sexo antes do namoro, Te amei, hoje uso agenda, Quero gritar e vocês?, Soltem Flávia, Viva a UNE, além das costumeiras declarações de amor escritas em letras garrafais e alguns jogos de palavras com pretensões concretistas como Ora H ou Hendrix, Mandrake, Mandrix"* (Veja, 16/05/1979:72).

O jovem é visto ainda como parte de uma expressão cultural do país. Ele é objeto de discussão acadêmica e que pode configurar-se como agente social ao ser considerado o responsável por "uma retomada da contracultura hippie". Essa mesma ocorrência em *Veja*, no texto intitulado "A arruaça vence" [1991], ilustra como o jovem na década de 1990 já não aparecia como sinônimo de cultura, mas da violência dos jovens da periferia. Se nos anos 70 a pichação remetia à idéia "de uma atividade poética e lúdica"(Veja, 16/05/1979:74), agora é referenciada como "a praga do spray" (Veja, 27/11/1991:89). Se os pichadores eram chamados de "os poetas do spray" (Veja, 16/05/1979:72), passam a ser chamados de "arruaceiros ... a turma da sujeira" (Veja, 27/11/1991:88 e 89):

> *"Os pichadores espalham mensagens que irritam pela poluição visual, o desrespeito com o patrimônio público e também por não fazerem nenhum nexo"*(Veja, 27/11/1991:89).

Num primeiro momento, podemos considerar como essa mudança em *Veja* em relação aos *graffiteiros* daria-se em função das diferenças de classe. Mas, ao nosso ver,

se hoje aquela "atividade poética e lúdica"(Veja, 16/05/1979:74) passa a ser reconhecida como "a praga do spray" é por que o jovem não mais tende a refletir "uma massa crítica que pode ser transformada pelo menos em consumidores de cultura"(Veja, 03/04/1974:69,73). Tanto em "Os poetas do spray" [1979] como em "A arruaça vence" [1991], as mensagens dos *graffiteiros* não fazem "nenhum nexo". O que mudou foi como o jovem aparece com essas mensagens, conforme podemos constatar com o seguinte trecho:

> *"Como são menores de idade, foram soltos horas mais tarde – para se transformar em heróis entre as gangues de pichadores de São Paulo e os adolescentes da Zona Oeste de São Paulo. "A gente queria isso mesmo, que a nossa fama percorresse o Brasil", explica Fábio, que, em sua fase de celebridade, distribuía autógrafos na camiseta das meninas de sua idade"* (Veja, 27/11/1991:88).

O jovem, que no final dos anos 70 ainda era associado à cultura, agora aparece como "celebridade ... heróis entre as gangues". E essa mudança, conforme veremos mais adiante, tem a ver em como o jovem tende a servir de um novo modelo identitário para a sociedade. A partir dos anos 80, conforme vimos nos capítulos anteriores, a tendência em *Veja* é a de idealizar-se o jovem como modelo de apelo à imitação, principalmente em torno do consumismo. O próximo texto sinaliza, no campo educacional, como o jovem aparece com um novo perfil, que não mais estaria sendo confrontado em contradição com o perfil do jovem intelectual do decênio de 1960. Destacamos da reportagem intitulada "Colégios nota 10" [1983] a seguinte passagem:

> *"Um vendeu sua moto para comprar o computador e outro entrou em acordo com a mãe: vendeu uma prancha de surfe, que ela achava muito perigoso e ganhou como prêmio seu equipamento eletrônico de estudo [...] os estudantes discutem agitadamente suas preferências entre duas pessoas que nunca existiram. Os alunos leram poemas do português Fernando Pessoa e estão entusiasmados*

> *[...] "Está pesadíssimo, mas vale a pena, porque sinto que estou crescendo por dentro no Santa Cruz", diz Adriana Ruy Vieira, 15, anos ... Mesmo assim, ela encontra tempo para o cinema, o namorado e o saxofone. Toca o instrumento há dois anos e acaba de formar um conjunto de rock com os colegas"* (Veja, 10/08/1983:62 e 63).

Fig. 068 Ref. Capa Veja, de 10/08/1983

Se em "O nosso pobre português" [1975] a "língua estaria morrendo ... condenada pelo descaso da juventude"(Veja, 12/11/1975:54-6), agora o jovem "vendeu uma prancha de surfe" para ter "seu equipamento eletrônico de estudo". Ele, entusiasmado com Fernando Pessoa, aparece já como intelectual, talvez, conforme vimos em "Sem Freud nem Lênin" [1985], "mais seguro, bem informado, conservador e responsável do que pensam seus aflitos pais" (Veja, 21/08/1985:70). Em outra passagem, podemos constatar como idealiza-se um novo perfil para a juventude, mais bem informada, mais independente e mais solidária:

> *"No São Vicente ... os alunos fumam, namoram, andam de cabelos sobre os ombros e saem da aula quando querem ... discutem tudo o que de alguma forma desperta seu interesse, das drogas ao homossexualismo, dos horários de aula à demissão de professores ... "Eles acabam gostando tanto da escola que é preciso quase pô-los para fora das salas quando as aulas terminam", observa o psicólogo Aluísio de Oliveira [...] Os alunos do Colégio Loyola, filhos da elite de Belo Horizonte, dão aulas em bairros pobres da cidade"*(Veja, 10/08/1983:65 e 67).

Fica claro aí como a juventude em *Veja*, ao alardear-se a emergência no país dos chamados "supercolégios", estaria entusiasmada em freqüentar a sala de aula: "é preciso quase pô-los para fora das salas quando as aulas terminam". O jovem aparece com um novo perfil, demonstrando, por exemplo, como estaria mais bem informado: "discutem tudo o que de alguma forma desperta seu interesse". Como podemos notar, não aponta-se aí nenhuma crítica ao jovem quando associado à sua formação intelectual.

Ou ainda, com a educação, destacando-se como um "bom samaritano" para aliviar a culpa: "filhos da elite ... dão aulas em bairros pobres da cidade". São jovens, conforme enfatizado em "A voz da maioria" [1984], que não desejam mais "despedaçar o arcabouço da sociedade" (Veja, 09/05/1984:53). Se na década de1970, principalmente ao focalizar-se o vestibular, o jovem aparece desacreditado em relação ao seu desempenho intelectual, já na década de 1980 ele tende a ser visualizado de modo diferente. E essa mudança no campo educacional articula-se em função de dois fatores dominantes.

O primeiro deles relaciona-se ao surgimento do computador doméstico, com o desenvolvimento das novas tecnologias. E o segundo passa pela questão política do governo federal de desestabilizar as instituições públicas de ensino. Nesse particular, podemos citar como registro para nossa pesquisa pelo menos duas significativas reportagens: "O vestibular da crise" [1980] e "As lições da escola" [1981]. Essa tendência recrudesce com mais três outras reportagens: "Campus conflagrado" [1984]; "A crise aberta de um ensino falido" [1987] e "O país arrisca o futuro nas universidades" [1991]. O jovem, dentro desse contexto de falência na educação pública brasileira, praticamente não aparece com destaque.

Quando chega a ser destaque no campo da educação, a juventude, diferentemente do que fora salientado nos textos dos anos 70, passa a corresponder a um papel social que estaria protagonizando o desenvolvimento de uma nova realidade social. Conforme estudaremos no próximo tópico, o jovem, já aparecendo como exemplo de integração ao consumismo, também tende a servir de exemplo de integração às novas tecnologias, que começam a popularizar-se a partir dos anos 80.

Como temos constatado até o momento, os textos que abordam a juventude no âmbito da educação destaca-se mais em função do vestibular e da crise do ensino superior nas universidades públicas. No decênio de 1970, chama-se o jovem a integrar-se no projeto desenvolvimentista da educação no país, conforme vimos no capítulo "Da política ao consumismo". Aborda-se também o surgimento de uma nova geração de jovens que estaria menos preparada para enfrentar o mercado de trabalho, já não mais refletindo o seu caráter em função de uma sólida formação intelectual, um aspecto social rotineiro na vida daquela geração da década de 1960.

6.3 O jovem como modelo identitário no campo educacional

A partir dos anos 80, os textos em *Veja* começam a intensificar uma campanha que desmoraliza a universidade federal diante da opinião pública. O jovem, aí, conforme assinalamos anteriormente, aparece como vítima de uma situação provocada pelo Estado. Mas em abril de 1984 *Veja* publica uma reportagem que projeta marcantemente a

juventude na educação como centro irradiador de uma nova era. Ela deixa de ser vítima de um ensino público falido para ser protagonista de uma nova realidade social que estava surgindo com o desenvolvimento das novas tecnologias.

Com um título sugestivo, "A geração 'bytnik"[59], o texto alardeia um desempenho dos jovens com o computador que pode ser interpretado como algo extraordinário para a opinião pública. O jovem, conforme podemos constatar na passagem selecionada abaixo, é valorizado como a geração do futuro, "uma vanguarda tecnológica nascida da súbita popularização que os computadores vêm tendo no Brasil" (Veja,11/04/1984: 56):

> *"Para alguém com mais de 30 ou 35 anos, as façanhas da garotada com o computador podem parecer assombros [...] Felício Ramuth, 15 anos, não utiliza seu computador para brincar ou estudar – está ganhando dinheiro com ele ... Felício pode ser encontrado na Biblioteca Brasileira de Software, uma loja paulista especializada na venda de programas feitos nos Estados Unidos e ganha 40 000 cruzeiros mensais [...] os jovens estão crescendo ao lado dos computadores em casa e nas salas de aula. Para eles, ganhar algum dinheiro usando suas habilidades no teclado é tão elementar quanto descolar um trocado polindo o carro do pai ou dando aulas particulares para os colegas menores"* (Veja, 11/04/1984:56,57).

Com essa passagem, o jovem tende a ser o protagonista de uma nova realidade social que estava surgindo com o desenvolvimento das novas tecnologias. O jovem aparece como um indivíduo mais independente da própria formação tradicional das instituições de ensino: "não utiliza seu computador para brincar ou estudar – está ganhando dinheiro com ele". Idealiza-se, aí, um estilo de vida naturalizado pela mediação das novas tecnologias.

60 O título daquela reportagem é sugestivo pois lembra o movimento cultural dos jovens chamados "beatniques" nos anos 50, em Londres, inspirados pela filosofia do existencialismo, de J. P. Sartre

Essa reportagem é a primeira em *Veja* que aborda de modo expressivo o jovem como exemplo de integração ao mundo da comunicação. Ele não é questionado, mas aceito como modelo de apelo à imitação, que parece desobrigá-lo de seguir o exemplo de vida da geração de seus pais: "Para alguém com mais de 30 ou 35 anos, as façanhas da garotada com o computador podem parecer assombros".

Em outra passagem, revela-se como o jovem está integrado à nova realidade, despontando já como um "adulto" bem sucedido no mundo dos negócios:

> *"Atualmente, ele divide seu tempo entre as aulas da 6ª séria do Colégio Anglo-Americano com o cargo de diretor-presidente da FAI-Frederico e Alexandre Informática, empresa que fundou com o amigo Alexandre Rangel Mazoti, de 11 anos, e que tem como secretária sua irmã Renata, de 9 anos. Embora sem registro, a FAI prospera vendendo um artigo em alta no mercado: programas para microcomputador feitos por Frederico para gerar jogos de tela, organizar agendas ou ensinar Matemática [...] "fazer um programa nada mais é que ensinar alguma coisa ao computador", diz Carlos Eduardo Salvato, apelidado de "Bytnik", de 15 anos, autor de um livro com dezenove programas produzidos ou adaptados por ele a partir de originais americanos"*(Veja, 11/04/1984:58-60).

O jovem, aí, já não mais aparece como vítima de um sistema de ensino falido. Nem tampouco é chamado a integrar-se a determinado projeto de educação no país, a exemplo do que estudamos com os textos do decênio de 1970, quando o movimento estudantil fora desarticulado pelo regime militar. Também não é projetado para ser desqualificado em relação à geração dos anos 60 ao revelar dificuldade de expressar-se com pelo menos uma suficiente formação intelectual. Exemplo nesse sentido aparece naquela reportagem intitulada "Nosso pobre português" [1971], quando alerta-se para o risco da língua portuguesa ficar empobrecida com a influência do estilo de vida hippie.

Mas, conforme constatamos na passagem selecionada acima, lê-se o jovem em *Veja* projetando-se com sucesso nas relações de trabalho e, às vezes, aparecendo como se estivesse competindo com os adultos: "fazer um programa nada mais é que ensinar alguma coisa ao computador". Essa leitura interpretativa aparece de modo mais explícito ainda na seguinte passagem:

> *"Para Luis Zorzella, 13 anos, há uma diferença básica a separar o conceito que adultos e crianças fazem dos micros: "O senso prático dos adultos não os deixa perceber que a maior satisfação proporcionada pelo computador está na programação e não nos programas em si"*(Veja, 11/04/1984:60).

Se na década de 1970 chega-se a prever em *Veja* a emergência de uma juventude universitária que talvez refletisse "uma massa crítica que pode ser transformada pelo menos em consumidores de cultura" (Veja, 03/04/1974:69), agora a previsão parece diluir-se com a emergência de uma juventude cujas "façanhas ... com o computador podem parecer assombros" (Veja, 11/04/1984:56). Imprime-se, assim, uma visão idealizada do jovem pelo mito do sucesso profissional em separado do tradicional mundo acadêmico. Como registro apenas, destacamos uma breve passagem quando o desenvolvimento das novas tecnologias encontra-se bastante avançado:

> *"não significa que, de uma hora para outra, os estudantes pararam de aprender. O que acontece é que eles continuam aprendendo mais ou menos a mesma coisa. Constatação geral: a educação não acompanhou a corrida tecnológica*"(Veja:1996:122).

Ao não representar mais em *Veja* parte de um projeto educacional para a integração desenvolvimentista do país, o jovem passa a reconhecer-se como elemento integrado à economia globalizada. Ele não mais aparece reproduzindo valores da tradição

da escola e da família, principalmente a partir da segunda metade da década de 1990. A exemplo daquela reportagem intitulada "A geração BYTNIK" [1984], em "Melhores que os pais" [1998] o jovem é idealizado como sendo a protagonista de uma nova realidade social.

Nesse texto, que focaliza principalmente a faixa etária de até dez anos, recorre-se a preceitos científicos para justificar-se o surgimento de um novo perfil do jovem brasileiro, alardeando como a criança do final do milênio estaria surpreendendo de modo extraordinário o mundo dos adultos. Em "Jeito de ser grande"[1989], vimos como o jovem, via consumismo, assume "a cidadania precocemente" (Veja, 09/08/1989:88):

> *"É esta precocidade, mais do que um ou outro estereótipo, a característica singular da juventude que estará madura no comando do mundo na virada do século"*(Veja, 09/08/1989:89).

A idealização de uma juventude consumista é reforçada com o desenvolvimento das novas tecnologias. No campo educacional, conforme veremos em "Melhores que os pais" [1998], o jovem já aparece reproduzindo um ludismo tecnológico que o projeta como modelo de reconhecimento identitário mais significativo do que o da família e o da escola. Destacamos a seguinte passagem:

> *"Com a internet crescendo rapidamente, em breve se criará uma massa crítica de jovens brasileiros tão preparados para os desafios tecnológicos do futuro quanto os de qualquer nação industrializada [...] Pais e professores preparam-se ... está em curso neste final de milênio a primeira revolução da história da humanidade comandada pelas crianças ... será bem mais duradoura e significativa do que o agito comportamental dos jovens nos anos 60 ... Os primeiros sinais aparecem de forma intensa nos adolescentes, que pegaram a onda da mudança nos últimos cinco ou seis anos"*(Veja, 16/12/1998:161 e 163).

Agora, a "massa crítica" remete à idéia de como o jovem está preparado para "os desafios tecnológicos". Em "A escola e a cultura. Ou o confronto entre o cheio e o vazio" [1974], a "massa crítica" remetia à idéia de como os jovens poderiam aparecer como "consumidores de cultura" (Veja, 03/04/1974:69). Na época, o jovem ainda aparece sendo requerido a refletir um estilo de vida amparado na leitura. Sob esse aspecto, vale ressaltar Zuenir Ventura, autor do livro intitulado "1968: o ano que não terminou"[1988], onde ele chama a atenção para o seguinte:

> *"a geração 68 talvez tenha sido a última geração literária do Brasil – pelo menos no sentido em que seu aprendizado intelectual e sua percepção estética foram forjados pela leitura. Foi criada lendo, pode-se dizer, mais do que vendo [...]. A TV não concorria culturalmente nem com o cinema, nem com o teatro – e nem tinha prestígio intelectual para, como mídia, exercer alguma influência nos rebeldes jovens de 68"* (1988:51 e 52).

Com essa reflexão de Zuenir Ventura, podemos perceber na passagem anterior a idealização de um estilo de vida em separado de uma formação de caráter baseada na cultura. O jovem do final do milênio deixa de ser requerido a reconhecer os valores da tradição, tanto da família quanto da escola. Se em "O nosso pobre português" [1975], requeria-se um jovem que não se limitasse a "meia dúzia de vocábulos, repetidos tediosamente" [60] (Veja, 12/11/1975:56), agora o texto alerta: "Pais e professores preparem-se". Inverte-se, assim, o peso da responsabilidade para a formação do caráter. Os jovens

[60] Vimos como em "O nosso pobre português" [1975] a escola aparecia em *Veja* para disciplinar o jovem no sentido dele saber falar corretamente o português e, assim, ser reconhecido como um letrado. Como bem observa Beatriz Sarlo, em "Cenas da vida pós-moderna" [1994], "durante décadas, a língua "correta" foi um ideal da escola que hoje desapareceu porque a escola não está em condições de transmitir nenhum ideal, seja ele qual for ... os políticos falam como os jogadores de futebol ou como as celebridades televisivas ... Todo mundo fala do mesmo modo e a inovação lingüística emigra muito rapidamente de uma fração social a outra ... O que se considerava, no passado, cultura letrada (que era a única cultura legítima, ao menos para os letrados), já não organiza a hierarquia das culturas e subculturas" (1994:119 e 120).

falam a "língua" das novas tecnologias e nem por isso aparecem em *Veja* para serem questionados a respeito. Ao contrário. Como registro, antes de prosseguir com a passagem acima, destacamos outra de um texto intitulado "Olha o que eles estão falando!" [1998], que exemplifica essa questão:

> *"Quem nunca ouviu uma conversa de adolescentes vidrados em tecnologia e não entendeu nada? Quem acha que eles falam grego, com sotaque sânscrito? Com certeza, quase todos os pais e até muitos professores ... Para entender e decifrar esse dialeto da geração Internet, VEJA organizou uma mesa-redonda com sete adolescentes ... O resultado ... é um bom guia desse universo paralelo e suas charadas"* (Veja, 25/11/1998:106).

Computadores

OLHA O QUE ELES

Quem nunca ouviu uma conversa de adolescentes vidrados em tecnologia e não entendeu nada? Quem acha que eles falam grego, com sotaque sânscrito? Com certeza, quase todos os pais e até muitos professores. Eles são assim mesmo. Para entender e decifrar esse dialeto da geração Internet, VEJA organizou uma mesa-redonda com sete adolescentes. Durante mais de duas horas, os jornalistas de VEJA Eurípedes Alcântara, Thales Guaracy, Eliana Simonetti e Eduardo Nunomura conversaram com eles sobre os mais variados temas — especialmente sobre como eles se relacionam com as novas tecnologias. O resultado, que se segue, é um bom guia desse universo paralelo e suas charadas.

Um dos usos mais populares da Internet é a transferência de arquivos, o download. Esses arquivos podem ser programas, imagens, sons e músicas. Alguns deles são muito grandes e levam muito tempo para ser transferidos porque as conexões com modem são lentas, o que irrita os jovens.

É o nome de um processador da Intel, empresa que detém a maior fatia do mercado mundial. O processador, ou chip, é o coração do computador, responsável pela execução de operações como gravar um arquivo ou realizar uma conta aritmética. Na maioria das vezes, novos chips são lançados muito mais rapidamente do que o público é capaz de absorver.

■ COMPUTADOR

Nesta parte os garotos surpreendem o senso comum quando dizem que os computadores que eles possuem já são rápidos o bastante. Para tristeza dos fabricantes, não há ninguém louco para comprar um modelo mais novo.

Veja — Hoje em dia, quando se fala em computador, a primeira coisa que vem à cabeça é a Internet?

Ugo — Na minha sim. Um computador sem Internet não tem muita utilidade.

Felipe — É verdade, o grande intuito de mexer com o computador hoje em dia é globalizar a informação. Estamos trocando dados com o mundo inteiro.

Rafael — Para mim, não é só a Internet. É uma solução em rede. Na Internet, o problema é que existe muita gente atrapalhando o tráfego de informações importantes.

Guilherme — É, a gente querendo fazer outras coisas mais legais, **buscar um programa** e tem lá o carinha que fica querendo ler o jornal pelo computador.

Veja — Os computadores já são tão rápidos quanto vocês gostariam?

Rafael — O **Pentium** II não tem nenhuma tecnologia nova. Eu uso um computador de 133 MHz e, dependendo do que faço, está bom. Um cara entrou no Pentágono com um 286. Já repararam que todo mês surge um computador novo para comprar?

Felipe — Eles fazem isso para você se sentir obrigado a comprar um computador mais novo sempre. Eu uso um Pentium 200 MMX e está bom demais. Agora, a maior preocupação é aumentar a velocidade de conexão com a Internet.

Guilherme — Espero que a próxima geração de computadores seja radicalmente diferente. As

HACKERS

Rafael David Tinoco, 16 anos, do colégio Santa Cruz: sistemas alternativos

Fig. 069 Ref. Veja,25/11/1998

O jovem, falando a "língua" das novas tecnologias, tende a servir de apelo à imitação. A equipe de *Veja* "organizou uma mesa-redonda" para ajudar "quase todos os pais e até muitos professores" com "um bom guia desse universo paralelo". Voltando a passagem anterior, outro aspecto a considerar-se é como o texto reforça a idealização de

uma juventude em contraste com o estilo de vida dos anos 60, a exemplo do que vimos nos capítulos anteriores. A revolução tecnológica com essa geração "será bem mais duradoura e significativa do que o agito comportamental dos jovens nos anos 60". Constata-se aí como o mito da juventude rebelde, nesse particular, implica na negação daquilo que parece ser "bem mais duradoura e significativa". Na passagem seguinte, a questão do vestibular é enfatizada:

> *"No Brasil está-se criando uma elite de estudantes que impressiona e vai dar ainda muito o que falar no futuro ... A marca do vestibular está sendo batida cada vez mais por aqueles que nem sequer terminaram o 2º grau ... Nunca uma geração chegou tão bem preparada para esse combate"* (Veja, 16/12/1998:168).

Trata-se de uma juventude selecionada, a mesma que nos capítulos anteriores aparecia idealizada em torno da beleza, da saúde e do consumismo. Em "Escravos da angústia" [1997], a aprovação no vestibular repercute a idéia de como esse jovem tende a ser idealizado como exemplo de integração ao consumismo:

> *"Clóvis tem no horizonte uma boa bonificação. "Se eu passar, ganho um Vectra", diz, com os olhos brilhando. "Os adolescentes de hoje são filhos de pais liberais, incapazes de dizer não", diz a educadora Tânia Zagury ... "Esses jovens não foram programados para sofrer frustração. Por isso, o vestibular é tão assustador para eles"* (Veja, 12/11/1997: 85)

Fig. 070 Ref. Capa Veja,12/11/97

Uma juventude consumista, a "vanguarda tecnológica nascida da súbita popularização que os computadores vêm tendo no Brasil" (Veja,11/04/1984: 56), que não está programada "para sofrer frustração". Agora, com ênfase nas novas tecnologias, a questão do vestibular aparece no texto para ressaltar-se a emergência de "uma elite de estudantes que impressiona e vai dar ainda muito o que falar no futuro"(Veja, 16/12/1998:168). *Veja* tende assim a publicar reportagens especiais sobre os jovens que obtém a primeira colocação nos vestibulares. Em "Por que eles foram os primeiros"[2002], por exemplo, o perfil desse "estudante de elite" reflete essa "massa crítica ... para os desafios tecnológicos" (Veja, 18/12/1998:161). Destacamos uma breve passagem:

> *"uma geração de jovens mais bem preparada para os desafios da vida moderna que qualquer outra no passado ... dono de impressionante carga de informações sobre o mundo ... jovens de talentos múltiplos, competitivos e com idéias bem articuladas"* (Veja, 27/02/2002:87).

Na relação desse breve registro com a passagem anterior, queremos chamar a atenção de como o vestibular não mais está repercutindo em *Veja* uma juventude que não mereça ser prestigiada por causa desse tipo de avaliação dos conhecimentos adquiridos. Em "Grandezas e misérias do estudante" [1975], o vestibular era considerado como "mera

loteria cultural, feérico show-business do saber tupiniquim ou festival de inconseqüentes "cruzinhas" (Veja, 08/01/1975:56). Agora, o vestibular reflete "uma elite de estudantes que impressiona". As fotos dessa reportagem exibem rapazes vibrando com o resultado. Um deles tira o primeiro lugar nos vestibulares da USP, FGV-SP e UNICAMP. Ele aparece na foto tocando baixo com a sua banda de rock, jogando tênis, ao lado da namorada e com os professores da escola fundada por seus pais em Goiás.

Idealiza-se, assim, o jovem com um sistema de avaliação tecnicista que reforça o seu perfil identificado com a chamada revolução das novas tecnologias. Se na década de 1970 era negado ao jovem o papel social da revolução, agora se reconhece nele a revolução e, cada vez mais, de forma precoce. É o que observamos em "Melhores que os pais"[1998], onde articula-se a idéia de como o jovem já estaria em constante movimento revolucionário, desde a mais tenra idade: "Pais e professores preparam-se", alerta o texto.

A revolução da juventude no texto deixa, então, de ser uma ameaça à sociedade e passa, no campo da educação, a repercutir um desafio às instituições de ensino e à própria família. E, conforme a próxima passagem selecionada abaixo, justifica-se esse papel social revolucionário do jovem a partir de um diagnóstico científico:

> *"os cientistas estão descobrindo com espanto que o cérebro de uma criança de hoje é mais desenvolvido fisicamente do que o de seus antepassados [...] conseguem saber de que forma jogar videogame afeta o funcionamento cerebral [...] estão crescendo num mundo tão radicalmente novo, tão repleto de inovações tecnológicas que atingem diretamente o modo de treinar o pensamento, que formaram um novo paradigma ... Disso resulta uma maneira multidisciplinar de enxergar a realidade. ... A criança de hoje não tem o pensamento linear ... É a diferença que separa a cartilha do videoclipe"*(Veja, 16/12/1998:162 e 167).

Fig. 071 Ref. Capa Veja, 16/12/1998

Com essa passagem, o jovem aparece se reconhecendo com um "cérebro ... mais desenvolvido fisicamente do que o de seus antepassados". Promove-se aí a idéia de como os jovens, ao estarem sujeitos a um "mundo ... tão repleto de inovações tecnológicas", passam a repercutir, em relação às gerações passadas, uma sociedade mais evoluída no âmbito do desenvolvimento intelectual: "A criança de hoje não tem o pensamento linear ... É a diferença que separa a cartilha do videoclipe". É nesse sentido que a reportagem alardeia como estaria a juventude revolucionando, no campo da educação, a sociedade.

O jovem, ao ser diagnosticado no texto como o seu cérebro evoluiu intelectualmente em função do computador e do videogame ("o cérebro de uma criança de

hoje é mais desenvolvido")[61], passa a ser chamado a reconhecer-se como um indivíduo inteligente. Ou seja, se no decênio de 1970, numa época em que pais e educadores ainda eram requeridos em *Veja* a desempenharem um papel social dominante, alertava-se no texto como o jovem estaria tornando-se menos politizado e mais ignorante, agora a situação tende a inverter-se.

Se antes o jovem representava um desafio para pais e educadores corrigi-lo para não permanecer na ignorância, agora o desafio para tais atores sociais significa evitar não serem eles próprios julgados como ignorantes. E esse sujeito, pais e professores, reconhecido em *Veja* como um ser ignorante a partir dos parâmetros tecnicistas do mundo dos jovens, tende a projetar-se tensionado entre modernidade e tradição.

Nos textos dos anos 80 e 90, o jovem aparece como o protagonista de uma nova realidade social, conforme constatamos, por exemplo, nas reportagens intituladas "A geração Bytenik"[1984] e "Melhores que os pais" [1998]. Outro que vai nessa direção, e que estudaremos mais adiante, é o texto intitulado "Imersos na tecnologia – e mais espertos" [2006]. Essas reportagens apresentam o jovem dominando uma complexidade de artefatos tecnológicos, cujos desempenhos técnico e cognitivo o projeta como um ator social que, pela primeira vez, estaria, em relação ao jovem das gerações passadas, cumprindo um papel social revolucionário.

[61] Em *Veja*, nesse particular, não questiona-se em nenhum momento até que ponto o videogame realmente contribui para o aprendizado da criança. Nesse sentido, Beatriz Sarlo, em "Cenas da vida pós-moderna" [1994], faz a seguinte reflexão crítica a respeito das máquinas de videogame: "Multiplicadoras de uma onipotência trivial, se adaptam aos desejos mais previsíveis. Sua didática não ensina nada de novo [...] deveríamos poder contestar se tais habilidades e conhecimentos são suficientes para considerá-los ferramentas decisivas na aquisição de outros conhecimentos e habilidades vinculados, ainda hoje, à palavra, à reflexão lógica e matemático abstrata, ao discurso lingüístico e à argumentação, indispensáveis, até novo aviso, no mundo do trabalho, da tecnologia e da política [...] Se aprende o que não se sabe: esta idéia simples obriga a pensar outras ... um processo que implica uma dificuldade e um distanciamento" (1994:52, 123 e 124-5).

Trata-se, segundo Bill Green, em seu artigo intitulado "Alienígenas na sala de aula", de uma juventude vista "como o sujeito *par excellence* do pós-modernismo, especialmente em sua inflexão tecno-cultural" (1995:217). Quando, por exemplo, relaciona-se em *Veja* a questão da inteligência com os estudos científicos sobre o cérebro humano, articula-se aí a idéia de antever-se uma juventude a partir da realidade atual de crianças que estariam sinalizando a emergência de um novo ser, cada vez mais desenvolvido e integrado no mundo das novas tecnologias. Nesse sentido, destacamos, como breve registro, uma reportagem intitulada "O poder da inteligência" [2001].

O texto, ao abordar como "o nível de inteligência da humanidade tem aumentado muito" (Veja, 27/06/2001:92), passa a legitimar a evolução do desempenho intelectual das pessoas em função de "ambientes mais ricos em informação" (Veja, 27/06/2001: 96):

> *"Convivendo com computadores, filmes falados em inglês, videogames e com os amigos dos pais, os dois filhos, Felipe, de 1 ano e meio, e Marina, de 3 anos e meio, desenvolveram habilidades precoces [...] Nos momentos de lazer, até mesmo para manterem uma conversa com amigos, as pessoas têm de estar atualizadas e bem informadas. O ambiente induz a uma atividade intelectual mais intensa [...] Os equipamentos eletroeletrônicos e de comunicação domésticos ajudam a formar crianças com habilidades múltiplas. Mexendo no computador, mudando o canal da televisão e ouvindo música, a criança exercita a memória e treina a capacidade de manter a atenção em várias coisas ao mesmo tempo"* (Veja, 27/06/2001:94 e 95)

Fig. 072 Ref. Capa Veja, 27/06/2001

Com essa passagem, podemos afirmar como idealiza-se uma juventude em função de um "ambiente" que "induz a uma atividade intelectual mais intensa". Conforme ressalta-se em "A tirania adolescente" [2004], o jovem "tem certeza dos modelos em que não gostaria de se espelhar: os adultos que o circundam, em especial os pais" (Veja, 18/02/2004:73). A escola e a família não reproduzem "um efeito multiplicador na inteligência" (Veja, 27/06/2001:96). Mas, sim, "computadores, filmes falados em inglês, videogames ... equipamentos eletrônicos e de comunicação domésticos". Vale aqui fazer um parêntese na análise desse texto intitulado "O poder da inteligência" [2001]. Queremos chamar a atenção de como o jovem em *Veja*, ao nosso ver, tende a repercutir, com o consumismo, a corrosão do caráter no campo educacional. Para Allan Bloom, em "O declínio da cultura ocidental" [1987], o jovem em um ambiente sem a leitura implica em uma vida "mais limitada e mais vazia"(1987:77):

> *"a vida baseada no livro está mais perto da verdade, propiciando elementos para uma análise mais profunda e uma aproximação maior da autêntica natureza das coisas [...] Essa gradativa redução ao silêncio dos velhos ecos políticos e religiosos na alma dos jovens responde pela diferença entre os alunos que eu conheci no início da minha carreira de professor e aqueles com quem me defronto hoje em dia. A falta de livros tornou-os mais limitados e mais vazios ... Mais vazios, porque sem a interpretação das coisas, sem a poesia nem a atividade da imaginação, a alma deles é como um espelho daquilo que os cerca e não da natureza"* (1987:75-77).

Mas em *Veja* o jovem aparece com status social ao representar "o poder da inteligência" e não "mais limitados e mais vazios". Pare sentirem-se reconhecidos como pessoas "atualizadas e bem informadas" (Veja, 27/06/2001: 94), o texto destaca celebridades como modelos identitários, tais como as atrizes Sharon Stone e Jayne Mansfield. Aos pais e professores, apenas um alerta:

> *"Nem todos os educadores estão preparados para lidar com esse novo público e por isso os pais devem ter um cuidado especial com seus filhos no momento atual"* (Veja,27/06/2001: 97).

Idealiza-se o jovem ao naturalizá-lo às novas tecnologias. Pensando como Allan Bloom, a alma desses jovens em *Veja* "é como um espelho daquilo que os cerca e não da natureza" (1987: 77). Na segunda edição especial sobre a juventude (Veja, agosto/2003:86), o jovem é idealizado como um indivíduo auto-suficiente, que pode dispensar a orientação de um professor:

> *"O que mais me fascina no computador e na internet é a possibilidade de poder aprender sozinho", resume o estudante paulista Thiago Traue, de 16 anos, que navega pelo menos três horas por dia [...] A rapidez e a destreza em localizar e selecionar informações são alguns dos trunfos dessa geração digital"*(Veja, julho/2003:86).

O jovem aparece com "a possibilidade de poder aprender sozinho". O jovem no texto tende a refletir a imagem mais perfeita possível do "estar-aí" no mundo: "A rapidez e a destreza em localizar e selecionar informações são alguns dos trunfos dessa geração digital".

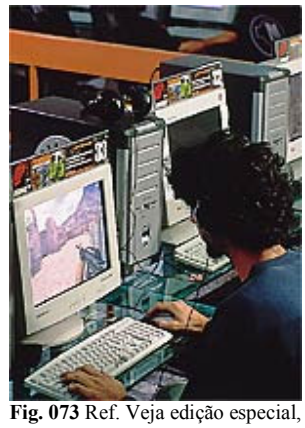


Fig. 073 Ref. Veja edição especial, Julho/2003, p. 87

Ele é modelo para a reprodução de status social e modernidade. Assim, além de repercutir a beleza, a saúde e o consumismo, o jovem é também sinônimo de inteligência. Em "Eles têm a força" [2003], destacamos um breve trecho:

> *"Embora fique um pouco assustada com tanta precocidade, Beatriz acredita que a vida do filho é melhor do que foi a sua. "Ele tem mais cultura, sabe falar sobre qualquer assunto e domina a informática totalmente. Até compras pela internet ele faz", conta, orgulhosa"* (Veja, 26-02-2003:89).

O jovem, com as novas tecnologias, é motivo de orgulho para os pais: "Ele tem mais cultura". Mas cultura no sentido do jovem estar preparado para "os desafios tecnológicos"(Veja, 16/12/1998:165). Não como um sábio, se pensarmos com Allan Bloom. E se os pais se orgulham em *Veja* com um jovem assim é porque a família não mais reflete aquela expectativa com a qual esse autor compartilha em "O declínio da cultura ocidental" [1987]:

> *"As pessoas jantam, brincam e viajam juntas, mas não pensam juntas. É raro que haja vida intelectual em qualquer residência, muito menos uma vida que inspire os interesses essenciais da existência [...] Pais e mães perderam a noção de que a mais alta das aspirações que poderiam ter para os filhos seria a de serem sábios ...*

> *Tudo que logram imaginar é competência especializada e sucesso"* (1987:72 e 73).

Em *Veja*, o jovem que aparece no campo educacional, como extensão de seu estilo de vida consumista, é sinônimo de "competência especializada e sucesso". Se em "Novas figuras da política" [1977], sinalizava-se "uma certa dificuldade de expressão apontada como característica das mais recentes gerações universitárias" (Veja, 11/05/1977:24). agora, o jovem do novo milênio "tem mais cultura" do que a geração de seus pais. E esse novo perfil é reforçado com a questão do consumismo: "Até compras pela internet ele faz".Um grau de alienação do ser no mundo das tecnologias que passa a tensionar as diferenças e contradições entre pais e filhos. E essa idealização em *Veja* de uma juventude consumista e que "sabe falar sobre qualquer assunto e domina a informática totalmente" repercute dentro da sala de aula.

Em "Com medo dos alunos"[2005], podemos constatar como os jovens de classe média e alta, que antes, em"Colégios nota 10" [1983] "acabam gostando tanto da escola que é preciso quase pô-los para fora das salas quando as aulas terminam" (Veja, 10/08/1983:63), aparecem agora refletindo um estilo de vida que dispensa a figura do professor para a transmissão de conhecimento. Destacamos a seguinte passagem:

> *"os alunos ignoram a autoridade do professor porque o vêem como uma espécie de empregado ou prestador de serviços, pago por seus pais [...] em muitos casos, a relação comercial entre a escola e os pais se sobrepõe à autoridade do professor. "Ouvi em muitas reuniões com coordenadores o lembrete de que os pais e os alunos devem ser tratados como clientes e, como tais, têm sempre razão", diz Iole Gritti de Barros, de 54 anos, professora aposentada [...] Sem poder impor regras aos alunos, os professores acabam ficando impossibilitados de fazer aquilo que os pais esperam deles"(Veja,11/05/05:63).*

O jovem, com essa passagem, ostenta poder de compra para ver o professor "como uma espécie de empregado ou prestador de serviços". Como temos observado em *Veja*, principalmente nos capítulos 3 e 4, idealiza-se uma juventude consumista e esse perfil é reforçado no texto, conforme vimos em "O poder da inteligência"[2001], com a abordagem das novas tecnologias no campo educacional. O jovem aparece em função de um "ambiente" que "induz a uma atividade intelectual mais intensa" (Veja, 27/06/2001:96). Nele, escola e família não reproduzem "um efeito multiplicador na inteligência" (Veja, 27/06/2001:96). Mas, sim, "computadores, filmes falados em inglês, videogames ... equipamentos eletrônicos e de comunicação domésticos". (Veja, 27/06/2001:96).

Esses jovens da passagem acima, que também repercutem "o poder da inteligência", aparecem "como clientes e, como tais, têm sempre razão". A questão da disciplina, que remete à questão da ética para a formação do caráter do indivíduo, é desprezada em função do valor de troca: "a relação comercial entre a escola e os pais se sobrepõe à autoridade do professor". Podemos concluir como o jovem dentro da sala de aula implicaria, de certa forma, na ruptura com a tradição, que é reforçada pela sua presença reconhecida pelo "poder e riqueza" (Veja, 11/2005:87). A próxima passagem em *Veja* exemplifica essa questão:

> *"Ao perceberem que os pais estão sempre do seu lado, os estudantes ficam com a impressão de que tudo é permitido. "Um aluno chegou a me dizer que não iria fazer o que eu estava pedindo porque, como o pai dele pagava a escola, ele se comportava como queria lá dentro", diz a pernambucana Sandra Helena de Andrade, professora de português em duas escolas privadas do Recife" (Veja,11/05/05:64).*

Em “Colégios nota 10” [1983], o jovem não aparecia desse modo, desafiando a autoridade do professor. Na época, os alunos, já despontando como “A geração ‘bytnik”[1984], “leram poemas do português Fernando Pessoa e estão entusiasmados”(Veja, 10/08/1983:63). Havia ainda uma comunicação entre aluno e professor, que aparece agora diagnosticado com “a fobia escolar”, quase sem condições de exercer seu ofício:

> *“O restante da energia é aplicado para controlar a classe, motivar os alunos e, às vezes, ensinar aos adolescentes princípios morais e éticos básicos."Nos intervalos das aulas, era comum ver colegas tremendo de raiva ou chorando na sala de convivência dos professores", diz Ono. Uma de suas colegas pediu demissão depois que os alunos começaram a atirar-lhe moedas, insinuando que ela, por ser negra, era indigente”(Veja,11/05/05:66).*

Esses jovens, de uma geração que na década de 1990 aparecia em *Veja* como “pronta para viver o capitalismo em toda a sua extensão” (Veja, 10/08/1994:71), conforme vimos no capítulo 4, são visualizados para a negação do conhecimento dentro da sala de aula. Vimos antes como eles “não estão com cabeça para longas reflexões filosóficas” (Veja, 19/04/1995:106) e que agora, segundo os professores, necessitam de “princípios morais e éticos básicos”. São jovens que, de acordo com a reportagem intitulada “Geração vaidade”[2005], publicada nessa mesma edição de *Veja* que estamos focalizando, aparecem sendo reconhecidos pelo “poder e riqueza” (Veja, 11/2005:87) e que na sala de aula, quando a professora é negra, podem “atirar-lhe moedas, insinuando que ela, por ser negra, era indigente”. Já com os jovens da periferia, o professor, para os pais, ainda é sujeito disciplinador dentro da sala de aula:

> *"Na rede privada, o professor é visto como um prestador de serviço e a família reage mal quando o aluno é repreendido. Na periferia, ao contrário, os pais vêem o professor como a última chance de os filhos terem educação. Significa que, em geral, apóiam o professor quando ele é severo com seus filhos" (Veja,11/05/05:66).*

Constata-se, assim, como em Veja a idealização de uma juventude consumista e integrada às novas tecnologias é articulada em separado do mundo do jovem da periferia. Essa idéia repercute no campo educacional quando enfatiza-se o seguinte:

> *"O aluno não sonha em ser médico ou advogado. Quer ser pagodeiro, jogador de futebol; o que importa é fazer sucesso e ganhar dinheiro rápido. Essa inversão de valores contém enorme potencial de violência" (Veja, 11/05/2005:66)*

Fala-se aí em "inversão de valores", pois o jovem da periferia "não sonha em ser médico ou advogado".[62] Mas, a exemplo do jovem de classe média e alta, também sonha em "fazer sucesso e ganhar dinheiro rápido". Essa "inversão de valores" parece relativa e que no texto reflete, conforme nossa pesquisa até esse ponto, uma idealização da juventude consumista no campo educacional com a expectativa de não repercutir essa "inversão de valores". Destacamos o último trecho dessa reportagem que pode complementar essa questão:

> *"Sentindo-se culpados pela omissão, evitam dizer não aos filhos e esperam que a escola assuma a função que deveria ser deles: a de*

[62] A crise na educação também implica pensar em como o jovem pobre perde um espaço social que lhe possibilitava, de acordo com Beatriz Sarlo, sonhar com a sua emancipação na sociedade: "A escola era um lugar rico simbolicamente e prestigioso socialmente ... não era somente uma instituição de dominação: distribuía saberes e destrezas que os pobres somente podiam adquirir nela ... aportava saberes que eram indispensáveis não somente para converter-se em mão de obra capitalista, mas para fundar as modalidades letradas da cultura operária, dos sindicatos e das intervenções na luta política. Em uma escola forte e intervencionista, os letrados impuseram valores, mitos, histórias e tradições aos setores populares ... mas proporcionava ferramentas para afirmar a cultura popular sobre bases distintas, mais variadas e mais modernas que as da experiência cotidiana e dos saberes tradicionalistas" (1994:127-8).

> *passar para a criança os valores éticos e de comportamento básicos"(Veja, 11/05/2005:64).*

Essa passagem indicia como a juventude tem sido idealizada em Veja para refletir um estilo de vida consumista e com "o poder da inteligência" (Veja, 27/06/2001:96). "Valores éticos e de comportamento básicos" agora são requeridos no campo educacional, onde aí leva-se em conta a problemática da "inversão de valores". Vimos na década de 1970 como o jovem em "A escola e a cultura. Ou o confronto entre o cheio e o vazio"[1974] ainda remetia à idéia de "uma massa crítica que pode ser transformada pelo menos em consumidores de cultura" (Veja, 03/04/1974:69). Hoje, porém, o jovem aparece como consumidor das novas tecnologias e não coloca-se em questão "os valores éticos". Mais ainda se pensarmos nele como protagonista de uma nova realidade social, conforme podemos constatar com a reportagem intitulada "Imersos na tecnologia – e mais espertos" [2006]:

> *"Eles formam a primeira geração mergulhada integralmente na tecnologia. O aprendizado sobre o mundo, a comunicação com os amigos e a lição de casa dependem do computador. Namoros são feitos e desmanchados através de mensagens eletrônicas. As tribos se entendem e se aproximam através dos blogs. O celular virou acessório indispensável. Não se concebe mais diversão sem TV, DVD e videogame [...]As últimas descobertas da ciência dizem que o uso desses recursos na medida certa ... pode ajudá-los a afiar a inteligência [...]eles ensinam a selecionar e processar informações, a exercitar a lógica e a deduzir – em suma, a raciocinar [...] Fazem perguntas que surpreendem. Mexem em computadores, celulares e aparelhos eletrônicos como se agissem por instinto – realizando operações que, para os adultos, exigem consultas ao manual de instruções"*(Veja,11/01/2006:66, 67 e 75).

Fig. 074 Ref. Capa Veja, 11/01/2006

Essa passagem repercute o texto intitulado "O poder da inteligência" [2001], onde afirma-se como "o ambiente induz a uma atividade intelectual mais intensa" (Veja, 27/06/2001:95). Ou ainda quando em "Melhores que os pais" [1998] salienta-se como "inovações tecnológicas ... formaram um novo paradigma" (Veja, 16/12/1998:167). Agora, afirma-se como "o uso desses recursos ... pode ajudá-los a afiar a inteligência". Conclui-se, assim, como o mundo dos jovens está com um grau superior de inteligência em relação ao mundo dos adultos, onde deixam de aparecer "perguntas que surpreendem". Onde necessita-se de "consultas ao manual de instruções".

Mas o jovem, como temos constatado, aparece como sinônimo de "poder da inteligência" (Veja, 27/06/2001:92), que é legitimado agora com preceitos científicos, conforme a próxima passagem:

> *"Estudos feitos com as modernas técnicas de tomografia mostram que o videogame ativa e exercita mais áreas do cérebro do que as outras atividades de lazer [...] a maioria dos games faz com que os jogadores sigam caminhos de raciocínio semelhantes aos dos cientistas"* (Veja, 11/01/2006: 69).

O jovem como sinônimo de inteligência é confirmado pelo exame de uma "tomografia". Tem-se a certeza de que ele raciocina de modo "semelhante ao dos cientistas". Já afirmou-se como o seu "ambiente induz a uma atividade intelectual mais intensa" (Veja, 27/06/2001: 95), onde agora aparece a indústria cultural cooperando para "afiar a inteligência" (Veja, 11/01/2006: 67), conforme constatamos na seguinte passagem:

> *"Os filmes, novelas e seriados de TV, com tramas cada vez mais intrincadas, puxam pelo raciocínio [...] Sucessos de bilheteria como Matrix, Pulp Fiction, Quero Ser John Malkovich e Magnólia são concebidos para desorientar propositalmente o espectador, obrigando-o a analisar detidamente as cenas e fazer uma série de conjeturas para tentar entender a história. Os desenhos animados de longa-metragem seguem a mesma cartilha. Antes eles tinham a estrutura simples dos contos de fada"*(Veja, 11/01/2006:74)

Com essa passagem, o jovem aparece desenvolvendo-se intelectualmente ao estar lidando com uma mídia que, segundo o texto, chegaria a ser "responsável pelo progressivo aumento do QI" (Veja, 11/01/2006:68).

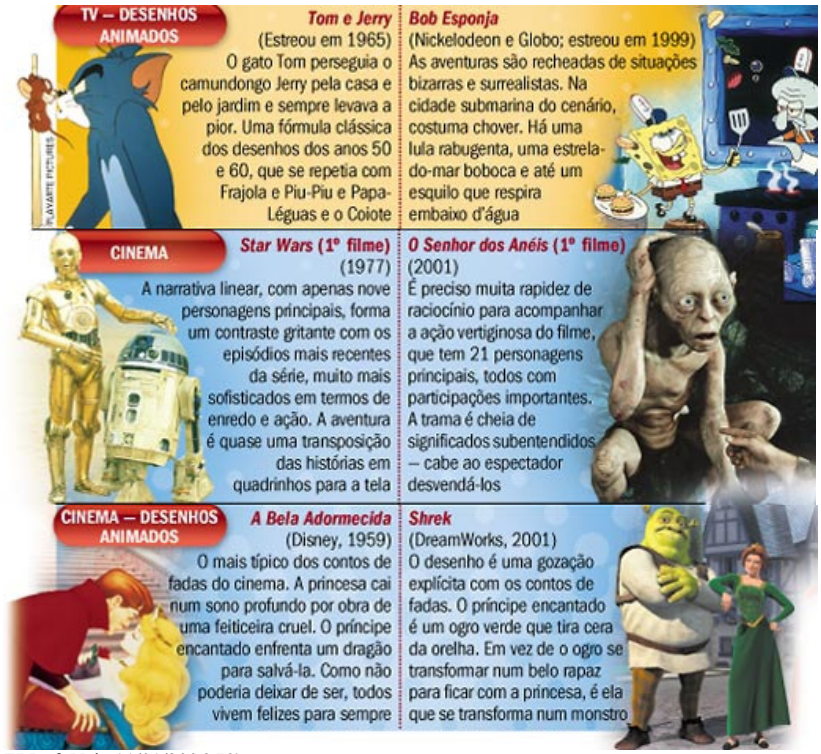


Fig. 075 Ref. Veja,11/01/2006:70)

Verifica-se como o jovem estaria beneficiando-se com produtos da indústria cultural que "puxam pelo raciocínio". Parte-se da premissa de que, por exemplo, "sucessos de bilheteria" desenvolvem-se com enredos mais complexos, onde diversas situações aparecem em rápidas cenas, cujos diálogos tendem a jogar as peças para mobilizar um incessante ritmo de ação.

O jovem aí aparece associado com uma lógica de raciocínio que o reflete com os produtos da indústria cultural, que aparecem como sinônimo de desenvolvimento intelectual para o indivíduo. Como bem observa Francisco Rüdiger, em um artigo intitulado "Réquiem pela escola? Perspectivas da educação na era da industria cultural"[1999], "a formação da juventude se tornou objeto da indústria cultural" (1999:100). O jovem, assim, aparece em *Veja* para ser idealizado com mais inteligência dos que o antecederam.

Idealizado enquanto produto de sua relação com os diversos "parques de diversão" da indústria cultural. O poder da inteligência do jovem acaba também repercutindo os valores de uma geração integrada à sociedade de consumo.

6.4 Considerações finais

Com a análise dos textos selecionados para este capítulo, passamos a explicitar algumas conclusões de como o jovem no universo da educação passa a ser mostrado em *Veja*. Num primeiro momento, até o final dos anos 70, o vestibular não aparece como um projeto de vida que deve ser levado em conta pela juventude: "Por quanto tempo ainda os jovens continuarão lutando apenas por um grau de bacharel" (Veja,28/01/1970:34).

Ainda havia uma expectativa no texto para a projeção de uma juventude que, mesmo com o vestibular, pudesse repercutir "uma massa crítica que pode ser transformada pelo menos em consumidores de cultura, o que não deixa de ser importante" (Veja, 03/04/1974:69). Com Muniz Sodré, podemos afirmar como à época a educação presumia a percepção de algum "horizonte ético" (2002:102), pois o jovem não servia ainda como "um novo modelo de individualização, que transforma o consumo hedonista e o ludismo tecnológico em grandes fins existenciais" (2002:111).

O vestibular aparece em *Veja* como sinalizador que aponta um novo perfil do jovem universitário brasileiro. O tema serve também para abordar-se aspectos sociais

como a falta de perspectiva profissional, as precárias condições das universidades públicas e o alto custo para a colação de grau numa universidade particular, além de um "quase unânime sentimento de frustração didática" (Veja, 08/01/1975: 59). Sinaliza-se aí como a figura do professor tende a ser questionada, a exemplo do próprio vestibular.

Observa-se, por exemplo, uma associação da decadência da universidade pública com a imagem de uma juventude rebelde: "a invejável, nebulosa, contraditória, híbrida e indecifrável condição de universitário" (Veja, 08/01/1975: 56). Revela-se ao vestibulando como "os tortuosos corredores universitários costumam reservar, sobretudo aos mais incautos, atemorizantes fantasmas" (Veja, 08/01/1975: 56). O movimento estudantil repercutia com a questão do vestibular, trazendo à tona, de certa forma, como o jovem à época precisava refletir uma formação de ensino tradicional: "A língua estaria morrendo à mingua, condenada pelo descaso da juventude" (Veja, 12/11/1975:54), conforme enfatizava o texto intitulado "O nosso pobre português" [1975].

O jovem brasileiro não estaria mais expressando o mesmo nível intelectual do jovem dos anos 60, mas "meia dúzia de vocábulos, repetidos tediosamente" (Veja, 12/11/1975:56). Ao questionar-se na década de 1970 o jovem nesse sentido, podemos concluir como à época o campo educacional ainda não "confronta-se seriamente ... com a questão da ética" (2002:107). O papel social do professor não implicava na "crise do conhecimento comum (do sujeito individual ou coletivo detentor da verdade" (2002:99).

A crise na educação era referenciada com o movimento estudantil. Houve uma articulação nos textos da revista para deslocar o jovem do foco político para o da educação. Essa articulação simbólica caracterizou-se pela desmobilização do foco

ideológico. Nesse sentido, dois breves registros no campo educacional servem para mobilizar o jovem em torno de outras questões que o desvincula daquela imagem do jovem rebelde dos anos 60.

Em "A carona cada vez mais fácil"[1971], o jovem, no campo da educação, é idealizado em torno do lazer e do tempo livre. Ao apropriar-se do estilo de vida do jovem hippie pedindo carona na estrada para ressignificá-lo no espaço social das universidades, o texto procura desenredar a educação de uma crise que vinha sendo contornada com a implantação de projetos educacionais como o do MOBRAL e do RONDON.

Ao associar-se o tempo livre com a educação, *Veja* tende a projetar um novo perfil para a juventude, que não remete ao perfil de um jovem rebelde, mas ao daquele preocupado em "canalizar, para atividades que considera construtivas, as energias reveladas pelo movimento estudantil nos tempos de agitação política" (Veja,01-09-1971:28), conforme vimos no capítulo 4, em "A paz do silêncio no campus" [1971]. Energia, principalmente, para o estudo. Em "Cidade dos jovens" [1972], um texto sobre um Festival de Artes em Ouro Preto, o jovem de classe média aparece no universo da educação, mas para repercutir ainda um estilo de vida que possa ser associado à cultura: "nunca passou tanta cultura pelos portais dos sobrados ouro-pretanos"(Veja, 26/071972:60).

Constatamos essa hipótese principalmente quando focalizamos comparativamente dois breves registros sobre um mesmo fato ocorrido entre os jovens dos anos 70 e dos anos 90. Se antes a pichação dos jovens remetia a "uma atividade poética e lúdica" (Veja, 16/05/1979:74), no início dos anos 90 é referenciada como "a praga do spray" (Veja, 27/11/1991:89). Se antes havia uma convergência entre cultura e juventude,

mais adiante o jovem, com esse episódio, aparece como "celebridade" (Veja, 16/05/1979:74). Assim, o jovem, ao não mais refletir "uma massa crítica que pode ser transformada pelo menos em consumidores de cultura"(Veja, 03/04/1974:69,73), representa com o *graffite* uma outra realidade social.

Com Muniz Sodré, podemos afirmar como essa mudança no campo educacional em *Veja*, a de como o jovem passa a não mais ser mostrado como sinônimo de cultura, implica em pensar que houve "uma mudança crucial na vida das sociedades em conseqüência de mudanças no modo de acumulação do capital e no modo de relacionamento simbólico com o real, isto é, na cultura" (2002:91). A partir dos anos 80, com o surgimento do computador doméstico e com o desenvolvimento das novas tecnologias, constata-se como o jovem tende a ser visualizado de modo diferente.

O jovem tende a ser o protagonista de uma nova realidade social, enquanto *Veja* cobria a desestabilização das instituições públicas de ensino pela política do governo federal: "O vestibular da crise" [1980]; "As lições da escola" [1981]; "Campus conflagrado" [1984]; "A crise aberta de um ensino falido" [1987] e "O país arrisca o futuro nas universidades" [1991]. Nesse contexto, emergia "uma vanguarda tecnológica nascida da súbita popularização que os computadores vêm tendo no Brasil" (Veja,11/04/1984: 56).

Vimos, principalmente nos capítulos 3 e 4, como emergia a partir dos anos 80 o jovem como exemplo de integração ao consumismo. Com este bloco temático, podemos verificar como hipótese a emergência do jovem como modelo de apelo à imitação no campo educacional: "Para alguém com mais de 30 ou 35 anos, as façanhas da garotada com o computador podem parecer assombros"(Veja, 11/11/1984:58). Idealiza-se, aí, um

estilo de vida naturalizado pela mediação das novas tecnologias. O jovem já não mais aparece sendo questionado, conforme o era em "Nosso pobre português"[1971].

Nem ao menos como vítima de um sistema de ensino falido ou sendo chamado a integrar-se a determinado projeto de educação no país, quando o movimento estudantil fora desarticulado pelo regime militar. É, sim, mostrado como se estivesse competindo com os adultos:

> *"Para Luis Zorzella, 13 anos ... "O senso prático dos adultos não os deixa perceber que a maior satisfação proporcionada pelo computador está na programação e não nos programas em si"*(Veja, 11/11/1984:60).

Essa tendência de projetar-se o jovem como modelo de apelo à imitação no campo educacional recrudesce a partir da segunda metade da década de 1990. Em "Melhores que os pais" [1998], o jovem já aparece reproduzindo um ludismo tecnológico que o projeta como modelo de reconhecimento identitário mais expressivo do que o da família e o da escola. Agora, a "massa crítica" remete à idéia de como o jovem está preparado para "os desafios tecnológicos"(Veja, 16/12/1998:165) e não mais como aquela idéia de "consumidores de cultura" (Veja, 03/04/1974:69). O vestibular, antes considerado "mera loteria cultural, feérico show-business do saber tupiniquim" (Veja, 08/01/1975:56), tende, com ênfase nas novas tecnologias, a repercutir "uma elite de estudantes que impressiona" (Veja, 16/12/1998:168).

O jovem de classe média e alta, em função de "ambientes mais ricos em informação" (Veja, 27/06/2001: 96), aparece com status social ao representar "o poder da inteligência"(27/06/2001:94). Mas, se pensarmos com Muniz Sodré, esse "poder da

inteligência" não remete à questão do "saber sobre si mesmo, isto é, da infinita reflexividade do saber" (2002:99). Conforme podemos constatar neste capítulo, esses "jovens de talentos múltiplos, competitivos e com idéias bem articuladas" (Veja, 27/02/2002:87) repercutem, na realidade, "tanto a alegria fácil do espetáculo e do consumo quanto gratificações narcísicas advindas do automatismo das operações técnicas, contrapostas ao *pathos* do disciplinamento pedagógico" (2002:100).

Em "Com medo dos alunos"[2005], a questão da disciplina é desprezada por esses jovens que já demonstraram não estar "com cabeça para longas reflexões filosóficas" (Veja, 19/04/1995:106) mas que agora, segundo os professores, necessitam de "princípios morais e éticos básicos"(Veja,11/05/05). Eles, dentro da sala de aula, dispensam a disciplina porque "a relação comercial entre a escola e os pais se sobrepõe à autoridade do professor"(Veja,11/05/05). Jovens que ostentam "o poder da inteligência" (Veja, 27/06/2001:94) e que no campo educacional aparecem "como clientes e, como tais, têm sempre razão"(Veja,11/05/05). Inclusive quando a professora é negra: "atirar-lhe moedas, insinuando que ela, por ser negra, era indigente"(Veja,11/05/05).

Muniz Sodré constata que "o campo educacional confronta-se seriamente na contemporaneidade com a questão da ética" (2002:107), conforme assinalamos na introdução deste capítulo. O autor chama a atenção de como "a educação ... isenta-se da transmissão de conhecimento aliado a valores humanos, fazendo recair a tônica sobre o tecnicismo instrucional" (2002:105). Em *Veja*, observa-se como idealiza-se uma juventude consumista e esse perfil é reforçado no texto com a abordagem das novas tecnologias no campo educacional.

O jovem aparece em função de um "ambiente" que "induz a uma atividade intelectual mais intensa" (Veja, 27/06/2001:96). Nele, escola e família não reproduzem "um efeito multiplicador na inteligência" (Veja, 27/06/2001:96): "Pais e professores preparem-se" (Veja, 16/12/1998:163), alerta *Veja*. Em "Imersos na tecnologia – e mais espertos" [2006], salienta-se como "inovações tecnológicas ... formaram um novo paradigma" (Veja, 16/12/1998:167). O jovem é confirmado como sinônimo de inteligência por meio de um exame de "tomografia" que revela como "a maioria dos games faz com que os jogadores sigam caminhos de raciocínio semelhantes aos dos cientistas" (Veja, 11/01/2006: 69).

A indústria cultural, segundo a reportagem, estaria cooperando para "afiar a inteligência" (Veja, 11/01/2006: 67), a "responsável pelo progressivo aumento do QI" (Veja, 11/01/2006:68). O jovem, assim, ao ser idealizado enquanto produto de sua relação com os diversos "parques de diversão" da indústria cultural para refletir "o poder da inteligência", tende também a repercutir os valores de uma geração integrada à sociedade de consumo. De acordo com a perspectiva teórica de Sodré, podemos afirmar como esse jovem tende a servir de "um novo modelo de individualização, que transforma o consumo hedonista e o ludismo tecnológico em grandes fins existenciais" (2002:111).

E, ao nosso ver, isso implica também na corrosão do caráter social da juventude no campo educacional. Exemplo nesse sentido é quando constatamos como a "massa crítica" na contemporaneidade representa o jovem preparado para "os desafios tecnológicos"(Veja, 16/12/1998:165) e não mais como "consumidores de cultura" (Veja, 03/04/1974:69), quando à época não correspondia "à ideologia tecnicista da modernização pelo contato puro e simples com as novas tecnologias" (2002:106).

CONCLUSÃO

> *"reorientar eticamente a mídia como intelectual coletivo parece implicar em levá-la, para além dos interesses imediatos do mercado (o que parece inviável sob a sistematização social operada pelo capital-mundo), na direção de uma cultura crítica, quer dizer, a comprometer-se responsavelmente com a tradição coletiva das diversas formações sociais, com as marcas singulares (língua, memória, etc.) que as atravessam [...] O que estamos sugerindo como possibilidade, pelo menos teórica, é a reapropriação e a reorientação da mídia enquanto* ***intelectual coletivo****" (Muniz Sodré. 2002:212,213-4).*

Vimos como a partir dos anos 50 a busca de autonomia da juventude, a da elite adolescente, passa a ser reaproveitada pelos *mass media* para repercutir em ressonância no mundo do consumo. Estudamos como mobilizava-se com maior intensidade e abrangência a juventude em torno do tempo livre e do lazer. Assistia-se à época a uma extraordinária expansão do mercado de bens de consumo. A condição "jovem", aí, passa a refletir um *ethos* midiatizado para dinamizar esse mercado em expansão, que se

desenvolvia a partir das mudanças ocorridas no pós-guerra. A juventude é vista também como uma "nova classe social"(Morin,1986:140).

Mídia e consumo tendem, assim, nos anos 50 e 60, a articularem-se em proveito da projeção do jovem como expressão de um estilo de vida que passa a não mais imprimir "força autônoma" para a "busca de uma "cultura" própria". (Groppo:286). Exemplos nesse sentido foram o da revolta dos jovens contra a sociedade dos adultos (o eterno conflito das gerações) e o do movimento hippie nos anos 60.[63] O maior símbolo dessa cultura jovem emergente no mundo Ocidental é o rock"n roll e que, segundo enfatiza Muniz Sodré, não representa, a exemplo do consumo, "nada de verdadeiramente "libertário": "há tão-só coerência liberal" (2002:28).

Outro ponto marcante que se revela na historicidade da emergência da cultura jovem no Ocidente diz respeito a seu desdobramento a partir dos anos 70 com a emergência do "canto da seria" seduzindo-nos para a eterna juventude[64]. Ou seja, conforme estudamos no capítulo I, "o poder jovem", ao ser agenciado pela mídia e pelo consumo, repercute em como a juventude passa a representar "um estilo de vida identificado ao bem-viver consumista" (Groppo:284). Cria-se a partir de então "toda uma veiculação imaginária

63 Em "O social irradiado"[1992], Muniz Sodré observa como "A temática do "conflito de gerações" é pela primeira vez associada à música (a canção) enquanto produto da indústria cultural e à "explosão juvenil" como fenômeno investido de conotações revolucionárias" (1992:64). Mais adiante, o autor afirma como "grande parte da "rebelião" juvenil nos anos subseqüentes foi acolhida pelos media em todas as suas modalidades expressivas (da televisão à indústria fonográfica), sendo reduzida à forma "espetáculo" (1992:83).

64 Para percebermos melhor a mudança em relação ao período anterior da emergência da cultura jovem no Ocidente, dos anos 50 até final dos anos 60, recorremos em tempo a Beatriz Sarlo, que afirma o seguinte em "Cenas da vida pós-moderna": "Até os anos 60, os jovens imitavam, estilizavam ou, no limite, parodizavam o que era, simplesmente, a moda: assim, as fotos de atores bem jovens, de jogadores de futebol ou de estudantes universitários, não evocam, até então, a iconografia de coroinhas perversos ou rockeiros dispostos a tudo que agora é um lugar comum. Essa iconografia tem somente um quarto de século" (1994:40).

positiva sobre a juventude"(1994:42), como bem observa Helena Abramo, em "Cenas juvenis"[1994].

Vimos com Groppo como no mundo contemporâneo "juventude e pleno *status* social não são mais termos contraditórios e tendem até a coincidir" (2000:286). Uma geração de jovens que, de acordo com Muniz Sodré, "tipifica um novo modelo de individualização, que transforma o consumo hedonista e o ludismo tecnológico em grandes fins existenciais"(2002:111). Com a nossa pesquisa documental, podemos constatar como vai aparecendo o jovem em *Veja* até chegar a ser reconhecido com "esse novo modelo de individualização".

Com o quinto bloco temático, que trata sobre como o jovem é chamado no texto para as questões das drogas, observamos como o jovem hippie no início dos anos 70 representava com seu estilo de vida uma ameaça aos padrões morais da classe média à época. Sob essa temática, negava-se o movimento hippie como modelo de identificação para a juventude, principalmente em função dele representar uma fuga da realidade:

> *"Eles só querem saber de sonho, de fantasia ... se alguém chegar ao píer precisando de um amigo, de uma conversa séria, não vai encontrar parceiro" (Veja, 07/03/1793:46).*

Mas com o modismo das discotecas *Veja* passa a mostrar o jovem de modo diferente com a questão das drogas. Sinaliza-se essa mudança na revista com o próprio estilo de vida hippie. Em "O sonho que acabou"[1979], os remanescentes do movimento hippie, que segundo *Veja* significava "basicamente discutir a cotação do dia da maconha"

(Veja, 07/03/1973:44), agora "vestem-se e penteiam-se como a "Júlia da novela" e vão ouvir e dançar discotehèque num bar da praça" (Veja,15/02/1979:50).

Com a emergência da chamada "geração saúde", durante a década de 1980, o jovem tende a ser reconhecido no texto em separado do mundo das drogas. Conforme vimos no primeiro excurso de nossa pesquisa, a juventude aparece "disposta a ser bela e saudável sem querer salvar o mundo" (Veja, 05/11/1980:60). Se antes procurava-se dissociar o jovem que consumia maconha da classe média, nos anos 80 é ela própria o reflexo dessa problemática com as drogas: "A polícia deveria estar correndo atrás dos bandidos, em vez de ficar caçando os consumidores de maconha" (Veja, 1983:32).

A partir dos anos 90, o relato dos dramas pessoais, associado com os modelos identitários dos ídolos de massa, é mais freqüente em *Veja*. O texto chama a atenção de como a juventude de classe média e alta, se ficar dependente dos tóxicos, poderá ser reconhecida não ela própria como um grupo de risco, conforme aparecia nos anos 50 e 60. Mas, sim, sendo reconhecida com os jovens da periferia, que na contemporaneidade, de acordo com a nossa pesquisa, representam esse grupo de risco:

> *a desqualificação social da cocaína, sua vinculação a um hábito constrangedor, sujo até, pode contribuir para que o problema da droga não se torne maior do que já é no país"* (Veja, 11/11/1992:80).

Celebridades e artistas, que nos anos 80 constituíam-se como modelos para o jovem identificar-se no mundo das drogas, passam em *Veja* a personificar uma imagem de reconciliação com a chamada "geração saúde", como "deuses de carne, os heróis imaginários da cultura de massa" (Morin: 1997:152). Havia, assim, uma articulação no

texto para idealizar uma juventude sem grupos de risco, separada de um "mundo tão horrorosamente real que a maioria das pessoas prefere não ver" (Veja, 12/01/1994: 54). Nos anos 70, era visível em *Veja* como alguns grupos de jovens (homossexuais, as mães solteiras, os de subúrbio) aparecem em torno do estilo de vida hippie para ser reconhecidos com um grupo de risco.

Os jovens de subúrbio, por exemplo, são chamados a se reconhecerem como classe social de baixa renda: "Estar ali no píer não fazia, contudo, com que perdessem uma certa noção de classe" (Veja,07/03/1973:44). Mas da segunda metade dos anos 70 até o final dos anos 80, as desigualdades sociais entre os jovens tendem a se diluir com a emergência dos modismos das discotecas, em "A travoltocamania"[1978], e das danceterias, em "Templos da dança"[1984]. O jovem passa a servir em Veja como exemplo de integração ao consumismo, sem grupos de risco.

Mas a partir dos anos 90, o jovem da periferia tende a ser mostrado como um grupo de risco: "um aglomerado humano com a forma de um protozoário" (Veja, 20/11/1991:66) que não estaria refletindo essa integração ao consumismo. A questão da violência aparece no texto para estigmatizar o jovem da periferia e reforçar a idealização de uma juventude consumista. Enquanto aquele jovem repercute "violência e ideologia selvagem" (Veja, 20/11/1991: 66), esta aparece refletindo "o caráter soft de suas posturas" (Veja, 08/04/1992: 68).

E é justamente com a temática da violência que Veja passa a chamar o jovem em separado do movimento estudantil. Em "A incrível batalha dos estudantes"[1968], a divergência ideológica entre grupos estudantis repercutia de forma

reducionista, como se fosse uma briga de gangues de rua: “A que pode servir tudo isso? O irmão do morto diz que talvez sirva a alguma coisa, um dia. Que coisa?” (Veja, 09/10/1968:21).

O jovem, assim, é distanciado do mundo socialista ao manipular-se o movimento estudantil para refletir a violência. O silêncio dos estudantes nos campus universitários, por exemplo, fora ressignificado em *Veja* para reforçar-se uma imagem desfocada do movimento estudantil. Enquanto isso, assiste-se à emergência de uma geração de jovens que aparece em *Veja* “demonstrando que são sobretudo moderados, tolerantes e até mesmo dóceis” (Veja,18/11/1970:25).

Observa-se aí como já vinha sendo sinalizado esse novo perfil da juventude antes mesmo da emergência da chamada “geração saúde”. E também como a questão da violência, a exemplo do que estudamos com os jovens da periferia a partir dos anos 90, aparece no texto para reforçar a imagem de um outro modelo identitário para a reprodução de status social e modernidade. No lugar do jovem identificado com a revolução, reforça-se a imagem de jovens despolitizados, liberais, medianos, com espírito empreendedor, que “parecem dispostos a evitar os riscos de radicalização” (Veja, 11/05/1977:24).

No decênio de 1980, o jovem aparece em identificação ao mercado, “invariavelmente, na moldura de algum espelho” (Veja, 05-11-1980:65): “o poder de consumo é o maior símbolo da força jovem”(Veja, 09-08-1989:89). Não aparece mais como um rebelde, pois “está muito satisfeito em ser jovem”.(Veja,09/05/1984:60). A idealização da geração dos anos 90 desdobra-se “pronta para viver o capitalismo em toda a sua extensão” (Veja, 10/08/1994:71) e em oposição ao jovem da periferia, que aparece sem

condições de "infundir cor a um cotidiano cinzento e sem perspectivas"(Veja, 08/12/1999:135). Como bem analisa Rosa Fischer, em "Adolescência em discurso" [1996], "é um Outro que não pode deixar de ser nomeado, pois nós nos constituímos também em oposição a ele" (1996:244).

A idealização dessa juventude consumista, que não aparece para "despedaçar o arcabouço da sociedade" (Veja, 09/05/1984:53), também é reforçada ao revelar-se "em harmonia com os pais"(Veja, 31/10/1990:70). Um estilo de vida que repercute entre crianças e pais de adolescentes, conforme vimos conforme em "Nascidas para se maquiar" [2006] e em "Os limites da amizade" [2006]. Parece que o consumismo, ao refletir o "poder jovem", estaria abolindo o "eterno conflito" entre gerações.

No campo educacional, o jovem em *Veja* passa de uma projeção que o indiciava com o vestibular como "uma massa crítica que pode ser transformada pelo menos em consumidores de cultura" (Veja, 03/04/1974:69) para ser associado a uma nova "massa crítica" que o refletia preparado para "os desafios tecnológicos"(Veja, 16/12/1998:165). Se nos anos 70 "a língua estaria morrendo à mingua, condenada pelo descaso da juventude" (Veja, 12/11/1975:54), a partir principalmente da segunda metade dos anos 90 ela passa a representar "o poder da inteligência" (Veja, 27/06/2001:94).

Confirma-se, assim, a hipótese de como o jovem em *Veja* aparece como modelo de apelo à imitação no campo educacional. Ele aparece em função de um "ambiente" que "induz a uma atividade intelectual mais intensa" (Veja, 27/06/2001:96). Nele, escola e família não reproduzem "um efeito multiplicador na inteligência" (Veja, 27/06/2001:96): "Pais e professores preparem-se" (Veja, 16/12/1998:163), alerta *Veja*. Em

"Com medo dos alunos"[2005], os jovens aparecem "como clientes e, como tais, têm sempre razão"(Veja,11/05/05). Em "Imersos na tecnologia – e mais espertos" [2006], o jovem, ao ser idealizado enquanto produto de sua relação com os diversos "parques de diversão" da indústria cultural para refletir "o poder da inteligência", tende também a repercutir os valores de uma geração integrada à sociedade de consumo.

Com a elaboração desses resultados, podemos estudar como nossa pesquisa documental aparece à luz das conclusões do capítulo 1. Vimos com Eric Hobsbaw, por exemplo, como uma das três novidades que o autor aponta sobre a emergência da cultura jovem no Ocidente é o fato dela ter repercutindo um "espantoso internacionalismo" (1996:320). O jovem à época tende a refletir "a esmagadora hegemonia cultural dos EUA na cultura popular e nos estilos de vida" (1996:320). A outra peculiaridade, segundo Hobsbaw, é como na época "inverteram-se os papéis das gerações" (1996:320). Constata-se também, conforme referência de Maria Celeste Mira, como emergia a partir dos anos 50 uma juventude classificada "como um grupo de risco" (2001:150): a juventude transviada.

O primeiro ponto que repercute entre os quatro blocos temáticos revela-se com a primeira mudança de como *Veja*, na emergência da chamada "geração saúde", passa a mostrar o jovem em separado do mundo das drogas, da política, dos movimentos culturais *black power* e *punk* e em convergência com os valores da sociedade de consumo, sendo, assim, idealizado sem grupos de risco.

Nesse sentido, a mudança em *Veja* passa por dois caminhos. O primeiro, pela idéia de como a "juventude deixa de ser uma vivência transitória para ser um estilo de vida identificado ao bem-viver consumista" (2000:284), conforme constatamos em "A

juventude da beleza"[1980] com a figura da cantora Rita Lee comportando-se como uma adolescente. Vimos no capítulo 1 como antes da emergência da cultura jovem no Ocidente "procura-se construir o mito da "juventude eterna" de Mussolini" (2000:129). Era numa outra época, quando as condições materiais eram ainda inapropriadas para emergir um consumismo refletindo a idéia do "poder jovem". Mas o fato serve como exemplo para pensarmos como a juventude, convertida em valor com a expansão do mercado de bens de consumo, tende a representar a idéia daquele "mito da juventude eterna".

Conforme estudamos com Luis Groppo, é por volta dos anos 70 que repercute em ressonância a juventude como "um estilo de vida identificado ao bem-viver consumista" (2000:284), que, segundo esse autor, implica em pensar como "as instituições modernas de consumo absorveram e transformaram em seus os valores projetados – mas esvaziados de rebeldia e de real autonomia – pela "Juventude" autônoma e pela "Cultura Juvenil Universal" (2000:286). A "juventude eterna" aparece como valor de troca, o que indicia o segundo caminho pelo qual passa a primeira mudança em como *Veja* tende a chamar o jovem para as questões de seu universo:

> *"Chegou a vez de uma geração de jovens sem complicações e disposta a ser bela e saudável sem querer salvar o mundo*"(Veja, 05/11/1980:60)

A partir daí, o jovem tende cada vez mais a aparecer como exemplo de integração ao consumismo. Ele, ao repercutir um estilo de vida como valor de troca, serve no texto como modelo de reprodução de status social e modernidade:

> *"Se há alguns anos a prova de independência da juventude era o pôster de Che Guevara na parede e o rock no último volume, hoje o*

> *poder de consumo é o maior símbolo da força jovem" (Veja, 09/08/1989:90).*

A idealização da juventude consumista em *Veja* remete, ao nosso ver, à outra conclusão do capítulo 1. Vimos como a emergência da cultura jovem representa a reprodução em ressonância de novos valores que, seguindo a perspectiva teórica de Riesman, estariam associados à formação de um caráter social alterdirigido. Um caráter social que, segundo este autor, já vinha despontando no final do século XIX na sociedade norte-americana:.

> *"A tremenda efusão de energia da pessoa alterdirigida é canalizada para as "fronteiras", continuamente em expansão, do consumo"(1971:143)*

Podemos afirmar como essa "tremenda efusão de energia da pessoa alterdirigida" aparece com a idealização de uma juventude consumista que a partir dos anos 90 é reforçada ao estigmatizar-se os jovens da periferia como um grupo de risco. Essa é a segunda mudança em como *Veja* passa a chamar o jovem para as questões do seu universo. O seu estilo de vida consumista reflete, ao nosso ver, "intenso interesse nos gostos efêmeros dos "outros"(1971:139), desde que não seja daquele que aparece em *Veja* como "um aglomerado humano com a forma de um protozoário" (Veja, 20/11/1991:66).

Vimos, assim, como os resultados de nossa pesquisa, ao relacioná-los com alguns aspectos teóricos e históricos do capítulo 1, revelam-se com mais transparência nessa questão de como aparece o jovem em *Veja*. A partir daí, podemos desenvolver a idéia de projetar esses resultados no contexto de um pensamento dominante na obra de Muniz Sodré, que relacione a mídia, a cultura e a sociedade. Nesse sentido, mais especificamente

com as seguintes obras: “Antropológica do espelho, uma teoria da comunicação linear e em rede”[2002] e “As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política” [2006].

Vimos no capítulo anterior como reforça-se no campo educacional a idealização de uma juventude consumista em *Veja* com a abordagem das novas tecnologias. O jovem, que nos anos 70 ainda aparecia como “uma massa crítica que pode ser transformada pelo menos em consumidores de cultura” (Veja, 03/04/1974:73), tende a partir dos anos 90 a refletir uma “massa crítica” que o projeta preparado para “os desafios tecnológicos”(Veja, 16/12/1998:161). Com a perspectiva teórica de Muniz Sodré, podemos afirmar como esse jovem tende a representar “um novo modelo de individualização, que transforma o consumo hedonista e o ludismo tecnológico em grandes fins existenciais” (2002:111).

Com a emergência da chamada “geração saúde”, observa-se como o jovem em Veja tende a ser idealizado em torno do lazer e do tempo livre. Ao nosso ver, a juventude passa a se identificar ao mercado. E sem grupos de risco. É parte de “um fenômeno estético” que “torna-se insumo para a estimulação da vida, doravante dirigida para a indústria e o mercado” (2006:102). Nesse sentido, as pesquisas sobre o seu perfil em Veja indiciam, com o auxílio de nomes reconhecidos na mídia, como o jovem aparece identificando-se com uma imagem que os reflete como “filhos da indústria cultural”. Sob a perspectiva sodreriana, uma juventude mediatizada para repercutir:

> *“um universalismo democratizante baseado em critérios de prazer ou de felicidade individual, que estimula o autocentramento egóico, típico do individualismo moderno, e a reconfirmação da identidade pessoal pelos múltiplos “espelhos” (as telas, as vitrines, as imagens de consumo) armados pela tecnocultura” (2002:75).*

Conforme a nossa análise, essa primeira mudança em Veja a partir dos anos 80 representa uma distensão relativa das diferenças de classe em relação ao período anterior, do final dos anos 60 até final dos anos 70, quando a juventude ainda não aparecia identificando-se ao mercado. Mas a partir dos anos 90, a questão da violência aparece para idealizar-se uma juventude consumista sem grupos de risco e estigmatizar os jovens da periferia. A idealização dessa juventude consumista em Veja representa a imposição de um modelo identitário para a reprodução de status social, que, seguindo o raciocínio de Sodré, é condicionada por uma "prescrição moral":

> *"A prescrição moral, com pressuposições lógicas (aja de tal modo, porque é "moderno", porque é o "melhor", etc, segundo a lógica da inserção social na contemporaneidade), está de fato implícita no discurso midiático. Inexiste sanção externa ou explícita para a falha na observância dessa prescrição, mas fica implícita a* ***vergonha*** *(fato interno), conseqüente à autodesvalorização estética, à inadequação pessoal a um padrão. É o padrão identitário valorizado que vai permitir ao indivíduo atingir um* ***optimum*** *de reconhecimento social"* (2002:53).

Podemos assim concluir como o jovem da periferia aparece em *Veja* como "inadequação pessoal a um padrão", pois ele, ao configurar-se em um grupo de risco, não poderia estar convergindo com aquela idéia de que "o poder de consumo é o maior símbolo da força jovem"(Veja, 09-08-1989:88). Assim, os jovens da periferia podem, por exemplo, ser associados a um "aglomerado humano com a forma de um protozoário" (Veja, 20/11/1991:66), que os desqualifica para ser parecidos com os jovens de classe média e alta. Eles não conseguiriam "infundir cor a um cotidiano cinzento e sem perspectivas" (Veja, 08/12/1999:135), que reflete a "feiúra do subúrbio e das favelas ... cenário feio, humilde e violento" (Veja, 12/01/1994: 52). Por conseguinte, "fica implícita a **vergonha**

(fato interno), conseqüente à autodesvalorização estética", pois ele não consegue, com seu "padrão identitário" em *Veja*, "atingir um *optimum* de reconhecimento social".

Esse tipo de articulação no texto para com o jovem da periferia reforça a idealização de uma juventude consumista, que desdobra-se a partir dos anos 90 para revelar-se "pronta para viver o capitalismo em toda a sua extensão" (Veja, 10/08/1994:71). Com Sodré, uma juventude que aparece em *Veja* "afinada com o capital, onde o desejo se imponha preferencialmente como desejo de mercado" (2006:122). Se em relação aos jovens dos anos 60 e 70 afirmava-se como eles "rejeitavam a sociedade de consumo" ao serem "bombardeados pelos propagandistas ideológicos" (Veja, 10/08/1994:66), já na contemporaneidade os jovens trocaram "as passeatas pelo shopping center" (Veja, 31/10/1990:68) mas não são "uns bobinhos facilmente controlados pela publicidade".(Veja, 26/02/2003:86).

Idealiza-se, assim, um estilo de vida como exemplo de integração ao consumismo. Com David Riesman, estudamos como o jovem no mundo contemporâneo estaria refletindo o chamado caráter alterdirigido, que ao, nosso ver, seguindo a perspectiva teórica de Luis Groppo, manifesta-se com maior clareza a partir do momento que "a juventude ... deixa de ser uma vivência transitória para ser um estilo de vida identificado ao bem-viver consumista"(2000:284). Em *Veja*, maior clareza ainda, a partir dos anos 90, quando reforça-se esse "estilo de vida identificado ao bem-viver consumista" ao estigmatizar-se os jovens da periferia como um grupo de risco.

Essa questão da autonomia da juventude em *Veja*, pensando como Sodré, tende a ser "espetacularizada ... primordialmente produzida para a excitação e gozo dos

sentidos"(2006:79). O consumismo, aí, aparece alinhando as diferenças de classe para refletirem uma juventude em identificação ao mercado. Assim, o jovem da periferia "parece" também ter acesso a "prazeres mais corriqueiros que animam a vida dos garotos das faixas de renda mais elevadas [...] o Nike é diferente. Mas, seja um autêntico, seja cópia, ele está lá, firme" (Veja,10/08/1994:71). O estilo de vida repercute como valor de troca, para ser exibido simbolicamente entre ricos e pobres:

> *"Não se tenta eliminar, como no nazismo, o deficiente físico ou a alteridade étnica (ou psíquica, ou sexual), mas se buscam alinhar esteticamente as diferenças a partir de paradigmas mercadológicos de aparência, conduta e pensamento"(2006:122).*

Mas essa articulação em *Veja* de que "se buscam alinhar esteticamente as diferenças" desenvolve-se no texto com a idealização de uma juventude consumista destituída de grupos de risco. O "padrão identitário valorizado" não é o do jovem da periferia. É, sim, o daquele reconhecido pelo "poder e riqueza" (Veja, 11/05/2005:87) e pelo "poder da inteligência" (Veja, 27/06/2001:94):

> *"a discriminação social abandona as suas justificativas tradicionais (o racismo, por exemplo, deixa de ter fundamentos biológicos e passa a apoiar-se em juízos estéticos) e migra para o campo da estetização, que se converte numa decisão moral" (2002:191).*

Logo, "pobre querendo ser clubber é coisa que só existe no Brasil" (Veja, 08/12/1999:135). Por outro lado, jovens de classe média e alta que "se unem mais pelos seus hábitos de consumo do que por uma grande causa" (Veja, 31/10/1990:70) representam um estilo de vida que repercute entre crianças e pais de adolescentes, conforme vimos em "Nascidas para se maquiar" [2006] e em "Os limites da amizade" [2006]. O consumismo, assim, ao refletir o poder jovem, estaria abolindo o "eterno conflito" entre gerações. Em

Veja, concluímos, a midiatização da juventude implicaria, cada vez mais, tratar a moral[65] como fenômeno de mercado.

[65] Pensar a moral como fenômeno de mercado reflete uma realidade social que é pensada com Beatriz Sarlo: "As estratégias para definir o permitido e o proibido entraram em crise ... Se é quase impossível definir o permitido e o proibido, a moral deixa de ser um território de conflitos significativos para converter-se em um elenco de enunciados banais" (19994:42).

BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Bia. "A música que não se assovia". In: Folha de São Paulo, 6 de Abril de 1997. Caderno Mais! – A revolução tecno.

ABRAMO, Helena Wendel. Cenas Juvenis. São Paulo: Página Aberta Ltda, 1994.

ALVES, Júlia Falivene. A invasão cultural norte-americana. São Paulo: Moderna, 1989.

ARIÈS, Philippe, História Social da Criança e da Família. Rio: Guanabara, 1986.

BIVAR, Antonio, O que é punk. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BLOOM, Allan. O declínio da cultura ocidental. São Paulo: Best-Seller, 1989.

BRANDÃO, Antonio Carlos. Movimentos culturais de juventude. São Paulo: Moderna, 1990.

CARMO, Paulo Sérgio. Culturas da rebeldia. São Paulo: Senac, 2000.

CARTA, Mino. O Castelo de Âmbar. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CASTRO, Ruy. Ela é carioca: uma enciclopédia de Ipanema. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

CONTI, Mário Sérgio. Notícias do Planalto: A imprensa e Fernando Collor. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

CORRÊA, Tupã Gomes. Rock: nos passos da moda. Campinas: Papirus, 1989.

FISCHER, Rosa. Adolescência em discurso. Porto Alegre: Faced-Ufrgs, 1996.

GAZZOTI, Juliana. Veja e os governos militares (68/85). São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 2001. (Dissertação de mestrado).

GREEN, Bill & BIGUM, Chris. "Alienígenas na sala de aula". In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). Alienígenas na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 1995, pp. 208-241.

Groppo, Luís Antonio. Juventude – Ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HERNANDES, Nilton. A revista *Veja* e o discurso do emprego na globalização: Uma análise semiótica. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001 (Dissertação de mestrado junto ao curso de Pós-Graduação em Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

HOLANDA, B. de & GONÇALVES, Marcos A. Cultura e participação nos anos 60. São Paulo: Brasiliense, 1995.

KEHL, Maria Rita. "A gravidez e o vazio". In: WEINBER, Cybelle(Org). Geração delivery: adolescer no mundo atual. São Paulo: Editora Sá, 2001, pp. 74-91.

LASCH, Christopher. A cultura do narcisismo. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LIPOVETSKY, Gilles. O império do efêmero. São Paulo: Cia Letras, 1989.

MARCONDES, Ciro. Quem manipula quem?: poder e massas na indústria da cultura e comunicação. Petrópolis: Vozes, 1986.

MILES, Steven. Youth lifestyles in a changing world. Buckingham: Open Univ., 2000.

MIRA, Maria Celeste. O leitor e a banca de revistas. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.

MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX – neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

___. Cultura de massas no século XX – necrose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

NASCIMENTO, Patrícia Ceolin. Jornalismo em revistas no Brasil: Um estudo das construções dircursivas em *Veja* e *Manchete*. São Paulo: ANNABLUME, 2002.

NOVAIS, Fernando A. História da vida privada no Brasil (4º Vol.). São Paulo: CIA das Letras, 1998.

ORTIZ, Renato. A Mundialização e cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

___. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. São Paulo: Brasiliense, 1994 (5º Ed.)

___. A Moderna Tradição Brasileira. São Paulo: Perspectiva, 1989.

PAIVA, Cláudio. "Êxtase de juventude & estesia da televisão, um estudo de mídia e comportamento". In: Revista Conceitos. Vol. IV, nº 6, julho/dezembro, 2001.

POMPEU, Renato. "A Abril e o apartheid". In: Revista Caros Amigos. Edição nº 113, agosto, 2006.

RIESMAN, David. A multidão solitária: um estudo da mudança do caráter americano. São Paulo: Perspectiva, 1971.

RÜDIGER, Francisco. Ciência social crítica e pesquisa em comunicação. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

___. Comunicação e Teoria Crítica da Sociedade. Porto Alegre: EDIPURS, 2002.

___. Aréquiem pela Escola? Perspectivas da educação na era da indústria cultural. In - V.V.A.A. *Tendências na comunicação* Vol. II. Porto Alegre: L&PM/RBS, 1999.

___. A violência e os aparelhos ideológicos de informação: exclusão e desejo. In – Comunicação e sociedade. Vol. 9. São Bernardo do Campo, 1983, 185-192.

SARLO, Beatriz. Escenas de la vida posmoderna. Buenos Aires: Espasa Calpe Argentina S.A, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. A corrida para o século XXI: no *loop* da montanha-russa. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

SODRÉ, Muniz. Teoria da literatura de massa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978

___. O social Irradiado. São Paulo: Cortez, 1992.

___. Reinventando a cultura. Petrópolis: Vozes, 1996.

___. Claros e escuros: identidade, povo e mídia. Petrópolis : Vozes, 1999.

___. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

___. Sociedade, mídia e violência. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

___. As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política. Petrópolis : Vozes, 2006.

SOUTO, Jane. "Os outros lados do funk carioca". In: VIANNA, Hermano(Org). Galeras cariocas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, pp. 59-93.

VENTURA, Zuenir. 1968: o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988

VIEIRA, Maria do P. Araújo. A pesquisa em História. São Paulo: Ática, 1989.

YUDICE, George. Conveniência da cultura: Usos da cultura na era global. UFMG: 2004.

Documentação selecionada para a pesquisa

VEJA, Revista. Editora Abril. São Paulo.

___. Destruição e morte. Por quê? (09/10/1968:14-20).

___. A calmaria das universidade. (12/11/1969:57-64).

___. O que é hippie? (12/11/1969:75).

___. Vestibular, a difícil competição. (28/01/1970:68-79)

___. Hippies sem paz. (04/03/1970:70)

___. A perigosa moda dos tóxicos. (01/04/1970:37-43).

___. Cavaleiros da tradição. (20/05/1970:30-37).

___. A jovem maioria silenciosa. (18/11/1970:20-25).

___. A paz do silêncio no campus. (01/09/1971:28-36).

___. Os bichos no INPS. (29/09/1971:44).

___. A carona cada vez mais fácil. (22/12/1971:50-53).

___. Cidade dos jovens. (26/07/1972:60-61).

___. A polícia hippie. (30/08/1972:25-26).

___. Foi apenas sonho e acabou. (07/03/1973:40-48).

___. A escola e a cultura ou o confronto entre o cheio e o vazio. (03/04/1974:68-73).

___. Grandezas e misérias do estudante. (08/01/1975:56-61).

___. O nosso pobre português (12/11/1975:54-60).

___. Black Rio. (24/11/1976 (154-160).

____. Novas figuras na política. (11/05/1977:21-26).

____. Os riscos da escalada. (18/05/1977:25-28).

____. A moda podre. (28/09/1977:69-72).

____. A travoltecamania. (30/08/1978:52-55).

____. O sonho que acabou. (15/02/1979:49-50).

____. Os poetas do spray. (16/05/1979:72-74).

____. A UNE e seu destino. (30/05/1979:72-76).

____. A UNE volta para ficar. (10/10/1979:20-26).

____. O vestibular da crise. (15/10/1980:28-33).

____. A juventude da beleza. (05/11/1980:60-66).

____. As lições da escola. (18/02/1981:52-58).

____. O aprendizado do vício. (25/11/1981:28-34).

____. Nas dunas do barato. (22/02/02/1983:32).

____. Colégios nota 10. (10/08/1983:62-70).

____. Os novos limites. (02/11/1983:73-75).

____. Astros da calçada. (11/04/1984:53-54).

____. A geração “bytnik”. (11/04/1984:56-61).

____. A voz da maioria. (09/05/1984:52-60).

____. Templos da dança. (04/07/1984:60-67).

____. Campus conflagrado. (25/07/1984:100-106).

____. O show fora do palco. (16/01/1985:84-89).

____. Sem Freud nem Lênin. (21/08/1985:70-76).

____. A sedução perigosa. (28/05/1986:54-61).

____. O império sob ataque. (20/08/1986:92-98).

____. A crise aberta de um ensino falido. (29/04/1987:70-76).

___. A onda de cimento. (02/12/1987:92-95).

___. Os estudantes dão uma lição na rua. (20/04/1988:28-33).

___. Jeito de gente grande. (09/08/1989:88-93).

___. Em paz e com amor. (31/10/1990:68-79).

___. Na carteira ao lado. (27/03/1991:42-48).

___. O país arrisca o futuro nas universidades. (08/05/1991).

___. O uivo da periferia. (20/11/1991:66-69).

___. A arruaça vence. (27/11/1991:66-69).

___. Cada um na sua. (08/04/1992:66-69).

___. Lição de amor. (24/06/1992:48-54).

___. Alegria, alegria. (19/08/1992:18-23).

___. Arruaça na areia. (28/10/1992:18-22).

___. O fim da apologia das drogas. (11/11/1992:78-83).

___. Pretos, pobres e raivosos. (12/01/1994:52-59).

___. A grande onda da geração dos shoppings. (10/08/1994:66-71).

___. O planeta teen. (19/04/1995:106-113).

___. Sangue, suor e medo. (19/07/1995:76-79).

___. No caminho das pedras. (27/12/1995:46-50).

___. Pileques demais. (03/04/1996:50-55).

___. Escravos da angústia. (12/11/1997:78-85).

___. Tum, tum, tum ... (25/03/1998:84-87).

___. Passageiros da agonia (27/05/1998:118-125).

___. Geração perigo. (09/09/1998:88-97).

___. Olha o que eles estão falando! (25/11/1998:106-107).

___. Melhores que os pais. (16/12/1998:160-168).

___. Luxo na aldeia. (27/01/1999:118-120).

___. A cultura do tapão. (03/02/1999:67-71).

___. Os cybermanos. (08/12/1999:134-135).

___. Ecstasy, a bolada vez. (14/06/2000:112-116).

___. Cada vez mais jovens. (26/07/2000:114-121).

___. "Engravidei do trenzinho". (28/03/2001:82-86).

___. O poder da inteligência. (27/06/2001:92-99).

___. Veja edição especial "Jovens". (setembro/2001).

___. Por que eles foram os primeiros. (27/02/2002:86-91).

___. Eles têm a força. (26/02/2003:84-91).

___. Veja edição especial "Jovens". (agosto/2003).

___. A tirania adolescente. (18/02/2004:70-77).

___. Veja edição especial "Jovens". (junho/2004).

___. Com medo dos alunos. (11/05/2005:62-66).

___. Geração vaidade. (11/05/2005:84-90).

___. Imersos na tecnologia. (11/01/2006:66-75).

___. Os limites da amizade. (29/03/2006:108-111).

___. Nascidas para se maquiar. (01/11/2006:110-112).

___. Inimigo íntimo. (06/12/2006:96-104).

___. Funkeira, encrenqueira, barraqueira. (13/12/2006:112-113).

RELAÇÃO DAS FIGURAS

Fig. 01 – Ref. Capa Veja, 11/09/1968 44

Fig. 02 – Ref. Capa Veja, Outubro 57

Fig. 03 – Ref. Veja, 05/11/1980: 60 60

Fig. 04 – Ref. Veja, 07/03/1973: 40 82

Fig. 05 – Ref. Veja, 07/03/1973: 44 88

Fig. 06 – Ref. Veja, 28/09/1977: 69 97

Fig. 07 – Ref. Veja, 30/08/1978: 54 99

Fig. 08 – Ref. Veja, 04/07/1984: 67 114

Fig. 09 – Ref. Veja, 04/07/1984: 67 116

Fig 010 – Ref. Veja, 02/12/1987: 93 119

Fig 011 – Ref. Veja, 20/11/1991: 66 124

Fig 012 – Ref. Veja, 20/11/1991: 69 127

Fig. 013 – Ref. Veja, 12/01/1994: 53 135

Fig 014 – Ref. Veja, 19/07/1995: 76 139

Fig.015 – Ref. Veja, 03/02/1999: 70 144

Fig. 016 – Ref. Veja, 03/02/1999: 72 144

Fig. 017 – Ref. Veja, 08/12/1999: 133 150

Fig. 018 – Ref. Veja, 27/01/1999: 118 155

Fig. 019 – Ref. Veja, 28/03/2001: 80 157

Fig. 020 – Ref. Veja, 28/03/2001: 81 157

Fig. 021 – Ref. Veja, 28/03/2001: 84 160

Fig. 022 – Ref. Veja, 21/08/1985: 70 168

Fig. 023 – Ref. Veja, 21/08/1985: 73 170

Fig. 024 – Ref. capa Veja, ... 174

Fig. 025 – Ref. capa Veja, de 09/10/1968 188

Fig. 026 – Ref. Veja, 12/11/1969: 57 192

Fig. 027– Ref. Veja, 12/11/1969: 58 194

Fig. 028– Ref. capa *Veja*, de 20/05/1970 197

Fig. 029 – Ref. Veja, 18/11/1970: 20 201

Fig. 030 – Ref. Veja, 01/09/1971: 28 204

Fig. 031 – Ref. capa Veja, 11/05/1977 213

Fig. 032 – Ref. Veja, 18/05/1977: 22 215

Fig. 033 – Ref. Veja, 09/08/1989: 89 230

Fig. 034 – Ref. Veja , 09/08/1989: 93 233

Fig. 035 – Ref. Veja, 31/10/1990: 68 237

Fig. 036 – Ref. Veja, 31/10/1990: 69 240

Fig. 037 – Ref. Veja, 10/08/1994: 66..... 252

Fig. 038 – Ref. edição especial setl/2001:58 255

Fig. 039 – Ref. Capa edição especial jul/2003 260

Fig. 040 – Ref. edição especial jul/2003:82 261

Fig. 041 – Ref. Veja, 11/05/2005: 85 266

Fig. 042 – Ref. edição especial set/2003:82 269

Fig. 043 – Ref. edição especial set/2003:83 269

Fig. 044 – Ref. Veja, 01/04/1970: 39 288

Fig. 045 – Ref. Veja, 30/08/1972: 25 293

Fig. 046 – Ref. Veja, 07/03/1973: 48 294

Fig. 047 – Ref. Veja, 22/02/1983:32 309

Fig. 048 – Ref. Veja, 21/08/1985: 76 314

Fig. 049 – Ref. Veja, 27/12/1995: 47 320

Fig. 050 – Ref. Veja, 06/12/2006: 340

Fig. 051 – Ref. capa Veja, 27/05/1998 343

Fig. 052 – Ref. Veja, 11/05/2005:85 347

Fig. 053 – Ref. Veja, edição especial set/2003:82 348

Fig. 054 – Ref. Veja, edição especial set/2003:82 349

Fig. 055 – Ref. Veja, edição especial set/2003:82 349

Fig. 056 – Ref. Veja, edição especial set/2003:82 349

Fig. 057 – Ref. Veja, edição especial set/2003:82 349

Fig. 058 – Ref. capa Veja, 26/07/2000 355

Fig. 059 – Ref. Veja, 26/07/2000:119..... 357

Fig. 060 – Ref. Veja, 26/07/2000:120..... 359

Fig. 061 – Ref. Capa Veja, edição especial jun/2004 368

Fig. 062 – Ref. Veja, edição especial set/2003:86 375

Fig. 063 – Ref. capa Veja, 28/01/1970 380

Fig. 064 – Ref. Veja, 22/12/1971:52..... 383

Fig. 065 – Ref. Veja, 26/07/1972:60..... 386

Fig. 066 – Ref. Veja, 03/04/1974:68..... 387

Fig. 067 – Ref. Veja, 03/04/1974:71..... 388

Fig. 068 – Ref. Capa Veja, 10/08/1983..... 395

Fig. 069 – Ref. Veja, 25/11/1998:52..... 403

Fig. 070 – Ref. Capa Veja, 12/11/1997..... 404

Fig. 071 – Ref. Capa Veja, 16/12/1998..... 406

Fig. 072 – Ref. Capa Veja, 27/06/2001..... 409

Fig. 073 – Ref. Veja, edição especial, jul/2003:87.....411

Fig. 074 – Ref. Capa Veja, 11/01/2006 417

Fig. 075 – Ref. Veja, 11/01/2006:70..... 418

Fig. 076 – Ref. Veja, 11/01/2006:68..... 420